J. W. ROCHESTER

ARANDI GOMES TEIXEIRA

O PRÍNCIPE DO ISLÃ

CorreioFraterno

Sumário

O que não sou...
Prólogo
O príncipe
Fathima
Em Damasco
Planos de ventura...
As providências...
Tradição e rituais
Renúncia...
O desaparecimento
O exilado
Desarmonia íntima
Saudade...
Rumo à Mongólia
O monge
Os tártaros
Premonições
Tragédias
Lembranças
Missão em Damasco
Testemunho
Obstinação
Delírios e verdades...
Na Índia
Cerrando as cortinas...

© 2011 Arandi Gomes Teixeira

Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2.955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo-SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br
Vinculada ao www.laremmanuel.org.br

1ª edição eletrônica: fevereiro de 2020

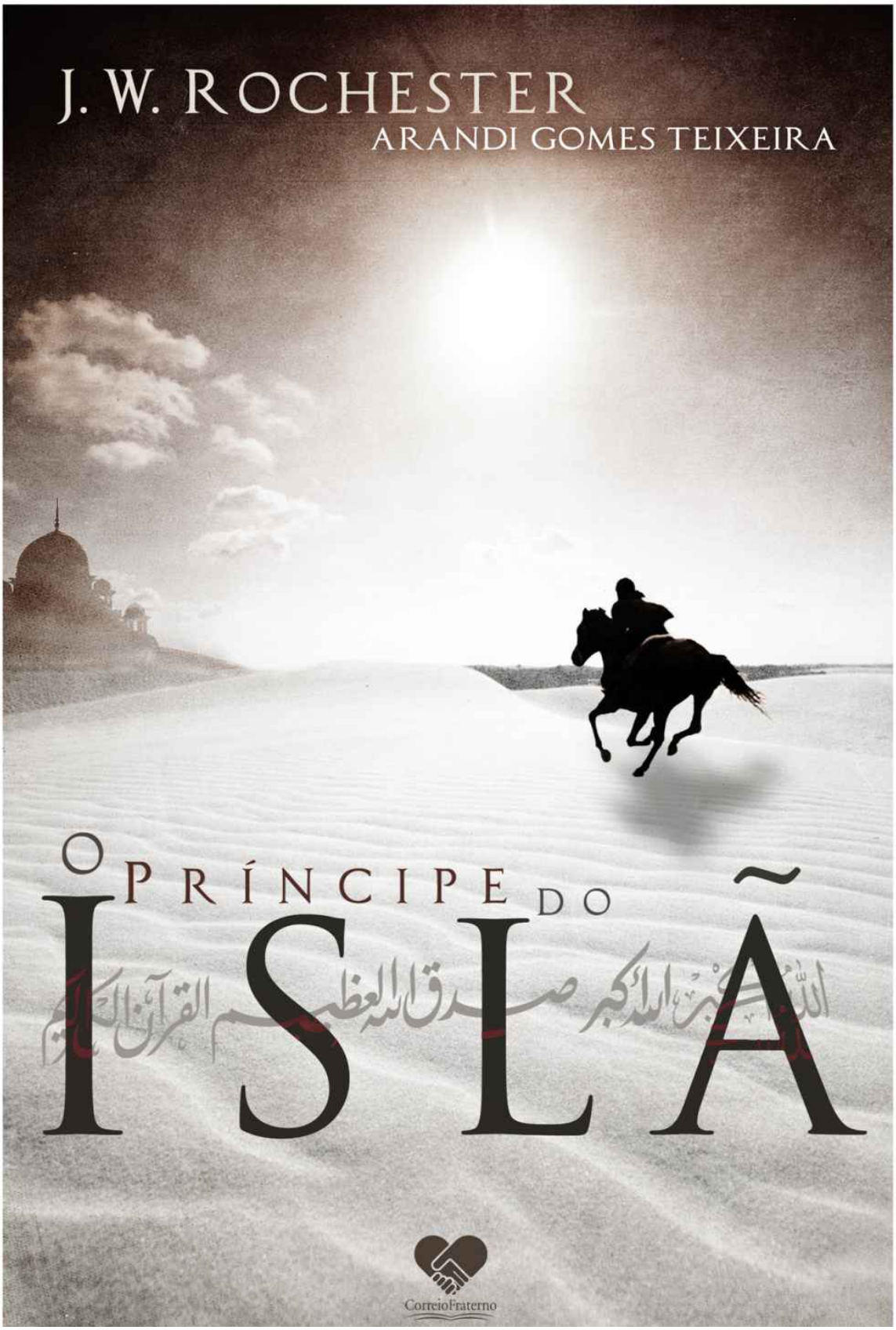
Capa: André Stenico
Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br
Coordenação editorial: Cristian Fernandes
Revisão: Izabel Vitusso

ISBN 978-85-5455-021-9

O príncipe do Islã | J. W. Rochester (espírito); psicografia de Arandi Gomes Teixeira

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora.
(Lei nº 9.610 de 19.02.1998).

Copyright © Editora Espírita Correio Fraterno


J. W. ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA
O PRÍNCIPE DO
ISLÃ
الله أكبر الله أكبر صدق الله العظيم القرآن الكريم
CorreioFraterno

O que não sou...

O que vou fazer, se não me reconheço?
Não sou cristão, judeu ou muçulmano.

Se já não sou do Ocidente ou do Oriente,
Não sou das minas, da Terra ou do céu.

Não sou feito de terra, água, ar ou fogo;
Não sou do Empíreo, do Ser ou da Essência.

Nem da China, da Índia ou Saxônia,
Da Bulgária, do Iraque ou Khorasan.

Não sou do paraíso ou deste mundo,
Não sou de Adão e Eva, nem do Hades.

O meu lugar é sempre o não-lugar,
Não sou do corpo, da alma, sou do Amado.

O mundo é apenas Um, venci os Dois.
Sigo a cantar e a buscar sempre o Um.

Primeiro e último, de dentro e fora,
eu canto e reconheço aquele que É.

Jalāl ad-Dīn Muhammad Rūmī
(1207-1273)

Prólogo

As-Salamu Alaikum*, meus caríssimos leitores!*
Que os céus vos sejam favoráveis em todos os dias e noites das vossas vidas.

Aqui estou, mais uma vez, para abrir as cortinas do passado e surpreender, ainda que vestido em roupagens diferentes e movimentando-se noutro cenário do palco da vida, estes nossos personagens de todos os tempos; ligados e interdependentes por um passado comum,, quando agiram laborando a favor ou a desfavor de si mesmos, ou daqueles que os cercavam num mesmo contexto.

Passíveis de erros como eram e ainda são, cada qual se posiciona no exercício do seu livre-arbítrio, todavia, submetidos às Leis do Criador.

Assumindo as consequências das suas ações, eles aqui estão, no compromisso impostergável de aparar arestas e preparar, para si mesmos e para o mundo, novas realidades, transformadoras, sempre.

Nesse novo romance, iremos reconhecer os nossos companheiros de experiências transatas, e a nós mesmos; em novas etapas, espelhadas naquelas que já atravessaram a barreira do tempo, mas geraram dependências, para nós, caminhantes eternos das trilhas da esperança, muitas vezes marcados a ferro e fogo, e carregando sobre os ombros, e principalmente nas próprias consciências, a responsabilidade das vitórias e das derrotas, vivenciadas em algum tempo e em algum lugar; na habitual proposta de evolução, rumo a novas conquistas, intelectuais e morais.

Benditas oportunidades! Conseguidas através de muitas rogativas, no reconhecimento humilde e insofismável da nossa pequenez e das nossas lamentáveis dívidas, nessa esteira do tempo, que por

vezes nos parece interminável. E assim é, porque palmilharemos ainda, milhares de vezes, esses caminhos e praza aos céus, cada vez mais determinados, na sublime aspiração de alcançar patamares mais altos e as suas consequentes compensações!

Bem, aqui estamos ‘nós’, sempre ombro a ombro, suores abundantes, convivências, amores e ódios, alegrias e tristezas, vigilâncias e leviandades, e... muitas lágrimas (ainda)!

Um dia seremos mais felizes, quando, quites com a Lei, tivermos aprendido, enfim, a amar incondicionalmente.

Enquanto isso, daremos um passo de cada vez, corajosos e determinados; submetidos à Lei Maior (mesmo que às vezes à nossa revelia) que rege, poderosa, a tudo e a todos, neste incomensurável Universo!

Minha inalterável gratidão e amizade a todos!

J. W. Rochester

O príncipe

Próximo a um exuberante oásis, surpreendemos um jovem árabe de rara beleza. Sua tez é bronzeada; os seus olhos, levemente puxados, possuem um brilho forte e magnético; sua boca é perfeita; a brilhante cabeleira é negra como as asas de um corvo.

Aos vinte e cinco anos, ele é um príncipe, muito querido e respeitado, no seu sultanato.

Carrega na alma a dignidade e os valores herdados dos seus pais, que foram assassinados durante uma invasão bárbara.

Alto como uma palmeira, ereto, magro e elegante, nos seus trajes de branco refulgente, ele bamboleia sobre o camelo, debaixo de um sol inclemente, sem muita vontade de prosseguir viagem...

No seu olhar, brilhos fantásticos, na recordação de sua bela e amada Fathima.

Despediu-se dela há algumas horas, e ainda traz nos lábios a doçura da sua boca, que sabe à tâmara madura e macia.

Enlaçado nos seus braços sedutores e molhando os seus beijos nas suas lágrimas, ele quase desistira do compromisso que o espera em Damasco. Ela é a maior razão do seu viver e das suas aspirações. Nada existe em sua vida sem ela, com quem sente-se pleno, como homem e como ser.

Suas mãos grandes e de dedos afilados seguram, molemente, as rédeas do animal, enquanto mergulha em profundas meditações:

“Quisera a minha vida não fosse tão arriscada!... A qualquer momento posso morrer... Atacado por um infiel; sob a ambição e a inveja de algum herdeiro mais afoito, ou diante do punhal afiado de algum ladrão do deserto... Quando, chegará a minha hora?”

Respira profundamente, solta o ar dos pulmões, e questiona:

“Por que tanto pessimismo, se os prognósticos da minha vida me sorriem, acenando-me com a almejada felicidade?!

Eu gostaria de ter menos responsabilidades, menos encargos...

Como deve ser boa a vida daqueles que podem decidir, por si mesmos, sem o peso, inexorável, de seguir e fazer cumprir à risca tantas leis! Ah, quem me dera cuidar apenas do dia que passa, em relativa paz, com saúde e alegria. Abraçar a mulher amada e admirar com ela o nascer e o pôr do sol, as amigas estrelas quando essas chegam decorando os céus. Sem pressa... Ter tempo para contar histórias para os meus filhos, quando estes chegarem, e um dia, quem sabe, para os meus netos. Contudo, terei tempo ou oportunidade para isto?! Vivo assoberbado de compromissos, atribuições, viagens, problemas inumeráveis. Alguns destes vão se arrastando, por anos a fio, sem solução... Devo viver atento, vigilante e sempre na defensiva, porque o perigo ronda sombrio, ao meu redor, onde quer que eu esteja!

E a vida do meu povo? Depende daquilo que eu possa fazer ou decidir. Essa, a minha maior atribuição junto a Allah! Para isso fui educado e treinado, desde o meu nascimento, como costuma ser com quase todos os soberanos...”

Detém a montaria, olha para o alto e conclama:

– Allah! És poderoso e magnânimo com aqueles que Te obedecem!

Eu, seu mais humilde servo, preciso de força e de proteção!

Se, diante dos homens, tenho poder e autoridade, frente à Divindade sou um pequeno grão de areia no redemoinho da tempestade no deserto! Jamais me abandone, rogo-lhe, meu Senhor!

Volta a incitar o animal e prossegue, devagar, mergulhado nas suas reflexões:

“Apesar dos meus ingentes esforços para manter tudo da melhor forma possível, ouço queixas, insatisfações, cobranças... Muitas destas injustas, e algumas de onde menos poderia esperá-las!

A verdade, nua e crua, todavia, demonstra a impossibilidade de tudo resolver, ainda que eu trabalhasse dia e noite com o apoio de todo o meu ministério. Ah, se o meu povo soubesse o quanto é difícil governá-los, e se entendesse os conflitos que carrego em minh’alma!.

Hoje compreendo melhor o meu saudoso pai! Quantas reclamações ouviu-me, quanto ao tempo que me roubava no atendimento cuidadoso e dedicado ao nosso povo! Pobre pai querido! Os filhos só compreendem os seus pais quando passam pelas mesmas experiências na vida, e quase sempre já sem as suas amadas presenças."

Desanuviando as feições, enfim, ele conclui, algo pacificado:

"Mas, oh, Allah, quão ingrato sou! Para amenizar as aflições da minha vida, socorrer a minha alma sedenta de paz, e me fazer feliz, Tua generosidade trouxe-me o amor de Fathima, o maior penhor da minha vida! Reconheço, naturalmente, a sua paciência. Com todos os encargos que pesam sobre os meus ombros, é tão pouco o que posso lhe conceder. A parcela que lhe cabe é ínfima! Ainda assim, ela sente-se feliz, espera, compreende, tolera, aceita com um sorriso nos lábios, um olhar de admiração, de respeito e de estímulo! Amo-a, como jamais amei antes e como jamais amarei depois! Haja o que houver, o meu coração e todo o meu ser lhe pertencerão para sempre!..."

Saudoso, estanca o animal, olha à distância, como se Fathima pudesse ouvi-lo, e declara, apaixonado:

– Brevemente farei de você a minha rainha! Com você serei venturoso, haja o que houver! Sua presença e o seu amor amenizarão as dores e as grandes decepções da minha existência! Você será o meu oásis, exuberante; a água, pura e cristalina a dessedentar-me a alma; o descanso, o refazimento e a força de que preciso!

Acalmando, enfim, os próprios arroubos, ele retoma a viagem, sobre o seu camelo ricamente ajaezado. O dia já ensaia o seu fim e o esbraseante pôr do sol resplende, avermelhando tudo. No horizonte, o ouro se mistura ao cinza, ao violeta, ao azul, pintando belíssimo quadro nos céus. Extasiado, ele admira as belezas naturais da sua terra. Aperta o passo do animal, batendo-lhe levemente com o seu chicote trançado de fios coloridos, e enfeitado de borlas brancas de algodão. Precisa chegar ao seu destino.

O navio do deserto levanta poeira, balançando o seu volumoso corpo, obediente, na rapidez que o seu dono exige.

O sol poente se derrama sobre o viajante e sobre a sua montaria; os dois parecem uma miragem do deserto.

O príncipe puxa o manto e cobre o rosto, protegendo-se da areia fina que voa à sua passagem.

Superados, em parte, a saudade e os sentimentos mais profundos, deseja ser prático, racional. Aquilo que o espera não será fácil nem agradável, e exigir-lhe-á muita sagacidade e prudência. Vive de peito aberto, e exerce, diuturnamente, sua sinceridade natural, por vezes, é temerária.

Assim é este *príncipe do Islã*: Norimar Al Jared.

Enquanto isso, à distância, lindíssima mulher, pequenina e fisicamente bem-dotada, recorda-lhe o porte airoso, as belas feições, o brilho do olhar e o calor dos seus beijos. Suspirando, sonhadora e já saudosa, pensa: “Onde estará você, neste momento? Morro de saudades! Volte logo, meu amor!... Amo você, com loucura! Sem você, por certo, feneceria como uma flor sem água e sem a luz do sol! Você é o ar que eu respiro, o sangue que corre nas minhas veias, a luz dos meus olhos; minha maior ventura! “

Na sua tenda, luxuosa, ela se demora, assim, mais alguns minutos, em suaves e doces devaneios. Enfim, clama pela criada.

Esta, do lado de fora, agachada, aguardava-lhe o chamado. Rapidamente levanta-se para a ação que lhe cabe. Alguns minutos depois retorna com uma grande bandeja, preparada para um lanche de frutos, pães, sucos e doces.

Uma menina de dez anos, próxima, e em patente adoração, extrai de uma cítara uma melodia agradável e melancólica.

Afastando as almofadas coloridas de seda, Fathima estica o corpo, tal qual um felino, e dirige à criança um olhar de muito carinho, enquanto ouve a música.

Brevemente se casará e será muito feliz! Sente-se uma privilegiada. É bela, possui uma riqueza considerável, saúde, e o amor, incomparável, do seu príncipe!... Pretende dar muitos herdeiros a ele.

“Allah abençoe o meu noivo e o meu pai, onde eles estiverem; a minha casa; estas queridas que me servem com devoção; o meu próximo casamento, e estes alimentos!”

Ela roga, reverente, antes de iniciar o repasto.

Alguns quartos de hora depois, a criada retorna, retira tudo e sai silenciosa e prestativa, levando pela mão a menina que, antes de

sair, deposita a cítara sobre uma enorme almofada, e despede-se de Fathima com um belo sorriso. Seu nome é Safira, filha da diligente criada, Demiana. A vida das duas depende do trabalho e da proteção que recebem. Mãe e filha adoram Fathima e têm motivos de sobra para tal. Esta lhes concede um tratamento familiar e afetuoso e as respeita, com carinho e bonomia.

Do lado de fora, a menina põe as mãos em concha sobre os olhos, para poder enxergar melhor, e divisa a grande caravana que chega, a levantar poeira na estrada. Retorna sobre os próprios passos e avisa Fathima. Depois segue junto à mãe para os seus aposentos, próximos dali.

Os homens chegam, suados e famintos. Apeiam das suas montarias, demonstrando excessivo cansaço, mas, nos olhos brilhantes, a satisfação do sucesso da viagem. Há muitas semanas eles saíram.

O chefe: alto, porte volumoso, bonachão e dono inconteste de uma beleza viril, dá as ordens, determinando onde e como guardar os fardos que trouxeram. Avisa-os que, após algumas horas, farão a avaliação e os cálculos para os diversos pagamentos.

Depois das primeiras providências, eles se propõem a comer, o que fazem entre os gritos de alegria e os carinhos efusivos de suas mulheres, saudosas.

Grandes quantidades de carnes são assadas em fogueiras, em torno das quais eles se sentam e comem, gulosos.

O chefe adentra a sua tenda, tão luxuosa quanto a de sua filha Fathima e cuida-se, auxiliado pelos criados.

Algumas horas depois, banhado, vestido luxuosamente e bem alimentado, ele vai em busca da filha querida:

– Filha amada! Luz dos meus olhos! Os meus sentimentos e os meus pensamentos para você! Que Allah, Todo-Poderoso, a abençoe e a faça feliz! – ele exclama, inclinando-se, na habitual saudação do salamaleque. Em seguida, tomando-a nos braços, aperta-a contra o peito e lhe dá dois sonoros beijos, um em cada lado do rosto.

Ela retribui, amorosa:

– Paizinho! Que Allah o abençoe e o proteja, sempre, concedendo-

lhe muita luz e muita prosperidade! Quanta saudade! Como foi sua viagem?

– Gloriosa, filha, gloriosa! Mais uma vez, seu pai conseguiu vender tecidos luxuosos, gemas raras e adereços riquíssimos a reis, califas, marajás, xeiques, sultões e comerciantes, de todo jaez! Gente rica e poderosa gosta, muito, destas preciosidades!

– E nós também, não é papai?

– Certamente, minha filha! Só vendo, confiante, aquilo que eu mesmo compraria. Minhas mercadorias são de valor indiscutível! Nós sabemos o que é bom e belo, não é?

– Verdade! O senhor, meu pai, me permite uma vida de princesa!

– E o será, brevemente! Essa certeza alegra o meu coração de pai!

Sentando-se nos seus joelhos, contornando-lhe o pescoço, taurino, com os seus braços delicados, ela esclarece, doce, mas, enérgica:

– Escute bem, meu pai e meu amigo mais querido: Não fosse ele, um príncipe, eu jamais viria a ser princesa! Em qualquer condição que ele vivesse, eu o amaria e me casaria com ele. Entendeu?

– Sim, meu amor, mas felizmente ele é um príncipe, não é? E eu, um pai venturoso! E, se ele fosse um pobretão? Arre, nem quero pensar! Sinto arrepios, minha cabeça gira e todo o meu ser se revolta, ao imaginá-la ao lado de um qualquer, que não pudesse lhe dar tudo a que está acostumada desde que nasceu!

Com censura no olhar, Fathima amplia sua teoria tentando ser mais convincente:

– Meu pai, pense assim: Se eu não o conhecesse, será que amaria outro? Duvido! Viveria a esperá-lo, talvez, indefinidamente. Então, o senhor teria uma solteirona em casa, para o resto da vida!

Abraçando-a, docemente, ele responde, sincero:

– Não me tente com essa ideia! Nunca me separar de você! Filha, mesmo feliz com seu casamento, vou ficar muito triste quando se for. Sem você, minha vida não será mais a mesma. Sentirei muito sua ausência!

Os olhos do pai começam a marejar, na antecipação da dor que sentirá com a separação. Fathima é a presença amiga, o maior afeto em sua vida. Agora com vinte anos, casando-se, irá para o palácio do príncipe, seu noivo.

Fathima, tão emocionada quanto ele, deita a cabeça em seu ombro. As lágrimas brilham nos seus olhos e um nó na garganta a impede de falar. Ama o pai com adoração. Desde que perdeu a mãe, aos quatro anos de idade, apegou-se a ele, numa compreensível compensação. Não consegue imaginar-se longe, todavia tem certeza do passo que deseja dar. Há três anos namora e se prepara para o casamento. Seu enxoval, digno de uma rainha, já está pronto. Adentrará os portais do palácio do príncipe levando o melhor e o mais precioso.

Levanta o rosto, e pede:

– Não se entristeça antes do tempo! Prometo não me afastar do senhor, meu pai!

– Naturalmente, minha estrela!

Assim, abraçados, eles permanecem, cada qual imerso nos próprios pensamentos e já experimentando a dor da saudade.

Do lado de fora, uma mulher madura mas ainda de rara beleza: cabelos negros, presos no alto da cabeça, coberta por um adereço oriental bordado, do qual saem véus que se lhe prendem aos pulsos adornados com pesados braceletes de ouro.

Parecendo aguardar algo intencional, ela ouviu grande parte da conversa.

Seus vestidos de gaze transparente, sobrepostos em tons cambiantes de verde, são forrados de seda pura. Bordados minúsculos de flores rematam o decote e as barras das saias; suas sandálias de tiras finas e abotoadas por fivelas douradas são macias e confortáveis.

Finalmente, ela adentra a tenda e se depara com a cena afetuosa entre pai e filha.

Ignorando a presença da moça, dirige-se ao marido:

– Com que então, meu caro, já chegou?

– Sim, como pode ver! E você, onde estava? – ele indaga-lhe, algo contrariado, enquanto, cuidadoso, põe a filha no chão.

– Perdoe-me a ausência! Lamento não tê-lo recepcionado. Fui com Sara ao mercado e me demorei demais. Havia a urgência de fazer algumas compras, indispensáveis à elaboração dos pratos que tanto aprecia, meu marido. Certos temperos são mais difíceis de se

encontrar!

Demonstrando contrariedade e muitas dúvidas, quanto ao que acabou de ouvir, Dario permanece silencioso.

Fathima, intimidada com a chegada da madrasta, sai de perto do pai depois de saudá-la. Um pouco distante, apanha um trabalho artesanal, do qual pendem fios grossos e coloridos. Silenciosa, ela se dedica a esta atividade.

O pai e a mulher saem em direção aos seus aposentos. Ela prossegue dando explicações que ele, carrancudo, finge não ouvir. Não confia nela. Há algum tempo, observa-lhe um estranho comportamento, em misteriosas escapadas, sempre justificadas de maneira muito ardilosa.

Esta madrasta tem, pela enteada, grande aversão.

Dois anos depois da morte da mãe de Fathima, Dario casou-se novamente. Estava solitário e Séfora o conquistou, súbita e intensamente, por sua exuberante beleza e sensualidade.

Fathima, porém, nunca a aprovou. Por quê? Motivos nunca lhe faltaram, desde o início.

Quando das suas viagens, deixando-as sozinhas, sempre que Dario regressava, havia algo de ruim no ar. O olhar magoado da filha não deixava dúvidas quanto ao comportamento da madrasta.

A solução foi contratar Demiana, agregada da família e muito querida por todos, para cuidar de Fathima e vigiá-las.

Desde então, Séfora passou a ignorar a existência da enteada.

Com o tempo, nasceu de Demiana e de seu valoroso marido que trabalha, arduamente, nos serviços mais rudes da casa, a bonita e doce Safira. Ainda pequena, a menina apegou-se à Fathima e hoje lhe segue os passos, reverente e carinhosa.

Assim, Fathima passou a ter nelas dois anjos-da-guarda.

Todavia, é desabonadora para Dario a constatação que sua mulher menospreza sua filha. Usufruindo de tudo aquilo que ele lhe concede, o que não é pouco, ela poderia ao menos demonstrar-lhe alguma gratidão.

Dario apaixonou-se, perdidamente, por Séfora, ao encontrá-la numa viagem ao Líbano. Ali, num acampamento de nômades, em meio a transações comerciais, divisou-lhe a bela figura. Sentiu o

coração bater forte e o sangue aquecer-lhe o corpo, num desejo avassalador.

Ela, mesmo maltratada pela vida difícil e vestida pobremente, exibia um corpo sedutor e um rosto perfeito.

Dario aproximou-se, mostrou-lhe interesse, e ela não se fez de rogada.

Mulher experiente, conhecedora das artimanhas da paixão, fogosa e interesseira, aproveitou a rara oportunidade que lhe acenava com a solução para tudo. Então, tal qual um pássaro preso no visgo, ele foi ficando, ficando... Após um mês de estadia, ali, viu os seus homens em arruaças constantes, resultantes do ócio e da insatisfação. Os próximos passos seriam a indisciplina declarada e a necessidade de puni-los.

Enfraquecido e cego pela paixão, Dario decidiu assumir a nova situação que chegava à sua vida. Casou-se com ela, conforme os ritos de sua tribo e sob a autoridade dos seus parentes.

Enfim, sem maiores cuidados ou precauções, comprometeu-se e regressou daquela viagem casado.

Ainda recorda a grande mágoa de Fathima, cobrando-lhe, sem palavras, explicações a respeito de sua atitude inesperada.

Sua vidinha, antes tão fagueira, mudava repentinamente, sem avisos e sem preparações. A ansiada espera por seu pai se transformara num pesadelo, porque uma estranha se interpusera entre eles.

Por algum tempo tornou-se arredia, mas percebendo que o amor paterno em nada se modificara, voltou a ser como antes; contudo, nunca se aproximou da madrasta, nem conseguia disfarçar o temor que sentia em sua presença.

Dario rapidamente descobriu que aquela que o conquistara, prometendo-lhe venturas, desejava apenas uma situação financeira estável. Ao seu lado, ela passou a ter a vida que sempre almejou, de mulher rica e poderosa, mas nunca o amou de fato, e com o tempo parou de fingir. Às vezes, ela lhe diz coisas muito ofensivas, além de deixá-lo muito desconfiado quanto à sua fidelidade.

Nessa situação, já se vão longos catorze anos, de convivência difícil e sofrida. A cada novo dia, Séfora inventa novos motivos para

exasperá-lo.

Vive distanciada, alheia a tudo que lhe diga respeito (menos à sua riqueza, naturalmente) e cumprindo as suas funções domésticas com visível contrariedade. Quando aparenta interesse pelo marido ou pela enteada, está, na verdade, investindo nos próprios interesses.

Algumas vezes, Dario agrediu-a para depois arrepender-se.

Já pensou em deixá-la, mas a paixão que ela lhe inspira tornou-se uma doença, uma obsessão. Sofre com a sua presença, mas sofrerá muito mais sem ela. Enfim, o seu louco amor gerou dependências afetivas. À simples ideia de uma traição, chega às raias da insanidade. Será capaz de tudo, caso se veja em tal situação. Assim, ele vive inquieto, inseguro e vigilante. Sua vida conjugal é feita de tormentos. Por isso, não consegue ser feliz, apesar do grande sucesso nos negócios e do infinito amor de sua filha.

Fathima observa-lhe a tristeza, mas não interfere nos seus assuntos privados.

A cada viagem mais longa, Dario sofre as penas do Amenti, com suspeitas que provavelmente não são infundadas.

Contratou espias para seguir os passos de Séfora, mas constrangido desfez o compromisso e pediu discrição, pagando regiamente àqueles, aos quais dispensou. Ela é esperta demais para deixar-se apanhar, caso haja de fato alguma coisa espúria em sua vida.

No leito conjugal, mostra-se ardente e apaixonada, mas... Dario conclui, muito sabiamente que (oh, desgraça!) ela pode agir, assim, fogosa com qualquer um. Os momentos de prazer que esta mulher lhe oferece são apenas sensações físicas, deixando um enorme vazio em sua alma.

Neste estado de espírito, Dario vê aproximar-se o dia em que sua querida filha, única afeição verdadeira, se casará e partirá rumo à sua nova vida. Irá se sentirá muito sozinho, mas o que fazer? Impedir a filha de ser feliz, de construir a própria vida, de realizar os seus sonhos? Jamais!

Enfim, Dario carrega esta tristeza no coração, e vive muito

insatisfeito e inseguro...

Em Damasco

Na esteira luminosa que se faz há pouca distância, o príncipe já vislumbra a vida e as atividades noturnas de Damasco. Diminuindo a velocidade do animal, ele pensa, muito incomodado, naquilo que o espera. Será mais uma das habituais reuniões para avaliar as atividades e as atuações dos líderes islâmicos presentes.

São todos investidos nos mesmos poderes e, consequentemente, nas mesmas atribuições civis e religiosas. Estas últimas determinam, sem contestação, as primeiras.

Extremamente cansado, sedento e faminto, é recebido pela guarda. Esta, reconhecendo-o, recepciona-o de acordo com a sua hierarquia.

Horas depois, banhado, vestido numa túnica branca de tecido luxuoso, sapatos macios e muito confortáveis, livre das armas e das incômodas bagagens, ele adentra um riquíssimo salão, onde se reúnem homens das mais variadas aparências, seguidores fiéis do profeta Maomé.

Aparentando descontração, estão, todavia, expectantes quanto àquilo que virá e que faz parte intrínseca das suas vidas.

Sentados em confortáveis almofadas, eles se deliciam com as iguarias que são fartamente oferecidas sobre uma mesa baixa e longa.

Abraçado, efusivamente, por quase todos, Norimar toma lugar entre eles.

Outros membros vão chegando e igualmente se acomodando.

O anfitrião, califa Mustafá Galib, por alguma razão desconhecida, está muito atrasado para o horário pré-estabelecido.

Quando ele chega, todos se levantam reverentes e fazem o habitual salamaleque.

De imediato, um deles é o porta-voz dos diversos augúrios.

Agradecido e respeitoso diante dos que compareceram, o anfitrião senta-se num lugar de destaque, junto aos seus pares que com ele chegaram.

Diante das grandes portas que exibem um trabalho artesanal admirável, alguns guardas, silenciosos e imóveis como estátuas vigiam.

Jovial, o califa saúda-os:

– Que sejamos dignos de estarmos reunidos aqui e envolvidos nas mesmas propostas de fé e de disciplina! Que Allah nos cubra, a todos, com as suas bênçãos e a sua clemência! Saúde, paz, muita prosperidade e incontáveis vitórias sobre os infiéis!

Explodem vivas. Alguns se abraçam, em meio a muito ruído.

– Agora – prossegue ele – faremos uma avaliação dos ganhos e das perdas, do movimento do nosso sistema de governo, nos seus diversos empreendimentos!

Um intendente senta-se ao seu lado e vai enumerando as operações e os balanços financeiros.

Após esta exposição, a maioria tira dos seus alforjes: petições, papéis com registros de tratados, contas e várias anotações a respeito dos assuntos que vieram tratar e debater.

Com dificuldades, eles se entendem (ou se desentendem), abrindo espaços para os diversos assuntos na exacerbação das suas emoções, voltados para os seus interesses.

Entrando pela madrugada, todos se ressentem do cansaço das viagens e dos debates, extenuantes.

Após uma lauta refeição, entre ditos e brincadeiras ou, ainda, na dilatação dos mesmos assuntos, todos saem, aos poucos, em busca de um justo repouso, até a próxima convocação.

Extremamente cansado e analisando ainda as atitudes dos seus pares, Norimar decide descansar também. Seu corpo e mente precisam de uma boa pausa, e sua alma anseia libertar-se para o devido refazimento espiritual.

Lamentavelmente, constatou, mais uma vez, que apesar da boa vontade, será extremamente difícil chegar a um consenso. A má vontade e os delírios dos extremistas, no poder que representam, impedem os desejáveis progressos.

O próprio povo, por vezes tão sofrido, acomoda-se em nome das tradições e das suas crenças cegas. Isto, o que mais entristece esse príncipe.

Ele exerce, fiel e dedicado, sua régia atribuição, civil e religiosa, carregando na alma esperanças de tempos mais justos e mais felizes para todos. Sabe que para o momento esta aspiração é quase impossível, mas não deixa de sonhar com um mundo no qual todas as religiões se congracem, e todos os homens se amem, se respeitem e decidam de comum acordo a implantação de uma justiça perfeita, aquela que traz o selo celeste e que se impõe, naturalmente, beneficiando todos os filhos de Allah!...

*

Nós sabemos, meus caros leitores:

Cada povo acredita que os seus códigos de leis e *modus vivendi* sejam a única fórmula possível e ideal para toda a humanidade.

Um dia teremos uma compreensão mais elevada e um conhecimento maior das leis divinas que nos regem. Questão de tempo e de evolução apenas.

*

No exercício de sua atuação como soberano de um povo, Norimar sabe que o poder supremo pertence à Divindade. O esforço em descobrir-lhe a vontade e cumpri-la será, sempre, do homem. Mas, como fazê-lo, de fato e de direito, se vive preso a tantas convenções humanas? E como se libertar destes laços sem pôr em risco a própria vida, a vida dos seus, e o contexto de governabilidade que depende também da sua atuação? Seria um caos! Tem consciência, todavia, da necessidade de mudanças. O que fazer?!... Há todo um contexto conservador, radical, impositivo e por vezes violento.

Ratifica, dia após dia, a sua fidelidade, na condução do seu amado povo. Este, porém, conta com a preservação dos seus hábitos e dos seus costumes e, muito principalmente, com a disputa constante de uma supremacia religiosa, frente aos outros povos.

O seu reinado exige um posicionamento lúcido, submisso e às

vezes cruel, muito cruel!... Esta dolorosa constatação agride-o fortemente ante seus ideais de vida.

Analisando a si mesmo, como se sentiria se, diante dos seus filhos (aqueles que ainda virão, trazidos pelas mãos clementes e poderosas de Allah!), os ditames da lei estiverem acima do seu amor e da sua solicitude, filial? Como será, enfim, o seu amanhã?!...

Se na sua mente e no seu coração as ideias se modificam a cada novo instante, como e por que tantos outros da sua amada raça não são passíveis das mesmas influências renovadoras?

"A propósito, recorda que o califa, ao chegar, resumiu em poucas palavras (pronunciadas com um certo enfado), as razões do seu atraso: Ele conduzira, pessoalmente, a execução de um dos seus servidores. Este se passara para o lado do inimigo, vendendo informações importantes e expondo-os ao perigo.

– Sua tola cabeça (exclamou com ironia e desprezo) rolou, sob o golpe certeiro do carrasco, livrando, assim, o mundo, de mais uma serpente peçonhenta! – tudo isso dissera desculpando-se pelo 'pequeno contratempo', que o fizera procrastinar o prazer, sempre renovado, de bem receber os seus convidados."

Por que, em vez de torturá-lo e tirar-lhe a vida, como de costume no cumprimento fiel da lei, não lhe foi concedida uma nova oportunidade para arrepender-se e redimir-se, diante de tudo e de todos?...

(Norimar não ignora que o acusado talvez mentisse e enganasse, prometendo tudo para prosseguir traindo, imperfeito que é, ainda como tantos outros... É a luta renhida do bem contra o mal, da verdade contra a mentira, da fidelidade contra a traição.)

Apesar de tudo, espera o melhor das criaturas e vê nesses deploráveis exemplos algo muito mais complicado e triste, com raízes na miséria e na ignorância:

"Há que educar-se os filhos de Allah com compreensão e muita responsabilidade, a fim de que não pratiquem erros tão clamorosos, nem se percam nos caminhos da vida!... Traição, comportamento execrável!... Terrível viver numa situação limite: entre a honra e a desonra, a verdade e a mentira, a segurança e o perigo! Traidores, por que eles existem? Por que as pessoas traem?! Alguns são

tíbios, inseguros, outros, mais ambiciosos, mudam de lado, iludidos com pretensas vantagens.

E se eu, príncipe Norimar, modificasse à solapa os meus ideais e as minhas crenças?!... Seria tachado de traidor, execrado e executado, sem piedade!

Por que este coração criado e alimentado nestas leis e nestes costumes alberga hoje outros anseios? Os meus conflitos existenciais sempre me acompanharam; todavia eu sei perfeitamente quando se instalaram de vez em minh'alma, apontando-me novos rumos!..."

Norimar recorda acontecimentos muito graves, que responderam com muita lógica aos seus conflitos, enquanto prossegue nas suas reflexões:

"A vida é sagrada! Sai das mãos de Allah! Sequer sabemos como isto se processa! Temos, a respeito, algumas explicações que se perdem nos caminhos, sem as desejáveis conclusões.

A existência é o nosso bem maior! Ainda assim nós, os poderosos, assim nascidos ou legalmente nomeados, jogamos com as nossas vidas e com as vidas dos outros, principalmente com as vidas dos nossos inimigos, porque estes nada valem para nós!

Mas como ficamos quando, investidos no poder, executamos o nosso semelhante? E, afinal, quem eram eles e de onde vieram? Quantos amores viveram, e de quantas alegrias ou tristezas foram feitas as suas existências? O que os levou a agir tão desastradamente, pondo em risco a própria existência?

Como saber? Como nos atermos a estas e a outras ilações de igual teor, se o tempo é exíguo e precisamos cumprir tantas leis?!..."

– Norimar, Norimar, acautele-se!... – ele exclama, em alto e bom som, mas prossegue com as suas conjecturas:

"Algum dia modificar-se-á essa estrutura tão rígida? Em sua maioria, os líderes mundiais, poderosos e tiranos, não param para refletir; apenas agem, compulsivos e acomodados. Há tanto por fazer, mas há tanto por gozar também!...

Allah trabalha, incessantemente, mas muitos dos seus filhos amolentam-se. O tempo existe para ser bem aproveitado na direção do melhor, num saudável e razoável progresso.

Sendo justo, alguns líderes, mesmo enfrentando hostilidades, demonstraram boas intenções nas suas políticas e deram ensejo a algumas mudanças.”

Entre estes e outros pensamentos, Norimar começa a entregar-se ao sono. Após uma noite bem dormida, talvez veja a vida sob outro prisma (Sabe que não, todavia, no momento precisa relaxar).

Roga ainda as bênçãos de Allah, de seus pais e dos seus antepassados.

Nos dias vindouros haverá muito por fazer, resolver, decidir...

Serão longos dias de conversas, tratados, decisões, festas, comidas e danças, e após o término, regressará mais desiludido que antes, certo de que o tempo ali investido em nada mudará os seus dias ou a sua vida. Desbarata um tempo precioso, mas deve comparecer, participar...

Depois destas reuniões, deverá implantar no seu palácio as aparentes mudanças, resolvidas e sacramentadas. Os mais poderosos tentam mostrar ao povo que os seus soberanos estão atentos e interessados nas suas vidas, quando, numa conclusão honesta, sabe-se que ali foram implantados e oficializados os desejos e os interesses dos próprios líderes, estribados nos seus habituais vícios morais.

Aqueles que lhes estão submetidos seguem e cumprem, cegamente, as suas vontades. É mais fácil ser empurrado pela força das circunstâncias (e às vezes, pelo medo), que agir por conta própria. Há sempre um preço a se pagar e a acomodação é um dos defeitos mais antigos e arraigados do ser humano... Lamentável!

*

Em todos os tempos tem sido assim, meus caros leitores. Independentemente de nação, credo ou política, as ordens e as leis chegam esmagadoras, e são quase sempre de maneira inquestionável cumpridas. Aqueles que as desafiam pagam as suas ousadias com castigos, perseguições implacáveis e quiçá com a própria vida.

Alguns povos caminham mais rápido na aceitação de um patente

progresso, que se instala no mundo, mas outros reagem exasperados ante a possibilidade de mudanças, fanatizados que são pelas ideias impostas e mantidas, vigilantes e controladores para não perderem as suas prerrogativas e vantagens pessoais.

Planos de ventura...

Admiravelmente bela, Fathima aguarda o regresso do noivo.

Em verdade, ele já retornara, mas devido aos seus encargos não pôde vê-la, ainda.

Elegante, montado em seu cavalo, ele se aproxima, ligeiro, levantando a poeira da estrada.

Safira o divisa à distância. Alegre e bulhenta vai avisar:

– O seu belo príncipe se aproxima!

Os olhos de Fathima brilham e um sorriso bem-aventurado se lhe desenha na boca bonita e sedutora:

– Obrigada, querida menina! Agora, pode ir, sim?

Sorrindo, Safira desaparece.

O príncipe Norimar chega, salta da sua montaria resfolegante e suada, sacode-se para livrar-se da poeira e apruma-se, cuidadoso, mas, antes de visitar a noiva, vai à tenda do seu futuro sogro, saudando-o, respeitoso:

– Salve, digno Dario! Que Allah o cubra com sua sombra poderosa!

– E que esta sombra jamais o abandone, caro príncipe!

– Como está o meu futuro sogro?

– Muito bem, graças aos céus! E você, como vai e como foi sua viagem?

– Como sempre! As reuniões e os compromissos decorrentes me prenderam mais do que o esperava! Enfim, conseguimos, de algum modo, alguns pontos em comum, além das decisões que deverão ser implantadas. Nosso povo espera de nós muita dedicação e responsabilidade. A tarefa que pesa sobre os meus ombros não é fácil, Dario!

– Bem sei e admiro-o! Quando chegou?

– Há alguns dias, todavia, minhas atribuições no palácio não me permitiram vir antes. Agora, adiantados os meus encargos mais

urgentes, aqui estou! Feliz por vê-lo bem e ansioso para rever a estrela mais brilhante do meu céu! Como ela está?

– Bela e boa, como sempre! Sou pai e, como tal, suspeito nos meus julgamentos, porém, esta filha é um raro presente que a vida me deu. A incumbência que brevemente lhe passarei às mãos é grave e solene! Bem sabe do meu imenso amor por ela e o quanto ela é merecedora desta afeição sagrada. Seja feliz e faça-a, muito, muito feliz também! De onde eu estiver, quando deixar este mundo, ser-lhe-ei eternamente grato!

– Sinto-me honrado, caro Dario, pela confiança. Adoro Fathima! Farei dela a minha rainha e a mulher mais feliz deste mundo, eu lhe prometo! Bem, vou procurá-la, se me permite.

– Naturalmente, fique à vontade!

– Agradeço-lhe! Safira já me viu e, por certo, avisou-a!

O príncipe saúda novamente o sogro e sai rapidamente.

Fathima firma os pensamentos na direção do amado que, próximo, se faz sentir poderosamente.

Norimar se anuncia e é recebido por Demiana, que após tê-lo recepcionado, se distancia.

Sentado num pequeno móvel, em forma de U, ele aguarda. Seu sangue ferve de ansiedade... Ela se faz esperar...

Minutos depois, Fathima adentra o recinto, caminhando devagar, entre sedas e tecidos de gaze brancos e esvoaçantes; os belos cabelos caem-lhe sobre as costas em brilhantes cascatas; joias e adereços finíssimos e valiosos a enfeitam; o perfume que evola de sua pessoa embriaga; os minúsculos pés, calçados em sandálias douradas, parecem levitar sobre o espesso tapete persa.

Intimidada, diante das próprias emoções, ela se aproxima, sorrindo, olhos faiscantes.

Ele se levanta, arrebatado, e toma-a nos braços, ansioso. Beija-a nos cabelos, nos olhos, e em todo o rosto, apertando-a fortemente, de encontro ao peito.

Equilibrando-se nas pontas dos pés, ela recebe seus beijos apaixonados, retribuindo-lhe na mesma intensidade.

Permanecem assim; o tempo parou, nada mais existe, a não ser eles, mesmos, e o imenso amor que os une.

Enfim, Norimar lhe fala, coração na voz:

– Querida, amor da minha vida! Que os céus a ilumine e a proteja sempre! Quanta saudade!

– Meu querido, eu também morria de saudade! Que você seja mil vezes abençoado por existir e por ser o meu amor!

– Como está? – ele indaga, beijando-lhe as mãos pequeninas.

– Melhor agora, com sua presença.

– Como tem passado e o que tem feito?

– Muito bem! Mantenho-me atenta e ativa, naquilo que diz respeito à minha vida presente e à minha vida futura. Mal posso esperar o dia bem-aventurado, no qual nos uniremos para sempre!

– Eu também! Quero tê-la em definitivo para mim, Fathima. Você iluminará o meu caminho, tal qual a estrela da manhã!

– E você será o sol dos meus dias!

Abraçados, eles conversam, horas a fio, até que Norimar se despede e montado no seu corcel regressa ao seu palácio a aos seus deveres de sultão.

O dia do enlace se aproxima e os preparativos vão se intensificando.

Enquanto ele se distancia e se perde na poeira da estrada, Fathima reflete, o quanto ele é importante na sua existência. Como seria se não o tivesse conhecido ou se ele não a amasse? A este pensamento, seu coração se aperta e sem que ela possa evitar, um soluço forte dá início a um pranto estranho e aparentemente sem razão.

O pai chega e se surpreende:

– Filha de minh'alma, o que houve? Alguma má notícia? Vocês se desentenderam? Não posso crer!

– Não, meu pai, de modo algum! – ela responde com dificuldade. Soluços incontidos sacodem-lhe a pequena e frágil figura – Nada aconteceu... Penso que se vier a perder Norimar, não sobreviverei! E, se sobreviver, serei uma morta-viva!

– Filha, o que é isso? Afaste esses pensamentos! Estes falsos presságios devem acometer todas as noivas. Descanse este coraçãozinho, vamos!

Os dois não sabem, mas são observados por Séfora. Ela viera à

procura do marido. Sorrateira, porém, ficou ali a ouvi-los (antigo hábito seu). Punhos fechados, quase a ferir as palmas das mãos com as suas unhas afiadas, pensa rancorosa:

“Chore, chore muito, sua tola! Vocês jamais serão felizes! Farei tudo para impedir! Sua presença incômoda me atormenta! Você é um ser desprezível, que eu mataria de bom grado! Odeio você e o seu abjeto pai; este ser que eu abomino, mas que devo suportar! Vocês dois são um empecilho no meu caminho! Preciso livrar-me de vocês! Quero ser feliz com o meu Selic, belo e jovem, mas... paupérrimo!...”

Controlando-se, enfim, e disfarçando o que lhe vai à alma, ela entra e indaga, irônica:

– Dario, posso contar com a sua presença no jantar, ou pretende ficar ‘aqui’ com sua filha?

– Irei daqui a pouco, Séfora! Como pode ver, Fathima não está bem!

– O que tem esta menina? Como é estranha!... Nunca sei o que se passa com ela! Tivesse eu o dom de adivinhar, quem sabe, não é?– ela comenta displicente.

Notando-lhe a ironia e o azedume, Fathima agradece ao pai:

– Obrigada, meu pai! Eu já estou bem, pode ir!

– Tem certeza, filha?

– Sim! Pode ir despreocupado. Deve ser, como disse, apenas uma ansiedade natural.

– Está bem, então descanse!

Ele a beija, amoroso, sob o olhar debochado da mulher e, adiantando-se, se vai, sem olhar para trás, nas suas passadas largas e contrariadas, enquanto Séfora, ligeira, se esforça para acompanhá-lo, lamentando-se:

– Ora, Dario! Você me esquece por causa de sua filha e está sempre de maus bofes comigo! Para ela o melhor, para mim as eternas reprimendas!

– Tudo de acordo com os merecimentos, minha cara! Amo minha filha, e contra isso, você nada pode! Conforme-se!

Alteando a voz para ser ouvida, ela prossegue:

– Você me desespera, tratando sua filha como se ela fosse um

bebê!

– Trato-a da forma que eu quiser! Não se meta! Não admito intromissões, nem suas nem de ninguém! Nunca admiti!

Soprando o ar dos pulmões com muito ruído, ela explode:

– Está bem, que fiquem grudados, pouco me importa! Arre! Que tormento!

Assim, o jantar decorre sem alegria e sem entusiasmo. Ambos se alimentando sem apetite e sem apreciar, devidamente, os saborosos pratos.

Fathima não faz as refeições com os dois, há muito tempo, que antes terminavam com os gritos da madrasta, as lágrimas da enteada e as explosões de Dario, o que escandalizava a todos na casa.

Dario modificou esta situação, dando certa independência à filha e furtando-a às diatribes de Séfora. Todavia, sofre com isso.

Invariavelmente, trabalha e viaja aflito e muito inseguro, por causa do gênio de Séfora. Esta mulher, além de ser imprevisível, não conhece limites. Hoje compreende como e por que Fathima nunca gostou dela.

Respeitando os limites da vida particular de seu pai, Fathima conforma-se em viver algo afastada. E é filha única!...

Séfora é má e injusta. Alberga no coração muito veneno. Na sua vontade, infeliz, de calcar a todos sob os seus pés, tenta dominar aqueles que lhe privam a vida diária.

Muitas vezes, Fathima tentou aproximar-se, fazer-se amiga, mas foram tentativas desastrosas. Hoje, quanto mais distância entre elas, mais paz.

Norimar, por sua vez, observando a habitual agressividade de Séfora, afastou-se dela com firmeza e sem disfarces. Ele prevê nesta mulher um grande perigo para as vidas de Dario e de Fathima.

Os rapapés, com os quais ela um dia pretendeu incensá-lo, não passaram dos ensaios, porque ele se posicionou severo e objetivo, fazendo-a entender que se ela destrata sua noiva, deve dispensar-lhe o mesmo tratamento, sem hipocrisia.

A vera intenção desta mulher, porém, seria usufruir vantagens.

Afinal, após o casamento, serão parentes.

Lamentando o comportamento da futura sogra, Norimar jamais o comentou com Dario. Respeita-o e deplora-lhe a vida conjugal.

Enquanto galopa em direção ao seu palácio, analisa a própria existência (Ultimamente tem feito isso com muita frequência):

“Sou vitorioso em todos os aspectos da minha vida, não há como negar... No campo das afeições, tenho o amor da minha adorável Fathima. Meu futuro sogro é uma ótima pessoa e nos entendemos muito bem. No meu palácio, as coisas andam bem, apesar dos meus conflitos...

Olhando para trás, recordo minha infância, naquilo que ela foi e no que representou em minha existência, fazendo de mim o que sou... Passou tão rápida quanto uma estrela cadente. Em meio às expectativas e preparações para ‘este futuro’, eu vivi, sempre. Ainda assim, conseguia um tempinho para dedicar-me às brincadeiras, junto aos outros meninos.

À noite, cansado, deitava-me no colo macio de minha mãe, fechava os olhos e ouvia dos seus lábios histórias fantásticas e lendas do nosso povo... O mundo parecia tão grande e ao mesmo tempo tão pequeno! Ele cabia, inteirinho, na palma da minha mão e eu pretendia conquistá-lo! Afinal, tudo era tão simples!... Eu podia tudo! Jamais haveria algo que eu não pudesse vencer! Obstáculos? Eu superaria todos eles com galhardia!... Dominaria até os ventos e os mares! Com o fogo líquido da coragem correndo nas minhas veias, eu venceria todas as batalhas!... Que viessem os inimigos e eu os esmagaria!

Tempo de ingenuidade, de ilusão, de fantasias, decisivo na formação do caráter bendito, quando bem aproveitado com amor e responsabilidade por aqueles que nos têm sob a sua guarda, iluminados pelo olhar poderoso de Allah!

Com a chegada da puberdade, os encargos foram se estabelecendo à minha volta, demonstrando, sem rebuços, aquilo que me esperava.

Todavia, com meu amado pai à frente de tudo, eles pareciam distantes, irreais; apenas jogos que não teriam maior implicação em minha vida.

Um dia (Oh, Allah, quanto dói recordar!...), a invasão devastadora do nosso palácio e de nossas terras!... Horrível, um massacre!

Naquele dia, eu me encontrava em Damasco, estudando junto aos sábios na Mesquita. Sem entender por que eu estivera triste e envolvido em maus presságios durante todo o dia.

Desbaratando o tempo, numa notável dispersão, fui duramente admoestado. Sem poder concentrar-me, pensava nos meus pais e sentia uma grande dor no peito.

Em dado momento, um cavaleiro estropiado chegou trazendo-me a notícia do ataque ao nosso palácio e ao nosso povo... Em meio a tristes lamentações, rasgando os restos da suas vestimentas, ele anunciou-me a morte dos meus amados pais.

Dia infeliz! Chorei todos os prantos possíveis e imagináveis! Verti todas as lágrimas que a minha alma jovem possuía! Meu corpo estremeceu e todas as suas fibras se revoltaram; minha mente turvou-se, negando-se à razão. Quase enlouqueci!...

Depois de algum consolo e socorro, recebidos dos meus mestres, rogando a Allah que me sustentasse, regressei junto aos meus pares, com o coração em azorragues dilacerantes.

O que os meus olhos veriam?!... Meu cérebro criava imagens terríveis. A galope intenso, suados e ansiosos, enfim, chegamos.

Encontramos tudo fumegando ao redor, exceto o palácio. Nunca entendi por que eles o preservaram.

Quantos corpos destruídos! Aqueles que sobreviveram encontravam-se feridos ou traumatizados.

Desvairado, percorri como o Simum no deserto os diversos ambientes do palácio; descendo e subindo patamares à procura dos meus amados pais, e deparei-me com os dois abraçados e cadaverizados, nos seus aposentos.

Senti uma dor tão forte, tão lancinante em meu peito que duvido possa sentir outra igual algum dia. Atirei-me sobre eles, enlouquecido de dor. Beijei, sem parar, os seus rostos amados e as suas mãos benditas.

Com ajuda, acomodei-os no leito, arranjando-os com ternura imensa, quase sem enxergar, devido às lágrimas ardentes que me socorriam no meu desespero inaudito.

Ajoelhei-me, diante deles e elevei uma oração a Allah, agradecendo-Lhe suas abençoadas existências, os anos de amor, ternura e dedicação. Que o Todo-Misericordioso os conduzisse ao paraíso!

Deixando-os, enfim, e me inteirando sobre tudo, passei a dar ordens, todas referentes às providências urgentes, com respeito à tragédia.

Com o auxílio de quantos vieram comigo de Damasco, somados àqueles que sobreviveram e podiam movimentar-se, socorremos os feridos, enterramos os mortos, reviramos os escombros, consertamos, limpamos, lavamos, organizando novamente a vida ao redor, a começar pelo palácio, selvagemente depredado, ações que desincumbi chorando, em meio a muita dor; dor que me acompanharia pelos tempos, jamais esquecida.

Tudo terminado, com as roupas sujas de sangue, de fumaça e de terra, cabelos desgrenhados, rosto desfigurado de horror, saí sem rumo pelas propriedades, pelos campos, em meio às árvores, feito um ébrio a me agitar, insano, a falar coisas sem nexo, até exaurir-me e cair ao chão, rosto na terra, com o choro convulsivo. Completamente entregue à aflição que me dominava, gritei, debati-me, lamentei, lamentei... Minha alma, revoltada, parecia estar nos suplícios do inferno! A estranha voz que os meus ouvidos captavam não parecia a minha; roufenha, saída das minhas entranhas.

Aos poucos, exaurido, perdi a condição de externar o meu desespero. Quedei-me imóvel, hebetado, aparentemente sem ossos, sem músculos, sem nervos ou reações, quase inanimado; um trapo humano. E assim fiquei. Por quanto tempo? Não sei...

Quando me levantei, trôpego e quase incapaz de me orientar, regressei ao palácio, mergulhei em longo banho para depois me arrastar até os meus aposentos, onde dormi sem vontade de despertar.

Notara, silencioso e grato, a presença respeitosa e providencial do meu querido amigo Ahmed (que mais tarde viria a ser meu competente administrador), antigo companheiro de infância, a olhar-me à distância, sem contudo interferir, concluindo, na sua natural sabedoria, que assim seria melhor.

Quando adentrei novamente o palácio, ele também o fez, solícito e silencioso.

Enterrei meus pais com as pompas devidas, às suas prerrogativas de soberanos do nosso povo e representantes maiores da nossa hierarquia política e religiosa.

Deixava para trás os sonhos e as ilusões, sacramentando na minha nova vida as grandes responsabilidades, para as quais eu havia sido preparado.

Amenizadas, enfim, as maiores dores, passei a deplorar as guerras e as constantes querelas, visceralmente.

Numa posição de destaque, exposto a todas as formas de agressão (a maioria, injusta), na insegurança de cada dia e na premência de tudo resolver dentro das sagradas leis, surpreendi-me então mergulhado em insuperáveis conflitos, que me acompanham até os dias de hoje.

Como viver, governar bem, amar e ser feliz mergulhado em tantas indagações íntimas? Ser feliz? Doce ilusão! Posso ser 'razoavelmente' feliz ao lado da minha adorada Fathima. Sem ela, nenhuma esperança de ventura. Só a doce expectativa de tê-la para mim, de fazê-la minha rainha, me mantém inteiro, suportando o peso esmagador sobre os meus ombros de governante.

Allah jamais nos separe, eu não suportaria!... Seria melhor arrancar-me o coração e dá-lo aos abutres!

Sem Fathima, onde o ar para respirar, o bálsamo para as minhas dores, a cor e a beleza, a solene e grandiosa melodia dos mares na imensidão das suas águas? E o sublime encantamento dos cantos dos pássaros? Sem ela, numa cegueira voluntária, eu não veria a luz do sol, nem o brilho das estrelas! Sem ela me faltariam a acuidade, a alegria e o conforto espiritual. Viveria sem poesia e sem beleza. O sopro da vida, aos poucos, se esvairia do meu ser!..."

Norimar leva a mão em forma de garra ao peito e aperta-o, pensando:

"Allah! Abençoe o nosso enlace e o nosso futuro!... Vivo de acordo com a vossa lei. Nesta eu me posiciono com coragem e fé. Quando me debato em conflitos, como estes, anseio por respostas; contudo, se a vida me roubar Fathima, como fez aos meus queridos pais, não

serei mais fiel nem seguidor de coisa alguma, porque não terei, certamente, coração tampouco alma!

Meu poder temporal e religioso, assim como meus objetivos e aspirações, dependem da realização deste amor! Um fracasso neste anseio será a minha condenação, meu suicídio moral, pois a este amor eu entreguei eu todas as minhas esperanças de felicidade.”

Abatido, Norimar se ressente, emocionalmente, exausto.

Estanca o animal e sem desmontar faz alguns exercícios rápidos de respiração para reequilibrar-se, antes de prosseguir.

Alguns quartos de hora depois, ele divisa um grupo de salteadores que se aproximam, velozes.

Toma da cimitarra que carrega na cintura e aguarda-os, em posição de defesa. Conclui que fora muito imprudente escolhendo aqueles sítios. Todavia, tem pressa. Uma comissão de líderes das diversas tribos aguarda-o no palácio. Por este motivo, escolheu o caminho mais curto. Os salteadores aproximam-se, belicosos.

Sob a ameaça de outras armas, ele é aconselhado a atirar a sua ao chão, o que o faz, sem outro recurso.

Cuidadoso, imóvel, aguarda, enquanto o chefe do bando o analisa:

– Acho que conheço você! – ele diz, enquanto dá voltas, fazendo um barulho surdo com as patas do cavalo sobre a areia – Sim, você é o príncipe Norimar! Ora, ora! Descanse, nada tenho contra você! Sou um devedor, consciente e grato, ao seu falecido pai, o rei Nassif, e agora tenho a chance de honrar minha antiga dívida, quitando-a, em nome de Allah, libertando você!

Norimar abstém-se de indagar-lhe o que quer que seja.

– Passe ao largo a vá-se embora! – ordena ele, deixando os seus sequazes contrariados. – Quando passar por aqui, novamente, caso se atreva a isso, não esqueça de que nada mais lhe devo! Este território é meu! Agora vá!

Cauteloso, Norimar começa a se movimentar, quando ouve:

– Quanta empáfia! Sequer agradece! – dizendo isso, o salteador cospe de lado, com barulho e nojo.

Permanecendo em silêncio, Norimar faz a alimária caminhar, devagar a princípio, para depois intensificar o galope, distanciando-se rapidamente. Sente-se humilhado. Seu sangue ferve nas veias.

Quisera poder reagir, mas seria tão temerário quanto inútil.

Controlando-se, segue o seu caminho, deixando para trás aquela raposa do deserto, enquanto agradece aos céus que o livraram do perigo e eleva um pensamento de amor ao seu amado pai que, mesmo depois de morto, continua a protegê-lo.

Precisa ser mais prudente, não andar sem escolta. Este, um dos seus maiores defeitos; confiar demais em si mesmo. Na sua ânsia de liberdade, torna-se avesso às formalidades de segurança.

Seus pensamentos se dividem entre Fathima e o seu palácio, do qual já divisa as torres redondas, brilhantes e coloridas.

Ambos lhe exigem muito amor e muita responsabilidade, numa expectativa de progresso e de paz e, porque não dizer, de ventura.

Apeando, afável, dá uma leve batidinha no pescoço do animal e entrega-o ao cavalariço. Sacudindo a poeira, segue para os seus aposentos. Precisa banhar-se, livrar-se do suor e das impurezas dos caminhos.

Na sua luxuosa banheira, ele se delicia com a água tépida, refazendo-se, em parte, do cansaço.

Recorda a situação deprimente que viveu e, mais uma vez, lamenta a impossibilidade de defender-se e de defender a todos que por ali passam.

Os desertos são imensos oceanos de areia. Os fora-da-lei que ali vivem contam com a enorme dificuldade que representa a tentativa de localizá-los, porque eles conhecem muito bem a região e mudam constantemente de lugar. A ferocidade que os caracteriza, amedronta.

Ali, naqueles espaços que parecem infinitos, coexistem: credos diferentes; códigos cruéis de vida, e tipos raciais dos mais diferenciados. Todos se fortalecem nos ‘interesses comuns’ ou se digladiam pela sobrevivência, difícil e criminosa.

Naquelas areias, por vezes muito traiçoeiras, convivem também formas de vida das mais inusitadas: sejam humanas ou animais.

Após o banho, vestido nos seus trajes reais, Norimar, a passos largos, dirige-se ao salão de reuniões.

Junto àqueles que ali compareceram na expectativa de serem ouvidos e atendidos nas suas requisições, ele adentra a noite cheia

de estrelas. Estas brilham, luminosas, através das altas janelas.

Com justiça e imparcialidade, Norimar atende às múltiplas requisições, de acordo com as leis e as razões de cada qual; rejeitando aquelas que lhe parecem incoerentes e desnecessárias.

Altas horas da madrugada, recolhe-se ao leito.

Admirando a lua prateada, que vê através da ampla janela, pensa em Fathima. Saudoso e aquecido pela paixão, anseia estreitá-la de encontro ao seu coração. Dentro dos seus braços, pequenina, ela se agasalha; tendo o maravilhoso hábito de recostar-se, docemente, no seu ombro; amorosa e submissa aos próprios sentimentos. Nestes momentos, tudo mais deixa de existir.

Brevemente, ela será sua para sempre! Ama-a, com tal ardor que, se Allah lhe perguntasse, a que ou a quem ele ama mais e acima de tudo, responderia sem pestanejar:

– À minha bela e doce, Fathima!

Sorrindo, conclui divertido, antes de adormecer:

– Oh, Allah! Como deves ser solitário!...

Ri da própria ideia, que não deixa de ser irreverente...

As providências...

Aproxima-se o dia do enlace de Norimar e Fathima.

O palácio real engalana-se para o grande evento e na casa de Dario as providências se intensificam.

O cerimonial deve corresponder aos mais nobres anseios dos noivos, dos parentes, dos amigos e do povo.

Norimar, enfim, se unirá à mulher que o conquistou para a eternidade. Conciliando os seus afazeres e responsabilidades com os diversos preparativos, ele vê os dias passarem.

Fathima, ansiosa e diligente, se esmera naquilo que depende da sua atuação.

Demiana, Safira e os demais somam esforços para auxiliá-la.

Dario diminuiu as viagens para dar total apoio à filha e ao futuro genro.

Enriqueceu o enxoval de Fathima com o que há de melhor, mais luxuoso e mais belo, adquirido em várias partes do mundo. Afinal, ela será, brevemente, uma poderosa rainha.

Seu coração amoroso sofre pela iminente separação. Difícil, para ele, imaginar a vida sem a presença do seu anjo...

Neste comenos, todos se esfalfam para o sucesso das bodas.

*

Bem, eu disse todos? Perdoem-me, meus caros leitores! Alguém na casa de Dario não se harmoniza com essas intenções.

E este ser, rancoroso e cruel, nós já conhecemos...

*

Numa vingança insana, Séfora pretende frustrar as esperanças de Dario, da enteada e, consequentemente, de Norimar.

Concentrada nesta intenção, ela conta com o apoio e o auxílio do

seu amante, Selic, que odeia o poderoso comerciante e a sua filha, pelas informações deformadas de Séfora. Se sua amante não é feliz, ele acredita que seja por conta do desamor, da ingratidão e da insensibilidade de pai e filha.

Chegando de uma viagem, ele manda avisar Séfora. Para isso, usa os préstimos de Sara.

Selic é um vigoroso rapaz, na flor da idade, muito bonito e de fascinante olhar. Ele investe, ambicioso, nos próprios atributos físicos para modificar o seu provável destino. De que lhe servem a beleza física e tanto fascínio na miséria? Não tem inclinação para o trabalho, nunca teve.

Fogosa, Séfora chega, atira-se em seus braços, e passam horas intermináveis nos desbordamentos das suas paixões.

Supostamente, ela saíra para alguma providência atinente às bodas;

acompanhada de sua serva favorita, Sara. Esta, cúmplice consciente de sua senhora, “não vê, não fala e não ouve”.

Diante do patrão, ela finge um caráter que está longe de possuir. Assim, ela acompanha Séfora, sem despertar muitas suspeitas.

Enfim, exauridos dos seus arroubos, os amantes se permitem uma pausa. Afins nos mesmos interesses, eles dialogam:

– Já sei que o príncipe Norimar, arrogante e insensível, não me aceitará em sua parentela. Ele não disfarça a aversão que sente por mim e jamais me receberá em seu palácio. Então, que interesse eu poderia ter nesse casamento? Nenhum! Posso, sem prejuízo, impedir-lhes a sonhada felicidade. Nesta intenção, arrastarei, também, o meu abominável marido, pois, aquilo que prejudicar a sua preciosa filha, o alcançará com a mesma intensidade e dor!

Ela fita Selic, de maneira significativa, enlaça-o e desabafa:

– Mas, que diabo! Por que você tinha de ser tão pobre?

Ofendido, ele torna-se sombrio.

Suspirando, dramática, ela vai mais longe:

– E eu? Por que fui me apaixonar por alguém como você? Burrice de mulher romântica! Ai, ai, ai... Que fazer? Eu sou assim mesmo!

Exasperado, Selic rechaça-lhe os braços que como serpentes, o enlaçam e num visível rancor retruca:

– Você não precisa atirar-me na cara, a todos os momentos, a minha infeliz condição financeira! Com todos os demônios! Você já foi mais miserável que eu e no entanto aí está, coberta de ouro e vivendo à larga!

– Nem tão à larga como eu esperava! Meu marido é generoso, mas eu quero muito mais!

– Você vive principescamente, Séfora, mas é uma mulher insaciável, em todos os sentidos!

– Sou como sou! Minha beleza, luxo e ousadia atraíram você, não foi? Então, por que a revolta? Dê-se por satisfeito e não cuspa no prato que come!

– Pago muito caro por aquilo que me concede, Séfora! Estou ficando cansado de você e desta situação!

Saltando, ágil, ela se põe à distância, e balançando-se na sua frente, comenta, desairosa:

– Ora, mas, afinal, não é bom estarmos juntos? Além de ingrato, você é muito estúpido!

Mirando-a, de alto a baixo, sorriso sarcástico, Selic insinua:

– Talvez, eu tenha opções melhores que você, minha cara...

É verdade. Ele conheceu outra mulher, nos mesmos moldes de Séfora, e menos exigente.

Possessa, ela retruca, rápida e ameaçadora:

– Se me trair, se arrependerá amargamente, Selic! Ai de você, se não fizer as coisas do jeito que ‘eu’ quero!

Selic desafia-a, em silêncio, sorrindo levemente. Sabe de si e do poder de sedução que exerce sobre Séfora; mulher desorientada e dependente do fogo dessa paixão. Braços cruzados, ele goza a sua exasperação.

Acalmando-se, ela declara, aparentemente conformada:

– Quero apenas ser feliz! Faça-me feliz!

– Sou, por acaso, algum gênio, Séfora? Se aquele tolo do seu marido, com a fortuna e a empáfia que o caracterizam não conseguiu!... O que espera de mim, afinal? Você exige demais e me concede muito pouco! Volto a repetir: você me cansa!

– Ah, é assim? Pois, sem mim, você refocilará com os porcos! Sua beleza de nada vale na miséria! O que espera da vida? Um

casamento com uma qualquer e uma penca de filhos para criar? Sem uma profissão rendosa e sem descanso, sua beleza desaparecerá num estalar de dedos, no esforço renovado de cada dia, em busca do pão. E você se atreve a dizer-me que eu o canso, ora veja! O infeliz que você é torna-se cada vez mais ingrato e ousado!

Na mesma agressividade, Selic amplia sua nova filosofia de relacionamento:

– Deixe-me dizer-lhe, minha cara, que você não é mais nem o melhor partido, nem a mulher mais interessante que conheço! Não deprecie a minha inteligência e o meu fascínio viril! No mundo, existem mulheres ma-ra-vi-lho-sas! Não sou e nem quero ser cego! Não tenho dona, sou livre para voar, onde e como eu quiser! Recolha-se à sua insignificância, Séfora! Situe-se! Você pode ter dinheiro, mas quem decide esta relação sou eu! Você sabe, apenas finge ignorar!

Descontrolada, ela avança para ele com as unhas em garra.

Selic se defende e por pouco não tem o rosto arranhado ou os olhos arrancados.

Segurando-a pelos pulsos, com uma enorme vontade de esbofeteá-la, ele declara, enfático:

– Você me explora e me usa, Séfora! Por isso, quando preciso de recursos financeiros, nada mais justo que demonstre a sua generosidade, premiando os meus atributos físicos e a minha dedicação! Aquilo que você me dá é apenas uma gota d'água no oceano de riquezas, no qual você vive mergulhada. Tudo na vida tem seu preço e o meu amor custa caro, portanto, pague sem reclamar. Se não estiver satisfeita, deixe-me em paz e siga o seu caminho!...

Cansada do esforço para alcançá-lo e feri-lo, avermelhada e respirando com dificuldade, ela prossegue ameaçando:

– Não seja atrevido e nem blefe comigo, pois pode se dar muito mal, Selic!

Selic que, para o momento, já falou demais, ameniza as feições e aguarda-lhe algum reequilíbrio. Afinal ela é ainda o seu pote de ouro.

“Cada coisa a seu tempo... Depena-se uma ave, de cada vez...” – cínico conclui.

Entre estas e outras expansões ‘carinhosas’, eles veem as horas passarem. Despedindo-se, marcam um futuro encontro.

Séfora regressa calada, pensativa e muito insegura.

Fathima acha estranho o atual comportamento da madrasta, que parece tê-la deixado em paz.

“Provavelmente concluiu que uma vez casada posso rejeitá-la, abortando-lhe as manias de grandeza... Enfim, que seja! Melhor para todos nós, principalmente para meu pai!...”

Enfim, tudo parece caminhar para a realização do grandioso evento.

(Será, meus caros leitores?...)

*

Norimar estreita, cada vez mais a sua relação filial com Dario. São verdadeiros amigos. Por isso, entre uma conversa e outra com o futuro sogro, ele decide abrir seu coração, confiando que Dario possa entendê-lo sem reservas.

Estivera, há poucos dias, mais uma vez em Damasco e regressou de lá, como sempre, envolvido em conflitos.

Durante os debates, não conseguiu controlar-se e agrediu, verbalmente, alguns membros proeminentes, rejeitando-lhes, sincera e abertamente, os seus extremismos.

Um deles, personalidade poderosa e temida, ameaçou-o, jurando vingança.

Norimar conhece, perfeitamente, o contexto no qual vive.

Sabe daquilo que são capazes as pessoas cegas pelo ódio e movidas pelo fanatismo.

Neste momento, frente a frente com Dario, corajoso e confiante, desabafa:

– Caríssimo e digno Dario, às portas do meu enlace com Fathima, surpreendo-me numa dolorosa encruzilhada!

Espantadíssimo, Dario indaga:

– O quê?!... Nunca imaginei ouvir isso de você! Minha querida filha

aguarda este casamento numa ansiedade sem limites! Ansiedade esta que nos alcança a todos, no grande desejo de vê-los, finalmente, casados e venturosos!

Sorrindo, levemente, Norimar explica-se:

– Muito principalmente a mim, meu querido amigo e futuro sogro; jamais duvide disso, em nome de Allah! Amo Fathima mais que a mim mesmo, mais que tudo, acima da própria vida!

Dario respira aliviado. Então, o que Norimar quis dizer?... Ansioso, dispõe-se a ouvi-lo.

Norimar prossegue:

– Falo dos meus encargos, na realidade que represento, meu caro. É disso que estou falando. Perdoe-me falar-lhe assim, mormente nestes dias que antecedem tão grave acontecimento, que marcará para sempre as nossas vidas!

– Ainda bem! Por momentos, tremi e imaginei tanta coisa! Nem quero pensar! Seu grande amor por minha filha é inegável, eu sei. Como pude por momentos fugidios duvidar dos seus sentimentos? Conheço-lhe a boa índole e a alma sensível que nos arrancam diuturnamente, elogios entusiastas. Sei que neste coração amante, minha Fathima lançou a sua âncora, nos seus anseios de felicidade e segurança!

– Agradeço-lhe! Certamente seremos felizes, apesar dos meus conflitos, que nada têm a ver com o meu amor. Fathima será o meu apoio e a minha ventura, o meu bálsamo, o meu sol refulgente, minha embarcação segura na tempestade; meu céu sem nuvens e minhas noites repletas de estrelas.

– Sim, eu sei... Minha querida tem sido tudo isso, para mim, desde o seu nascimento! – Dario sofre, recordando que brevemente ficará sem a sua presença.

Disfarçando a emoção, indaga ao futuro genro:

– Diga-me, enfim, o que lhe rouba a calma? Por que não aproveita melhor aquilo que a vida lhe concede? E olhe que não é pouco!

– Tem razão! Eu poderia ser feliz, viver tranquilo, mas em vez disso...

– Perdoe-me, mas continuo sem entender.

– Eu explicarei, e somente a você; caso contrário, minha cabeça

rolará como tantas outras e pelos mesmos motivos!

Dario está chocado. O que ouvirá? Por que o futuro genro se encontra, assim, tão pessimista?

Enquanto reflete, observa que Norimar analisa o ambiente, no qual, se encontram, esquadrinhando tudo ao redor para, em seguida, indagar-lhe:

– Estamos seguros aqui? Nossa privacidade está garantida? Perdoe-me, mas, caso alguém nos ouça, correrei perigo.

Levantando-se, Dario chama seu criado mais fiel e ordena que ele impeça a aproximação de quem quer que seja.

Retorna e senta-se, novamente, cada vez mais intrigado.

Ele ignora, porém, que neste momento, há uma serpente rastejando e se escondendo atrás das pesadas cortinas.

Séfora, como sempre, silenciosa e sub-repticiamente, aproximou-se, reteve a respiração, encolheu-se, fechou os olhos e aguçou os ouvidos, eletrizada. Ouvira as declarações de Norimar e as ordens do marido ao criado.

– Fique à vontade, Norimar! – exclama Dario, tranquilizando-o – Estamos sozinhos. Confesso, caro príncipe, que estou ansioso e ao mesmo tempo temeroso, na expectativa desse diálogo. Imagino que aquilo que pretende me revelar seja algo de extraordinária gravidade.

– Sim, meu amigo. De extraordinária gravidade, como diz.

– Tremo, só de pensar que haja o que houver, em sua vida, de bom ou de ruim, envolverá também à minha filha!

Concordando, plenamente, Norimar reflete quanto a abrir tão completamente, ou não, o seu coração. Vacila e decide nada mais dizer. Pressente que está superestimando a compreensão do futuro sogro. Arriscar-se-á à toa. Envolvido nessas conclusões mais racionais, decide protelar:

– Pensando bem, Dario, é melhor deixarmos esta conversa para depois das bodas!... – decidido, levanta-se para sair.

Dario, porém, intervém, afável, mas impositivo:

– Discordo, perdoe-me! Se veio até aqui para dizer-me algo, diga! Já que começou, vá em frente! Nada mais conseguirá desfazer a aflição inexorável que já me atingiu, diante das suas declarações

preliminares! Se se sente ameaçado, penso igualmente na segurança de Fathima! Caso eu lhe pareça enfático ou invasivo, rogo que me compreenda!... Por enquanto, sou o único guardião da filha querida, junto a Allah! Até hoje, estive confiante nesse casamento, porque você, para o meu coração de pai zeloso, representa tudo que eu poderia almejar para o futuro de Fathima. Como pode ver, não posso continuar ignorando aquilo que pode modificar radicalmente essas sublimes esperanças paternais. Aguardo, como é compreensível, nesse momento, que prossiga e faça o seu pronunciamento, caríssimo príncipe!

Desconfortável e algo incomodado com a imposição, quase desrespeitosa, de Dario, Norimar continua repensando a possibilidade de falar, ou não. Silencioso, deixa Dario em suspense.

Enfim, diante da embaraçosa situação, confirma a sua dúvida:

– Caro Dario, será de bom alvitre deixar esta conversa para outra oportunidade. Noutro dia voltaremos a falar. Nestes dias que correm, as bodas nos exigem demais!

Discordando, mais uma vez, Dario insiste:

– Em nome da nossa amizade e do parentesco que brevemente nos unirá, por favor, prossiga com o propósito que o trouxe aqui. Eu não conseguirei mais dormir em paz, depois de tudo que ouvi. Meu leito estará coberto de brasas incandescentes e me sentirei no inferno! Só uma força maligna selará os seus lábios, a partir deste instante, no qual me disponho a ouvi-lo. Exatamente, por causa das bodas, você precisa falar!

A flecha fora disparada, tornou-se independente, impossível deter o seu voo e guardá-la novamente na aljava.

Encurralado, Norimar nada mais pode fazer, a não ser atender os rogos do futuro sogro, sob o risco de criar uma profunda cisão nas suas relações, presentes e futuras. As suas alegações são sensatas, sinceras e justas.

Enfim, acede:

– Está bem, Dario! Ouça-me, mas seja generoso. Não me julgue de maneira precipitada, nem com excessiva severidade, sim?

Mais incomodado ainda, Dario concorda, balançando, afirmativamente, a cabeça.

Atrás do cortinado, Séfora se alegra com o desfecho das decisões. Odiou a vacilação de Norimar, que quase aborta a sua chance de saber algo que sem dúvida lhe será de muita valia. Louvando a tenacidade de Dario, em suspense se dispõe a ouvi-los.

Norimar acomoda-se e inicia o seu grande desabafo. Afinal, para isso viera. Precisa abrir o coração a alguém de extrema confiança como Dario:

– Eu, príncipe Norimar, herdeiro do grande sultão Nassif, condutor de um povo, representante de Allah e da nossa santa religião, hoje em meio a notáveis conflitos questiono as leis e as tradições que represento.

Dario empalidece. Levanta-se de chofre e ergue os braços acima da própria cabeça, esconjurando:

– Allah! Que os vossos ouvidos sejam misericordiosos! Não nos retire, rogo a vossa clemência!

Norimar observa-lhe os rompantes e desanima. Agora tem certeza, jamais deveria ter provocado a conversa.

Dario fita Norimar, de forma curiosa, e exclama solícito e paternal:

– Meu filho, vou requisitar-lhe um refresco, para desanuviar-lhe os pensamentos, que, sem dúvida, são o resultado do sol abrasador. Você deve estar à beira de uma perigosa insolação!...

Norimar considera, muito natural, a reação de Dario. Faz um gesto que o impede de prosseguir no seu intento e esclarece:

– Não se preocupe, estou muito bem de saúde, física e mental.

Dario volta a se sentar. Pode observar-lhe a lucidez e o equilíbrio.

Olhos nos olhos, ele interroga:

– Eu ouvi bem, ou os meus ouvidos me traem? Você está duvidando das leis do Islã e das palavras do profeta?!...

– Não, quando elas sacramentam a Verdade e o Bem! Questiono algumas destas leis e, sobretudo, aqueles que falsamente se arvoram em seus fiéis representantes e, mais que isso, tornam-se seus cruéis executores! Ou eu deveria dizer carrascos?... O meu espanto, garanto-lhe, não é menor que o seu, quando analiso o meu atual posicionamento. Eu, a maior autoridade do meu sultanato, aquele que deve preservar as tradições, não consigo mais aceitá-las, como antes, além de condenar, racionalmente, muitas delas.

– Estou profundamente chocado, príncipe! Mais que isso, eu estou apavorado!

– Sim, deve estar, e posso entendê-lo, acredite.

– Desde quando convive com sentimentos tão contraditórios?

– Bem, posso dizer que estas ideias me acompanham desde sempre, mas foram amadurecendo e se impondo em minh'alma, paulatinamente.

Norimar olha para cima, respira fundo e divaga, aparentemente esquecido da presença do amigo:

– Durante as noites, me reviro em meu leito, insone, analisando o contexto no qual vivemos! Grande parte daquilo que possuo e que alegra a minha vida é fruto do suor e do sacrifício de tantos outros... Como ignorar um fatalismo social que alcança homens, mulheres e crianças, incluindo velhos, aleijados e doentes?

– Ora, ora, está se atormentando à toa, meu filho! Não pode culpar a nossa existência confortável por todo o mal que existe no mundo. Além disso, está sendo injusto com a nossa religião que socorre os mais pobres. Sabe que estas providências fazem parte das nossas tradições!

– Sim! Elas são, sem dúvida, um procedimento louvável, mas não é o bastante, Dario. Concordo que não somos os únicos responsáveis pela enorme injustiça que se instala nas vidas destes párias, que vagam como mortos-vivos, num mundo que lhes pertence, tanto, quanto, a nós! Todavia, por que não fazer mais, muito mais, por eles?!... Por que acostumá-los às humilhantes esmolas? Bem sabe, Dario, o quanto isto enche de orgulho aqueles que se julgam caridosos, simplesmente por mitigar-lhes a fome e a sede, esporadicamente. Há aí o exercício de uma grande vaidade disfarçada de bondade! O que seria dos poderosos se não existissem os miseráveis? De que forma exibiriam as 'suas generosidades', não é?

Há que se alimentar o mal e a miséria para que eu possa fazer o bem? Sim, eu sei! Por muito tempo, ainda, haverá miséria na vastidão deste mundo, mas cabe-nos diminuir desde já a fome, o frio, a dor e a tristeza que se derramam desgraçadamente sobre aqueles que, muito justamente, esperam de nós o socorro e a

misericórdia que Allah nos ensina, e os recursos adequados, a fim de que muitos deles não morram a míngua, todos os dias, em tragédias humanas consideradas normais!

Analise comigo, Dario:

Para alguns, geralmente os mais ousados, herdeiros de posições e fortunas, estas de origem quase sempre desconhecida, diga-se de passagem: o brilho, a pompa, o conforto, as portas abertas, o incenso e as saudações infindáveis! Afinal, quem determina, de fato, o que e o quanto eu ou o outro pode ter?

Aprendemos desde cedo, que tudo é uma questão de direitos e de deveres, no exercício das relações políticas, sociais e religiosas, entre superiores e aqueles considerados inferiores.

Hoje, mais civilizados, analisamos esses mesmos direitos e deveres que em diversas épocas geraram esse exercício, sacramentando-os no decorrer do tempo e, quase sempre, impostos duramente, de cima para baixo, na oficialização dos direitos dos mais fortes.

Dario está indignado:

– Nós trabalhamos muito para ter o que temos, Norimar! Com o suor do meu rosto, ganho o meu pão e premio a minha casa com o que há de melhor! Isso é justo!

– Concordo e compreendo, acredite! Mas, o que podem fazer aqueles que já nasceram derrotados pela doença incurável, a invalidez ou a extrema miséria, que, por si só, determina-lhes o lugar que devem ocupar? Tirando duras conclusões, meu caro amigo, um ‘lugar’ para estes não existe!... Assim sendo, rejeitados, desprezados e quase sempre esquecidos, o que mais podem fazer senão vagar feito zumbis?

Como colher flores e frutos em árvores que já nasceram doentes? Qual o futuro de seres que nada possuem? Estes anseiam compreensivelmente (e isto lhes é incutido, desde cedo, obsessivamente) pela visita bendita da irmã morte. A crença na sobrevivência da alma faz parte da nossa fé em Allah. Então, aprendemos e acreditamos, submissos, que aquilo que não tivermos neste mundo nos será concedido, por justiça divina, no paraíso! Assim nós vivemos!

– Você está pondo em dúvida, Norimar, as nossas verdades e os nossos princípios? Estou assombrado!

– Não, Dario! Sou, assim como você, um fiel seguidor das nossas mais caras tradições religiosas! Volto a declarar, de coração, que me insurjo apenas contra algumas dessas leis que precisam de uma análise mais profunda e mais humana! Aquilo que me move, nessa conversa franca, é justamente essa fé baseada na justiça de Allah. Este jamais fará distinção entre as Suas criaturas! Isto é tão racional, tão lógico, que se não refletimos a respeito, é porque isso não nos interessa!

Há que se questionar as leis que ditam normas rígidas de comportamento, e as penalidades, ante as transgressões. Muitas destas, meu caríssimo amigo e futuro sogro, revelam as anomalias humanas, resultantes da incapacidade mental de um flagrante atraso espiritual, da miséria e de uma constante revolta, frente aos poderes estabelecidos!

– Deveríamos, então, modificar os nossos hábitos e costumes, Norimar? Mudar as nossas leis, em nome de tais ‘anomalias’?

– Revê-los, Dario! Dentro de uma nova realidade, numa visão mais ampla, mais evoluída e, consequentemente, melhor! A conduta que nos levará ao paraíso será a mais justa, mas também a mais misericordiosa com tudo e com todos, à semelhança de Allah! – ele responde, incisivo e corajoso.

Dario demonstra a sua exasperação, levantando-se e erguendo os olhos ao alto, em muda rogativa. Passa a mão pelo rosto, desce-a pelas barbas, procura acalmar-se, e retruca:

– Meu filho, se alguém estivesse nos ouvindo, ou se isto saísse daqui, você teria sérios problemas! Há de convir! Você, uma poderosa autoridade do Islã!

– Sei disso, nobre Dario, todavia confio que ninguém nos ouve e que o caro amigo saberá entender-me. Ouça, eu questiono todas as leis e todas as religiões, e a bem da verdade, nenhuma existe, ainda que seja perfeita e que corresponda àquilo que o coração generoso de Allah deseja para todos os seus filhos! Muitos dos nossos procedimentos, meu caro, e digo isso como um líder islâmico, são cruéis! Executando as leis, muitas vezes, nós somos violentos!

Quem nos investiu no poder de tirar a vida daqueles que nos estão submetidos? Por que em vez disso não nos colocamos no lugar deles, para entendê-los melhor e buscarmos uma solução diferente; aquela que lhes traga a chance de redenção, tempo e auxílio para uma desejável modificação? E vou mais longe, meu amigo! Por que os poderosos se julgam acima dessas mesmas leis? Muitos daqueles que as fazem cumprir agem ou já agiram tão fora delas quanto as vítimas das suas tiranias!... Pense bem, Dario. Quem prescreveu procedimento tão cruel e definitivo?

Como um grande estudioso das leis, das religiões, e dos diversos *modus vivendi*, neste mundo tão vasto quanto diferenciado, constato que algumas religiões são mais amenas, mais suaves, se bem que, como qualquer outra, elas se debatem ainda em meio às humanas imperfeições, nas suas representações e entendimento pessoais, destes ou daqueles.

Cada vez mais inquieto, Dario quer saber:

– Norimar, em verdade, temo a resposta que possa advir à pergunta que vou lhe fazer... Você tem inclinação para um outro credo? Admira, mesmo que seja em tese, algum comportamento estranho às nossas leis?

– Ao longo da minha narrativa, verá que sim! Como resposta aos meus anseios de amor e de justiça, verdadeiros, encontrei há algum tempo homens piedosos que agem de conformidade com a legítima vontade de Allah. Numa circunstância inesperada tive a chance de constatar que o comportamento ideal existe e é possível!

A cada palavra de Norimar, Dario estremece de espanto. Inquieto, levanta-se de chofre e evoca:

– Que os céus nos sejam propícios, em nome de Allah, e que perdoem as palavras deste príncipe, momentaneamente esquecido dos seus deveres mais sagrados!...

Sem retrucar, Norimar aguarda-lhe o reequilíbrio.

Caminhando inquieto e visivelmente pálido, Dario aproxima-se do futuro genro e explode, pesaroso, e muito emocionado:

– Norimar, Norimar! Diviso nos seus olhos o brilho dos reformadores! Ou melhor, dos mártires!

– Maomé foi um deles, Dario! Quando uma grande parte do mundo

estava mergulhada no mal, em meio a todos os vícios, ele chegou para nos alertar, transmitindo-nos as mensagens do anjo! Ele nos legou códigos de leis morais e exemplos de fé, indiscutíveis!

– Por que, então, se insurge contra ele?

– Não me insurjo, absolutamente, contra ele, Dario! Todavia, é preciso ir adiante! Sobre os alicerces das leis que foram necessárias numa época específica, aparar arestas e criar novas leis, sem desprezar as antigas, naquilo que elas tenham de bom, mas evoluindo sempre e cada vez mais! Há que se adequar as leis aos novos tempos e aos novos homens! Nem você nem ninguém pode ignorar que os séculos dobam sobre as nossas cabeças!

Dario passa as mãos por entre os cabelos escuros e encaracolados e comenta, enérgico:

– Talvez você não tenha se dado conta da gravidade daquilo que está dizendo, jovem entusiasta! Está sugerindo uma modificação ampla nos nossos códigos sociais, políticos e religiosos?

– Falo em renovação e progresso, Dario!

– Enlouqueceu, meu filho? As tradições e os fundamentos são tudo que de mais sagrado possuímos! Estas leis, que tão bem conhece e exercita, e os costumes delas decorrentes, são intocáveis! Você atenta contra Allah, contra o Alcorão e contra o profeta! Isto é passível da pior condenação!

– Acalme-se, Dario! Não ignoro, absolutamente, o que me espera, caso algum dos nossos líderes tome conhecimento das minhas ideias, mas sei também que um dia todas as leis serão reformuladas para seguir o carro do progresso inevitável, que nos permitirá maiores realizações de amor e de paz. Todavia, se não começarmos, quando isto se dará? Na Terra, tudo depende de Allah e de cada um de nós.

– Você, príncipe Norimar, submetido às mesmas leis de que fala, se atreveria a desafiá-las? Caso se atreva, sua voz será uma gota d’água num oceano de intenções contrárias e muito mais poderosas!

– Eu sei que estou aprisionado nestas malhas tão intrincadas quanto perigosas!

Norimar levanta-se e caminha pelo ambiente, visivelmente

perturbado e ansioso. Confia plenamente em Dario; todavia, não pode esperar a sua aprovação nem a sua compreensão, num campo de ideias tão perigosas quanto contraditórias. Dario defende, com unhas e dentes, o regime ao qual está submetido.

Aproxima-se das cortinas, pensativo.

Os seus passos assustam Séfora. Ela sustém a própria respiração. Teme ser descoberta, mas sempre poderá dizer que está chegando.

Norimar caminha a esmo. Alcança a entrada principal, levanta o reposteiro e admira o sol nos seus reflexos. Fita a amplidão do horizonte, buscando forças e paz.

Retorna ao ponto de partida, senta-se de novo e, após um longo e profundo suspiro, confessa:

– Na minha última viagem a Damasco, Dario, me desentendi, vigorosamente, com uma personalidade de comportamento retrógrado e radicalmente avessa a mudanças. Esta também vê como um acinte ao grande profeta e às suas mais caras tradições qualquer tentativa de análise mais profunda das leis do Islã.

–?!... – Dario demonstra nas suas feições alteradas o seu estupor. Está sem palavras...

Observando-lhe as naturais reações, Norimar se explica:

– Que fazer? Há muito venho suportando as diatribes deste líder e de muitos outros, tão fanatizados e cegos quanto ele. Perdi a condição de parecer cordato e rebati, enfático, as barbaridades que ele exarava na sua costumeira empáfia! Arrisquei-me ao enfrentá-lo, eu sei, mas lhe digo de peito aberto que esta ousadia me fez muito bem! Foi como se eu tivesse arrancado um espinho do meu coração!

– Norimar, Norimar! Digno príncipe de um povo! Seja mais prudente e não lute contra aquilo para o qual não tem defesas!

– Fosse assim, digno amigo, o mundo jamais teria dado um passo sequer em direção do relativo progresso que já alcançamos. O próprio profeta jamais teria fundado para a nossa alegria e salvação o sagrado Islã! E com muita coragem ele o fez!

Seremos nós fiéis às intenções de Maomé, naquilo que ele trouxe de melhor? Por que somos ainda tão orgulhosos e tão sanguinários? Há que se escolher sempre a melhor parte da vida,

naquilo que ela possui de bom e de belo para um progresso legítimo, que sustenta o corpo e ilumina a alma!

A cada nova palavra de Norimar, Dario se escandaliza mais:

– Nós não somos nem orgulhosos nem sanguinários, Norimar! Nós somos justos e fiéis seguidores das leis! Desperte deste pesadelo, meu filho! Você está delirando!

– Não, não estou! Se você esquecer, por momentos breves, as suas crenças cegas, poderá entender-me melhor, garanto! O mundo caminha! Vejam-se as outras civilizações. Alguns países já ensaiam, se bem que, timidamente, leis melhores, mais abrangentes e mais humanas. Ainda que se debatam em meio às imensas dificuldades, decorrentes dos entraves que o próprio mundo coloca, eles buscam uma vida melhor para todos.

– São realidades radicalmente opostas, Norimar! Perdoe-me, mas me incomodam em excesso as suas ilações!

– Você não consegue sequer disfarçar o seu desconforto diante da minha sinceridade, Dario!

– O caro príncipe não faz ideia do terror que invade o meu coração, diante da sua ‘sinceridade’! E o que mais ouvirei? Só de imaginar, sinto arrepios!

Ofendido com o desabafo do amigo, Norimar sugere:

– Melhor pararmos por aqui, então! Farei aquilo que preferir, e sem mágoas!

Eles permanecem silenciosos, observando as reações um do outro.

Dario, muito aflito, pensa na segurança dele, Norimar, e consequentemente na segurança de sua filha...

Nas vésperas das bodas, como ouvir tais declarações sem temer-lhes as consequências? Suas têmporas latejam e seu coração bate em descompasso. Respira fundo, esforçando-se para se controlar. Finalmente, a afeição e o respeito ao futuro genro se impõem:

– Prossiga, por favor. Você tem a minha consideração! Nunca duvide da minha amizade e confiança; contudo, as revelações que ora me faz me espantam! Afinal, sigo religiosamente todos estes comportamentos que, sem querer, você põe em cheque. Por outro lado, temo por você e por minha filha. Agora que as bodas se

aproximam, é preciso ajudar o destino, protegendo-se e não se expondo, assim, como está fazendo.

– Compreendo e agradeço-lhe! Prosseguirei, então, mas observe que lhe falo em particular, por isso, não se impressione demais com as minhas declarações. Estamos seguros, desde que o teor dessa conversa não saia daqui, nem alcance outros ouvidos. Veja as minhas ponderações de maneira ampla e generalizada, sem interesses particulares. Admiro-o, muito, na fé e na coragem que o caracterizam, vivendo de acordo com as leis do Islã e criando e educando Fathima nos mesmos moldes. Apenas a posição extremista deve ser repensada, o que já seria um bom começo! Aquilo que já é bom, deve permanecer, mas há de convir, vivemos mergulhados numa mescla assustadora de bem e de mal.

– E isto não faz parte da nossa natureza, filho?

– Certamente, mas esta natureza também se transforma a cada novo dia, melhorando-se e aprimorando-se, em tudo e por tudo. O homem, criação máxima de Allah, único ser que além de pensar sonha e se impõe sobre as outras formas da Natureza, traz em si os germens de futuros cada vez mais grandiosos. Nós somos viajantes das estrelas, Dario! Sequer podemos imaginar até onde poderemos ir!... Allah nos criou para uma evolução constante e estamos a caminho da perfeição.

Dario, mais pacificado, responde:

– Confesso, meu caro, que apesar dos meus sustos, a cada nova frase que sai da sua boca, admiro-lhe a brilhante inteligência e a capacidade de observação e conclusão em assuntos tão profundos. Nem posso dizer que me surpreendo, porque há muito conheço o seu poderoso intelecto e a luminosidade de sua alma. Fathima também perquire e analisa tudo aquilo que a vida nos traz, você sabe. Incentivo-lhe a brilhante inteligência, desde que ela, como um sol radioso, chegou à minha vida. Vocês são dignos um do outro! Suas almas são, de fato, irmãs, meu filho!... Todavia, temo por você... Por ela... Mormente agora...

Emocionado, Dario mal consegue disfarçar a vontade de chorar, de desabafar a dor que está sentindo... Sua intuição lhe diz que estas reflexões metafísicas do príncipe lhes trarão perdas irreparáveis...

“Oh, Allah, socorrei-nos!” – ele pensa, amargurado.

Penalizado, Norimar lhe fala, confortando-o:

– Descanse! Não perderei o rumo e nem me desequilibrarei. Almejo ser feliz com Fathima e Allah há de permitir! Serei sempre e apesar de tudo, também o príncipe do meu povo.

Duvidando profundamente dessa assertiva, Dario comenta:

– Você espera demais, Norimar... Cuidado! Esse rastilho de pólvora já pode estar aceso, à procura dos seus pés... Que Allah tenha piedade de você, meu filho!... De todos nós!

Sem retrucar, sabendo que o futuro sogro tem razão, Norimar silencia, enquanto Dario prossegue:

– Filho, não se agaste inutilmente! O mundo caminhará, a despeito da minha existência ou da sua! Seja mais prudente e não jogue por terra os seus anseios de felicidade!

– Que Allah me conduza e me ilumine, acima de quaisquer circunstâncias. Mas, meu amigo, até quando conseguirei me conter?... Minh’alma grita, a ponto de me sufocar, implorando justiça e progresso, legítimos!

– Rogo-lhe que esqueça essas ideias, em favor da felicidade que lhes acena, grandiosa e incomparável! Um amor como o de vocês só chega uma vez na vida, Norimar. Reflita!

– É o que tenho feito, caro amigo, exaustivamente...

Olhar pregado no chão, Norimar abstraiu-se.

Atilado, Dario indaga:

– Responda-me, se puder. Quando e como isto começou? Por que essas ideias tão perigosas e distantes da nossa realidade alcançaram, de maneira tão decisiva, a intimidade do seu coração?

– Boa pergunta!... Responderei com muita sinceridade, como é de meu feitio.

Séfora vibra de contentamento e apura mais os ouvidos.

Norimar explica, sem rodeios:

– Bem, pela minha própria natureza, sempre reflexiva e muito questionadora, não aceito os múltiplos conhecimentos ou experiências alheios sacramentados como verdade. Daí eu ter vivido sempre numa compreensível dicotomia. Minha alma vacila e se defende, diante daquilo que vem pronto. Prefiro analisar, pesar e

medir, por minha própria conta. Somando-se a isso, fatos inesperados vieram impulsionar, sobremaneira, as minhas tendências especulativas.

Olhando ao redor, coordenando as ideias e escolhendo as palavras, Norimar indaga:

– Você se recorda de quando, como e onde nós nos conhecemos?

Abrindo um largo sorriso de satisfação, Dario declara:

– Naturalmente! Eu jamais esqueceria aquele dia, decisivo, na vida da filha querida. Nós nos vimos pela primeira vez num exuberante oásis, onde nos refrescávamos, todos, das longas e exaustivas viagens. Eu e o meu grupo, você e a sua comitiva.

– Exatamente! Cansado das horas de cavalgada, suarento e meditativo, após uma recente e *sui generis* experiência de vida, me deparei com você e com os seus homens, beneficiando-se do descanso e das delícias que nos oferecem o oásis em questão.

Depois de um longo período, eu retornava para o meu palácio. Pensativo, eu assimilava conhecimentos superiores a mim ministrados, em circunstâncias no mínimo inusitadas. Assim viajei a digerir informações e ensinamentos que me permitiram, enfim, traduzir melhor grande parte das minhas indagações íntimas. A partir de então, a minha realidade existencial jamais voltaria a ser como antes...

Às margens do grande lago transparente e sob as sombras das generosas tamareiras, os nossos grupos se congraçaram. Esse dia, eu jamais esquecerei, porque do seu acampamento provisório e à porta de uma das tendas, surgiu a mulher mais fascinante que os meus olhos já viram. Sua filha, envolvida em véus transparentes, sobre os trajes de azul claro e brilhante, olhou-me com estranheza e fitou-me, divertida, diante da minha expressão de espanto. Naquele instante mágico, inesperado e único, o seu olhar magnético e luminoso me conquistou para sempre.

– Foi deveras uma situação hilariante! Você de pé, queixo caído, braços ao longo do corpo, parecia uma estátua viva, tal a sua imobilidade – acrescenta Dario, num riso largo e ruidoso.

– Para mim, o tempo parou! Nada mais importava! Julguei-me em febres ou diante de belíssima miragem, temendo que ela se

desfizesse no ar... Onde já vira aquele olhar? De súbito, concluí que vivi sempre à espera desse momento mágico.

Naquele dia, eu voltava de uma longa peregrinação religiosa e de uma experiência íntima desafiadora, inesperada e surpreendente.

Naqueles dias, então, dois fatos decisivos e simultâneos apontavam-me novos rumos, como duas chaves a abrirem portas desconhecidas ou esquecidas; caminhos que me atraíam poderosos e modificavam minha vida para sempre! Ela, por sua vez, desfez o riso e harmonizou-se, plenamente, ao meu enlevo. Assim, ficamos ambos, silenciosos, a nos olhar, fascinados, até que você nos convocou à realidade, apresentando-nos:

– Príncipe Norimar, esta é minha filha, Fathima! Estamos chegando de uma longa viagem. Desta vez, ela decidiu acompanhar-me, apesar dos prováveis perigos. Desejosa de conhecer outras terras, nas quais tenho negócios, ela aproveitou-me a companhia e a proteção. Agora, retornamos à nossa casa. Fathima, este é o príncipe Norimar!

Ela me cumprimentou, respeitosa, e dirigiu-me um olhar, que não deixava dúvidas quanto ao seu interesse por mim.

Meu coração parecia um cavalo selvagem, sem freios e sem cavaleiro, tal a minha emoção!...

– A partir daquele dia, você se fez presente na nossa vida e, hoje, graças a Allah, vocês vão se casar. Mas, conte-me, príncipe, em detalhes, a sua inusitada experiência.

– Pois bem, já lhe contei que eu estava voltando de uma peregrinação religiosa. Durante os rituais, senti-me realizado, indo e vindo nas direções desejáveis e disciplinares que você conhece. Meu coração se alegrava nos caminhos percorridos até lá, na obediência e homenagem ao nosso querido profeta e na admiração reverente ao nosso patriarca Abraão – exemplo de coragem e de fé incondicionais, na sua adoração e submissão plenas a Allah. Esmerei-me, em tudo que fiz, grato aos céus, por tudo que me têm concedido, mas não podia imaginar aquilo que me esperava mais à frente.

De regresso, no longo percurso, passamos pelas cavernas dos eremitas. Observando-as, refleti a respeito das suas vidas

misteriosas e naquele momento, minha curiosidade antiga e saudável a respeito deles se intensificou. Todavia, como sempre, eu estava com muita pressa. No meu palácio eu era aguardado para assuntos muito importantes. Por isso, segui meu caminho convencido de que aquela, não seria a melhor oportunidade para realizar esse antigo desejo. Isto me dizia a razão. O coração, porém, me refreava. Afinal, eu estava tão próximo!... Vacilante, entre prosseguir e fazer aquilo que desejava, diminuí a marcha, enquanto decidia.

Minha comitiva, percebendo minha lentidão, aguardou-me, enquanto os homens se entreolhavam, intrigados. Julgando que eu detectara algum perigo iminente, levaram as mãos às suas armas, defensivos.

Fitei o sol que ia a pino e senti anseios de fazer parte daquela luz, da sua energia poderosa e vivificante. Fechei os olhos e revi, mentalmente, os símbolos sagrados da minha religião. Mergulhei em mim, mesmo, profundamente interiorizado. Minha alma ansiava por paz, felicidade, beleza e harmonia, e naqueles instantes fugidios, julguei encontrar todas estas coisas, no âmago do meu próprio ser.

Solidário, recordei os grandes pensadores de todos os tempos. Naquelas circunstâncias inusitadas, numa surpreendente intuição de algum tempo, impreciso ou de ‘outros tempos’ que já se foram, minha alma ouviu os ecos harmoniosos da mensagem deixada pelo profeta nazareno Jesus, chamado o Cristo, e que tem também os seus seguidores fiéis.

Então, superando qualquer outro anseio, desejei ser maior e melhor, harmonizar-me com tudo e com todos para assim alcançar submisso e reverente a grande verdade! Ao mesmo tempo, meu coração chorava tudo aquilo que não fosse grande e verdadeiro, tudo aquilo que nos faz infelizes, que gera o mal e a desgraça na Terra...

Muito emocionado, Norimar faz um pequeno hiato.

Instantes, depois, volta a falar:

– Enfim, digníssimo Dario, quem era eu naqueles momentos, a divagar, no uso intenso das minhas energias pensantes e divinas? O

que eu era, naquele estado conflitante mas transcendente, ante o infinito misterioso e indevassável que me atraía, poderoso?!...

Estaria eu dentro de mim mesmo ou teria alçado aos céus, e ali me perdia? De súbito, tudo aconteceu!...

Talvez eu tivesse exagerado no jejum, ou desafiado em excesso o sol inclemente. Até hoje não consigo ajuizar as razões daquilo que em seguida me alcançou.

– Diga-me o que foi?– Dario quer saber cheio de ansiedade.

– Eu lhe direi, nobre amigo. Minha cabeça rodou e minha vista escureceu. Surpreso e incapaz de manter-me sobre o animal, solicitei auxílio à minha comitiva. Assustados, os meus homens acorreram. O deserto à nossa volta era vasto, assim como a solidão decorrente. Senti que caía, mergulhando naquele abismo que me fascinava. Eu era, naqueles instantes, nem mais nem menos um simples grão de areia do deserto, a voar sem direção, sob a ação devastadora do Simum, envolvido nas luzes

que me cegavam e se espraiavam em todas as direções!... Então, perdi a consciência...

Ao despertar, olhei ao redor, muito espantado, e descobri que estava dentro de uma das referidas grutas. Observei que o ambiente era mais amplo do que a princípio se poderia supor.

Ao meu redor, homens de aparência nobre, simpáticos, silenciosos e diligentes me socorriam.

Por necessidade, permaneci entre eles durante muitos dias. Estava doente e febril. Mal conseguia manter-me sobre as pernas ou raciocinar, o que fazia somente em raros momentos de lucidez.

Alguns homens da minha comitiva, montavam guarda e esperavam que eu melhorasse. Outros haviam regressado para levar notícias minhas a Ahmed.

Finalmente curado e pronto para partir, me vi na obrigação de retribuir, financeiramente, àqueles que me trataram.

Recusando a oferta, com sorriso nos lábios e uma familiaridade surpreendente, um deles me respondeu:

– Gostaríamos que ficasse mais tempo entre nós...

– Tenho, todavia, caro benfeitor, obrigações inadiáveis!

– Essas obrigações podem esperar. Envie mensagem pelos seus

companheiros, avisando que precisa de mais tempo para recuperar-se. Certamente, ninguém tem o poder de questioná-lo.

– Sinto-me tentado a aceitar um convite que vem ao encontro a uma grande necessidade de descanso, físico e mental.

– Aqui encontrará muito mais. Este é o seu grande momento! – ele declarou enigmático, mas categórico.

Contive a minha curiosidade e nada indaguei. Todavia, decidi e fiquei mais algum tempo naquela estranha comunidade, beneficiando-me dos seus tratamentos.

Mais alguns dias e o mesmo benfeitor, pressentindo-me as naturais indagações íntimas, resolveu esclarecer:

– Caro príncipe, sei que analisa, curioso, desde que aqui chegou, os nossos hábitos e costumes, diferentes da generalidade. Nós somos rígidos nos nossos comportamentos rotineiros e profundamente zelosos na oração e na moral. Embasados no amor de Deus, independentemente de qualquer outra circunstância externa, seja ela social, racial ou religiosa, nós dispensamos aos homens o tratamento de irmãos.

– Sim, tenho-vos observado e posso concluir que os costumes de que fala fogem a tudo que eu já vi antes! São surpreendentemente louváveis, devo dizer, a bem da verdade, e tenho fruído, aqui, uma alegria e uma paz que em nenhum outro lugar parecem existir. Sinto-me bem e protegido, tal qual uma criança nos braços de sua mãe.

– Enquanto aqui permanecer, e foi este o real objetivo do meu convite, aprenda as nossas regras cristãs, iluminando, mais ainda, a sua mente e o seu coração, naturalmente voltados para os princípios da verdade e do bem.

Diante daquela informação, conclui que eu, um líder do Islã, estava entre infiéis! Contrariado, mas não querendo parecer ingrato, respondi, incisivo:

– Carrego responsabilidades e atribuições civis, políticas e religiosas, que me impedem de fazer aquilo que sugere. Na verdade, devo voltar à minha vida! Meu povo me aguarda! Já que não aceitais pagamento, nada mais posso fazer, a não ser declarar-lhes a minha enorme gratidão!

Sereno, ele me respondeu:

– Príncipe, seu reinado e a sua vida, por enquanto, lhe pertencem. Repito o convite: Fique mais algum tempo e compreenderá as razões que o trouxeram até nós, sob a vontade e a aquiescência de Deus, Pai e Criador. Aviso-o, porém, que o preço do saber que lhe oferecemos será muito alto, para alguém da sua estirpe e com as suas atribuições. Todavia, se carrega tantas responsabilidades espirituais, deve aproveitar as oportunidades que a vida lhe concede para crescer cada vez mais, em ciência e amor! Este, o vero objetivo da nossa existência neste mundo. Pense bem, a respeito de tudo que eu lhe disse e aproveite esta ocasião, que pode ser a única na sua vida. O momento é decisivo, porque, muito em breve, estará numa dolorosa encruzilhada. Será providencial conhecer os dois caminhos que se abrirão à sua frente. Qual deles o salvará, levando-o à realização plena dos seus ideais?!... O próximo futuro lhe exigirá decisões difíceis e radicais, e nestas, só terá a si mesmo e a sua fé!

Diante do meu silêncio, ele aconselhou:

– Fique em paz e reflita!

Em seguida saiu, deixando-me sozinho.

O ardor da mocidade e o hábito de enfrentar desafios, me sopraram aos ouvidos que deveria permanecer para decifrar aquele enigma.

Já havia desenvolvido, por eles, uma grande admiração e um enorme respeito. Além de tudo, sentia-me seguro. Quando desejasse, iria embora. Assim, decidi ficar.

Norimar silencia. Levanta-se e caminha a esmo pelo ambiente.

Dario aproveita o interregno para solicitar à criada, Sara, refrescos, pães, doces e frutos.

Obedecendo, ao servi-los, ela indaga muito intrigada:

– Senhor Dario, por acaso viu minha senhora? Necessito dela para algumas decisões na cozinha!

– Não, não a vi, Sara!

Séfora, atrás da cortina, torna-se violácea, tal a sua ira:

“Estúpida! Esta você me paga! Ah, que não perde por esperar!”...

Dario, por sua vez, pensa com ironia e desalento:

“Certamente, quanto ela voltar, dirá que estava com Sara... Oh, Allah, até quanto viverei assim?!...”

Fazendo uma trégua, eles se alimentam, enquanto conversam sobre trivialidades. Precisam de alguns momentos de descontração.

Os pés de Séfora doem e o seu corpo se ressente da imobilidade. Todavia, permanece firme. Pressente que o ‘melhor’ ainda virá...

Depois do repasto, Sara é requisitada, de novo, para levar a grande bandeja com os restos.

Norimar observa a ansiedade do futuro sogro e reinicia, de pronto, a sua narrativa:

– Hoje, Dario, quase me arrependo da minha decisão e de tudo que veio depois, porque, como aquele novo amigo previu, o preço tem sido alto demais! Descobrindo a Verdade ou ‘recordando-a’, ao levantar o ‘véu de Ísis’, eu nunca mais fui o mesmo!...

– Eu sabia! Isto é magia, caro príncipe! – Dario diz, exaltado, e já tomando cores mais fortes no seu rosto bem formado e brunido do sol inclemente, pelas muitas viagens.

Sorrindo levemente, Norimar argumenta:

– Meu nobre amigo, lamento dizer-lhe que se precipita e se engana. Permita-me prosseguir, sim? Há ainda muito a dizer.

– Sim, sim, fique à vontade!

– Pois bem, albergando n’alma tantas indagações, deparava-me com respostas tão claras e tão límpidas quanto as águas de uma fonte natural ou o azul de um céu sem nuvens! Encantado, concluí que a Verdade, sempre estivera dentro de mim! A partir daí, Dario, nunca mais eu veria o mundo e as suas leis como antes.

– É notório que o caro príncipe se encontra sob o efeito de um terrível sortilégio! Façamos justiça, castigando exemplarmente esta abominável confraria! – Dario explode, revoltado.

– De modo algum, Dario! Poderíamos, nós, pagar o bem com o mal? Hoje eu sei... Aquela experiência fazia parte do meu *Maktub.* Eu estava pronto para saber, porque, assim, exigiam os meus naturais anseios. Nos dias que se seguiram, passei para outro ambiente mais amplo e repleto de pergaminhos, in-fólios, ervas e vários objetos de pesquisa. Era um grande laboratório e ao mesmo tempo um gabinete de estudos. Um admirável lugar de aprendizado.

Aquela serena e sábia comunidade pesquisa incansavelmente as ciências da Terra, algumas destas restritas aos grandes iniciados de todos os tempos. Eles investigam as sagradas leis da vida e do Universo, embasados na justiça e na perfeição do Poder Maior que nos rege acima das nossas vontades e acima das nossas imperfeições. Confiantes, eles me abriram as portas do saber e, sedento, adentrei os seus portais amplos e luminosos! Numa paciência notável o líder do grupo que se fez meu amigo me instruía.

Caro Dario, aquelas não eram lições fáceis! Falavam, a um só tempo, de uma profundidade grandiosa e de uma simplicidade admirável, de amor incondicional, de justiça e de perfeição. Estes conhecimentos encontravam eco dentro de minh'alma, fazendo-me chorar, muitas vezes, de emoção e de gratidão.

Emocionado, olhar distante, Norimar se abstrai...

Muito incomodado, Dario o inquire, cobrador:

– E a nossa ciência e sabedoria, tão amplas e tão antigas?! Estas comparações são depreciativas, há de convir!

Norimar sabe que a reação dos seus inimigos será a mesma ou pior. Compreensivo, pede:

– Acalme-se, querido amigo! Não estou desmerecendo as nossas tradições, nem os nossos conhecimentos. Apenas lhe digo que aqueles que me foram ministrados dispensam véus, alegorias, histórias, lendas, preceitos, rituais etc. para ater-se à verdade pura e simples, à realidade insofismável de tudo e de todos, numa lógica admirável e surpreendente.

– Você confessa em alto e bom som, Norimar, estar de acordo com estas declarações tão absurdas quanto insensatas, exaradas por pessoas desconhecidas e certamente mal-intencionadas?!... Oh, oh!... Você não consegue ver que foi alvo de cérebros criminosos, que lhe desfiguraram a mente e assenhorearam-se de sua alma jovem, confiante, idealista e sonhadora?!...

– Ora, Dario! Você põe em cheque de maneira desastrosa para nós dois minha razão, minha inteligência e o meu preparo intelectual! De você eu esperava mais compreensão e mais respeito! – Norimar está deveras agastado com o futuro sogro.

Caindo em si, e para evitar desentendimentos provavelmente desastrosos (Como se sentiria Fathima, caso o seu querido pai se desentendesse com o seu amado noivo?), Dario desculpa-se em meio a gestos largos e expressivos. Enrubescido de vergonha pelos próprios rompantes, confessa:

– Você tem razão, eu me excedi. Perdoe-me e prossiga, caso queira, meu filho!

Acalmando-se, igualmente, Norimar retoma o seu desabafo:

– Durante a minha estadia, ali, quando muito cansado das atividades intelectuais ou das minhas próprias emoções, eu era socorrido de forma muito peculiar: os componentes do referido grupo se posicionavam em círculo ao meu redor, entravam em profundas meditações, e numa admirável concentração, estendiam as suas mãos sem tocar-me, em gestos amplos e direcionados ao meu redor, sobre a minha cabeça e sobre todo o meu corpo. Após alguns minutos, nos quais, eu me mantinha silencioso e reverente, eles davam por terminada essa prática e se afastavam em silêncio, deixando-me, igualmente silencioso e interiorizado, a me beneficiar e ampliar, em minha alma, a paz, indizível, que penetrava todo o meu ser.

– Acredito, cada vez mais, que o príncipe esteve entre magos mal-intencionados! – imprudente e impulsivo, Dario volta à carga.

Norimar respira fundo, sorri levemente da sua persistência e aguarda-lhe o reequilíbrio. Faz parte do temperamento de seu futuro sogro as reações intempestivas.

Depois de um pequeno hiato, comenta:

– Então, chamemos essa magia de benéfica, pois, após o referido atendimento, eu dormia, placidamente, por horas inteiras e ao despertar sentia-me renovado.

Dario insiste:

– Norimar, você esteve sob o guante de mentes poderosas! Sem que permitisse ou percebesse, você foi submetido a experiências esdrúxulas!

– Eu lhe afirmo, mais uma vez, que você está redondamente enganado! Descarte essa possibilidade, Dario! Reagir desta maneira é lançar dúvidas sobre a razão de alguém, a fim de vê-lo

desacreditado. O mundo age assim quando não entende ou não alcança as verdades com as quais se defronta! É o que está fazendo comigo! Não estou lhe narrando lenda ou história, ouvidas de outros, mas graves experiências vivenciadas por mim! Seja mais ponderado, peço-lhe, do contrário, não chegaremos a lugar algum!

Olhar acerado, Norimar fita Dario, cobrando-lhe moderação. Conhece-lhe as reações expansivas e sensíveis, mas precisa manter o máximo de equilíbrio, num diálogo tão grave que o próprio amigo sequer pôde ainda calcular.

Constrangido, Dario fica sem saber o que fazer e concorda num leve assentimento de cabeça. Em silêncio, aguarda-lhe, respeitoso, a continuidade da narrativa, que não se faz esperar:

– Dia a dia, aos poucos, minhas ideias, aspirações e objetivos enriqueceram-se e firmaram-se numa amplidão incomensurável. Sem abjurar as minhas crenças, estas me pareceram, a partir de então, linhas traçadas para receberem acréscimos e nuanças mais justos, seguros e profundamente renovadores. Confirmei, através do saber e da bondade desses homens, que o que importa, verdadeiramente, é o bom procedimento, numa ética irreprochável de vida para uma evolução material e espiritual, progressiva e sólida!

– Essas ideias, Norimar, me parecem muito amplas e abstratas! Soam como uma filosofia particular e não como base segura para uma crença maior!

– Pois bem, Dario! Eu lhe disse, de início, que tais conhecimentos são, ao mesmo tempo, de uma profundidade grandiosa e de uma simplicidade admirável e única, porque falam à essência da alma e sustentam-se na perfeição do Universo de Allah e nas suas leis soberanas. Nós, como Humanidade, estamos no patamar mais alto da criação divina, mas submetidos às suas leis, assim como tudo que existe! Aquela comunidade religiosa, remanescente de outra que se perdeu na memória dos tempos, denomina o Grande Poder que chamamos de Allah, de Deus Único.

– Norimar, Norimar! Você está desafiando o Islã, menosprezando as suas leis, tradições, costumes e sabedoria?!... Você me espanta! Onde quer chegar com tudo isso? Dá-se conta daquilo que está

desafiando?

Indignado, ele fita Norimar com olhos coruscantes. Suas faces avermelhadas falam da sua revolta. Exaltado, sacode os braços acima da cabeça e sai a caminhar inquieto pelo aposento.

Atrás das cortinas, Séfora quase sufoca de vontade de aparecer e lançar ao rosto de Norimar, tudo aquilo que acaba de ouvir. Será a derrota total e irrevogável dele, do seu sultanato, do seu casamento com Fathima e de Dario!...

Norimar compreende-lhe os escrúpulos e a indignação, mas, sente uma grande tristeza ao ouvir-lhe conceitos tão extremados, e acusações tão injustas, mas não esquece que a sua reação é honesta, afinal, trata-se daquilo que para ele, é fundamental.

Dario representa, sem ilusões, milhares de outros que pensam da mesma forma e com a mesma paixão.

Pensa em Damasco e naqueles que ignorando os seus habituais conflitos íntimos, e as suas experiências e aprendizado com os eremitas, atacam-no, inclementes, ante qualquer pensamento que não se coadune com os seus. Estes, caso possam, lhe cobrarão cruelmente uma suposta sedição.

Algo abatido e cansado, Norimar enxuga o suor que lhe escorre da testa nobre e tenta retomar o fio das suas dissertações, dirigindo-se a Dario:

– Acalme-se e raciocine comigo, por favor!

Voltando-se para Norimar, Dario expõe a sua grande contrariedade:

– Raciocinar com você? Espera demais de mim, caro príncipe! Por mais sofismas que possa usar, jamais me convencerá destas loucuras!...

Norimar respira fundo, fita o amigo com paciência e indaga:

– Por que, Dario, diferente de você e da maioria, minha alma abriu-se a tais conhecimentos? Por que se alegrou, tal qual a erva rasteira sob a chuva benfazeja? Eu lhe digo! Porque esta sabedoria encontrou em minha mente, curiosa e aberta, os desejáveis pontos de referência.

Em silêncio, Dario exibe uma revolta surda. Fosse outra pessoa e não o seu futuro genro, personalidade real e que lhe exige, antes de

tudo, submissão política e religiosa, e já o teria escorraçado, sem piedade.

Norimar pôde ler a alma do futuro sogro, como num livro aberto. Levanta-se, magoado, e exclama, enfático e cobrador:

– Dario, Dario!... Você é meu amigo, mas não consegue controlar-se e ouvir-me? A nenhum outro eu abriria, assim, o meu coração, expondo-me desta forma! Não há, Dario, coisa alguma que possa me dizer, que já não tenha passado, também, pela minha cabeça!...

Na sua defesa radical da lei, do profeta e das nossas questões religiosas, você se torna insensível à nossa afeição e confiança, mútuas? Sequer consegue perceber que não estou renegando aquilo que defende e que também faz parte da minha realidade, mas acrescentando e ampliando os meus conhecimentos para evoluir, mais intelectual e espiritualmente?

Que culpa tenho eu, Dario, se a maioria das pessoas, e entre elas você, se acomoda com o que já recebeu pronto e sacramentado, sem indagar se isso ou aquilo satisfaz os seu coração e sua mente? Trago inquietações sagradas dentro d'alma, e não abro mão delas, porque me farão melhor e mais sábio ao longo dos anos que Allah me concedeu para peregrinar neste mundo contraditório, tão belo e desejável quanto ameaçador e violento! A mim também incomodam, muito, as suas reações, extremamente radicais! Como pode? Entrega-me a filha querida para toda a vida, e não consegue ouvir-me, quando lhe abro o meu coração, como faria ao meu pai, caso ele ainda estivesse vivo?!... Ora, Dario, com efeito!

Norimar está deveras magoado e ferido nos seus brios.

Volta a sentar-se, acomoda-se no assento e suspira. Olha ao redor e decide ir embora. Lamenta o quase desentendimento e, principalmente, ter sido tão confiante.

Dario comove-se, ante o desabafo sincero de Norimar. Procura as forças e a calma de que precisa, na intenção de prosseguir ouvindo-o. Mas, como não temer a grande ameaça à felicidade da filha querida e as respostas sombrias que parecem ligadas ao *Maktub* das suas vidas? Como entender aquilo que chega assombrando e que pode solapar tudo, desde os seus fundamentos? As suas expectativas de ver a filha feliz, ao lado dele parecem esvair-se, a

cada nova confidência...

De súbito, ouve:

– Vou embora, Dario. Não quero atormentá-lo mais, nem lhe trazer embaraços. Perdoe-me, se puder! Por esta experiência malograda, já sei o que esperar de qualquer outro.

– Pretende divulgar estas ideias tão mirabolantes quanto condenáveis? Se fizer isso, pode desistir de ser feliz! Você porá tudo a perder, porque diante disso, tudo ruirá por terra!

– Sei o que me espera, caso eu me disponha a assumir, plenamente, as minhas ideias, mas descanse, não tenho esta intenção. Desejo ser feliz, amo demais à Fathima!

Dario ganha alma nova. Respira fundo e solta o ar, refazendo-se do pavor que sentira. Relaxa e arremata:

– Enfim, falamos a mesma língua ou... quase!... Assim sendo, meu filho, prossiga e diga o que quiser! Alivie o seu coração! Agradeço-lhe a extrema confiança, a qual prezo tanto quanto o brilho do sol! Perdoe-me, peço-lhe, os arroubos de homem que prima pela preservação da religião e dos costumes e, além disso, defende a felicidade da filha amada!

– Que nos perdoemos, mutuamente, em nome do poder incomensurável de Allah e da Sua inegável clemência!

– *Allah Akbar!* – Dario exclama, reverente, na direção dos céus– Como sabe, sou fiel aos meus princípios, aqueles que norteiam a minha vida e a vida de Fathima. Por nada nem por ninguém, neste mundo, renegaremos a nossa sagrada fé, assim como ela é e será sempre sob a vontade e o poder de Allah!

Norimar sente-se mal. Dario está criando, sem saber, o risco de um abismo insuperável entre eles. Os seus sonhos de felicidade parecem esvair-se como as brumas da manhã sob a luz do sol...

Rejeitando, porém, tais pensamentos, controla-se e ergue, altivo, a bela cabeça, enquanto comenta:

– Gosto de ver como se mantém firme nas suas crenças e decisões.

Imediatamente, sussurra, quase em solilóquio:

– Acima daquilo que eu possa vir a ser ou fazer, nada nem ninguém vai me separar de Fathima!...

Dario ouviu e duvida. Não pode evitar os maus pressentimentos que alcançam o seu coração de pai.

Norimar também pressente que está vivenciando um momento único e decisivo na sua vida de relações. Conhece as armadilhas que o seu mundo cria para aqueles que se atrevem a desafiá-lo. Sente-se num labirinto mitológico, traiçoeiro, sem saída.

Diante da sua abstração, Dario aguarda.

Alguns minutos mais e Norimar retoma o fio da conversa:

– Aqueles bons homens são também terapeutas. Curaram-me, em poucos dias, de uma doença grave e contagiosa, que eu havia adquirido durante a referida viagem. Nada me pediram e nada me cobraram, recusando, inclusive, a recompensa que lhes ofereci, lembra?

Dario assente com a cabeça.

– Na véspera da minha partida, o líder deles cumpriu o que prometera e fez-me algumas revelações, a respeito do meu passado, do meu presente e do meu futuro.

– Fala da palingenesia, Norimar?

– Sim!

Dario se balança no assento, para um lado e para o outro, muito incomodado, mas continua a ouvir.

Norimar sorri levemente e prossegue:

– Eu, príncipe Norimar Al Jared, filho do digno e saudoso rei Nassif, representante de um povo, de uma raça e de uma religião, em passados milenares, noutros corpos e identidades, tenho a meu favor boas ações vivenciadas corajosamente, mas, em contrapartida, carrego também muitas dívidas para com esta Humanidade que me cobra, muito justamente, atitudes e respostas adequadas. Entre os méritos e os deméritos do meu passado, muito há ainda para reavaliar e refazer, diante da premissa de vir de muito longe, responsável por minhas ações, no espaço e no tempo.

Eles me conduziram numa regressão de memória, de maneira surpreendente!

Impaciente, Dario duvida de tudo que ouve, mas silencia.

– Surpreso e muito sensibilizado com tantas informações, a respeito de mim mesmo, chorei um pranto de séculos e desabafei,

tal qual uma criança, sem pejo algum.

– Quanto mais fala, meu caro, mais me convenço de que essa seita é mal intencionada e profundamente desonesta!

– Dario, por favor! Volta a duvidar do meu bom senso e da minha razão? Como pode ajuizar aquilo que não viu nem sentiu? Está sendo novamente radical, precipitado e insensível!

– Desculpe-me, mais uma vez! Todavia, custa-me acreditar! É deveras estranho e altamente comprometedor, tudo que me diz!

Levantando-se, de chofre, Norimar exclama, desanimado e muito aborrecido:

– Chega! Eu desisto, Dario! É impossível prosseguir conversando com você! Tenho-lhe afeição, admiração e respeito, inegáveis! Depois que perdi meu pai, nunca mais senti por outra pessoa um afeto semelhante! Brevemente, seremos parentes, todavia neste momento, no qual preciso tanto de indulgência e compreensão, você me falta! Por Allah!...

Dario sente o sangue fugir-lhe das veias. Está, de fato, prejudicando as relações de ambos. Não quer ser motivo de dissensões.

Levanta-se e clama aos céus, rogando auxílio:

– Oh, Allah, dai-me menos impetuosidade! Sustenta-me para ouvir e entender este querido filho!

Dirigindo-se a Norimar, ele pede, amável, indicando-lhe o assento:

– Perdoe-me os rompantes, peço-lhe! Fazem parte da confiança que nos caracteriza e também do meu temperamento, como sabe! Caso queira, continue, por favor!...

Norimar respira fundo e volta a sentar-se:

– Está bem! Durante o fenômeno, revivi diferentes existências, em sua maioria exercitadas no poder, por vezes temporal, por vezes religioso, ou enfeixando os dois.

Em meio a lutas, me vi às vezes sangrando em patente desespero, derrotado ou vencedor, de arma em punho, atacando sem piedade, em tronos poderosos ou atirado sobre catres miseráveis, arrogante e vestido com luxo, ou mal coberto de andrajos, sujo, e curtindo fome crucial. De variados tipos raciais, junto a pessoas que hoje convivem comigo, algumas eu aprecio, outras eu abomino!

Séfora, contente com tudo que ouve, conclui, odienta:

“Seguindo o fio dos seus delírios, príncipe arrogante, eu, por certo, sou sua velha inimiga. Aceitando tal hipótese, mais uma vez, nos defrontaremos! Garanto-lhe, você precisará defender-se com unhas e dentes, porque a minha vingança será implacável!...” – ela fecha os punhos e cerra os dentes, mas silenciando os próprios pensamentos, dispõe-se a continuar ouvindo.

Norimar segue narrando a Dario, sua inusitada experiência:

– Revi civilizações fantásticas, das quais tenho tomado conhecimento através da história. Curioso, meu querido amigo, na maior parte das minhas recordações, fosse onde fosse, estávamos os três: eu, você e Fathima. De tudo que eu vi, ou melhor dizendo, revi, emocionado até as fibras mais sensíveis de minha alma, restou a certeza de que tenho muito a redimir ainda. Compreendi então os meus pesadelos e os meus conflitos, ao longo desta vida ainda tão curta. Ao findar aquela prática de memória regressiva, instruíram-me, apontando os princípios, nos quais devo basear essa existência, com vistas ao futuro, aproveitando para isso as minhas naturais tendências.

Norimar cala-se, emocionalmente cansado.

Dario levanta-se e anda inquieto. Está tocado por tanta sinceridade e confiança, mas como aceitar narrativa tão esdrúxula?... Sente-se inseguro. Sai da luxuosa tenda e respira a haustos do lado de fora. Uma agradável brisa lhe bate no rosto, refrescando-o. Após alguns instantes, entra novamente, mais aliviado.

Enquanto ele se afastou, Norimar rememorou, sem a intenção de contar-lhe, algo que ouviu dos eremitas:

“Caro e magnânimo príncipe Norimar, responsável por tantas almas! Sua vida de monarca terá, daqui para a frente, bem curta duração. É chegado o tempo de mudanças que virão ao encontro aos seus maiores anseios espirituais. Prepare o seu coração e se fortaleça através de muitas orações, porque a Nêmesis da sua existência se aproxima, numa rapidez notável! Diante de seus sofrimentos, lembre-se destas palavras e que elas lhe sirvam de bálsamo e força. Tudo lhe será tirado, querido filho, tudo se modificará à sua volta! Uma tempestade furiosa o alcançará,

desviando o rumo da sua existência. Conte com a nossa proteção, pois nós o acompanhamos há muito. O nosso reencontro é o grande marco desta mudança. Seja forte, siga os impulsos do seu coração e a luminosidade da sua mente poderosa. Paz e luz para você, acima de qualquer circunstância!”

Quem lhe dissera tudo aquilo? O intérprete da voz caíra em transe, antes que estas palavras fortes e de som metálico saíssem dos seus lábios.

A emoção o fez chorar e o pranto lavou-lhe a alma e o coração, deixando-o mais tranquilo, apesar das premonições nada alvissareiras... Ah, se Dario soubesse! Por certo, não consentiria mais no casamento.

Retornando, Dario explica que precisou esticar as pernas.

Com o silêncio de Norimar, ele toma a palavra:

– Norimar, como pai de Fathima, estou deveras preocupado! Esperava de você a segurança desejável para a vida que ambos planejam.

– Nós seguiremos o curso das nossas vidas sem nenhuma alteração, Dario. Confiaremos nas Leis Maiores, que estão acima das nossas vontades. Apesar dos nossos quase desentendimentos, durante os meus desabafos, sinto-me agora mais leve e menos solitário. Agradeço-lhe a bonomia e a paciência! Tenho urgência em ser feliz com a minha amada Fathima, por isso, mudemos de assunto e passemos a complementar os últimos acertos para as bodas!

– Assim é que se fala! Esqueça os delírios daqueles que o receberam e trataram, para fazer o que fizeram: encher-lhe a cabeça jovem de ideias estapafúrdias! Se Allah quiser, tudo isto cairá no esquecimento. Rogo a Ele que nos proteja a todos! Que você e minha filha sejam muito felizes!

Desistindo de reagir contra as ideias formadas de Dario, Norimar concorda:

– Sim! Que Allah nos cubra com sua proteção inalterável! Amo Fathima com um amor grande e verdadeiro. Certamente serei o mais venturoso dos homens, apesar das dificuldades do meu caminho. Eu e Fathima seremos felizes para sempre, como nas

belas histórias que conhecemos, não é Dario?

– Será exatamente assim!

Certa de que o diálogo, naquilo que teve de mais importante, terminou, Séfora saiu de mansinho, a digeri-lo, ponto por ponto, guardando na sua memória todos os detalhes, principalmente aqueles que julga mais importantes, mais comprometedores.

Precisa encontrar-se com Selic e nesta intenção ela passa o resto do dia, ignorando os preparativos para o casamento ou a presença do príncipe.

Alguns quartos de hora depois, vemos Norimar ao lado da noiva, feliz e já esquecido dos seus temores e das suas inquietações existenciais.

Dario, recolhido ao seu gabinete de trabalho, no qual confere os lucros das vendas efetuadas e os gastos das viagens, pensa, taciturno, em Norimar. Teme por Fathima. Sua filha não suportará a perda do noivo.

Fazendo planos para o casamento, os noivos, tais quais dois pombinhos, arrulham. Dependurada no pescoço dele, Fathima indaga, intrigada e curiosa:

– O que há, meu querido? Você não me parece bem!

– Descanse essa bela cabecinha; estou apenas cansado. Enfim, nos casaremos e ficaremos juntos! Não precisarei, mais vê-la em dias marcados e horas estipuladas, sob o olhar vigilante de seu pai e até dos criados!

Ela faz um muxoxo e conceitua:

– Meu querido! Você sabe o quanto meu pai é zeloso!

– Eu sei minha adorada, eu sei... Enfim, aproxima-se o dia em que a arrebatarei de vez para mim! Iremos num tapete voador, sobre as nuvens, próximos às estrelas e bem junto ao coração de Allah que, por Sua vez, nos abençoará!

– Não pense que me engana com essa veia poética! Está de olhos fundos e rosto abatido.

– Reafirmo que é apenas cansaço. Breve estaremos, ambos, envergando a túnica nupcial. Mal posso esperar, meu amor!

– Você parece carregar um peso maior do que pode suportar, meu querido Norimar... Por que disfarça? Está escondendo algo que eu

deveria saber?

– Se eu escondesse algo de você, seria para a sua própria segurança.

– Então, eu estou certa! Não confia mais em mim?...

– Confiarei sempre em você, descanse!

Fitando-a em adoração, Norimar arrebata-a, fortemente, quase em desespero, e declara:

– Nós seremos felizes, Fathima! Allah há de permitir! Amo tanto você, que sem a sua presença bendita, eu seria apenas um espectro, caso eu sobrevivesse a tão grande perda!

Fathima estremece. Norimar, sem saber, harmoniza-se com os seus receios, quanto ao medo presente de que obstáculos inesperados frustrem os seus sonhos de felicidade. O que pesará de fato sobre as suas cabeças?...

Aconchegando-a, terno e apaixonado, ele roga:

– Haja o que houver, jamais duvide do meu amor!

Aflita, e resistindo ao pranto que se anuncia, Fathima responde, amorosa e submissa:

– Posso repetir este mesmo apelo, do fundo meu coração, com relação a você! E vou mais longe, saiba que eu jamais amarei de novo, caso perca você. Ser-lhe-ei fiel até o fim dos meus dias!

Num ímpeto, instintivo, Norimar retruca:

– Não, não faça isso! Caso eu lhe falte, seja feliz! Ainda que eu esteja no mundo dos mortos, serei infinitamente infeliz, se você sofrer por minha causa! Amo-a, de tal forma que só serei feliz se você também for!

Ao vê-la entre lágrimas, arrepende-se do diálogo tão desastrado:

– Ora, mas que estupidez a minha! Perdoe-me! Seremos felizes, minha querida! Seremos felizes! Seremos tão venturosos que riremos, juntos, destas loucas divagações! Nosso amor é maior que tudo, é maior que o próprio mundo! Bons augúrios para nós!

Ela ouve e acredita, precisa acreditar... Pensativa, repete:

– Bons augúrios para nós! – todavia, algo lhe segreda aos ouvidos da alma que não será assim... Por quê?!... Sofre, antecipadamente, por algo que ainda ignora, mas que a alcança, desestabilizando-a...

Estreitam mais o amplexo e permanecem, assim, por um tempo

difícil de precisar.

Finalmente, ela desvia a conversa para outros assuntos mais alegres. Dá-lhe notícias dos amigos e parentes que virão de longe para o casamento, e conta-lhe as adaptações que estão sendo feitas na casa, para bem recepcioná-los. Informa-o que um amigo da família, músico, compôs uma belíssima melodia para Safira dedilhar na cítara durante a cerimônia, e de olhar vaidoso e matreiro, lhe diz que o seu traje nupcial corresponderá às melhores expectativas.

Embevecido, ele sorri feliz, realizado. Seu coração pulsa de ansiedade para ser feliz ao lado da mulher que resume tudo aquilo que mais admira e deseja. Apaixonado, ele a enlaça e beija, muitas vezes, até tirar-lhe o fôlego. Em patente angústia, pressente que a perderá... Fita seus olhos e acaricia cada linha do seu rosto, de alma totalmente entregue.

Horas depois, com dificuldade, os dois se despedem, entre carícias arrebatadoras, no fogo da paixão que incendeia os seus corações jovens e ardentes.

Junto aos seus pares, Norimar viaja pelo deserto, rumo ao seu palácio. Depois do recente ataque dos salteadores e do perigo que passou, decidiu fazer-se acompanhar da sua comitiva.

Enquanto cavalga e amplia ainda as emoções vivenciadas nos braços de Fathima, conclui, apreensivo:

“Mais que nunca, sinto-me ameaçado!.. Além daqueles perigos que em minha vida fazem parte da rotina, posso surpreender-me, ainda, com algo inusitado, como acontece, tantas vezes, neste mundo... Lamentaria ter atravessado o caminho de Fathima e não fazê-la venturosa... Nessa ansiedade que me tortura, chego a ansiar que tal perigo se abata de vez sobre mim, a fim de esconjurá-lo, sob a proteção de Allah!”

Em meio às suas cogitações e à habitual vigilância, ele divisa ao longe uma nuvem de poeira que denuncia a aproximação de muitos homens. Prudente, imprime maior velocidade à sua montaria e incita os seus acompanhantes a fazer o mesmo. Obedecido, todos se distanciam, velozmente, na direção do palácio, que, à distância, já se faz visível.

Cansados e suados, eles chegam. Apeiam das suas montarias e cada qual segue rumo às suas atividades, no cumprimento dos próprios deveres.

Adentrando o palácio, Norimar ouve de seu intendente direto, Ahmed, que uma visita o aguarda. Surpreende-se, já resolvera todas as questões daquele dia. Indagando a identidade da inesperada visita, ouve:

– É o xeique de Bagdá, Barun El Farid!

– Com esta eu não contava! O que ele pretende?

– Ignoro-lhe as intenções, Norimar, mas sua presença incomoda! Ele se impõe, arbitrário, numa arrogância insuportável! Parece uma ave de mau agouro a movimentar-se desengonçada, olhos sinistros, farejando carniça...

– Você o descreve muito bem, Ahmed, pois ele é exatamente assim! Vou preparar-me e daqui há alguns quartos de hora o receberei. Certamente, ele me desafiará mais uma vez e essa entrevista será um desastre, perfeitamente dispensável para o meu atual estado de espírito. O dia de hoje já me exigiu demais, e a presença deste xeique será um deplorável arremate, eu sei...

Ahmed aconselha:

– Seja prudente, Norimar!

– Tentarei, mas com essa tétrica personalidade, as boas intenções caem por terra fragorosamente!

Norimar respira fundo e se conforma com a situação.

Dirigindo-se aos seus aposentos, banha-se e enverga vestes adequadas aos procedimentos palacianos normais.

Adentra, enfim, o salão de recepções.

Sua ‘visita’, visivelmente impaciente, caminha a esmo e exibe uma notável contrariedade...

– Salve, senhor xeique, Barun El Farid! Que Allah o proteja! – diz Norimar, fazendo o habitual salamaleque.

Ele retribui a saudação, carrancudo e sem muito empenho.

Após os cumprimentos, Norimar declara:

– Estou à sua disposição! Nossa última conversa foi desastrosa. Sua presença se deve a que, e por que não foi previamente marcada?

– Não avisá-lo foi uma estratégia!
– Gosta de surpresas?
– Depende da origem!
– Nisto estamos de acordo, mas não se explicou ainda.
– Poderia ter abortado essa entrevista! – comenta ele, irônico.
– Tem razão! Todavia, receber as pessoas é uma das minhas atribuições mais sagradas, sem o embargo de quem quer que seja.
– Sutilmente, o príncipe confessa que me recebe apenas por obrigação.
– Não somos simpáticos um ao outro! Isto é público e notório!
O xeique enrubesce de contrariedade e aperta os oblíquos olhos, quase os fechando, num patente esforço para controlar-se, enquanto pergunta:
– É sempre, assim, tão direto?
– Depende da ocasião ou da pessoa em questão.
– Bem, bem, assim como o príncipe, eu gosto de sinceridade e primo por ela! Por isso nos desentendemos quase sempre. Enfim, temos algo em comum, não acha? – ele indaga, mas não ouve a desejável resposta.
Impaciente, Norimar comenta:
– Bem, senhor xeique! Cá estamos, nós, perdendo um tempo precioso em tergiversações! Confesso-lhe que encontro-me algo cansado! Acabo de chegar, e tenho ainda muitas coisas a fazer antes que o sol se ponha definitivamente.
– Pois bem, serei breve! A mim também desagrada estar aqui.
Norimar ignora-lhe a assertiva e insiste:
– Estou à sua disposição! Afinal, o que deseja?
Ahmed, um pouco distante, ocupado com vários papéis, ouve tudo e conclui, temeroso: “Norimar não está sendo prudente... Sua personalidade forte e temerária incomoda demais, esta temível autoridade... Neste diapasão, as coisas vão muito mal!...”
Movimenta-se, ruidoso, de maneira a atrair a atenção de Norimar. De imediato, dirige-lhe um olhar significativo, rogando-lhe prudência e calma.
Entendido, Norimar volta-se para o xeique:
– Por favor, senhor xeique, diga-me o que deseja?

Um homem se aproxima de um grande portal em forma de arco, faz um sinal a Ahmed, e este sai para atendê-lo.

Acomodando-se no assento que lhe é oferecido, o xeique declara:

– A princípio, gostaria de registrar o meu descontentamento por não havermos concluído nosso debate em Damasco!

– Nada mais teríamos a debater, caso houvesse tempo, pois somos radicalmente opostos em nossos pensamentos e nossos ideais!

O xeique silencia. Olha em volta e parece brincar com a capacidade de tolerância de Norimar.

Apesar do sutil conselho de Ahmed, Norimar não consegue disfarçar, o incômodo que a presença do xeique lhe causa, e avisa:

– Meu tempo é precioso, senhor xeique!

– O meu também, não duvide!

– Então, prove, sendo mais objetivo!

– Muito bem! Passemos àquilo que nos interessa, aqui e agora: Como um dos chefes mais antigos da política religiosa que nos caracteriza, fiel defensor das suas tradições nas suas verdades mais sólidas e sagradas, preocupam-me, deveras, as ideias que exara e que são, digamos assim, *sui generis*!

– Apesar do preâmbulo e ignorando as razões que o movem, cito à guisa de esclarecimento que as nossas verdades andam por caminhos diferentes, o que torna difícil, senão impossível, usarmos as mesmas medidas, senhor xeique!

– Falo das verdades indiscutíveis, príncipe Norimar! Daquelas que foram reveladas a Maomé, por ele sacramentadas e exercitadas, e que devem ser seguidas, fielmente, no poder sagrado do Islã!

Ahmed passa, ligeiro, por um dos espaços visíveis e confirma, em gestos (que não são percebidos pelo xeique), o pedido de calma que já fizera antes.

Norimar agradece aos céus a bonomia de Ahmed, seu intendente maior e irmão de coração, sempre presente, diligente e providencial.

“Que Allah o abençoe, Ahmed!” – pensa, enquanto responde:

– Vivo submetido, fiel e diuturnamente, a essas mesmas leis, senhor xeique! Portanto, não compreendo o porquê de uma conversa como essa, tão sem propósito!

– Nem tão sem propósito, assim! A sua declaração não se harmoniza com aquilo que algumas vezes defende de forma tão veemente!

– Desconhece o poder das ideias em tese, senhor xeique? Sou um homem que pensa e analisa os diversos comportamentos, religiosos ou não. Nos meus anseios de justiça e de perfeição, busco as melhores alternativas e debato-as, incansavelmente, na intenção de abrir os olhos daqueles que não conseguem ver além do seu próprio nariz! A minha exaltação reflete o meu entusiasmo, quanto às verdades de Allah, e dentre estas as da nossa religião, a qual sigo reverente e submisso!

Nas minhas teses, defendo, entusiasta, a ideia de que uma grande obra (e aqui me refiro, especificamente, ao islamismo) deve ser trabalhada exaustivamente até a perfeição! Sem esquecer, porém, que essa ansiada perfeição será sempre relativa!

As diversas épocas se sucedem, ininterruptas, sem nos indagar aquilo que pensamos, mas sim o que estamos fazendo no exercício das oportunidades a nós concedidas, que passam, inexoráveis, para nunca mais retornar. O tempo nos exige cada vez mais dedicação e responsabilidade no sublime exercício da nossa realidade espiritual.

Como pode ver, busco a luz, a verdadeira fé e a verdadeira caridade!

Avermelhado pela ira, o xeique replica:

– Na exaltada defesa daquilo que chama progresso, nos rotula de ultrapassados! Ao se referir ao islamismo, como uma das verdades de Allah, exibe o seu modo de pensar, e vai mais longe, declarando, em alto e bom som, que busca a verdadeira fé e a verdadeira caridade, quando nós sabemos, por fé e obrigação, que o islamismo é o único caminho para todas essas coisas! Qualquer outra pretensa religião traz em si o cunho da sua irrelevância! Está menosprezando a missão sagrada e inquestionável do nosso profeta, Maomé?!... O que pensa e sente, honestamente, a respeito das nossas leis, tradições, hábitos e costumes?

Norimar estremece. Subestimou a argúcia desta harpia que tem diante de si.

Notando-lhe a hesitação, o xeique conclui que o atingiu em cheio.

Muito satisfeito dá continuidade à querela, sem dar a Norimar sequer tempo para reagir:

– Quando compara nossas inteligências à sua, nos ofende e se compromete, perigosamente, porque temos as medidas exatas de tudo que está tentando modificar à solapa! Essa não é absolutamente atribuição sua! São de uma extremada e temerária ousadia as suas frequentes e repetitivas teses!

Refazendo-se, Norimar julga por bem equilibrar o seu discurso e amenizar a situação que, sem dúvida, pode lhe acarretar problemas insuperáveis:

– Não são essas as minhas intenções, garanto-lhe! A minha exaltação, por vezes, decorre da necessidade de defender-me frente àqueles que por suas atribuições se arvoram em representantes diretos de Maomé e quiçá de Allah!

– Ora, e o que esperava? Há que defender o profeta e as nossas tradições! As suas teses nos agridem e são altamente comprometedoras! Sua oratória, além de perigosa, é também muito desrespeitosa! Há uma hierarquia, príncipe, que jamais deve ser esquecida! Acima do ‘seu poder’ e das suas atribuições, reais, estão muitos outros que carregam o selo da autoridade, inegável, para conduzir e zelar por tudo e por todos, da primeira à última instância!

– Repito que jamais tive a intenção de desrespeitar a quem quer que seja, mas tenho sido desrespeitado, inúmeras vezes, por aqueles que deveriam dar exemplo de sabedoria e de respeito!

– Nossa autoridade, no zelo pelo Islã, está acima de tudo!

– Acima de Allah?

– Jamais acima de Allah!

– Todavia, não é o que vejo no comportamento de muitos dos seus ditos seguidores ‘mais fiéis’!

– As suas medidas jamais nos servirão! Perde o seu tempo, enquanto se arrisca, inutilmente! Sendo um dos nossos líderes, príncipe de um povo, com plenos poderes sobre uma preciosa comunidade, o senhor desafia, diurnamente, nossos mais sagrados princípios! Há de convir que nos tira o sossego, príncipe Norimar!...

– Ora, todos vós pareceis tão seguros! Eu sou apenas uma gota d’água nesse imenso oceano de ideias e de ideais, como o senhor

xeique mesmo fez questão de frisar.

Quando me dirijo às autoridades, em Damasco, parece-me falar num deserto, para o nada, para o vento, porque não conseguem, ou não querem entender as minhas ideias, hauridas na convivência paterna, na rotina da vida palaciana e na observação da própria vida! Ter algum poder nas mãos é um aprendizado constante, para aqueles que têm o coração e a mente abertos! O povo na sua simplicidade e sabedoria, espontâneas, e nas suas mais prementes necessidades de sobrevivência e dignidade, é um mestre para os seus governantes, quando estes o amam de fato.

– Pois nos parece, e acredito não estar enganado, que o caro príncipe fez o seu aprendizado, duvidoso, diga-se de passagem, em códigos diferentes daqueles que conhecemos e seguimos! E por fim, deixemos o passado de lado! O rei Nassif já cumpriu no seu tempo as suas obrigações! Hoje, junto a Allah, mais fiel que antes, por certo deplora e renega as suas ideias extravagantes e a sua patente petulância, frente às autoridades, diante das quais deveria curvar-se, submetido e fiel, em vez de questioná-las, como vem fazendo!

Pronto!... Os restos de prudência que o temerário Norimar tentava exercitar foram-se... O xeique usou contra ele uma arma contundente e poderosa.

Levantando-se de chofre, irado, impulsivo e apaixonado, retruca:

– Espera demais de mim, senhor xeique! Para isso eu deveria ser cego, surdo, mudo e incapaz! E não fale de meu pai, como se o conhecesse mais do que eu, seu filho saudoso e reverente! Sua memória é sagrada demais para mim e sua boca não é digna de pronunciar sequer o seu nome!...

O xeique ergue-se, vagaroso, tal qual um felino, e leva a mão à cimitarra que carrega no cinto, exibindo um olhar feroz. Numa notável palidez, dentes cerrados e olhos fulminantes, avisa:

– Não me dê ordens, príncipe! Sua autoridade, mesmo aqui, não se sobrepõe à minha! Esquece com quem está falando? Pode ser justa a sua indignação, quando sabemos o grande amor que lhe devotava e como o pranteou, quando ele se foi, junto à sua mãe, e de forma tão trágica! Todavia, me respeite! Aqui estamos para

conversar e não para nos defrontarmos como criminosos no deserto!

Norimar, pés afastados, numa postura de defesa, aguarda que o xeique, na sua audácia, o ataque, para cair sobre ele.

Cada vez mais exaltado, responde:

– Isto dependerá dos termos da conversa! Aqui estou para ouvi-lo e não para ser ofendido nos meus próprios domínios!

– Domínios que podem ter curta duração, depois de tudo que eu já ouvi, príncipe Norimar!

Norimar recorda, de pronto, as premonições do terapeuta das cavernas e interiorizando-se, conclui:

"*Maktub!...* Algo terrível e determinante se aproxima!..."

O hiato que se fez deu chance ao xeique para reaver a calma. Em tempo ele avaliou a tolice que faria atacando um jovem forte como Norimar e dentro do seu próprio palácio. Seria feito em tiras em poucos instantes, fosse por Norimar, fosse por seus soldados destemidos e bem treinados.

Controlando-se com notável dificuldade, sugere, aparentemente conciliador:

– Acalmemo-nos, caro príncipe! Meu objetivo é certificar-me se poderá ou não continuar no exercício das suas funções. Aqui e agora, eu represento as autoridades respeitáveis do Islã, amplamente reconhecidas por suas vidas exemplares e no pesado encargo de fazerem cumprir as nossas sagradas leis! Percebo, contudo, que o caro príncipe, apesar da sua notável inteligência, é apenas um idealista solitário e ainda muito imaturo!

– Se tivesse, de fato, isenção de ânimo, que lhe permitisse a equidade e pudesse surpreender-me no exercício das minhas funções de soberano, me julgaria de outro modo, garanto-lhe!

Defendendo-se da arrogância do xeique, Norimar arrepia-se ao imaginar o que poderia acontecer, caso ele fosse informado, de algum modo, sobre o seu recente 'desabafo' a Dario (!)...

Barun El Farid sabe, exatamente, aquilo que faz, desafiando a coragem, amplamente conhecida do príncipe. Quer que ele se exponha... Se condene...

Em silêncio, Norimar aguarda.

Arrogante, Barun indaga:

– Príncipe Norimar, qual a sua intenção, real, quando nos desafia de maneira tão ostensiva?

– Debater métodos mais condizentes com as necessidades do povo, para vê-lo mais feliz!

– No bem-estar do nosso povo, pensamos nós e para isso preservamos as leis. Aqueles que estão no mesmo patamar de comando, aqui ou ali, são acordes com esse inquestionável sistema de controle e, neste particular, a sua atuação foge à regra! Estamos colhendo dados que o comprometem, seriamente! O príncipe não ignora que aqueles que se atrevem a nos desafiar, a princípio, perdem os seus bens e a liberdade, e em seguida as suas tolas cabeças!

– Isto é uma ameaça, senhor xeique? – Norimar indaga, indignado.

– Pense como quiser! Todavia, fique sabendo que o senhor está na nossa mira! Neste jogo, o príncipe não passa de uma peça menos relevante! Um reles inseto a zumbir nos nossos ouvidos, e que esmagaremos sob a sola dos nossos sapatos!

Norimar fica sem palavras diante da agressão verbal do seu opositor e da sua ameaça. Antes de prosseguir debatendo um assunto tão grave quanto perigoso, busca acalmar-se.

O xeique, todavia, se levanta e faz, em silêncio, a habitual e protocolar saudação, sem esperar a mesma atitude do seu anfitrião, enquanto se dirige para a saída, pisando forte.

Antes de sair, porém, retorna sobre os próprios passos e surpreende o príncipe na expectativa de vê-lo, enfim, desaparecer.

Sorrindo, intencionalmente, comenta:

– Os proclames do seu casamento alcançam todos os reinos, até os mais distantes!

(Por que a frase soou aos ouvidos de Norimar, como uma terrível maldição?...)

– A notável formosura da noiva – ele continua–, assim como a sua brilhante inteligência, são apregoadas aos quatro ventos! Diz-se que ela é doce como uma tâmara madura! Pense nela, meu caro! Preserve-se para ser feliz nos seus braços! Caso contrário...

Barun El Farid faz um gesto peculiar com os dedos da mão direita

unidos e encostados nos lábios, a princípio, para abri-los, depois, num gesto amplo, encenando algo que voa e se distancia.

Olhando para o alto, teatral, numa expressão de desalento, ele encena:

– Ah, que pena! Adeus felicidade! Adeus jovem e corajoso príncipe Norimar!... E a noiva?!... Pobrezinha, tão infeliz, ficou sozinha! Quantos irão consolá-la? Difícil ajuizar!... Afinal, é bela como poucas, e os homens sabem valorizar mulheres assim!...

As suas palavras soaram sinistras no ambiente, fazendo um estranho eco...

Enfim, encerrando a sua 'performance artística', ele se dirige para a saída, casquinando uma desagradável, sinistra e cavernosa risada.

Norimar sente-se muito mal. Sua cabeça gira. Parece-lhe estar enfrentando forças mais avassaladoras que o Simum do deserto, e sem defesas!...

No seu riso escarninho, Barun El Farid finalmente desaparece porta afora...

– Vá crocitar ao redor do demônio, seu corvo velho e maldito! – Norimar explode, sozinho e furioso, com a referência feita ao seu próximo casamento com Fathima.

"Então, ela também é vigiada!... Quanto a isso, nada tenho a temer. Fathima é seguidora, fiel, assim como seu pai, do Islã, e não se furta aos seus compromissos religiosos..."

Nessa conclusão, Norimar já está sentado. Desabara no assento, arrasado, buscando dentro de si mesmo algum equilíbrio.

Termina o dia extremamente abatido. Pressente que apesar das suas boas intenções, o destino irá traí-lo... Mais que nunca, algo parece ameaçar-lhe a vida, o reino, e os seus planos de felicidade...

Numa coisa, o abominável xeique tem razão... Deve se proteger, ser mais cuidadoso consigo mesmo e com tudo que o rodeia e depende da sua regência se deseja ser feliz...

Recorda as premonições dos eremitas. Estes pareciam conhecer-lhe o passado e o futuro, sem entraves... O que virá?!...

Tradição e rituais

Despedindo-se da sua vida de solteira, através dos ritos do seu povo, Fathima se prepara para o seu casamento.

Amada e em vias de realizar os seus sonhos de mulher, lamenta aquelas que, por circunstâncias desfavoráveis, não conseguem realizar essas sagradas aspirações.

Apesar da intensidade dos preparativos e das doces expectativas, por vezes se abate e sofre por algo indefinível...

Nesta instabilidade, deixa seu pai muito aflito.

Sente-se inquieta e dividida, entre a esperança de felicidade e a constatação, insofismável, de que a vida é cheia de mistérios e de surpresas. Acrescenta esta certeza aos perigos que habitualmente pesam sobre a cabeça de Norimar, frente às suas régias atribuições.

Ante o desespero, incompreensível, que se instala na alma da filha querida, Dario tira suas próprias conclusões:

“Ela pressente, assim como eu, desgraças iminentes... Pobre filha!...”

Depois das confissões de Norimar, duvida da realização das bodas.

Em meio a tantos atropelos, ele ainda suporta as diatribes de sua mulher, que não perde ocasião para atormentá-lo. Debochada por natureza, ela o desrespeita de tal forma que, algumas vezes, descontrolado, agride-a.

Má, arredia e dissimulada, Séfora é a carga mais pesada que ele carrega.

Hoje repensa, tardiamente, o próprio casamento:

“E fui buscá-la tão longe! Como fui tolo, Allah! Reconheço a paixão doentia que me faz dependente. Através dos sentidos, ela me domina. Por vezes, sinto ímpetos de matá-la! Mas, não, ela não fará de mim um assassino! Jamais darei este desgosto à minha querida

filha, nem conspurcarei minh'alma. Sob o olhar da Tua justiça, Allah, tenho cá os meus pecados, como qualquer outro, mas nenhum que me tire a condição de alcançar os Teus ouvidos!..."

Assim, vive Dario. Atualmente diminuiu as viagens comerciais para colaborar naquilo que pode com os preparativos para a grande festa das bodas. Pudesse contar com os préstimos da mulher... Todavia, deste ser ingrato e insensível, é inútil esperar ajuda.

Depois da saída de Fathima, sua vida será insuportável. Duvida seguir vivendo, muito tempo mais casado com Séfora.

Os esponsais se aproximam, velozmente, para gáudio de muitos corações.

Norimar empreende grandes mudanças no seu palácio para recepcionar a sua rainha. Não economiza tempo nem recursos amoedados para tanto. O melhor e o mais grandioso, ainda serão pouco para oferecer à sua amada.

Quando vai vê-la, o que tem feito, amiudadamente, sente-se o homem mais venturoso do mundo, quiçá do Universo. A presença e os carinhos de Fathima banham sua alma de uma felicidade sem mescla.

Assim, passaram-se algumas semanas, nas quais Séfora saiu muitas vezes com sua criada, Sara, de total confiança do patrão, em busca de Selic.

Os dois planejam a perda de Norimar, usando, para isso, as informações, sigilosas que Séfora, traiçoeira, ouviu e registrou no dia da entrevista.

Assumindo, ela mesma, a parte mais importante do plano, a pretexto de fazer compras para o casamento, foi a Damasco e requisitou uma audiência com ninguém mais ninguém menos que o eminente xeique de Bagdá, Barun El Farid. Bem informada por Selic, ela sabe que este, reiteradas vezes, encontra-se ali.

De lá regressou muito satisfeita, declarando a quantos pudessem ouvi-la ter adquirido o presente mais 'original e surpreendente' que se possa imaginar para os noivos.

Mesmo duvidando, Dario não tem tempo para certificar-se daquilo que ela diz. Pretende enfrentar e resolver, de vez, a sua situação conjugal, depois das bodas da filha. Precisa se posicionar, corajoso.

Não suporta mais viver assim.

Tomadas as primeiras providências para a concretização de sua injustificável vingança, Séfora achou melhor evitar, por algum tempo, encontrar-se com Selic. Este, informado, mostrou-se muito contrariado e fez um muxoxo ‘tão lindo’ que encheu de vaidade essa tola mulher.

O grande dia se aproxima e, em meio a uma grande azáfama e prenúncios de felicidade, Norimar recebe, de novo(!), e inesperadamente, a visita do abominável xeique de Bagdá, Barun El Farid.

Seguindo à risca o protocolo, recebe-o, suportando-lhe a habitual arrogância.

Após os devidos salamaleques, o xeique se pronuncia:

– Salve, príncipe Norimar! Que os céus o premiem com todas as suas graças!

Adivinhando que a entrevista lhe trará problemas difíceis de contornar, mas, muito inquieto e precipitado, Norimar responde:

– Desejando-lhe o mesmo, afianço-lhe que já fui, abundantemente, agraciado! Estou tão feliz, que nenhuma atitude sua modificará o meu humor! – no pensamento, a desagradável recordação das sombrias ‘premonições’, quanto ao seu próximo futuro, desta autoridade venal.

– Ora, ora, sempre prevenido contra mim!

– Senhor xeique, poupe-me das desagradáveis repetições de comportamentos, mútuos! Tenho todo o meu tempo tomado! Por obséquio, diga-me a que veio. Estou às suas ordens!

– Sua última assertiva reflete uma verdade absoluta!

– Não entendi! Fala por enigmas?

– Não!

– Então, seja mais claro e mais objetivo, peço-lhe!

– Serei, serei, e com muito prazer! Aqui e agora, frente ao ‘valoroso’ príncipe Norimar Al Jared, e diante do seu reinado, eu represento, ‘oficialmente’, a autoridade máxima do Islã!

Cada palavra do xeique soou como um trovão aos ouvidos de Norimar. Ele sabe muito bem o que isso representa. A serpente venenosa e traiçoeira arma o bote certeiro e fatal... Teme aquilo que

virá e o seu coração constringe-se numa dor quase física... Seu temido *Maktub* parece aproximar-se... Pensa em Fathima...

Nas suas feições alteradas, o impacto que a revelação lhe causou. Controlando-se, estoicamente, dá continuidade aos normais procedimentos da temível entrevista.

Muito curioso, quer saber:

– Quais os motivos reais para isso? Tenho cumprido à risca os meus deveres, no exercício das minhas atribuições!

Alcançando-lhe as sábias e rápidas conclusões, e vibrando de entusiasmo, o xeique lhe responde:

– Chegamos ao ponto! Agora nos entenderemos de uma forma ou de outra, príncipe Norimar! Estou aqui para provar que esta declaração é tão falsa, quanto, irresponsável!

Mortalmente pálido, Norimar levanta-se num salto, na justa defesa da sua dignidade e da sua honra:

– Sua atitude é grave e desrespeitosa! Exijo explicações e as suas consequentes desculpas!

Sorrindo, irônico, o xeique responde:

– Algumas explicações serão possíveis e até cabíveis, mas, desculpas, jamais! Recebemos graves denúncias a seu respeito e sobre a sua cabeça pesa um abominável delito!

– O senhor xeique pode me explicar melhor, em nome de Allah?

– Posso, principalmente, em nome dele! E farei de tal modo que, se já não gosta de mim, passará a odiar-me!

Apesar da ansiedade e dos próprios receios, Norimar não se contém:

– Como sempre, o senhor xeique é muito lento, fazendo rodeios inúteis e cansativos! Apesar dos mistérios e das artimanhas, tão aprazíveis à sua pessoa, posso andar mais rápido, numa absurda, mas clara constatação! Estou sendo julgado e condenado, sem saber sequer o porquê e a origem de tal acusação, tão injusta quanto sem fundamento!

– Injusta e sem fundamento?!... Será? Pois bem, abra os seus ouvidos e o seu entendimento! Nós recebemos, em Damasco, mais especificamente, no próprio califado, uma delação digna de crédito contra o príncipe e as suas régias atribuições no seu sultanato!

Barun El Farid não se contém; casquina uma risada, enquanto comenta quase para si mesmo:

– Ah, se o príncipe soubesse de onde lhe vem tal acusação...

Debochado, ele goza abertamente a perplexidade que surpreende nas feições de Norimar. Neste jogo, calculista e cruel, são suas as chances de vitória.

Consciente da extrema gravidade do momento e muito indignado, Norimar desabafa:

– Por Allah! O senhor espera com este nebuloso preâmbulo, que eu decifre os seus enigmas? O senhor xeique, por certo, me atormenta sem razão, mas aviso-o que se arrependerá!

– Acalme-se, se puder, e não me ameace que o senhor não está em condições para isto! Pesa sobre a sua cabeça a grave denúncia de pensar e agir traiçoeiramente contra nós, e consequentemente, contra os fundamentos do Islã!... Fomos informados de que o caro príncipe frequenta e professa o credo dos infiéis e, mais que isso, defende-lhes os princípios com eles harmonizados.

Cada vez mais desconfortável com a malfadada entrevista, Norimar se inclina frontalmente para o seu opositor e declara, enfático:

– Não sei onde quer chegar, senhor xeique! Sua perseguição já se faz enfadonha e, bem longe está de definir a minha individualidade com justiça, porque absolutamente não conhece a minha atuação como príncipe desse sultanato, no exercício fiel dos meus mais lídimos deveres, diante da minha religião e do meu povo!

– Mais uma vez se engana! Conhecemos, de longa data, as suas ideias estapafúrdias, e os seus ideais exóticos, exarados imprudentemente nas nossas reuniões e nas nossas assembleias. Agora, podemos provar a sua ousadia e a sua traição, que diga-se de passagem, tiveram pernas bem curtas!

Norimar conclui, desgraçadamente, que Barun está informado sobre os seus conflitos existenciais.

Dario, seu amigo fiel e quase seu parente, teria traído a sua confiança?... Não, ele jamais faria tal coisa!...

Norimar está em choque.

O xeique se levanta, caminha a esmo, e esfrega as mãos

ressequidas. Nos seus olhos de rapina, o brilho do orgulho e da crueldade.

De imediato, posiciona-se frente a Norimar, pernas semiabertas, balançando-se, numa confrontação patente e gozando, antecipadamente, aquilo que considera a derrota e, quiçá, a morte do seu ‘inimigo’. Num tom que exibe, claramente, a sua satisfação diante daquilo que considera uma grande vitória, Barun declara, categórico, agitando os braços acima da cabeça:

– O senhor não reage! Não discute o assunto! Sua expressão é de culpa e de horror! Sabe aquilo que o aguarda, pois não?

Superando o primeiro impacto e aparentando uma calma que está longe de possuir, Norimar exclama:

– O absurdo que ouvi é tal que me faltam palavras! Estou mesmo estupidificado! De onde partiu tal infâmia?!... Apesar da minha enorme vontade de humanizar certos procedimentos das nossas leis, jamais, faltei com a minha fidelidade a Allah, e ao seu maior profeta Maomé!

– Ora, o príncipe blefa! Esquece o que eu disse? O senhor foi denunciado! Agora temos provas que confirmam, enfim, aquilo que já suspeitávamos!

– Que provas podem ter daquilo que não existe? Obedeço e exercito, fielmente, às leis do Islã!

– Quem o denunciou sabe o que diz e conhece a sua vida ‘bem de perto!

– Diga-me o nome do patife, e poderemos esclarecer tudo, ainda hoje! Por mais que pense, Norimar não consegue atinar com a origem de tal acusação.

– Nada lhe direi a respeito da pessoa que o denunciou, que fará, de público, a acusação, apresentando para isso as devidas provas e as testemunhas!

(Com quais testemunhas Séfora poderia contar, meus caros leitores? Certamente, com testemunhas forjadas pelo próprio xeique, ou com aquelas que, fanatizadas e extremistas, debatem, acaloradamente, nas assembleias, com Norimar...)

Norimar já não duvida que alguém ouviu a sua conversa com Dario, apesar dos seus cuidados.

Corajoso, declara:

– Aguardarei esta ocasião com ansiedade! Desta forma, saberei de que e de quem devo me defender! Aquele que me acusa é um ser desprezível, que se esconde atrás da própria ambição, para alcançar notoriedade e vantagens às minhas custas! No momento certo, eu provarei a minha inocência e pisarei a cabeça desta serpente abjeta!

– Não conte com isso, pois não haverá alegação que possa lhe valer! – declara o xeique, convencido daquilo que diz.

Ele inveja e odeia o príncipe por suas naturais bonomia, sabedoria e coragem, coisas que ele jamais conheceu na vida. O seu poder é fruto de corrupção e de crueldade.

– Qual a sua responsabilidade, neste caso em particular?

– A minha posição de liderança é indiscutível! Seja diante do senhor ou frente às maiores autoridades do nosso povo! Como declarei ao chegar, sou o porta-voz oficial do califado. Esqueceu? Estarei lá, no seu processo de julgamento, como uma das autoridades mais proeminentes e muito empenhado, naturalmente, em que se faça justiça! Finalmente, descobrirá, a duras penas, que ninguém pode desafiar o ‘meu’ poder!

(Nestes momentos, decisivos, para a vida de Norimar, o xeique se ufana e se arvora de ser aquilo que não é, nem jamais será (não nessa existência, estacionado e invigilante, nos seus antigos vícios de caráter). Norimar está em suspense... Agora, não há mais tempo a perder, com ‘filosofias de vida e questionamentos de poder’, de quem quer que seja... Subitamente, a sua realidade, plena de ideais elevados, está ameaçada pelas ondas, eriçadas de um mar muito negro e dissolvente... Acima da vontade de revidar cada palavra e defender-se de tais acusações, Norimar deve, urgentemente, prevenir-se. Qualquer outra atitude que possa tomar será inútil e temerária demais, até para ele mesmo.

– E quais os trâmites da lei, daqui em diante? Ou seja, de que forma serei inquirido? Devo organizar-me, muito bem porque dentro de alguns dias me casarei!

Suas últimas palavras ainda soam no ambiente, quando Norimar se arrepende de tê-las pronunciado. Seu feroz inimigo, tripudiará

mais uma vez, sobre aquilo que, para ele, Norimar, é mais sagrado que a própria vida. O que vem logo em seguida confirma-lhe os receios.

Fingindo ter-se esquecido, o xeique bate na testa:

– Ah, o seu casamento! É verdade!... Será brevemente, não é?... Ou não será?!... A essa altura dos acontecimentos, quem pode saber?

Ante a estupefação de Norimar, ele comenta, satisfeito:

– Entendeu agora os meus avisos? Deveria ter-me ouvido!

Furioso, Norimar esquece a prudência e responde, exaltado:

– Só ouço aqueles aos quais respeito e dou crédito!

– Mesmo diante do abismo, teima em desafiar-me! Ainda não entendeu que melhor seria submeter-se?

– Eu, senhor xeique Barun El Farid, só me submeto a Allah! Minha vida e minha consciência Lhe pertencem!

– Seja como preferir, mas duvido dessa premissa, porque Ele deve estar descontente com o senhor!

– Ele, que lê nos nossos corações, também vê os seus pensamentos de traição, de inveja e de ódio! Minha consciência vive tranquila! Quanto à sua...

– Pretende invadir o recesso dos corações com os seus julgamentos?

– Não são julgamentos! São constatações deploráveis e amplamente conhecidas!

Vermelho até a raiz dos cabelos, com a alusão aos seus patentes defeitos de caráter, o xeique retira de um dos seus bolsos e entrega, a Norimar, um documento assinado pelo califa, Mustafá Galib, de Damasco, convocando-o para um pré-julgamento, no seu califado, com a anuência e a presença, em massa, dos líderes da raça e da religião.

Norimar estremece e o seu coração dispara. As ameaças do xeique se materializam neste pedaço de papel. Geralmente estes documentos abrem caminho para a prisão e para a morte.

Cala-se, aterrado... Tem nas mãos uma arma voltada para si mesmo.

Despedindo-se e fazendo o cumprimento habitual, o xeique avisa

ainda:

– Não tente fugir! Será morte certa e execrável, indigna do orgulho e da vaidade que o caracterizam! Nos veremos lá! Estarei nas primeiras fileiras! Eu jamais perderia tal espetáculo!

Incapaz de responder-lhe, Norimar desaba no assento, completamente atordoado.

Em poucos minutos, os seus sonhos de felicidade caem por terra, como um castelo de areia... Conseguirá livrar-se da acusação? Se depender do xeique de Bagdá, certamente não! Como dizer isto à Fathima? Impossível! Todavia, a Dario deve fazê-lo! Ambos foram traídos por alguém da sua casa!... Oh, desgraça!...

Ahmed chega e interpela-o, surpreso com a sua aparência tão alterada.

Completamente desorientado e incapaz de responder-lhe, adequadamente, faz rápidos comentários e se vai, a passos lentos para os seus aposentos.

Ali permanece, incomunicável, a observar pela ampla janela o dourado pôr do sol, a chegada da noite e a explosão das suas amigas estrelas...

Não vê saída... Teme que por medida de precaução, os seus superiores o trancafiem, desde a primeira acareação.

Daí para tudo o mais que geralmente culmina em morte exemplar será uma fieira interminável de dias, semanas ou meses.

Noite adentro, ele se debate na inútil tentativa de dormir. Em poucas horas, tudo ruirá à sua volta... Será o caos...

Analisa racionalmente: Tudo aquilo que poderiam fazer para perdê-lo já foi feito; o chão à sua volta encontra-se minado. Os dados com os quais o xeique Barun El Farid joga são marcados. Sua astúcia e desonestidade são amplamente conhecidas e aceitas como ferramentas de ‘justiça’.

Qual será a reação de Dario quando souber?

Pretende procurá-lo pela manhã e informá-lo sobre a sinistra entrevista com o xeique e suas terríveis consequências.

Deve alertá-lo quanto à possibilidade de estar albergando um traidor em sua própria casa. Não há dúvida, alguém ouviu a entrevista sigilosa que tiveram, apesar de todos os cuidados de

ambos.

Aflige-se, imaginando as reações de pai e filha... Ambos reconhecerão, de pronto, o tênue fio que sustenta a espada de Dâmocles sobre suas cabeças...

O que fazer?!... Não há ideia salvadora nem esperança... Sua situação não poderia ser pior! Sua consciência, porém, lhe diz que sempre esteve no caminho certo, caminho este que agora será interrompido, tragicamente...

Sabe (e lamenta) que o seu povo, ainda que amplamente beneficiado por sua conduta de monarca magnânimo, se harmonizará fatalmente com aqueles que o condenam, submissos àquilo que consideram sagrado, e recorda, bem a propósito, um dos ensinamentos que recebeu dos eremitas:

“Nosso messias salvador disse que cegos conduzindo cegos cairão, todos, no abismo!...” Eis a vera ilustração desta dura realidade... – conclui, muito pesaroso.

Entre lençóis macios e o habitual conforto, Norimar revira-se como se estivesse sobre um leito de brasas. Seus súditos poderão estar, razoavelmente, mais felizes que o seu sultão.

Nesses abissais conflitos, a incerteza de futuro, naquilo que mais almeja, a realização, bem-aventurada, do seu sonho de amor.

“Que fatalidade! Tivéssemos nos casado antes e teríamos fruído a ventura da entrega total!... Há tanto esperamos por isso. Despertaríamos, a cada manhã, venturosos, partilhando os nossos destinos e amalgamando, numa única existência, as nossas vidas! Os pássaros cantariam, como nunca, apregoando o afeto sem limites das nossas almas! Falando a mesma língua, reiteradas vezes, dispensaríamos a palavra, no entendimento sutil, de alma para alma... Oh, Allah! Nunca serei feliz e jamais terei filhos, pois serei sacrificado sem piedade. Quase sinto a insensibilidade do carrasco que, determinado, cumpre o ‘seu dever’!...

Oh, meu Senhor, aqueles se dizem vossos representantes querem a minha morte! As minhas aspirações maiores caem definitivamente por terra! Como um homem pode suportar isso? Sinto azorragues no coração a rasgar-me as fibras mais íntimas!...”

No limite das suas forças, Norimar chora e num grande desencanto

reflete, ainda:

“Brevemente eu serei nada, nada!... De mim e daquilo que fui restará apenas uma lama viscosa, restos de matéria putrefata... Em pouco tempo, cairei, como tudo mais, no esquecimento, enquanto a vida prossegue, sem a minha presença e atuação... Oh, Allah, sustentai-me nestes momentos de dor, de insegurança e de temor!..”

As horas passam, inexoráveis.

Num estado difícil de ser definido e na dor que o alcança, o tempo o envolve e desgasta... Sente-se sozinho, abandonado, sem perspectivas... Arrancá-lo-ão de uma vida prenhe de esperanças e de sonhos, e o atirarão a uma sorte trágica.

Sua juventude, plena de energias vitais, grita, reagindo contra os terríveis prognósticos. Impossível ignorar que esse futuro, iminente, se faz acompanhar de dor e de morte...

Sequer pode convocar o seu ministério. Este está vinculado e oficialmente submetido ao mesmo califado.

Mais uma vez, analisa os fundamentos da sua raça e da sua religião:

“Quando as sagradas leis do Islã, frente a tantas dissidências, se tornaram tão diversificadas?!... Por que algumas facções exercem um poder tão duro sobre os seus seguidores?

Dizemos que Allah é clemente, todavia, as nossas leis não conhecem a piedade, a indulgência, a compreensão, ou o perdão!”

Norimar respira fundo, tenta tranquilizar-se e olha à sua volta.

Tudo lhe fala à alma; não pela materialidade do conjunto, mas pelo que representa, desde a sua infância e juventude. Terá de deixar tudo, brusca e tragicamente. Horas difíceis estas, decisivas, sombrias... Em arrepios, imagina-se na própria execução:

“Sob o impacto de um único golpe do carrasco, minha cabeça rolará, decepada... Meu sangue se derramará, em holocausto, sem objetivo e sem glória... Meu corpo, incompleto, convulsionado, caído ao chão, se debaterá, agonizante... Que pensamentos terei nestes momentos finais?!... Oxalá, eu consiga pensar em Allah e em Fathima, porque dentro de minh’alma, eles fecharão a cortina da minha existência, balsamizando-me as dores físicas e morais,

mantendo-me na fé e na esperança de alcançar o paraíso!...”

– Serei o próximo motivo de atraso, nos procedimentos normais da Assembleia em Damasco?– Norimar indaga, no vazio do quarto, em alto e bom som.

Em meio a tantos conflitos, evoca, ainda e sempre, o Poder Maior:

“Oh, Allah, na vossa perfeição, sabeis que nunca agi contra as vossas leis! Exercito diuturnamente o amor aos meus semelhantes, e tenho propostas de vida mais amenas, que diferem, visceralmente, daquelas que nos são impostas! Vós que podeis ler no meu coração como num livro aberto, derramai sobre mim a vossa justiça e a vossa misericórdia! Acima de tudo, submeto-me ao vosso amor e à vossa vontade!...

Fathima sofrerá demais... Meu pobre amor sequer imagina aquilo que sofro nestes momentos cruciais... Razão da minha existência, motivo da minha felicidade sem mescla, nas suas naturais sensibilidade feminina, bondade e justiça, ela seria a minha rainha! Governaríamos de mãos dadas, unidos pelo pensamento e pelo coração, este povo que aprendi a amar desde que nasci... Todavia, não será assim...

Posso morrer execrado, humilhado e vilipendiado, por homens cruéis que não se importam com os nossos sentimentos mais profundos, que se corrompem diante das leis que prescrevem e das quais se furtam, ardilosos, que exigem dos outros aquilo que não podem dar, e ensinam aquilo que ainda não aprenderam!... Como, Senhor, seguir aqueles que não despertam nem confiança nem respeito?...

A estes jamais darias o poder espiritual! Eles mesmos o tomaram e afirmam, categóricos, que fazem a vossa vontade! Traição vil! Tiranos, como estes estão em toda a parte! Eu aprendi, meu Senhor, que sois perfeito! Assim, as vossas leis são perfeitas, como perfeito é o vosso amor!”

Norimar levanta-se agitado e abre mais as janelas.

O ar, balsâmico, invade o quarto e os seus pulmões jovens e saudáveis. Seu coração bate, descompassado, pleno de vida, sedento de amor e de felicidade.

As tamareiras balançam ao vento, suaves, leves, elegantes e

altaneiras, encantando, generosas, na oferta dos seus frutos deliciosos. O céu, recamado de estrelas, deslumbra, inundando a alma de Norimar e sugerindo-lhe esperanças.

Depois de certo tempo, difícil de precisar na contemplação da Natureza e dos céus, ele retorna ao leito. Precisa dormir. Pela manhã falará ao futuro sogro. Quem sabe ouvirá dele palavras de conforto ou alguma ideia salvadora?

Elevando os pensamentos aos céus e à sua amada Fathima, ele finalmente adormece, física e moralmente exausto.

Minutos depois, 'levanta-se' e fita o próprio corpo estendido sobre a cama, sem espanto algum.

Em espírito, passeia pelo quarto, imerso nos mesmos pensamentos de antes, enquanto a matéria repousa.

Subitamente, pressente que não está só. Apura a visão e surpreende, à sua volta, seres que irradiam intensa luminosidade, simpáticos e muito familiares. Respeitoso, observa-os em silêncio.

Um deles se aproxima, ergue a destra e lhe fala com voz melodiosamente pausada:

– Saudações de paz, príncipe Norimar! Viemos trazer-lhe o auxílio requerido, neste momento decisivo da sua vida. Num compromisso fraterno e antigo, aqui estamos para instruí-lo e protegê-lo.

– Graças a Allah! Agradeço e saúdo-os a todos!

Norimar se inclina, na postura e nos gestos do habitual salamaleque, enquanto declara:

– Ouvirei e seguirei, fielmente, as vossas instruções!

– Assim deverá ser, pois disto dependerá a continuidade da sua existência!

Norimar sente um profundo alívio. Enfim, sua vida prenhe de esperanças não terá um fim trágico.

Respeitando-lhe a interiorização, o espírito aguarda. Em seguida, volta a lhe falar:

– Para o seu próprio bem, não reaja contra as nossas instruções, quando elas não corresponderem às suas atuais expectativas!

O coração de Norimar aperta-se, dolorosamente. Sobreviverá, mas os seus sonhos de amor e de felicidade não se realizarão, pois adivinha, sabiamente, que terá a difícil prerrogativa de escolher

outros caminhos, outras direções...

Muito pesaroso, comenta:

– Perdoem-me, mas almejo ansioso que a minha vida siga as mesmas diretrizes... Planejo casar-me e ser feliz!...

– E o que é a felicidade na Terra, irmão amado de todos nós? Tão frágil e fugaz, que por alguns momentos de ventura às vezes atiramos ao vento os veros objetivos da nossa existência!

– O meu próximo futuro pode se harmonizar com as mudanças que, provavelmente, virão!?

– Poderia, não fosse o presente tão grave e ameaçador para a sua sobrevivência, caro príncipe! Sua atribuição maior de líder de um povo, numa realidade religiosa e política (originais e específicas), pesa inexorável sobre o seu destino. Faz-se urgente uma mudança radical no presente contexto. Este é um momento único e decisivo, de vida ou de morte!

Confirmadas as suas suspeitas, Norimar reage:

– Na perda daquilo que mais amo, não terei condições sequer de continuar vivendo! Como assumir, então, uma nova realidade?

Outro espírito aproxima-se e se posiciona frente a Norimar. Ar severo, demonstrando autoridade sobre ele, ordena-lhe:

– Apesar daquilo que pensa ou sente, terá de fazê-lo! Seu mergulho na carne, obnubila a sua razão. Recorde e assuma os seus compromissos espirituais, pois é chegado o momento!

Profundamente entristecido, Norimar conclui:

– Sinto que tem razão. Não sei de onde nem de quando, mas minha alma o reconhece e posso sentir-lhe o interesse e a afeição, legítimos. Agradeço a Allah que me concede socorro, na sua inesgotável misericórdia, e confesso que esta situação não me surpreende de todo. Parece-me ter vivido, sempre, à espera dessas mudanças que se anunciam. Minha intuição me avisava, preparando-me para aquilo que viria, mas jamais poderia supor que quando me defrontasse com o meu *Maktub*, este me roubaria, desgraçadamente, a chance de ser feliz com o meu grande amor! Oh, que tolo fui!...

– Amor que jamais lhe será tirado! Acima de tudo, ele será preservado; quiçá mais forte, depois daquilo que virá. Ambos

resgatarão velhas dívidas, para prosseguirem, por enquanto distantes um do outro, na esteira da própria evolução.

Norimar insiste:

– Um amor como este vem de longe e é sagrado! Como viver sem ele, podem me dizer?! Conseguirão me socorrer, neste particular?

– Não, príncipe! Todavia, cumpriremos o nosso dever, salvando-lhe a vida, para garantir-lhe continuidade na caminhada redentora. O Criador a ninguém desampara!

– Apesar de compreendê-los, causa-me espécie tais previsões que contrariam, visceralmente, todos os meus sonhos, enquanto decidem e determinam o meu destino!

– A sua vontade, caro príncipe, e apenas ela, decidirá o seu destino! Contudo, seja expedito, porque o seu tempo torna-se exíguo. Ouça-nos, atenda às nossas orientações e seja muito, muito diligente, pois disto dependerá a sua sobrevivência e a sua liberdade. Caso contrário, além de não realizar os seus sonhos, perderá também sua vida.

– Salvar-me para ser infeliz? De que me valerá, enfim, sobreviver? Minha existência será triste e vazia! Vagarei como um morto-vivo!

– Não terá tempo para isso, nós lhe garantimos! Estará trocando uma forma de vida por outra, que ainda não conhece, mas que enriquecerá a sua evolução, intelectual e espiritual, enquanto se redime de velhos erros de passados distantes e quase perdidos na memória.

Norimar ouve e compreende. Dá alguns passos pelo quarto, desanimado, cabeça baixa, olhos pregados no chão.

O primeiro espírito volta a falar-lhe:

– Nesta vida, o caro príncipe já foi feliz o quanto poderia ser. Agora deve confiar, acima de tudo, Naquele que nos permite a alegria ou a tristeza, de acordo com as nossas necessidades.

Levantando a cabeça e muito grato, Norimar relembra:

– Eu sei que naquele dia, no qual fui socorrido pelos eremitas, meu destino se fez presente, modificando, a partir de então, a minha vida. Não poderia, absolutamente, menosprezar sinais como aqueles. Nosso Criador nada faz sem objetivos. Aqueles homens, nos seus ensinamentos tão lógicos e tão elevados! Vivendo uma

realidade tão singela e ao mesmo tempo tão grandiosa! Tudo aquilo que eu sempre almejei para mim e para o mundo!

– Príncipe Norimar alcançou, enfim, o nosso nível de pensamento e as nossas intenções! Naquela luminosa oportunidade, para a recordação de conhecimentos antigos, mas latentes em sua alma milenar, você se aproximou, por mercê de Deus, daqueles que não apenas ensinam, mas exemplificam. Somos todos velhos conhecidos! Nós estávamos lá, na vigilância dos fatos que culminariam nestes que ora vivemos.

– Compreendo... Em verdade, minha alma vos reconhece... E a eles também...

– Desde aquela rara ocasião, na sua mente e no seu coração, a recordação da Grande Verdade foi se ampliando, cada vez mais. Assim, caro príncipe de um povo e representante de uma religião, seu caminho começou a se modificar. A Divindade confia e investe, poderosamente, em você. Seu compromisso com o bem vem de longa data; daí a sua tendência espontânea para a verdadeira justiça, principalmente junto aos menos aquinhoados e mais infelizes.

Submetido a um código de leis, por vezes, cruel, e tendo sido um dia co-partícipe da sua criação e da sua implantação, albergou, desde cedo, na intimidade da alma, o dever de tentar modificá-lo, adaptando-o aos novos tempos. Agora deve sair desse contexto, sem deixar rastros, porque aquilo que poderia fazer, nesse particular, já fez.

Fite o horizonte e siga adiante, o céu é o seu limite!

Obedeça sem medos e sem desfalecimentos às ordens que receberá dentro de algumas horas.

Nós, seus antigos companheiros de jornadas evolutivas, aqui estamos para acompanhá-lo numa ‘viagem’ da qual regressará consolado e esclarecido quanto ao seu próximo futuro.

Numa compreensão elevada e competente dos conflitos de Norimar, outro espírito declara, sereno e conciliador, abraçando-o pelos ombros:

– Conforme-se, querido companheiro de antanho! Esta é apenas mais uma etapa de tantas outras, que vivemos aqui ou ali, no

prosseguimento da nossa evolução! Você e sua noiva serão entrevistados por aqueles que lhes acompanham os passos na esteira do tempo.

– Estaremos juntos numa avaliação espiritual?... – Norimar indaga, muito surpreso.

– Sim, estarão.

Anuviando o semblante, Norimar comenta, pesaroso:

– Temo por ela. É tão sensível... Não se conformará com aquilo que desde já adivinho.

– Antes de ser sua noiva, príncipe Norimar, ela é um espírito imortal, responsável e em perene evolução. Não esqueça que o Pai nos ama e nos sustenta a todos!

Sem outra saída e na urgência de socorrer-se, Norimar se submete. Conclui, muito sabiamente, que ele e Fathima estão arrolados, num processo que transcende a realidade presente. Fatalmente, muito lhes será pedido.

Aqueles que ali estão, fraternos e providenciais, compreendem sua alma, nas marchas e contramarchas dos seus pensamentos. Conhecem-no há muito e respeitam-no, reverentes, no exercício sagrado do seu livre-arbítrio. Esta alma muito lhes merece, sob o olhar do Sublime Arquiteto do Universo.

Enfim, envolvem-no e alçam-se ao infinito, rumo aos páramos celestiais.

*

Retornemos, agora, meus caros leitores, a alguns dias atrás:

Dario, intuitivo, atento e muito inquieto, pressente algum perigo.

A imagem do futuro genro instala-se na sua mente, sobrepondo-se aos seus habituais interesses.

Carinhosa, Fathima indaga:

– Meu pai, por que está tão abatido e sua testa exibe fortes vincos de preocupação? Seu sorriso parece tê-lo abandonado!

– É verdade... Deve ser ansiedade. Você também, minha querida, está muito pálida!... Onde estão as cores do seu rosto e o seu entusiasmo?

– Eu também não me sinto bem!... Carrego em minh'alma estranhos presságios. Se caminho a passos largos para a minha total ventura, na certeza da realização dos meus sonhos, por que então não consigo me imaginar feliz? Já surpreendi estranhas sombras movimentando-se ao meu redor... Domino, inúmeras vezes, em muitas ocasiões, a ânsia de extravasar em prantos uma incompreensível tristeza! Quanta insanidade! Tento distrair-me, inutilmente! Demiana se preocupa e Safira já me fez várias perguntas. Esta queridinha toca a cítara, com redobrado carinho, tentando alegrar-me.

Quando Fathima encerra o seu desabafo, o coração de Dario se aperta. Que espécie de maldição paira sobre o seu teto, nas vésperas do casamento de sua filha?

– Já falou a respeito com Norimar?

– Não. Falta-me coragem. Ele já tem tantos problemas!

– Tem razão, filha... Somos ambos naturalmente sensíveis às coisas da alma e, muitas vezes, temos adivinhado o futuro.

– É verdade. Tremo só de pensar que o meu destino pode me surpreender com a falência dos meus sonhos!... Oh, meu pai, eu não suportarei! Na simples hipótese de perder Norimar, enlouqueço!

– Acalme-se, minha filha! Tudo há de dar certo! Você será feliz! Confie em Allah!

Dario a abraça e ela se aconchega ao seu coração.

Fathima é extremamente sensível e apaixonada pela vida e por tudo que ama. Sua natural sensibilidade a tem jogado, muitas vezes, ao leito, pois, adoece sem razões aparentes, quando algo a entristece demais.

O pai sabe e compreende, mas Séfora odeia este comportamento da enteada, assim como tudo o mais que lhe diga respeito (Isso, nós já sabemos, não é, meus caros leitores?).

Superando a ansiedade e o medo, pai e filha se esmeram, a fim de que o ansiado e luxuoso evento matrimonial se realize com sucesso.

E Séfora, enfim, parece ter-lhes concedido uma trégua...

Renúncia...

Vencendo distâncias incomensuráveis, Norimar e a equipe espiritual chegam, enfim, a uma esfera azulada e de ar rarefeito, diferente de tudo que conhecemos na Terra.

Juntos, eles adentram um salão imenso, no qual muitos espíritos são recepcionados.

Aos poucos, todos são convocados e atendidos, de acordo com as suas necessidades espirituais.

A maioria sai de feições iluminadas, mas alguns saem de cabeça baixa, profundamente consternados após a entrevista.

“Quando me chamarão e como terminará tudo isso?” – Norimar questiona, sem esquecer de observar, com acuidade, tudo ao seu redor.

A iluminação ambiente é feérica; o teto, abobadado, exibe belíssimas pinturas representando as forças da Natureza; as paredes, quase transparentes, são de um material desconhecido, aparentemente maleável e, ao mesmo tempo, muito resistente; não existem portas, só portais amplos e abertos em arco; sobre o piso macio, brilhante e multicor, muitos espíritos se deslocam, na busca dos seus interesses.

Este lugar se assemelha a um tribunal e ao mesmo tempo a uma repartição pública, de atendimento elevado.

Encabeçando o salão e à frente de todos, sentados e compenetrados naquilo que fazem, espíritos de aparência venerável se destacam. Alguns possuem cabelos brancos como a neve, mas os seus rostos parecem feitos de porcelana fina, jovens, e de rara beleza.

Entre essas mesas, alguns espaços são preenchidos por aqueles que aguardam em pé, na iminência de serem convocados.

No ar, uma deliciosa melodia, impossível de ser traduzida,

balsamiza os corações e eleva, naturalmente, os sentimentos.

Em meio a tanta beleza e harmonia, Norimar esquece, por momentos, os seus problemas existenciais, e aguarda o desenrolar dos acontecimentos.

Aqueles que o trouxeram, ladeiam-no, serenos, na expectativa de algo que já conhecem.

Estão todos confortavelmente sentados numa espécie de anfiteatro, no fundo do salão, para onde se dirigiram, sem que Norimar soubesse como, pois os seus pés mal tocaram o chão.

Comovido e saudoso, pensa em Fathima. Em qualquer tempo, lugar ou espaço, ela, sempre ela, se impõe dominando-lhe a alma.

Subitamente, sente-lhe a amorável presença.

Vira-se numa determinada direção e eis que a vê, aproximando-se.

Ela está belíssima num traje grego clássico, que em nada se parece com aqueles que normalmente usa (riquíssimos, coloridos e primorosamente bordados, envolvida em véus, como uma legítima árabe e filha do deserto, que é).

Intrigada, ela olha ao redor. Está acompanhada de seres espirituais, luminosos e simpáticos.

A Norimar pareceu que ela descera do alto, suavemente, como se chegasse do Olimpo, lindíssima, gloriosa.

Seu coração, antes asserenado, agora se agita e bate violentamente na direção da mulher amada, razão maior e perene, dos seus mais caros sentimentos e aspirações.

De súbito, como se respondesse a um chamado, Fathima localiza o noivo e, sem esforço algum, a flutuar sobre o piso, alcança-o.

De imediato, estão enlaçados.

Silenciosos, eles não precisam verbalizar as emoções; os seus pensamentos sintonizados dialogam sem palavras e suas almas se interpenetram, doce e amoravelmente.

Aqueles que os trouxeram postam-se do lado esquerdo de Fathima e do lado direito de Norimar.

Lado a lado, unidos e profundamente harmonizados, os noivos aguardam. Suas auras se confundem em suaves emanações cromáticas. Diante da gravidade do momento, se esforçam para manter a serenidade, enquanto fruem a beleza e as energias

espirituais do ambiente. Adivinham testemunhos individuais, inadiáveis, pois através de recursos diferenciados, há algum tempo, intuíram grandes mudanças nas suas vidas. Mãos dadas, beneficiando-se das mútuas energias, eles se entendem, almas afins que são.

Quando chamados, levantam-se de mãos enlaçadas e caminham em passos leves.

Todavia, oh, dor! As convocações foram feitas para lados opostos.

Norimar pressiona levemente a mão de Fathima e mergulha o seu olhar no dela, fazendo-a entender que suas almas estarão unidas, acima de qualquer circunstância.

Lágrimas a lucilar sobre a pele brilhante e rosada, que mais rosada se torna devido à brancura do traje, Fathima compreende e devolve na mesma linguagem a intensidade de sentimentos do seu grandioso amor. Com extrema dificuldade, enfim, eles soltam as mãos, devagar e suave, numa cumplicidade e entendimento somente compreendidos por aqueles que se amam de verdade. Um absorve a energia do outro, enriquecendo-se, numa troca admirável e transcendente.

Corajoso, Norimar toma a dianteira e se distancia, estimulando-a a fazer o mesmo.

Assim, cada qual atende a direção que lhe é própria.

Ouvirão considerações a respeito das suas existências passadas e presente, na urgência de modificar caminhos para crescerem, cada vez mais, rumo às moradas benditas das almas evoluídas (a lei do progresso é fatal!)...

Postam-se, ambos, em separado, diante de entidades luminosas que controlam, responsáveis: fichas de arquivos, relatórios e anotações diversificados das suas vidas encarnadas e desencarnadas, em épocas aparentemente esquecidas. Sendo uma existência o seguimento da anterior, todas se encadeiam, de forma harmoniosa, ou não. Cônscios das suas obrigações e realidades, eles ouvem os diversos relatos.

São-lhe expostos os pontos principais das suas passadas existências; mormente aquelas que trazem implicações com a jornada presente, sendo levados em conta os seus méritos e os

seus deméritos.

– Aqui, caro irmão, observe o quanto deixou por fazer! E aqui, os resultados de uma determinação maior, no aproveitamento de uma boa sementeira! Noutra situação diferenciada, você inerme, amolentado, diante dos desafios, deixando faltar a tantos, quantos dependiam das suas decisões e dos justos recursos para o ansiado crescimento, material e espiritual.

Hoje, dentro de um contexto que o acicata com dores morais e que o ameaça com o aniquilamento do próprio corpo, instala-se, inexorável, a urgência de retomar obrigações esquecidas numa época mais recuada, a fim de ressarcir dívidas, junto àqueles que aguardam as luzes da Verdade! Para isso, há que modificar, pronta e radicalmente, os rumos da sua atual existência.

Em sua mente vigilante e lúcida, hoje banhada em muito amor, a intuição dos erros do passado, nos germens das leis que hoje você considera por vezes injustas, por vezes cruéis.

Sua alma defronta-se com a culpa de quando, com facilidade e indiferença, estas leis eram aplicadas sobre aqueles que, sem defesa, eram destruídos ou arruinados sob a sua vontade poderosa, em nome de um dever cego.

À guisa de esclarecimento, relembramos que alguns destes códigos, remontam a tempos anteriores a Hamurabi, da antiga Suméria. Líder inteligente e poderoso, Hamurabi tomou conhecimento destes, modificou-os ao seu talante e registrou-os como seus.

Assim tem vivido o homem na Terra. Utilizando aquilo que encontra pronto ou iniciado, ele amplia e desenvolve trabalhos que, por sua vez, tornam-se ‘novos, recém-batizados e sacramentados, a partir de então. Muitas vezes, sem saber, está retomando as próprias tarefas de antanho, que foram aproveitadas e desenvolvidas por outros, nos interregnos da suas reencarnações.

Como pode ver, o homem, herdeiro do próprio homem, muitas vezes, ao longo da caminhada evolutiva, é também o herdeiro de si mesmo!

É assim que o Criador impulsiona os seus filhos a trabalhar, incessantemente, para o progresso aqui na Terra e em todo o

Universo:

“O que foi, será, O que se fez, se tornará a fazer; nada há de novo debaixo do sol!”(Eclesiastes, 1:9)

Lamentável, quando o homem inteligente usa o poder civil, político ou religioso para massacrar e tiranizar àqueles que lhes estão submetidos! Neste contexto e nestas responsabilidades, estivemos, muitos de nós, no espaço e no tempo.

Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, exerceu duramente as leis de Moisés para depois, ainda na mesma existência, redimir-se no Amor e na Verdade do Cristo Jesus, pagando para isso todos os preços possíveis e imagináveis, numa coragem sem limites!

Depois da sublime experiência na estrada de Damasco, radicalmente modificado, ele espalhou aos quatro ventos, em peregrinações exaustivas e num esforço sobre-humano, o Evangelho nascente.

Na prática dos ensinamentos da Boa Nova, entre pedradas, rejeições e açoites, consumiu-se no próprio combustível da fé, até entregar-se, sereno, à própria execução, na Via Ápia, em Roma, no fechamento da sua existência carnal, para abrir, definitivamente, os olhos na pátria celestial, onde Jesus o aguardava de braços abertos.

Depois de uma pequena pausa, a veneranda entidade volta a falar:

– Caro príncipe de um povo, no reencontro com aqueles que orientam os seus passos há milênios, na recordação atávica dos seus ensinamentos e na divina cobrança de um compromisso firmado com eles no espaço e no tempo, você se defrontou consigo mesmo. Agora está diante de uma encruzilhada que lhe exige decisões e escolhas, urgentes e definitivas.

Os eremitas, fiéis seguidores de Deus, clamam aos corações que já podem segui-los, na construção de um mundo melhor, ainda que entre dores e desafios, como costuma acontecer com os grandes missionários de todos os tempos.

O caro príncipe carrega, ainda, dívidas e responsabilidades, diante das leis que atualmente regem o vosso mundo.

Ao longo da sua caminhada evolutiva, muitas vezes você negou pedidos de clemência, em nome dessas mesmas leis que hoje lhe trazem tantos conflitos. Aquilo que deixamos para trás, nos alcança através do tempo, numa justa cobrança.

Hoje, quando defende o seu povo e ameniza o cumprimento das leis que considera cruéis, investe na própria redenção, enquanto colabora com a Divina Providência na construção de um mundo melhor e mais justo para todos.

Aqueles que impuserem sofrimentos a quem quer que seja, mais cedo ou mais tarde, passarão pela Lei de Talião, pois esta se cumpre, automaticamente, à revelia de quem quer que seja.

Atualmente, muitos líderes mundiais, atrelados ainda ao passado, cerram fileiras sobre conceitos e leis, arcaicas e anacrônicas, menosprezando, desavisados, os mais lídimos direitos da Humanidade, no seu fatal progresso!

Esquecidos de que a Natureza não dá saltos, outros investem, por vezes, numa evolução espiritual de difícil realização portas adentro do coração. Arvorando-se em juízes, injustos e cruéis, penalizam os considerados ‘desvios’ com castigos que jamais poderiam ser consentidos, e nestes procedimentos insanos, chegam, muitas vezes, à execução do réu, contrariando as Leis do Criador que proíbe matar.

Respeitoso e atento, Norimar aproveita uma pausa e abre o seu coração:

– Senhor! Ouço, submisso a revelação das minhas culpas, dívidas, e responsabilidades, através dos tempos! Não duvido que a Lei Maior aguarda-me a obediência incondicional. Todavia, oh, Allah!...

Norimar não se contém; incapaz de prosseguir falando, tal a sua emoção, abaixa a cabeça, enquanto lágrimas copiosas banham-lhe o rosto.

Respeitoso, o espírito aguarda-lhe o reequilíbrio.

Contendo-se, enfim, ele reinicia:

– Tenho consciência daquilo que sou e faço! Luto com os recursos que possuo, contra as injustiças, e cumpro, fielmente, os meus

sagrados deveres, submetido a Allah! Nesse momento, sagrado e decisivo, porém, consigo antever o real objetivo dessa entrevista e vos imploro compreensão; mais que isso, rogo-vos piedade!

– Nobre irmão, não veja nesse próximo futuro apenas tristeza e solidão! Um novo tempo convida-o a seguir mais, bem mais adiante para salvar a sua vida e ampliar as suas ações humanas e responsáveis. Seu amor ao próximo e ao Criador geram mais competência para novas atribuições, que devem ser exercidas, abnegadamente, junto aos mais infelizes e desprezados, na urgência de bem atendê-los e balsamizá-los nas suas dores constantes que, muitas vezes, os levam à loucura, a atos condenáveis e altamente comprometedores, seja diante de Deus, seja diante do mundo, no qual vivem. Estes são os ‘pequeninos’ do Cristo Jesus. São ainda aves implumes, necessitados de arrimo espiritual e ajuda material, pois as suas misérias são, antes de tudo, espirituais.

Sim, a sua sábia conclusão procede! O querido irmão deve assumir, com prejuízo da própria evolução, caso não o faça, aquilo que prevê, e que por enquanto não pode nem deve ser modificado!

Recordemos, caríssimo irmão, mais uma vez e sempre, as palavras de Jesus:

“Àquele que já tem, mais se lhe dará...”

E, vale acrescentar, também, outra máxima d’Ele:

“Àquele que muito se deu, muito lhe será pedido...”

Nessas duas sábias conclusões, adequadas para aquilo que ora vive, há que harmonizar a obediência e a submissão a Deus, não apenas no próprio coração, mas nos corações daqueles, que, por nossa culpa, se perderam no caminho.

Quantos se cristalizam no mal e no erro, por carregarem o inferno dentro das suas almas? Quantos odeiam mortalmente as leis e os seus executores, após terem sido arrancados tragicamente das suas existências, dos seus amores e dos seus interesses, sob o guante da invigilância e da crueldade, daqueles que nasceram para evoluir como qualquer outro, mas, ignorando o Bem, escolheram, mais uma vez, o Mal.

Príncipe Norimar, a caminho da redenção, devemos resgatar

aqueles que, voluntária ou involuntariamente, atiramos ao *geena*! Faz parte da nossa evolução espiritual a obrigação de redimir muitos outros, envolvendo-os, amorosamente, nas nossas novas e luminosas possibilidades, entregando-lhes, como herança de Deus, novos recursos, diferentes daqueles que os levaram à desgraça, soerguendo-os na direção da luz que pertence a todos, sem privilégios! Compreende agora por que, apesar da sua notável inclinação para o bem, traz o compromisso urgente de renunciar a si mesmo, a fim de, sem laços e sem impedimentos, cumprir a missão que trouxe ao nascer?

Acorde com tudo que ouviu, mas decidido a defender aquilo que considera sagrado e vital para sua vida, Norimar alega em patente aflição:

– Digam-me, peço-lhes, o que me impede de viver 'tudo'? Posso seguir o novo caminho e ser relativamente feliz!...

– Impossível viver 'tudo', caríssimo irmão! Há que modificar, radicalmente, o seu caminho! Na nova empreitada, o futuro lhe mostrará aquilo que o Todo Poderoso espera de você!

– Sem a realização do meu amor? Não, eu não conseguirei! Tudo o mais dependerá. Acalentei docemente esse sonho de felicidade!

O seu interlocutor suspende a mão, num gesto de autoridade e o interrompe, enfático:

– Não haverá dependência! A grande dor da renúncia o impulsionará a crescer!

Norimar abaixa a cabeça, completamente arrasado. Seu coração bate, descompassado. Sente-se desorientado, perdido...

Parece-lhe ouvir o som sibilante da tempestade no deserto, na fúria dos ventos, cegando-o, atirando-o de um lado para outro, e fustigando-lhe o corpo com chicotadas, enquanto de pernas trôpegas procura enxergar, buscando abrigo, proteção...

Penalizado, o espírito aconselha:

– Tenha ânimo, príncipe! Um dia, não muito distante, retomará este amor que lhe pertence e que estará sempre no seu caminho e à sua disposição, como homem e como espírito imortal.

Não restrinja a misericórdia do nosso Criador a uma única existência.

Divisando o futuro, podemos dizer-lhe que conseguirá cumprir, satisfatoriamente, o seu destino, apesar do desespero, compreensível, desta hora.

– E quanto a ela? Por que lhe imputar os mesmos sofrimentos, se tão somente a mim cabe essa reparação?

– Mais uma vez, devo corrigi-lo. Ela carrega as mesmas responsabilidades. Almas afins pensam e agem quase sempre de comum acordo. Quando fazem o bem, Hosanas ao Senhor!... Todavia, quando não, um arrasta o outro nos desbordamentos das paixões e em ações irresponsáveis, que alcançam e prejudicam a muitos outros!...

– Senhor, por Allah!... Não é assim com todos ou com quase todos?

– Certamente é, mas: “A cada um, segundo as suas obras”!

Portanto, submeta-se, acima dos seus interesses e dos seus sentimentos. Este amor, que no momento o atormenta gerando pendências, é uma parte ínfima, do Amor Maior, que liga todos os seres do Universo! Os resultados do dever bem cumprido serão realizações preciosas, e bases mais sólidas para as seguintes, cada vez mais luminosas. A luz da razão esclarecida impedi-los-á de atos extremos ou de loucuras! Este momento exige-lhes renúncia e coragem. Um dia, redimidos, serão venturosos, enfim!

Hoje ficarão gravadas nas suas memórias instruções quanto aos próximos passos, relativos às iminentes mudanças, na vida de cada qual, como partícula divina em ascensão.

Que o Senhor de todos nós o abençoe e à mulher amada!

Jamais lhes faltarão a sustentação e os recursos adequados para o prosseguimento da jornada!

Apesar da dor que sente, e das lágrimas que o socorrem, Norimar se submete. Com voz quase sumida, desabafa, sincero:

– Agradeço-lhes as orientações e a benevolência. Me esforçarei para tirar das minhas próprias dores a força de que preciso, confiando, acima de tudo, no futuro que o Criador nos concederá, após o ressarcimento das nossas dívidas em comum!

– Assim será, príncipe Norimar. Conte sempre com a nossa proteção. Siga em paz e que os céus o abençoe!

Ajoelhado, sem lembrar-se de como o fizera, Norimar recebe sobre a cabeça um jorro de luz, saído das mãos do amorável espírito.

Reverente, ele se distancia, dando lugar a outro.

Fathima que ouve, de outros espíritos, conselhos e esclarecimentos semelhantes, é pura desolação. Está inconformada. Já sabe que não se casará com Norimar.

Apaixonada e decidida a não se dobrar ante as circunstâncias, reage, intensamente, na inútil tentativa de exorcizar aquilo que considera um futuro impossível para o seu coração amante.

Emotiva e impressionável por natureza, ela exige dos mentores palavras mais acuradas, explicações mais convincentes, e muita, muita tolerância...

Enfim, depois de múltiplas alegações infrutíferas, ela se submete também àquilo que está acima da sua vontade. Não o faz, porém, sem tergiversar, algo rebelde, em meio a justificativas, todas rebatidas com sabedoria por seus interlocutores.

Moralmente exausta, depois de ouvir palavras de conforto e estímulo, daqueles que a arguiram, é conduzida a um exuberante jardim.

Ali, surpreende Norimar. Este, parece aguardá-la.

Estão ambos muito abatidos e conscientes do futuro inexorável que os aguarda... Abraçam-se, fortemente e em silêncio, permanecendo, assim, enquanto suas almas profundamente harmonizadas se sustentam, mutuamente, sem explicações ou desesperos, inúteis...

Passado algum tempo, no qual permutaram forças sagradas e altamente renovadoras, choram, emocionados, corações em azorragues...

Trocam juras de amor, prometendo auxílio mútuo, na continuidade do sentimento que os une, certos de que, depois dos duros testemunhos, serão felizes. Unidos, erguem os pensamentos ao Criador, rogando forças e sustentação.

Difícil saber se ali estão dois seres ou apenas um, porque os seus corpos perispirituais se confundem.

Haja o que houver, aqui ou alhures, em qualquer “morada do Pai”, eles se reconhecerão e se amarão, de novo e sempre. Esta certeza

nada nem ninguém pode lhes tirar.

– Minha querida, luz de minh'alma! – Norimar exclama, profundamente comovido (todavia, de que maneira o faz? Os seus lábios estão cerrados...). Jamais estaremos, de fato, separados. A força do nosso amor nos manterá unidos, a despeito de qualquer circunstância! Finda essa existência, seja ela como for, nos buscaremos, de novo! Que o amor que nos une, seja para sempre bendito!

– Sim, Norimar! – ela fala, usando os mesmos recursos – Outras oportunidades teremos. E venha você de onde vier, tenha a aparência que tiver, vou reconhecê-lo – um colorido intenso e luminoso se faz, partindo deles e envolvendo-os como num casulo.

Horas depois, eles são recambiados aos seus leitos na Terra.

Sonambúlica, Fathima se agita em patente desespero, externando tudo que vive.

E mais uma vez, Dario zela por sua segurança e equilíbrio emocional. Norimar recebeu ordens expressas de fugir antes do nascer do sol, sozinho e em completo anonimato. A próxima fase da sua vida já está planejada, por mercê de Deus.

Maktub!

Sonolento, ele ainda ouve as últimas orientações:

"Seja expedito! Saia escondido de todos e carregue apenas o necessário! O tempo urge! Aqueles que intentam destruí-lo já estão a caminho! Coragem e paz!..."

Despertando, completamente, apresta-se para fugir:

Cobre seu traje de viagem com um longo e amplo albornoz, e prende no cinto uma bolsa com dinheiro. Leva, igualmente, joias de muito valor. Precisará de recursos financeiros, por onde quer que vá.

Amarra na montaria alguma bagagem e bolsas com água para as primeiras horas de viagem.

Reflete quanto a despertar Ahmed ou não, e decide pela segunda alternativa. Teria de dar-lhe explicações para as quais não tem ainda, pontos de referência, nem tempo disponível. Amargurado, conclui que, provavelmente, nunca mais verá este querido amigo, irmão. Confia que na sua ausência ele fará o melhor.

Do lado de fora se detém, atormentado, e admira o seu palácio, despedindo-se... Fita, reverente, as suas refulgentes cúpulas, sua majestosa configuração, a brancura de neve das paredes e a exuberante paisagem, na qual ele se encontra como uma pedra preciosa engastada num primoroso trabalho de ourivesaria...

É a sua casa!... Nunca mais regressará a estas plagas, tão caras ao seu coração!...

Ali ficará o registro da sua existência, existência essa que neste momento crucial se modifica, radicalmente.

Sofre sem consolo. Lágrimas ardentes caem sobre as suas roupas.

Abaixa a cabeça, submetido à grande dor que o alcança. Sofre como jamais imaginou que fosse possível...

Um vento alísio lhe sopra ao ouvido que não há, de forma alguma, tempo para meditações e lamentações. As horas se escoam, colocando-o, mais que nunca, em grave perigo.

Deve desligar-se, definitivamente, deste presente que se foi glorioso lhe trouxe, em contrapartida, muitos tormentos; alguns insuperáveis, como este que fecha, inexorável, a sua vida de príncipe, soberano de um povo, de uma religião, e de uma realidade que ficará para sempre preservada em sua memória... É o adeus definitivo!

Qual será o futuro do seu palácio?

Pede perdão aos pais por estar abandonando tudo aquilo que eles construíram e amaram tanto...

Ao relembrá-los com tanta força e amor, pressente-os ao seu lado, aconselhando-o a ser mais prático e ágil para salvar-se, enquanto pode.

Em mente, algumas intenções quanto ao percurso, mas acima de tudo confia no poder e na proteção de Allah.

– É assim que deve ser? Assim será!... – ele sussurra, decidido, enquanto se faz ao largo, silencioso, conduzindo o cavalo pelas rédeas até distanciar-se.

‘Estranhamente’ os vigias dormem, estão completamente fora de ação.

Algo distante, Norimar volta-se, mais uma vez, e admira o seu palácio. Mortificado, despede-se de tudo novamente, guardando na

retina aquelas imagens sagradas e eternas para sua alma.

Enfim, ágil, salta sobre o animal de pelo marrom-escuro, quase negro e luzidio, e acomoda-se na sela. Segurando fortemente as rédeas, aos poucos desenvolve a velocidade que deseja (e precisa). No pensamento e no coração, a imagem poderosa de Fathima.

Esta, à distância, sequer imagina que neste momento ele deixa tudo para trás e enterra, em definitivo, a realidade presente na qual ela é a parte mais importante.

Rapidamente, Norimar se perde na distância, passando por lugares conhecidos, que vão ficando cada vez mais para trás, assim como o seu palácio, a sua vida e a sua malograda intenção de ser feliz.

Não houve tempo para despedidas nem para explicações.

Sabe que a intuição de Fathima a socorrerá, mas a razão lhe cobrará, duramente, o porquê de seu noivo desaparecer nas vésperas das bodas.

Cavalga, amargurado, envolvido em muitos conflitos:

– Que juízo Dario fará de mim?!... Concluirá acertadamente que os meus questionamentos íntimos levaram-me a uma situação insustentável. Confirmará, então, os seus prognósticos, enquanto me censurará, lamentando-me a perda. Que Allah o abençoe, sempre, nobre amigo!

Incapaz de prosseguir, tal a sua dor, Norimar estanca o cavalo, olha ao redor e indaga, em patente aflição:

– Allah, o que seria mais digno? Fugir como estou fazendo ou ficar e enfrentar aquilo que vier? E quanto à Fathima? Onde, os nossos sonhos de ventura?!... Por que e para que a conheci, se o nosso destino seria esse, de frustração e de saudade infindas?!... Sim, eu sei, antes tê-la conhecido e amado, que passar pela vida sem conhecer o verdadeiro amor. Nós teremos, apesar da dor, preciosas recordações e a certeza de amar e de ser amado!

No seu peito explodem soluços e ele se dobra, abatido, sobre o animal. Num impulso, incontrolável, irrompe num pranto convulso. Sente-se um desgraçado, o último dos homens na face da Terra.

As tamareiras, sacudidas, levemente, pelos ventos da madrugada, projetam sombras tristes no chão.

Norimar fita o céu recamado de estrelas, mas, nem estas o consolam. A expectativa do exílio angustia e revolta. Tudo que ama está ficando para trás. Talvez, para sempre...

– Adeus, Fathima! Perdoe-me! Jamais a esquecerei! Um dia, Allah nos reaproximará! Esta esperança me dará forças para enfrentar aquilo que vier. O meu próximo futuro, por enquanto, é incerto e assustador!

Ele aperta o peito com ambas as mãos, em patente aflição.

Todavia, o tempo urge, deve prosseguir e estabelecer entre si e aqueles que o perseguem, uma considerável distância.

Recorda que no palácio as providências se fazem intensas para as bodas (!). Sente o cérebro ferver, na iminência de um mau súbito.

Apeia do cavalo e ajoelha-se na areia fria da madrugada. Dobra-se e encosta a testa no chão, entregando-se, plenamente, aos poderes celestiais.

Abrindo o coração, ora, fervoroso:

– Allah, apiedai-vos! Que a conformação me alcance, a fim de mudar a minha vida, segundo a vossa vontade! Salva-me daqueles que pretendem me destruir, e protege Fathima! Acima de tudo ela será sempre a minha amada. Auxilia-nos a cumprir com coragem o nosso *Maktub!* Impõe, Senhor, a vossa destra sobre as nossas cabeças, socorrendo-nos!

Algo refeito, levanta-se, olha ao redor e estima a extensão do caminho que se desdobra à sua frente. Antes de prosseguir, implora, ainda:

– Dai-me forças, proteção, inspiração e bússola!...

Olhando para trás mais uma vez, salta sobre o dorso do cavalo e ordena-lhe que siga em frente.

Aos poucos, intensifica a velocidade, e como uma miragem do deserto, seu vulto encapuzado desaparece na madrugada fria, úmida, e pintalgada de estrelas, em meio aos murmúrios da Natureza que dentro de poucas horas despertará, sob os raios luminosos do astro-rei, para mais um dia...

O desaparecimento

Dario vai ver a filha. Espera que ela, enfim, tenha conseguido repousar.

Somente pela manhã Fathima aquietou-se e entregou-se ao sono. Angustiado, ele recorda a noite anterior:

“Inquieto e insone, saíra para respirar o ar balsâmico da noite estrelada.

Igualmente desperto, um dos seus homens tocava o seu alaúde e entoava, romântico, uma canção de amor, nas modulações maravilhosas de sua bela voz.

Permanecera ali, a ouvi-lo, enlevado...

Ao som das últimas notas dolentes, decidiu voltar aos seus aposentos, quando a voz alterada da filha, em meio a exclamações e pranto, chamou sua atenção.

Adentrando o seu dormitório, deparou-se com ela a perambular, sonâmbula e agitada, num estranho solilóquio:

– Não, não quero! Jamais consentirei! Sem ele serei um corpo sem alma! Sem a luz dos seus olhos, de que me valerão o brilho das estrelas e a luz do sol? Sem ele, nada, absolutamente nada, me importará!... Não sobreviverei sem o seu amor e sem a sua amorável presença! Antes nunca tivesse visto o brilho do seu olhar e o seu semblante adorado; sentido a carícia das suas mãos; a sua ternura e a doçura dos seus lábios!... Nossas almas se pertencem! Não conseguiremos viver separados!... Norimar é a luz de minh’alma! Sem o seu amor terei o coração vazio, morto e sepultado! Abomino um futuro no qual estarei sem ele! Rogo-lhes: Piedade!

Descalça, cabelos desfeitos, em meio a estas e outras exclamações, ela caminhava de um lado para o outro. Lágrimas abundantes caíam sobre sua bela camisola de seda.

Dario tentou sossegá-la, mas ela se desprendia das suas mãos, descontrolada, rechaçando-o.

Nesse ínterim, Séfora despertou e não viu o marido ao seu lado. Concluiu, sabiamente, onde ele poderia estar. Levantou-se e foi procurá-lo nos aposentos de Fathima.

Como esperava, foi encontrá-lo a braços com o sonambulismo da moça.

Mãos na cintura, balançando-se, agressiva e debochada, ela repetiu a sua habitual cantilena:

– Ora, ora, aqui está você! E onde mais poderia estar? Sempre às voltas com os caprichos desta menina que desafia a paciência de qualquer um, até mesmo de Allah!

– Não blasfeme Séfora! Respeite ao menos a minha aflição!

– Respeitar?... Sua filha parece uma louca! Não tem freios e muito menos disciplina! Você é o culpado, pois multiplica para ela mimos como grãos de areia no deserto! Ela precisa ser educada! É quase uma selvagem!

Entre um intervalo e outro, na intenção de conter a filha, exaltado, Dario retrucou:

– Selvagem e sem limites é você, que jamais teve qualquer espécie de educação! O que sabe sobre isto? Nada!... Cale-se e não defenda teses que desconhece! Pretende ensinar aquilo que em sua vida tortuosa jamais aprendeu? Uma cáfila, desembestada, causaria menos prejuízo que a sua presença! Por que me casei com você? Como fui cego e imprudente!

Ignorando aquilo que o marido lhe diz, como se não escutasse as suas reprimendas, ela prossegue na sua avaliação da educação da enteada:

– Nós nunca saberemos o que eu poderia ter feito por ela! Afinal, sou a sua madrasta! Mas, ela, que só faz o que quer, nunca me permitiu a proximidade! Que menina insuportável! Agora, veja, admire e sofra com o resultado, gritante, da sua imprudência!

– Não me recorde, Séfora, para o seu próprio bem, o grande desastre que tem sido a sua presença nas nossas vidas! E não me obrigue a lhe dizer coisas que depois eu mesmo me arrependerei!

Séfora respira fundo, ruidosa. Obstinada e incansável, prossegue

as suas exprobrações, enquanto, furiosa, bate o pé no chão:

– Desperte-a, vamos! Que espetáculo mais deprimente!

Diante de tanta insensibilidade, Dario, exasperado e contendo-se a muito custo, ordenou-lhe:

– Cale-se Séfora e saia daqui! Se não pode ajudar, ao menos não atrapalhe! Não complique ainda mais as nossas vidas!

Ousada e agressiva, contudo, ela revida:

– Você é patético, meu marido! Ouça o murmúrio dos criados que se aglomeram lá fora, a ouvirem os despautérios da sua 'adorada', filha! Que vergonha!...

– Ao contrário de você, eles se preocupam porque amam Fathima! Imprudente e grosseira, você me constrange nesta vergonhosa discussão! Fora daqui, antes que eu perca todos os freios e lhe dê uma lição!

Deixando Fathima por alguns instantes, Dario levantou a mão e aproximou-a do rosto de Séfora, ameaçando-a, furioso.

Temerosa, ela achou por bem obedecer, mas antes de sair, acrescentou, aos gritos:

– Que se danem, se não querem a minha ajuda! Os dois se merecem! Por causa de vocês eu vivo em atropelos! E o barulho que fazem?!... Quem consegue dormir em paz?

– Dormir em paz não depende de ruídos, minha cara, mas de uma consciência tranquila, o que não me parece ser o seu caso!...

Dario teve intenção naquilo que disse, e desgraçadamente concluiu que Séfora alcançou o seu pensamento e as suas suspeitas.

Enfim, ela se foi arrastando os pés, revoltada, e mastigando palavras nada elegantes, na direção do marido e da enteada.

Depois de algum tempo, que a Dario pareceu interminável, ele conseguiu tranquilizar a filha. Abraçando-a, forte e ternamente, aguardou-lhe o reequilíbrio.

Fathima respirou fundo e fitou-o, como se chegasse de longe. Passou a mão pelo rosto e deu-se conta de que estivera chorando.

Constrangida, indagou-lhe:

– Tive pesadelos de novo?...

– Sim, filha. Ainda bem que despertou! Como se sente?

– Um pouco envergonhada por tirá-lo do seu justo repouso! Perdoe-me!...

– Eu não estava dormindo e isso facilitou a percepção daquilo que se passava com você. Havia saído para relaxar, admirando a belíssima noite. Não se culpe! Descanse este coraçãozinho, sim? Mas, diga-me, como está?

– Muito, muito triste!... Num sentimento, antecipado, de perda... Meus sonhos de ser feliz estão fugindo, desfazendo-se como miragem no deserto!... Eu sei, eu sinto... Oh, Allah!... – ela volta a chorar.

– Filha, nossas vidas estão nas mãos d'Ele!... Reze muito e confie!...

– Sim, eu sei, mas a ansiedade de ser feliz e o receio de perder Norimar estão me desequilibrando!...

Intuitivo, Dario quis saber:

– O seu 'pesadelo' foi com Norimar?

– Sim, vou lhe contar, ouça:

Eu e Norimar estávamos num ambiente luminoso, belíssimo... Unidos e amorosos, nós sabíamos o porquê de estarmos ali. Além de nós, muitos outros; provavelmente nos mesmos objetivos. Ali, fui orientada para algo que não consigo precisar, mas que confirmou, desgraçadamente, os meus tristes prognósticos com relação ao meu próximo futuro.

Seres angelicais me falaram do meu passado, presente e futuro. O conteúdo, na íntegra, daquelas doces admoestações, ficou perdido na minha memória, contudo, confirmei, em linhas gerais, os meus atuais pressentimentos! – na recordação do 'sonho', ela se aflige e evoca:

– Allah, apiedai-vos de mim! Apiedai-vos de nós!...

Enquanto consolava a filha, Dario recordava as confidências de Norimar e concluía, pesaroso, que o futuro não será auspicioso, mas, desgraçadamente incerto e talvez muito infeliz...

– Acalme-se, minha querida, e tente repousar um pouco, sim? Quando despertar, estes pensamentos terão se modificado, verá. Quer ser uma noiva feia e abatida? Cuide-se para estar bem bonita na cerimônia do seu casamento!

– Tem razão, papai! Que aos olhos do meu príncipe, eu seja sempre a mais bela!

Grata e amorosa, ela beijou o pai em ambas as faces e se acomodou no leito, entre os lençóis, enquanto enviava pensamentos de muito amor para o noivo amado. Fechou os olhos e em poucos instantes adormeceu.

Dario ficou ali a admirá-la, no seu acendrado amor, até ouvi-la ressonar serena. Cobriu-a, agasalhando-a; beijou-lhe a testa e saiu.

Adormecida, sua filha ficou aos cuidados de Safira que se aproximara e que se dispôs a tocar a cítara, enquanto Fathima repousasse.

Antes de sair, Dario sorriu para ela, muito grato e comovido com a sua admirável dedicação e enquanto caminhava, ele carregava, aflito, o tormento da incerteza daquilo que virá.

Num recinto reservado, onde, normalmente faz as suas orações, pegou o Alcorão e recitou algumas suras para socorrer-se. Ajoelhado sobre pequeno tapete franjado, inclinou-se até o chão várias vezes, encostando nele a testa, completamente submetido ao Poder Maior; enquanto batia no peito, repetidas vezes, exclamando com ênfase:

– *Allah Akbar! Allah Akbar!...* Allah é poderoso e clemente com aqueles que O adoram e obedecem!...

Séfora, que vinha à sua procura, ouviu-lhe as evocações. Aborrecida, fez uma careta de desagrado, mas não o interrompeu; seria ultrapassar todos os limites da paciência do marido, e arriscar-se a sofrer-lhe a fúria.

Seu coração, vazio de fé e de amor, desdenha a religião. Sem ser vista, afastou-se.

Depois das orações, mais reconfortado, Dario chamou os seus intendentes e iniciou a pauta do dia, naquilo que o mundo lhe exigia, como chefe de uma tribo, pai de família e comerciante bem-sucedido.

Espera que tudo volte à rotina, nos preparativos para a grandiosa festa nupcial. De uma forma ou de outra, sofrerá: a filha querida deixará a sua guarda, a sua amorável sombra, em busca de outra vida, outra realidade, junto ao marido e futuramente junto aos filhos,

seus netos...

A emoção de Dario se intensificou diante de tão caras esperanças e teve que resistir, bravamente, para não cair num pranto sentido que aliviaria, em muito, o seu coração...

Confiante em Allah, porém, sacode a cabeça para afastar os receios que, racionalmente, são infundados.

Fathima descansa sob o olhar dedicado de Safira.

Esta, sentada a um canto, sobre enorme almofada, toca suavemente e em sons quase inaudíveis, a sua cítara.

Demiana, vigilante, já fora ver Fathima, várias vezes.

Numa dedicação, incomparável, que chega à abnegação, ela demonstra o seu amor e a sua gratidão à família de Dario.

Agora, enquanto se entrega às tarefas domésticas, reflete:

“Fathima parece ter nascido para provar a sua fé!... Tão boa, culta, e bela... A beleza espiritual, nela, encanta mais que a sua notável beleza física. Será que a nossa doce menina realizará os seus sonhos de amor?...” – intuitiva e pesarosa, ela principia a chorar.

Deixando por alguns instantes aquilo que faz, dirige-se aos seus aposentos e ali, fervorosa, faz as suas orações, rogando clemência a Allah...

Os mais variados partidos têm rondado a casa de Dario, com vistas a um consórcio. Homens belos e poderosos têm tentado cortejar Fathima, mas jamais despertaram o seu interesse. Só Norimar, enfim, chegou e conquistou-lhe o coração.

Muitas vezes, Séfora tentou convencer Dario a usar a sua autoridade paterna para casá-la, o mais cedo possível.

Ele, porém, ciente do temperamento da filha; um misto de docilidade e rebeldia,, deixou-a, sempre, com as rédeas do seu destino, respeitando a inteligência e o bom senso, indiscutíveis, que desde cedo Fathima revelou.

Arbitrária, todavia, Séfora não se cansa de tentar casá-la, com este ou com aquele, para ela, ótimos partidos. Algumas vezes, ela consegue avaliar com justiça, mas, as suas intenções são claras como água da fonte: livrar-se da incômoda presença da enteada.

Quando Fathima conheceu Norimar e interessou-se por ele, Séfora vibrou de contentamento; afinal, ele é um príncipe! Mas, as coisas

não caminharam de acordo com os seus interesses. Norimar, atento, percebeu de pronto as suas torpes intenções, e Dario, como um leão bravio, defende os direitos da filha. Contra isto, Séfora nada pode.

Fathima desperta. Olha ao redor e indaga à menina:

– Safira, o sol já vai alto! Por que não me despertaram mais cedo?

– Ordens do senhor, seu pai, minha senhora!

Recordando, Fathima comenta:

– Tive pesadelos e quase não dormi... Diga-me, onde está meu pai?

– Despachando com os seus empregados.

– Norimar veio me ver?

– Ainda, não, minha senhora! Fosse assim e a teríamos despertado.

– Algum mensageiro do seu palácio trouxe notícias?

– Isso eu não sei...

– Então chame Demiana, Safira!

– Sim, senhora! – apressada, a menina vai à procura da mãe.

Demiana chega e informa:

– Não, senhora, o belo príncipe (“Que Allah o proteja e lhe conceda vida longa!”) ainda não apareceu, nem se comunicou.

– Estranho... Temos tanto a decidir...

– Deve estar assoberbado de compromissos para o casamento.

– Sim, deve ser isso...

Tomando a mão de Demiana e atraindo-a para si, Fathima abre o coração e desabafa:

– Como já deve saber, tive pesadelos durante a noite... Ah, minha querida Demiana, o mundo parece fechar-se à minha volta, deixando-me uma única saída. E nesta, imagine, o meu príncipe não está!...

Abraçando-a, amorosa, Demiana lhe pede:

– Não alimente pensamentos como esses, minha querida! Tudo há de correr bem, você verá!

– *Insha’Allah! Insha’Allah!* – Fathima exclama, elevando os braços na direção dos céus.

Horas depois, ainda envolvida nas mesmas dúvidas e ansiedades,

Fathima ouve um tropel de cavalos e vozes muito alteradas que interpelam seu pai. Não consegue entender aquilo que dizem, mas conclui que algo muito grave está acontecendo. Seu coração dispara. Ordena a Demiana que vá saber o que se passa e que retorne rápido para informá-la.

A criada obedece e surpreende, ainda, as últimas perguntas que fazem alguns homens de feições nada amistosas:

– Garante, então, que o príncipe Norimar não se encontra aqui?

– Sim, senhores, eu garanto!

– Sabe onde podemos encontrá-lo?

– No seu palácio, sem dúvida! – responde-lhes Dario, muito surpreso.

– Ora, se de lá nós viemos! Ali ele também não está!

Acariciando a barba, o homem que parece ser o chefe do grupo comenta entre dentes e visivelmente revoltado, enquanto cospe de lado:

– Evadiu-se, o blasfemo, o infiel!...

Em seguida, ameaçador, ordena a Dario:

– Avise-nos, caso ele apareça, sob risco de ser gravemente penalizado, se não o fizer!

Depois de olhar ao redor, vacilando entre acreditar em Dario, ou fazer uma busca mais apurada, ele se decide pela primeira alternativa. Afinal, Dario é pessoa importante demais e amplamente conhecida, para ser desconsiderada. Para maiores providências, atinentes ao caso, precisaria de ordens maiores, o que, para o momento, não possui.

Puxando, violentamente as rédeas de sua montaria e impulsionando-a a tomar o caminho de volta, ele ordena a retirada. Todos disparam, junto a ele, na pressa que os caracteriza. O ruído é ensurdecedor, acrescidos de muitos impropérios.

Dario que ouvira e, lamentavelmente, entendera muito bem a frase sussurrada, olha para o céu e roga, muito aflito:

– Allah, haja o que houver, socorre-nos, e muito principalmente ao querido príncipe!...

Demiana que já retornara rapidamente, segurando as saias para andar mais depressa, transmite aquilo que ouviu à Fathima.

Muito assustada, ela se precipita para o pai e ainda divisa, ao longe, o grupo de cavaleiros velozes. No rastro, densas nuvens de poeira.

– Meu pai, por que aqueles homens estão à procura de Norimar?

– Não sei, filha! Eles não diriam, mesmo que eu lhes perguntasse.

– Allah! O que terá acontecido?! – Fathima leva a mão ao peito e sente-se fraquejar. Respira com dificuldade e no esforço para mover-se, atropela-se nas próprias pernas. Seu corpo treme como um arbusto ao vento inclemente. Cai, lentamente, de joelhos, e perde os sentidos.

Dario, interiorizado, não se dera conta da sua situação. Quando se volta, por fim, surpreende-se com ela caída. Erguendo-a nos braços, aceita a ajuda de Demiana para acomodá-la no leito.

Seráfica, Fathima permanece sem sentidos.

Dario ordena:

– Demiana, vá buscar os medicamentos!

– Sim, senhor!

Em poucos instantes, ela regressa, apressada, com algumas ataduras embebidas em bálsamo, um frasco com um líquido de cheiro penetrante, um copo com água e gotas calmantes.

Põe as ataduras sobre a testa de Fathima e aproxima-lhe o frasco das narinas. Ela desperta, tossindo. Geme, debilmente, e tenta erguer-se, no que é impedida.

Quando Demiana lhe oferece o calmante, ela recusa. Senta-se no leito e declara:

– Não quero dormir, quero permanecer lúcida! Quero saber onde está o meu noivo e por que recebemos, hoje, essa inusitada e ameaçadora ‘visita’!

– Acalme-se, filha! Pode ser que ele mesmo venha até nós! Quem sabe, está nas redondezas à espera de uma oportunidade segura para aparecer? Nós não sabemos o porquê dessa procura tão agressiva, mas devemos confiar em Allah, acima de tudo! O próprio Norimar há de nos esclarecer, aguardemos!

– Meu coração diz que Norimar está em perigo! – Fathima confessa, aterrorizada.

Angustiado e silencioso, Dario conclui: “O meu também!...”

– Papai, ponha os seus homens à procura de Norimar, por favor!

– Farei isso, descanse! Acalme-se e não esqueça que acima da nossa fragilidade, Allah, clemente e poderoso, nos socorre com sabedoria! Organizarei uma busca. Reze com muita fé e permaneça atenta. Norimar pode aparecer.

– O senhor, meu pai, nem consegue disfarçar. Está tão receoso quanto eu!

– Sim, minha querida! Sabemos das nossas leis e de como elas são cumpridas!

– Por que diz isso? Acaso o meu príncipe contrariou, de algum modo, as leis que tão bem representa e exerce? Não, isso é impensável! Conhecemos a sua fidelidade e a sua honra! Eu devo estar delirando, todavia foi isso que subentendi, meu pai!

– Perdoe-me, Fathima! A grande preocupação com Norimar me faz dizer absurdos! Mas, com efeito! Tudo isso me incomoda demais!... O dia das bodas bate à porta! Um momento impróprio para contratempos de qualquer espécie!

Sob o olhar perspicaz da filha, que não se convenceu totalmente, com as suas explicações, ele se dirige aos seus compromissos mais urgentes. Em seguida, põe os seus homens à procura de Norimar, como prometeu, e vai, ele mesmo, ao seu palácio. Falará aos seus intendentes. Precisa saber o que, de fato, está acontecendo.

Uma vez ali, é recebido com honras pelo intendente-mór do príncipe, Ahmed.

Após os devidos cumprimentos, ouve a confirmação da ausência do futuro genro. Muito intrigado, pede:

– Ahmed, por favor, relacione os últimos atos do seu soberano, ontem, pormenorizadamente. Espero encontrar alguma referência, neles, com os fatos que ora nos surpreendem.

Convidando-o a sentar-se, Ahmed inicia a sua narrativa:

– Ontem, pela manhã, ele atendeu normalmente ao seu ministério. Depois, como sabe, foi à sua casa. Nestes últimos dias, em meio às providências, referentes às bodas...

Ahmed para de falar, muito emocionado.

Dario pode notar que ele também teme pela segurança de Norimar.

Ahmed pigarreia, controla-se e prossegue:

– Em meio às providências, referentes às bodas, como eu dizia, ele tem se desdobrado, num esforço contínuo, a fim de que o evento nupcial seja insuperável, único, inesquecível!

No rosto moreno de Ahmed, bem formado e de linhas harmoniosas, reluzem grandes e belos olhos, negros como a noite.

Dario sabe da grande amizade que une o príncipe e Ahmed.

De classe bem distinta do seu amo, desde menino Ahmed é presença, grata, no palácio.

Assumindo as funções de monarca, após a morte de seu pai, o rei Nassif, Sua Alteza, o príncipe Norimar Al Jared guindou Ahmed ao posto da sua mais alta confiança. Depois de Norimar, Ahmed decide tudo no palácio.

Ele é casado com a bela Aisha. Trabalham ambos no palácio e residem ali mesmo. As suas existências giram ao redor da vida do palácio e Norimar não economiza elogios, quanto às qualidades do casal e a grande dedicação que os caracteriza.

Ahmed prossegue:

– Quando ele chegou, comuniquei-lhe que alguém o aguardava. Aborreceu-se consideravelmente, ao tomar conhecimento da identidade do visitante. Subiu e banhou-se. Depois desceu e atendeu-o, visivelmente contrariado.

– Quem era, Ahmed? – Dario indaga-lhe, já muito incomodado, prevendo algo que não consegue ainda precisar.

– Era o xeique de Bagdá, Barun El Farid, que se fazia presente, novamente, num curto intervalo de tempo.

Dario empalidece e levanta-se de chofre. Olha para o alto e roga auxílio aos céus. Enfim, parece começar a entender o mistério.

Ahmed compreende a sua reação. Ambos conhecem, de sobejo, essa tétrica personalidade.

– Você tomou conhecimento daquilo que conversaram?

– Infelizmente não! Estive muito ocupado em atividades, urgentes relativas às bodas e à manutenção do palácio. Ontem fiz muitas compras, principalmente, de víveres. Tive de conferir tudo muito bem e completar as devidas transações financeiras.

– Qual a reação de Norimar, depois da entrevista?

– A pior possível! Revoltado e abatido, ele parecia carregar o

mundo nas costas. Diante do seu silêncio, entendi que não deveria fazer perguntas, todavia, muito preocupado, arrisquei:

– Posso fazer algo?

Ele me fitou, com um olhar que pareceu atravessar-me sem me ver, e respondeu:

– Sim, pode... Rogue a Allah por mim, por este sultanato, por todos nós, Ahmed, meu irmão! Os céus desabaram sobre a minha cabeça!...

Ato contínuo, subiu e encerrou-se nos seus aposentos, incomunicável.

Algumas horas depois, subi e tentei ouvir se ele dormia, mas percebi que, inquieto, ele andava pelo quarto. Tive ímpetos de bater à porta, mas não me atrevi. Desci, rogando a Allah que o socorresse, fosse no que fosse. Pobre soberano, pobre irmão!... Não consigo atinar com o que houve e pior que tudo, nobre Dario, temo por sua vida!

Dario levanta os braços na direção dos céus e exclama:

– Que Allah o proteja e acoberte com sua sombra poderosa!

– Sim, que Allah o proteja!

Um silêncio se faz. Estes dois corações amigos pressentem grandes perigos para Norimar.

Dario quebra o silêncio. Quer saber mais:

– E depois, Ahmed?

– Depois, muito tarde, me recolhi aos meus aposentos, sem contudo lograr dormir.

“Hoje, bem cedo, como de costume, eu já estava de pé.

“Fiquei à espera do príncipe para as ordens do dia, mas as horas se passaram e ele não apareceu. Respeitando-lhe a grande necessidade de repouso, dei ordens para que não fosse incomodado.

“Imaginei que depois de um sono reparador, ele dividiria comigo as suas preocupações e juntos encontraríamos uma solução para o que quer que fosse, como de costume.”

– Enfim, vocês conversaram?

– Não, não tivemos tempo!

– Por que, Ahmed?

– Eu explico, nobre Dario. Incomodado com a sua demora, fui bater à porta dos seus aposentos. Depois de alguma insistência e não sendo atendido; muito preocupado, experimentei a porta e notei que estava apenas encostada. Entrei, mas ele não estava ali.

Bati todo o palácio, à sua procura, em vão. Ninguém o vira.

Voltei aos seus aposentos particulares e fiz uma avaliação, geral. Notei a falta de algumas peças de roupas, geralmente usadas em longas viagens. Perplexo, procurei um ponto de referência nas minhas memórias, algo que pudesse me valer para decifrar aquele ato do nosso soberano e, mais que isso, saber qual o seu paradeiro.

Em que momento ele teria saído do palácio? Por que não me comunicou, como sempre faz, e principalmente, por que e para que o fizera? Uma esperança socorreu o meu coração, ao imaginar que ele tivesse ido à sua casa.

Esta esperança, porém, durou muito pouco, porque uma tropa de homens, violentos e revoltados, chegou procurando-o em meio a exclamações muito desrespeitosas. Em altas vozes, eles me interrogaram e o furor que vi nos seus olhos aumentou em muito os maus presságios do meu coração. Sincero, informei-os que o príncipe provavelmente estaria na casa de sua noiva.

Algumas horas, depois, ainda sob o impacto de tantas dúvidas e sem saber o que fazer, ouvi o anúncio de sua visita. Respirei melhor e tive esperanças que o nobre Dario estivesse melhor informado, e pudesse me esclarecer a respeito desse inusitado comportamento do meu amado amigo e soberano. Vejo, agora, que estamos, ambos, mergulhados em sombras. Como saber o que, de fato, aconteceu? Onde o príncipe pode estar neste momento? E... Como estará? Temo tomar atitudes que possam prejudicá-lo... Oh, Allah, quanto mistério!...

– Da parte de quem vieram aqueles que o buscam, Ahmed?

Em voz pausada, prevendo o horror que causará a Dario, Ahmed responde:

– Da parte do xeique de Bagdá, e sob a alegação de que o califa de Damasco, Mustafá Galib, requisita a presença do príncipe, para algo muito urgente e da mais alta gravidade!

Dario salta do assento e caminha a esmo, tentando controlar-se.

Sente dificuldades para respirar e empalidece, mortalmente. Seu coração, acelerado, desgraçadamente compreendeu tudo.

Os acontecimentos presentes se prendem à nova ideologia de Norimar!... Mas como Barun El Farid ficara sabendo? Norimar não seria tão imprudente! E onde ele estará agora? Viajara só, de *motu proprio*, ou fora arrastado durante a noite para um destino cruel? Estará vivo ou morto? Não... Caso estivesse morto não seria procurado... Deve ter fugido!

Alquebrado, Dario aperta a cabeça com as mãos e respira fundo, agoniado. Duvida da felicidade da filha e, mais que isso, duvida da sobrevivência do príncipe. Como dizer estas coisas a Fathima?

Volta a sentar-se e prossegue indagando:

– Diga-me Ahmed, como eles reagiram diante da ausência do príncipe?

– Blasfemaram em todas as línguas, até mesmo naquelas da Torre de Babel e que jamais foram traduzidas! Desconfiados, na arrogância que os caracteriza, fizeram uma busca, absurda e invasiva, por todo o palácio! Na tentativa de impedir-lhes os excessos, levei alguns empurrões e ouvi ameaças.

– Quanta arbitrariedade! – Dario comenta indignado.

– Eles representam a lei! Quem se atreveria a desafiá-los?

– Quem se atreveria a desafiá-los, não é, mesmo, Ahmed?!... – Dario indaga, entre irônico e desesperado.

Ahmed torna-se tão pálido quanto as paredes brancas do palácio e igualmente se desespera:

– Oh, Allah, não!...

– Sim, Ahmed! O nosso bravo e temerário Norimar foi às raias da insanidade e desafiou aquele corvo maldito na Assembleia de Damasco!

– Agora entendo!... Ele deve ter ameaçado o príncipe! Aqui mesmo no palácio ele compareceu duas vezes seguidas! Norimar surpreendeu-se deveras com sua segunda visita e... depois desta...

– Sim, esta a conclusão mais lógica! Todavia, onde estará Norimar? Se eles o procuram...

– Que Allah seja louvado! O príncipe deve estar vivo e bem protegido em algum lugar!

– *Insha'Allah! Insha'Allah!* – Dario eleva as mãos ao alto, agitado, enquanto caminha, muito nervoso.

Quase a falar sozinho, prossegue:

– Onde, onde estará Norimar? Provavelmente fugiu...

– Sim! É o que deve ter acontecido! – Ahmed concorda.

– Antes de vir, organizei uma busca minuciosa. Alguns homens saíram à procura dele, pouco depois da chegada e da partida do mesmo grupo que esteve aqui. Eles têm um roteiro e aguardo-os à noite com os resultados. Desde que eu soube das suas novas ideias, passei a temer por sua segurança.

– As ideias do príncipe sempre foram muito avançadas, quanto aos conceitos de bem e de mal. Principalmente quanto aos seus deveres para com Allah e para com o seu próximo.

Indignado, Dario mal conseguiu ouvir sem interrompê-lo:

– Ahmed! Por Allah! Devo inferir que você aprova os novos pensamentos do príncipe? Se assim for, posso culpá-lo também por este momento de tão grande aflição!

– Não, descanse! Jamais incentivei os sonhos de Norimar, nem modifiquei os meus conceitos! Todavia, nobre amigo, posso dizer-lhe com sinceridade d'alma que, ao ouvi-lo nos seus entusiasmos de esperança e de fé, pude, reiteradas vezes, compreender-lhe os anseios. Admiro-o! Nos conhecemos desde meninos, e pude sempre e bem de perto, louvar-lhe os atos de justiça e de clemência, onde quer que estivesse. Ninguém pode negar-lhe a natural bravura e o caráter adamantino!

– Tremo ao imaginá-lo numa masmorra ou, quem sabe, já lhe tenham decepado a nobre cabeça?

– Não! Allah é misericordioso com aqueles que o obedecem! Nosso caríssimo príncipe há de estar bem! – responde Ahmed, tão sensibilizado, quanto Dario, recordando, contudo, que o tempo se escoa, rápido... Precisa se movimentar e continuar procurando Norimar. Acredita que ele esteja vivo.

– *Insha'Allah! Insha'Allah!...* – Dario exclama, esperançoso e pleno de fé.

Despedem-se, comprometendo-se, ambos, a trocar informações, detalhadas e atualizadas, a respeito das buscas.

Dario saúda, formalmente, a Ahmed. Este, após corresponder à sua saudação, abraça-o, efusivo e respeitoso.

Em poucos instantes, Dario monta seu corcel e regressa para casa.

O que dirá à filha? Que tipo de informações lhe dará? Será difícil, senão impossível, disfarçar a gravidade da situação. Fathima é muito perspicaz; ágil nas suas conclusões e altamente cobradora com vistas à sinceridade. Espera encontrar os meios e as palavras adequados, para poupá-la das notícias, naquilo que elas têm de pior.

Quando, enfim, se aproxima de casa, seu coração amoroso bate forte, prevendo o desespero dela, na urgente necessidade de adiar o ansiado enlace, somando-se à infelicidade de ignorar o paradeiro do noivo amado...

Enquanto Dario esteve no palácio de Norimar, Fathima recebeu a visita de várias amigas, para os rituais, importantes e tradicionais, que precedem as bodas.

O grupo se prepara, entusiasmado, para este mister. As suas alegrias esfuziantes visam o coração palpitante da noiva, o qual estimulam de todas as maneiras.

Após algumas tentativas de instalarem os normais procedimentos, com músicas, danças, brincadeiras e os cuidados de beleza da noiva, constataram a impossibilidade de Fathima participar, no momento, por motivos visíveis de saúde.

Desculpando-se, educada, ela promete às amigas que as receberá, assim que estiver bem.

Preocupadas, elas se foram, augurando-lhe bem-estar e um pronto restabelecimento.

Sua maior amiga, Solimar, porém, permaneceu com ela e aguardando um momento propício, indagou-lhe os reais motivos do seu notável abatimento:

– Por que está assim, minha amiga? Por que, este semblante tão pálido e triste, às vésperas da realização do seu grande sonho de amor?

– Ah, Solimar, você nem pode imaginar!... Parece-me que um mau-gênio decidiu torcer o meu destino para fazer-me infeliz! Por certo,

os corvos do deserto, negros e carniceiros, crocitam sobre o teto da minha casa!

– Que horror! O que de tão ruim pode estar acontecendo? Seu noivo é o sonho de todas as mulheres. Seu pai iria buscar as estrelas do firmamento, caso você lhe pedisse. Sua vida é prenhe de esperanças, de felicidade e venturas mil! Diga-me, por favor, o que mudou?

– Eu lhe direi... A você eu abro o meu coração. Julgo enlouquecer, Solimar, tal o meu desespero!... – ela esfrega as mãos, uma contra a outra, aflita – O inferno se abriu sob os meus pés e me atrai para os seus abismos!

– Não diga isso, Fathima! Que Allah a proteja e que sua luz radiosa leve para bem longe estes temores!

– *Insha'Allah, Insha'Allah!...* Os meus sonhos, porém, estão se esfumaçando no ar!... Como continuar vivendo?...

Fathima se dirige à saída e olha ao longe. Seus pensamentos voam na direção de Norimar, e do seu peito escapa um surdo gemido.

Amável e compreensiva, Solimar comenta:

– Conheço-lhe o temperamento, impressionável e sensível! Você pinta com cores muito fortes ou muito amenas tudo aquilo que lhe toca mais de perto. Sei dos ímpetos e da força, intensos, que imprime às próprias emoções. Você, Fathima, pode ir ao céu ou ao inferno, em poucos instantes e, às vezes, ao mesmo tempo!

Fathima regressa sobre os próprios passos, senta-se, suspira e concorda:

– Sim! Você me conhece bem. Afinal, crescemos juntas. É exatamente assim que eu sou...

– Então... Você pode estar exagerando!...

– Desta vez não, amiga... Ouça-me e entenderá: Tenho estranhos presságios. Meu pai também. Somos ambos muito afeitos às coisas da alma. Pois bem, meu coração angustiado me diz que o meu casamento não se realizará!

Solimar quer saber:

– Você acredita em presságios?

– Sim! eles geralmente se concretizam! Mas, peço-lhe, não

suponha que eu tenha me transformado em uma pessoa negativa, mórbida... Não... A despeito de tudo, tenho me organizado, febrilmente, para o meu casamento. Com a alma em festa, sonho com um futuro venturoso ao lado do meu único amor. Assim, me debato aflita entre a esperança e a dúvida; a certeza de que serei feliz e a intuição de que algo muito ruim pode modificar tudo, trazendo-me desventuras inimagináveis!... Tudo ao meu redor parece conspirar contra mim e contra Norimar. Estou de mãos e pés atados, sem nada poder fazer para evitar o mal que se anuncia, mas que por enquanto ainda não mostrou a sua verdadeira feição! Sinto-me tal qual um viajante perdido no deserto que não sabe de onde lhe virão os desafios de vida ou de morte...

Silenciando, Fathima pensa no pai. Ele deve regressar do palácio de Norimar, com notícias.

Solimar quebra o silêncio:

– Conte-me tudo, em detalhes, por favor!

– Sim... O que me atormenta mais, nesse momento, é a ausência inexplicável de Norimar.

– Ora, Fathima! Ele deve estar assoberbado de compromissos. Mormente, agora, às vésperas das bodas. Ou, quem sabe, viajou inesperadamente! Afinal, suas atribuições são tantas!

– Há algo mais, Solimar... Hoje pela manhã apareceu aqui um grupo de homens ruidosos e agressivos. Eram representantes da lei e procuravam o meu príncipe! Estavam exasperados e lançaram ao vento, na direção dele, exprobrações desrespeitosas e terríveis ameaças.

Solimar fica muito intrigada:

– ?!... Afinal, o seu noivo não é parte representativa dessa mesma lei?

– Sim! Todavia, concluímos que Norimar está sendo acusado! De quê? Não sabemos, mas deve ser muito grave! Esses homens não respeitaram, sequer a minha casa ou o meu pai, ao qual ameaçaram, violentos. Caso Norimar estivesse no seu palácio, eles não teriam vindo procurá-lo aqui. Agora, as horas passam, inexoráveis, e ele não aparece...

– Agora compreendo. E seu pai, onde está?

– Foi ao palácio falar a Ahmed, intendente-mór do príncipe.

Fathima silencia. No rosto, uma expressão de angústia.

Penalizada, a amiga abraça-a e aconselha:

– Acalme-se, minha cotovia! Allah, por certo, cuidará do seu noivo! Não se desespere!

– Anseio pelo retorno de meu pai... Por notícias...

– Confie, Fathima!

– Eu confio, mas o meu coração se aperta como em torniquete e se constringe numa dor, quase física. Temo o futuro, Solimar, naquilo que ele prenuncia de renúncia, de dor...

– Ora, ora, Fathima, você anda muito depressa! Clamemos por ventura!

– Sem Norimar? Impossível!...

– Com ele! Allah sabe de tudo, aguardemos!

Num longo suspiro, Fathima se solta, delicada, do abraço da amiga, e caminha pelo aposento, desanimada.

Ajoelha-se sobre as grandes almofadas que se espalham sobre o tapete e solta o corpo. Deita-se e encolhe-se, sobre si mesma, como um feto no ventre da mãe.

Aparentemente esquecida daquilo que a cerca, ela se lamenta sozinha, enquanto Solimar, sem saber o que fazer, ouve-lhe as queixas:

– Como eu gostaria de estar nos braços de minha mãe, neste momento! Ela se foi, tão cedo... Oh, Allah, que falta ele me faz!...

Solimar acorre:

– Todavia, a vida lhe deu um pai dedicado que a substituiu brilhantemente!

– Tem razão... Sou má e ingrata, não é?

– Você jamais será má, Fathima! Você é luminosa como a estrela da manhã e generosa como o sol que concede vida à Terra; é a fonte límpida que dessedenta o viajor perdido no deserto; a ventura maior de seu pai e do seu noivo!

Sorrindo, levemente, Solimar acrescenta, orgulhosa:

– E é, também, a minha mais querida amiga!

– Agradeço-lhe, amiga do coração, por tudo! Perdoe-me a fraqueza, peço-lhe... Estou no limite das minhas forças! – seu corpo

se agita sob o impacto do pranto que se inicia.

Inclinando-se sobre ela, Solimar toca-lhe os cabelos, acarinha-os, e pede:

– Tenha fé, Fathima!... Allah os protegerá a todos!...

Observando-lhe, porém, a crise de choro que aumenta e se intensifica, chama Demiana.

Esta traz gotas calmantes numa xícara de chá e adoçadas com mel.

Fathima bebe o líquido e em poucos instantes relaxa e dorme.

Solimar fica ali, a orar, solícita.

Ao chegar, Dario é informado que a filha está dormindo.

Saúda, fraterno, a Solimar, e dirige-se aos seus aposentos.

No seu abatimento físico e na sua expressão, Demiana conclui sabiamente que as prováveis notícias não são boas...

*

Invariavelmente e acima de quaisquer circunstâncias, o sol nasce e se põe; a chuva cai, fecundando a terra e permitindo a vida, enquanto purifica a atmosfera; os dias e as noites se sucedem, indiferentes à vontade dos mortais; e a luz ou a escuridão incide sobre as criaturas, impulsionando-as a um progresso que se dilata, cada vez mais, na esteira do tempo; ou sugere-lhes, enganosamente, a estagnação espiritual.

“Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.” (Eclesiastes, 3:1)

Nós somos como a semente que explode, vigorosa, dentro da terra e longe da luz, para desabrochar, esperançosa, virente e promissora.

Como criação máxima de Deus, o homem recebe em maior abundância e excelência tudo aquilo que precisa para vencer e ser relativamente feliz na sua jornada evolutiva. E assim caminhamos nós, sem exceção, neste ou noutros mundos, moradas benditas do Pai!

O exilado

Quase sempre solitários são os nossos testemunhos.

Assim é também para o régio filho do rei Nassif (o qual vive e viverá, para sempre, em sua memória saudosa e reverente!), que não é mais o condutor de um povo e nem (oh, desgraça!) o noivo de Fathima; ainda que em seu coração continue a sê-lo.

As circunstâncias o transformaram numa ave sem pouso seguro; num pária sem pátria, sem destino, sem origem, sem laços, sem identidade... Sua cabeça dói e o seu corpo está moído após tantas horas de cavalgada. Seu estômago sofre a fome da falta de apetite, e o coração, pobre órgão da sensibilidade, encontra-se alanceado.

Repentinamente, saltou de um contexto promissor para outro totalmente adverso. Agora é, só e simplesmente, um exilado a mais neste mundo.

Num exuberante oásis, enfim, ele decide parar.

Um pouco distanciada, uma caravana de comerciantes refresca-se e repousa.

Rosto coberto como os tuaregues, em poucas palavras, Norimar contrata um dos homens da caravana para os seus serviços.

Sem discutir, aceita o preço, as exigências e as condições. Paga e afasta-se para repousar debaixo das tamareiras.

Durante alguns minutos ainda, conserva a lembrança da sua tragédia particular, mas, aos poucos, entrega-se a um sono reparador.

Quando desperta, a caravana já partiu.

Abdul, seu novo criado, vigia. Bagagens prontas, acocorado e saboreando gostosamente as tâmaras, ele espera, submisso.

Muito moreno, magro, musculoso, de olhos salientes, bem disposto, Abdul tem um sorriso fácil. Extremamente servil (fruto de dolorosas experiências que lhe dobraram a cerviz), ele salta sobre

as pernas quando vê Norimar movimentar-se, e se põe em atitude de expectativa silenciosa.

Norimar, ainda sonolento, olha ao redor e recorda sua nova e desconfortável situação. Passa-lhe pela cabeça, num grande abatimento, que melhor seria nunca mais ter despertado.

Todavia, o tempo urge. Deve aumentar a distância entre si e aqueles que o perseguem. Sua natureza vigorosa aconselha-o ao regresso, ao enfrentamento de qualquer desafio... Precisa falar à mulher amada, explicar-se! Contudo, algo maior que a vida e a morte o impele a seguir adiante, a entregar-se à força do destino.

Angustiado, reflete:

"Como estará a casa de Dario? E Fathima? Conhece-lhe a sensibilidade e as reações diante dos desafios e das dores. Pobre querida... Será que nunca mais nos veremos?

Que fazer diante de situações inesperadas como esta?

Acaso podemos mudar a direção das águas dos rios; modificar as marés ou interferir no curso das estrelas?

Quando disparamos a flecha certeira do nosso *Maktub*?

Nestas horas cruciais, recordo Arjuna, na sua quase desistência de lutar, em meio aos seus conflitos; superados, enfim, com a ajuda de Krishna...

Allah, meu Senhor, em vós a minha força e a minha defesa! Devo seguir adiante com coragem e fé!..."

Num doloroso solilóquio, ele extravasa a sua dor:

– Que Allah proteja você, minha Fathima, glória imortal do meu coração! Um dia nos reencontraremos! Esta esperança eu devo, eu preciso manter! Os destinos dos homens são misteriosos... Terrível desconhecer aquilo que nos aguarda; aquilo que nos foge ao entendimento e ao controle... Mas, não é sempre assim? Quando o homem teve o seu destino em suas mãos? Nunca!... Allah, que a cada amanhecer e a cada anoitecer, eu esteja contigo e que a tua sombra, poderosa, cubra a existência de Fathima!

Nestas evocações, Norimar está de joelhos, na postura habitual das orações. Ao findá-las, inclina-se para frente, testa colada ao chão, plenamente submetido ao poder divino. Assim ele permanece por alguns minutos.

Abdul advinha-lhe graves tormentos, mas disfarça, respeitoso, e observa-o, de soslaio. Seu novo patrão pode se aborrecer; achá-lo intrometido. Com um graveto, rabisca na areia, enquanto aguarda-lhe as ordens.

Norimar apruma-se, respira a haustos, olha à volta, e depara-se com aquele homem que contratara e do qual já estava esquecido. Simpatizara de pronto com ele, no momento do acordo feito com o seu ex-patrão.

Decide prosseguir, presto. Sua intuição comanda a sua razão. Salta sobre o cavalo.

Em silêncio, o criado faz o mesmo.

Norimar imprime grande velocidade à sua montaria que obedece e relincha de prazer. Na verdade, Norimar havia despertado com a impaciência do seu cavalo, Simum, que escavava o chão e relinchava, nervoso. Simum é forte, intuitivo, ágil e muitíssimo inquieto. Quando cavalga, parece ter as asas de um Pégaso. Foi um presente de Dario. Este o trouxe da Mongólia e encilhou-o, regiamente, antes de entregar-lhe o animal. Norimar incita Simum a correr cada vez mais.

Abdul tem dificuldade em acompanhar-lhe a intrepidez e a velocidade, mas segue-o esforçado e dentro das suas possibilidades, naturalmente de acordo com as possibilidades da sua montaria.

Na próxima parada, Norimar sabe que deve alimentar-se. Desde o dia anterior está em jejum. A vida lhe cobrará atitudes fortes e determinadas. Precisará de muita energia.

O sol, aos poucos, se faz inclemente. Seus raios incidem sobre os grãos de areia que brilham como minúsculas pedras preciosas.

Estancando o cavalo, Norimar bebe água e em seguida retoma o ritmo veloz da cavalgada.

Desarmonia íntima

Fathima é o retrato da dor. Nada que possa consolar o seu coração.

Dario já empreendeu toda forma de busca, mas o seu futuro genro parece ter sido tragado pela terra. Nessa procura ele gasta muito dinheiro, enquanto movimenta muitas pessoas.

Sob a triste impressão de que algo muito grave aconteceu a Norimar, todos falam baixo, respeitosos, e oferecem os seus préstimos.

(Eu disse todos, meus caros leitores? Perdoem-me, pois falto, mais uma vez, com a verdade!)

Séfora nem disfarça a sua alegria. Dança, canta e vive à larga. Preocupações, nem pensar. Age como melhor lhe parece, sem se importar com aquilo que se instalou ao seu redor.

Seu comportamento acabrunha, deveras, o marido.

Dario sabe que Séfora se regozija, sobremaneira, ao surpreendê-lo tão alquebrado, mas no momento não tem condições para ocupar-se com ela. Assim, ela se sente mais livre, mais solta.

Após a ‘negociação’ com o xeique de Bagdá, Barun El Farid, ela e Selic estão muito bem, em ótima situação financeira.

Com o desaparecimento do príncipe, não houve acareação.

Isso também os beneficiou, se bem eles já estivessem bem treinados para enfrentar aquilo que viesse.

Barun pensa em tudo, principalmente nos detalhes que podem prejudicar a obra, ou levá-la a um retumbante sucesso.

Caso a confrontação fosse feita, Séfora e Selic fugiriam em seguida, protegidos e acobertados por ele. Os dois desapareceriam no mundo, longe da fúria de Dario. As coisas, porém, caminharam melhor do que eles esperavam. Receberam a recompensa e ninguém suspeita deles.

O xeique fora generoso. Para vingar-se do príncipe, sequer

economizara; e Séfora, fora uma ótima negociante(!).

Barun, atualmente, paira entre a Terra e o seu desejado paraíso ("Allah é clemente com aqueles que lhe fazem a vontade!..."). Afinal, conseguiu provar, indiscutivelmente, a culpa do seu inimigo. De que lhe valeria tudo aquilo que possui, se não pudesse realizar os seus maiores anseios? Barun é o seu próprio gênio protetor!

– *Allah Akbar!… Allah Akbar!...* – ele exclamou, veemente, ao tomar conhecimento do resultado da sua sedição e erguendo os braços na direção dos céus, teatral e exaltado, concluindo eufórico:

– Allah premiou-me com mais uma vitória sobre os meus inimigos!

Mas... Apesar do entusiasmo, um frio glacial percorreu-lhe a espinha, ao recordar que o príncipe não fora encontrado, nem vivo nem morto. Este, onde quer que esteja, já concluiu sabiamente que Barun é o responsável por sua desdita.

Movimentando-se, porém, muito agitado, de cá para lá, mãos às costas, Barun resmunga:

– Ora, ora, o príncipe não passa de um grande tolo! Traz na alma códigos de justiça que somente ele pode exercitar; ou melhor, podia! – diante dessa conclusão, desata numa gargalhada debochada.

Ardiloso, recorda, descansado:

– Caso ele me enfrente o fará à luz do dia, de acordo com os seus princípios. E também não é afeito a vinganças! Muito menos é traiçoeiro... Todavia, devo reforçar a minha guarda. Afinal, ele era, ou ainda é, muito querido e admirado! Os seus seguidores e súditos, fiéis, dariam suas vidas por ele... E, mais que todos, Ahmed!

São amplamente conhecidas a inteligência privilegiada deste intendente palaciano, a sua capacidade para resolver os mais intricados problemas, a sua força física e habilidade guerreira, assim como a sua devoção antiga ao príncipe Norimar Al Jared! Eu, particularmente, jamais me atreveria a enfrentá-lo! Sim, preciso prevenir-me...

Neste estado de espírito, encontra-se aquele que Norimar chama, com muita propriedade, de corvo maldito.

Séfora, por sua vez, vaidosa do amante, aprecia-o agora mais que antes. Selic é jovem e bonito, além de ser forte como um touro.

Ela ouve os ecos da sua vida desregrada, mas finge ignorar.

Enganando-se, arremata: “Ele será sempre e acima de tudo – meu!...”

Conta que Dario jamais descobrirá a sua traição. Não se sente segura com Selic e ainda precisa dos préstimos do marido.

Na sua vida dupla, torna-se cada vez mais dependente dos carinhos do amante. Este não lhe tem amor e muito menos respeito. Pretende livrar-se dela e da sua insatisfação em momento oportuno.

Ela, porém, tola e sonhadora, por enquanto extrai dessa paixão, avassaladora, tudo que pode.

Em casa, imprudente como sempre, vive a desafiar o marido:

– Ora, Dario, só você não vê que o príncipe se arrependeu e sumiu no mundo para livrar-se desse casamento com sua filha! Afinal, ele percebeu o quanto Fathima é estranha! Deve ter caído em si e repensado o próprio futuro!

Possesso, Dario retruca:

– Mulher desvairada! Como pode pensar assim? Ele abandonaria a própria vida, da noite para o dia? O grande amor que sempre os caracterizou, nunca tocou o seu coração, sua gralha? Ah, sim, a inveja se impôs, neste coração diabólico! Como pode ser tão cega e tão má? Crê mesmo que ele desapareceria sem deixar rastros? Não pensa, sequer, no grande risco que ele pode estar correndo? Leal, de caráter impoluto, ele enfrentaria qualquer problema como sempre o fez, nós sabemos! Acaso não o conheceu bem de perto, mulher infeliz?

– Sim, o suficiente para saber que ele era muito arrogante!

– E, acaso, alguém conseguiria ser mais arrogante que você? Não se reconhece, mulher dos demônios? Fala como se ele já tivesse morrido? Esquece que Allah protege os bons? Norimar é um dos melhores homens que eu já conheci!

– Ora, você sempre dá razão aos meus inimigos, nunca me defende!

– Defendê-la? Contra quem? Quem são seus inimigos, Séfora? Desde quando alguém poderia prejudicá-la mais que você mesma?

– Ah, Dario, eu desisto! Cuide de sua filha tresloucada que eu cuido de mim mesma, como sempre fiz! Esta é a minha sina!

Dario silencia. Quando volta a falar, avalia e deplora:

– Sei que você nunca me amou, e não tem o mínimo interesse por nós, como família. Não imagina o quanto eu lamento. Afinal, amo você e amo minha filha. Por que não consegue abrir o seu coração e ver-me de outra forma? Onde eu errei com você?

Imprudente e insensível, ela replica:

– Que me importa a quem você ama? A essa altura da minha vida, nada mais me interessa, Dario! Guarde esse amor para você e faça bom proveito! Deixe-me em paz! Eu gostaria de estar muito, muito longe daqui! Não suporto mais essa convivência! – nos seus olhos, muito ódio.

Chocado, Dario respira fundo e avisa:

– Aguarde, Séfora! Pretendo resolver tudo isso, em breve. Num momento mais propício falaremos, novamente, sobre essa 'convivência' que você despreza, abertamente. Agora, livre-me da sua presença, antes que eu perca completamente o juízo e lhe dê a lição que você merece, mulher ingrata e pérfida!

Sob o impacto dessa declaração, que ameaça os seus planos, Séfora empalidece. Extrapolou, mais uma vez, ao desafiar o marido. Ainda precisa da segurança que ele representa.

Sua reação de medo não passou despercebida a Dario que, esperançoso, concluiu que ela teme perdê-lo. Precisa, por um pouco que seja, de ilusão... Afinal, ama apaixonadamente essa mulher... Mas, apesar da dependência afetiva, não suporta mais tanta indiferença e crueldade. Como pôde, um dia, enganar-se tanto?

No momento sofre demais por Fathima. Espera que passado algum tempo, caso Norimar não apareça, ela se cure, enfim, e volte a viver. Suas dores, no momento, excedem a sua capacidade de superá-las. Seu amor por Norimar tolda-lhe a visão, os sentidos e o raciocínio. Sua alma se entrega, inteira, sem condições e sem limites, a este amor que é a razão maior da sua vida.

Muitas vezes, Dario a conforta, quando ela está em prantos, e não é raro vê-la, noite adentro, insone, a falar com as estrelas.

Nestas ocasiões, atento e carinhoso, Dario devolve-a aos seus aposentos, entregando-a aos cuidados de Demiana e de Safira.

Outras vezes, sai-lhe à procura, aqui e ali, onde acompanhada de Safira, Fathima procura algum ponto de referência sobre o paradeiro

do noivo. Ela empreende estas tristes peregrinações nos lugares mais inusitados e paga generosamente qualquer pretensa informação.

Esta situação corta o coração de Dario em tiras sangrentas.

Quantas mudanças, em tão pouco tempo! Sua filha trazia sobre a cabeça as mais belas promessas de ventura! Hoje, triste, não tem sossego. Ao redor dos olhos, olheiras enormes.

Dario entregou os seus negócios a pessoas de sua extrema confiança. Atualmente, só planeja e afere os resultados das caravanas. Não se afasta mais de casa, a não ser quando sai à procura da filha. Esta, às vezes, sai sozinha e esquece de avisá-los. A vigilância constante nem sempre surte os efeitos desejados. Assim, Dario teme e sofre, diante de uma situação que parece irreversível.

Neste momento, vamos encontrá-lo em patente desespero.

De joelhos, inclinando-se várias vezes e encostando a testa no chão, explode em soluços:

– Allah! O que houve com a minha vida? O que devo fazer? Como agir, se tudo me foge ao controle? Como salvar minha filha? Espanta, meu Senhor, os corvos que crocitam sobre o nosso teto! Onde andará o príncipe? Que sorte adversa o terá alcançado? Teria ele caído nas mãos dos seus inimigos? Socorrei-nos, eu rogo!... Já não sei como prosseguir e não consigo resolver a contento os problemas da minha casa! Neste momento, Senhor, onde estará a minha filha querida? Localizai-a para nós, com o poder incomparável da tua visão!

Dario chora, desabafando a dor e o medo de não encontrar Fathima. Após as orações, enfim, frui alguma paz.

Ele, Demiana e Safira vigiam Fathima dia e noite, minuto a minuto. Ainda assim, ela escapa algumas vezes.

Hoje, ao despertar, notou-lhe a ausência.

Demiana e Safira, inexplicavelmente, não a viram sair.

Já bateram os arredores, sem resultado algum.

Regressando, depois de horas numa procura inútil, albergou, ansioso, no coração a esperança de encontrá-la em casa. Chegando, porém, a grande decepção levou-o novamente ao

desespero.

Exasperado, clama por todos os empregados, e empreende uma nova busca.

Séfora, como sempre, não está em casa. Quando inquirida, a respeito das suas constantes saídas, responde que não consegue viver num ‘cemitério’, e acrescenta, indiferente, que precisa sentir-se viva, e por isso sai para fazer visitas, compras, ou, simplesmente, para caminhar.

Sofrendo os suplícios do inferno, Dario se movimenta, sem resultados, à procura de Fathima. O coração, porém, lhe diz que ela será encontrada... Após uma frugal refeição, sai novamente. Espera que ela não tenha se distanciado demais.

Ele ignora que ela decidiu procurar sem descanso o seu príncipe; só regressará quando tiver algum ponto de referência. Obstinada por natureza, Fathima às vezes torna-se temerária.

Alcançando o centro de Jerusalém, Dario apeia do seu alazão e percorre as ruas apinhadas de gente àquela hora.

Recorda, sofrido, o quanto lamentou a expectativa da sua ausência, após o casamento. Hoje, daria tudo para que ela já estivesse casada e segura ao lado do marido...

Depois de horas infrutíferas, suando em bicas, pés ardendo, corpo dorido, ele percorre as ruas de um mercado muito concorrido, e se depara com um círculo de curiosos, ao redor de algo que não identifica. Coração descompassado, as têmporas latejando, ele divisa um corpo caído ao chão. Precipita-se, de pernas bambas, em patente horror, e sem muito jeito ou delicadeza, empurra aqueles que lhe barram a passagem.

Em pânico, Dario se depara com a filha: caída, desfeita, lábios entreabertos, cabelos colados no suor do rosto, corpo amolecido, sem condições de defesa ou reação.

Ela geme, debilmente, quando ele a toma nos braços, soluçando de dor e de piedade, no seu extremado amor. Tocando-lhe a testa, percebe que ela arde em febre.

Ignorando o cavalo, carrega-a até uma carroça e embarca, com o seu precioso fardo. Abraçando-a, em transportes de carinho, diz-lhe palavras carinhosas, procurando tranquilizá-la.

Ela parece ouvir, mas os seus olhos giram nas órbitas, incapazes de fixar-se no semblante paterno. Minutos depois, num profundo suspiro, ela se aquieta.

Dario ordena ao cocheiro que o leve ao consultório de um médico famoso, seu particular amigo, em Jerusalém.

Além de atendê-la e medicá-la, o médico prescreve-lhe um tratamento longo e intenso. Suas forças, físicas e morais, estão no limite.

Sentindo-se melhor, mas incapaz de expressar-se, tal a sua fraqueza, e sem compreender muito bem o que se passa, Fathima sorri para tranquilizar o pai e de algum modo desculpar-se.

Chegando em casa, após acomodar a filha, Dario convoca Demiana. Esta, pálida e chorosa, comparece. De cabeça baixa, envergonhada, ela ouve:

– Responda-me Demiana: Por que nas suas horas de vigília, e responsável eu sei que você é, Fathima tem nos escapado algumas vezes?

– Rogo-lhe que me perdoe! Confesso que me empenho em vigiá-la, mas, ultimamente, não tenho conseguido. Talvez eu esteja doente! Se algo acontecer à minha menina, nunca me perdoarei! Encontrou-a, senhor? Diga-me, antes que meu coração pare de bater no peito e o meu juízo se escureça de vez! Por Allah!

– Sossegue, Demiana! Não fique assim! Encontrei-a no centro de Jerusalém, em meio à gente de toda espécie, no mercado público!

– Graças a Allah! – ela bate no peito com estrondo, inclinando a cabeça reverente e repetindo a frase várias vezes.

– Sei da sua dedicação à Fathima, mas, a partir de hoje, tomarei a frente de tudo que diga respeito a ela! Infelizmente, perdi a confiança em você!

– Sim, senhor, perdoe-me!... – com as mãos sobre o coração, em prantos, Demiana treme como se estivesse exposta a um frio glacial.

– Está bem, acalme-se, que não quero mais uma doente em casa! Certamente não sou ingrato e muito menos insensível. Vejo o seu cansaço, desde que minha filha se desequilibrou. Sua extrema dedicação a todos nós é inquestionável. Atualmente, você vem

assumindo, corajosa, as atribuições de Séfora na rotina das nossas vidas e tudo caminha muito bem! Concluo que a exaustão física responde por sua atual incapacidade de vigiá-la. Os anos já lhe pesam também. Em verdade, estamos todos sob dolorosa pressão emocional.

– Obrigada, senhor Dario! Onde ela está?

– Nos seus aposentos. Praza aos céus ela se cure logo. Precisamos, também, cuidar da sua saúde, Demiana. Vá ao médico. Isto é uma ordem! Quero vê-la bem. Para os encargos mais urgentes da casa, incumbirei outra serva, por enquanto, a fim de que você possa recuperar-se.

– Farei como ordena, senhor Dario! Brevemente estarei muito bem e poderei, enfim, retomar completamente as minhas obrigações que são a minha razão de viver!

– Para nós, Demiana, você é uma das maiores alegrias dessa casa. Que Allah a abençoe e a cubra com a sua sombra poderosa!

– Que Ele nos proteja a todos, sempre! Principalmente à Fathima que precisa superar-se diante do sofrimento atroz, no qual está mergulhada. Pobrezinha!

– Assim será! – Dario responde, já alheio e distanciado, imerso nos próprios pensamentos. Sofre pela filha e teme pela sorte de Norimar, indagando-se, inutilmente, sobre o seu paradeiro:

“Pobre rapaz!.. O quanto eu gostaria de poder ajudá-lo!... Incomparável, o amor dele e de Fathima! Qualquer um gostaria de ter, um dia, amado assim! Amei plenamente a mãe de Fathima, e apesar dos pesares, ainda amo Séfora; mas amor igual ao deles eu nunca vi! Que Allah os abençoe, permitindo-lhes o reencontro e a felicidade que almejam!... Amor como este é sagrado na Terra e no Céu!...”

Entre estes e outros pensamentos, Dario analisa o trabalho que o aguarda nas providências atinentes aos seus negócios.

Saudade...

Anos se passaram, sem modificar o estado de tristeza e abatimento de Fathima. Ainda aguarda o noivo que nunca mais voltou e vive mergulhada em muita saudade... O que mais dói? Não saber para onde, quando, e porque ele partiu, sem deixar rastros. Estará vivo? Seu coração lhe diz que sim...

Dario perdeu muito do seu dinamismo e entusiasmo.

As caravanas, cada vez mais frequentes e concorridas, ocupam-no bastante, mas o extremado zelo com a filha modificou a sua rotina de vida.

Nesse momento, enquanto descansa das aferições comerciais, reflete:

“Por onde andará Séfora? Mulher insensível e ingrata! Tenho quase certeza da sua participação na desgraça que se abateu sobre Norimar. Se ela for culpada, deve ter cúmplices e certamente contou com alguma autoridade poderosa do Islã; talvez, o próprio xeique de Bagdá, Barun El Farid. Ela terá superado todos os limites da sua alma negra, se entregou de forma tão vil o próprio futuro genro, o que tudo leva a crer que ela o fez!”

Recorda, ainda, com o coração em frangalhos, o dia da sua separação:

“Ela aproximou-se com alguma intenção; olhos brilhando e um fino sorriso nos lábios; lábios que eram a sua maior loucura! Andou ao seu redor, medindo-o com um olhar duro e penetrante e, por fim, declarou:

– Estou saindo da sua vida, Dario, e para sempre!

Em choque, indagou:

– Onde e como vai viver? Acaso tem posses? – na alma, a esperança de que ela repensasse a decisão que julgou precipitada.

Ele mesmo, quantas vezes, tentara fazê-lo, mas esbarrava sempre

na sua incapacidade de viver sem ela; fraco, dependente de um amor de desespero e de insegurança.

Impiedosa, observando-lhe, debochada, as emoções desencontradas, ela prosseguiu, muito segura:

– Não suporto mais viver aqui!

– Séfora, devemos nos unir e superar a desgraça que se abateu sobre nós!

– Que se abateu sobre você e sua filha! Eu estou saindo, de vez, da sua casa, e das suas vidas! Voltarei a viver com a minha família (Dario sabe que ela mente). Junto a eles e longe de vocês, eu voltarei a ser feliz! Vou refazer a minha vida e os meus sonhos; sonhos que quase sepultei nesta convivência abominável!

Dario sentiu-se enlouquecer. Metendo os dedos por entre os cabelos negros, com voz rouca, tal a sua revolta, e quase incapaz de se expressar, reagiu, possesso:

– Quando foi, sua víbora, que você teve vida melhor, antes de vir para cá e usufruir de tudo que lhe concedi? Perdeu o juízo ou a memória?

– Aquilo que me concedeu vale como compensação dos anos vividos, duramente, ao seu lado! O que mais desejo é recuperar a minha liberdade!

– Ao casar-se, você fez uma opção de vida! Esquece as nossas veneráveis tradições e as nossas leis? O que esperava?

– Eu esperava muito mais, de você! Mas minha vida aqui se transformou num inferno! Para sua filha, tudo! Para mim, as reprimendas constantes e muito desprezo! O seu amor por ela chega às raias do inconcebível! Ela, somente ela, é senhora de todos os espaços! Aprendi, desde cedo, a odiá-la, com todas as forças do meu coração! Sempre vi nela não uma enteada, mas sim uma rival das mais perigosas!

– Está sendo injusta! Você é má e ingrata por natureza! Eu e Fathima nos esforçamos tanto para conquistá-la e fazê-la feliz!

– Me deixando, sempre, à margem das suas vidas e ignorando os meus justos anseios?

– Como pode dizer isso?! Você deve ser, além de muito má, uma louca irrecuperável!

– Engana-se! Estou no meu juízo perfeito, como sempre estive, mas não suporto mais viver aqui, sob o mesmo teto que vocês! Jamais tive inclinação para a derrota e para a infelicidade! Voltarei a ser feliz, enfim!

Avançando para ela, Dario quer saber:

– Desde quando você foi feliz com os seus, mulher dos diabos? Mulher ingrata e cruel que nunca nos respeitou! Você tem um amante, não tem? Diga-me de uma vez, vomite tudo, tenha coragem!

Suspendendo-a pelos vestidos violáceo, e falando com extrema dificuldade, bem próximo ao seu rosto, Dario a fez entender o risco que estava correndo, desafiando-o tão abertamente.

"Será que ele já sabe e deseja apenas uma confirmação?..."– Séfora pensa, mortalmente pálida e debatendo-se nas suas mãos fortes como tenazes. Fora longe demais...

– Solte-me, Dario! Quer nos desgraçar de vez, seu bruto?

Segurando-a pelos cabelos, Dario passou a esbofeteá-la, o que fez até se cansar, mas ao vê-la em prantos, sangue a escorrer dos lábios, soltou-a, bruscamente, aterrorizado consigo mesmo.

Séfora desabou no chão, desajeitada e gemendo de dor. Passando as mãos no rosto e tentando socorrer-se, ela ouviu ruídos. Voltando-se, se deparou com Demiana e Fathima que, ao ouvir-lhe os gritos, acorreram, muito assustadas.

Enquanto socorre a madrasta, Fathima dirige ao pai um olhar que lhe fala, sem palavras, pedindo-lhe calma e reequilíbrio.

Profundamente envergonhado, Dario se precipita para fora, sem olhar para trás. Seu sangue ferve nas veias. Sua vontade é por um ponto final nesta situação, deprimente e desmoralizadora.

Deveria fazê-la confessar e alcançar, também, o seu amante. Todavia, teme os próprios ímpetos. Talvez fizesse uma desgraça, para arrepender-se depois.

A sós com Séfora, Fathima e Demiana, zelosas, cuidam dos seus ferimentos.

Revoltada, mas silenciosa, ela recebeu o auxílio, decidida a fugir, o mais rápido possível. Agora, Dario não duvida, apenas, da sua fidelidade; de algum modo, ele sabe... Sua vida e a vida de Selic

estão por um fio...

Dario, por sua vez, cavalgou durante muito tempo, em busca de calma e alívio para o coração. Cego de ódio, passou, sem cuidado, por perigosos caminhos, mas, em tempo, recordou que a filha, agora, só conta com ele. Deve preservar-se... Faz o cavalo regressar na mesma impetuosidade.

Ao adentrar a sua tenda e os seus aposentos, descobriu que Séfora não estava ali. “Melhor assim!...” – concluiu.

Exausto, física e emocionalmente, deitou-se vestido como estava e em poucos instantes adormeceu.

Séfora, que já contava com isso, e tendo arrumado tudo aquilo que pretendia levar; sorrateira, fugiu pela madrugada, conduzindo o animal com cuidado e no maior silêncio.

Algo distante, montou e, rápida, distanciou-se da vida de Dario, o qual deixava para sempre. Enquanto fugia, lamentava a própria ousadia que quase lhe custou a vida. Não deveria ter desafiado Dario. Seu rosto inchado e sua boca ferida confirmariam, junto a Selic, a sua coragem e o seu amor.

Poucas horas depois, os dois caíram no mundo, sem olhar para trás...

Por enquanto, Selic pretende ficar com ela, mas já possui planos bem definidos quanto ao futuro, e neste, Séfora não está.

Ela, inteligente e ladina, sabe disso, mas se julga capaz de prendê-lo para sempre, iludindo-se, comprometida como está, com esse belo homem que a fascina cada vez mais.

Assim, Dario ficou sem o grande amor da sua vida. Apesar da enorme decepção e tristeza, jamais a esquecerá. Essa mulher entrou no seu sangue e ainda domina, poderosa, sua alma apaixonada, sem limites e sem reservas.

Um amor como o de Séfora, que o levava à loucura, lhe fará muita falta, apesar de tudo. Dario duvida que algum dia possa confiar, de novo, noutra mulher.”

(Que estranho poder, meus caros leitores, levou Séfora a dominar alguém como Dario?... Ah, as artes de Eva!...)

Regressando das suas memórias e deixando aquilo que faz, Dario vai ver a filha que, imóvel, olhar distante, parece uma estátua viva.

Ao seu lado, fiel e reverente, Safira.

Elas estão sentadas sobre um espesso tapete, a admirar o sol no seu poente dourado, deslumbrante, capaz de extasiar mentes e corações.

Sentando-se ao lado das duas, Dario fita o semblante descorado da filha e indaga-lhe, penalizado:

– Até quando, minha querida, você vai esperar Norimar?

– Não sei, meu pai... Talvez para sempre...

– Filha, mude o rumo dos seus pensamentos e volte a viver! Pense um pouco que seja em você mesma! Faz tanto mal, ao meu coração, vê-la arrastar-se, assim, dia após dia...

– Perdoe-me, sei que deveria ser mais conformada. Tenho o carinho de vocês mas, aquilo que se foi era a minha razão maior de viver; a única possibilidade, conhecida, do meu coração para realizar os meus sonhos... O meu amor por Norimar, meu pai, é único e insubstituível. Sem ele, sou e serei, sempre, essa sombra que se arrasta, como disse muito bem.

– Compreendo mais do que possa imaginar, minha filha... Você sabe que eu sofro, também, por amor. Apesar das diferenças, nossas dores são muito parecidas.

Atraindo o pai para si, Fathima beija-o no rosto e acaricia-o, apiedada e arrependida:

– Perdão!... Quando o senhor mais precisa de mim sou tão egoísta!... Envolvida nos meus próprios sentimentos, tenho sido má e injusta. Por que as coisas têm de ser assim?!

– Você jamais será má ou egoísta, minha filha. Sua dor é justa e deve ser respeitada. Sua mocidade, ardorosa, ainda não aprendeu a sofrer com resignação. Isso só acontecerá ao longo do tempo, depois das múltiplas experiências. Conforme-se, por enquanto. O paradeiro do seu noivo é ainda ignorado. Reze para Allah e confie no seu futuro. Caso Norimar esteja vivo, certamente, sofre tanto quanto você... E, quem pode saber aquilo que o futuro nos reserva?

– Sim, meu pai! Por esse amor devo continuar vivendo, na esperança de tempos melhores. Tomara esse pesadelo termine e a alegria volte aos nossos corações.

– Assim será, sob o poder misericordioso de Allah! Quanto a mim,

minhas expectativas são muito diferentes. Devo seguir a minha vida, esquecendo, racionalmente, o meu passado com Séfora. Vivi, desgraçadamente, com uma mulher cruel; correndo o risco, constante, de num momento de insanidade, me tornar um criminoso. Infelizmente, suponho que ela não partiu sozinha; que deve ter um amante, tão vil quanto ela... Rogo, todos os dias, a Allah, para afastá-la do meu caminho, para sempre!...

– Acredita que Séfora o traía?

– Sim, mas nunca confirmei as minhas suspeitas! Ela é muito ardilosa; sabe enganar e defender-se como ninguém.

– Espero vê-lo feliz, de novo, meu pai! Quanto a mim, prometo ser mais conformada.

– Ótimo!...

– Um dia, encontrará outra pessoa que o mereça. A vida é surpreendente!

– Isto vale para você também, Fathima.

– Não, meu pai. Vivo e viverei aguardando o regresso de Norimar. Este é e será, sempre, o meu primeiro pensamento ao despertar pela manhã, e o último ao deitar-me, de noite, para o repouso do corpo.

– Bem, o coração é terreno sagrado e misterioso. O seu pode ser mais fiel e mais comprometido; todavia, aguardemos. Nós somos inconstantes, por natureza. Assim, nossa vida, aos poucos, voltará ao normal, apesar das nossas grandes frustrações.

Fathima beija-lhe as mãos fortes e morenas. Inclina-se, reverente, no habitual salamaleque e se vai. Chama Safira e esta lhe obedece, saltitante e cantarolando. Interessada, mas discreta, ela ouviu o diálogo entre pai e filha. Agora, mais confiante, acredita que sua querida Fathima vai melhorar e ser alegre como era antes.

Dario, mais tranquilo e mais harmonizado, retorna às suas contas e aos seus cálculos, dos quais dependem os seus negócios e o bom andamento da casa.

Ouve rumores de passos e vê Benjamim, seu intendente direto, chegando. Aprestam-se e juntos desenvolvem o trabalho com mais precisão e rapidez. Na próxima semana, outra caravana partirá para terras distantes.

Fathima melhorando, Dario poderá distanciar-se mais e por mais tempo. Precisa de uma viagem que o surpreenda, que seja feita de desafios. Quer correr riscos... Quem sabe, apaixonar-se de novo e esquecer Séfora?

Alguns meses mais e Fathima já está bem melhor: As cores voltaram às suas faces e ela sorri mais vezes; voltou a cantar, enquanto Safira toca sua cítara. Quando os sons se perdem no ar e as músicas chegam ao fim, os seus olhos estão nublados de pranto... Em sua memória, reverente e saudosa, Norimar fazendo coro com ela... Olhos sedutores, mergulhados nos seus, enquanto, encantado, aguardava a última nota soar, para tomá-la em seus braços e beijá-la, ardente, apaixonado...

São tantas as lembranças!... Estas, hoje, são-lhe bálsamo e companhia... Mais consciente que deve confiar e esperar, retomou, disposta e esforçada, as suas normais atividades.

Feliz e mais tranquilo com o restabelecimento da filha, Dario chama os seus homens e juntos planejam, minuciosamente, uma nova viagem. Desta vez, irão à Mongólia e à Tartária. Ali, Dario possui relações de longa data, negócios a acertar e a concluir, e a expectativa de lucros sempre bem-vindos, na compensação do esforço e dos perigos que enfrentarão ao longo da viagem, por lugares inóspitos. Até mesmo algumas vidas, não raras vezes, são ceifadas, em trágicas ocorrências durante o percurso.

Febrilmente, ele passa alguns meses nessa organização, que requer um planejamento muito cuidadoso e competente.

Tudo pronto, enfim, ele deixa a filha à frente de tudo; dá ordens diretas à Demiana e aos criados da casa. As recomendações mais importantes são para Demiana e dizem respeito à proteção e aos cuidados com Fathima.

Esta, por sua vez, apesar de incentivá-lo, teme por sua segurança e recomenda-lhe, também, muita prudência por onde quer que vá. Ficará rogando aos céus proteção para ele e para a sua caravana.

Pode aquilatar os riscos que seu pai correrá, num empreendimento como este... Todavia, há algo mais... Pressente que esta viagem modificará (mais uma vez) as suas vidas. Como ou por que, não sabe. Jamais esquecerá a outra, quando, ao regressar, seu pai

trouxe sem aviso, sua madrasta Séfora.

Decidida a fazer a sua parte, porém, assume com muita responsabilidade a direção da casa.

Pretende fazer tudo aquilo que Séfora nunca fez, por preguiça ou acomodação. As consequências da sua má vontade e da sua indisciplina eram visíveis. Apesar de tudo, Fathima sempre respeitou a sua autoridade e o seu lugar no ambiente doméstico.

Premida pela imensa saudade de Norimar, Fathima decide rever algumas lembranças:

Abre um porta-joias de ébano com detalhes delicados em ouro, e retira um broche de pedras preciosas e um colar de minúsculas e perfeitas pérolas cor-de-rosa...

Levando-os aos lábios, beija-os e acaricia o próprio rosto com os ricos adereços. As lágrimas caem-lhe, abundantes, enquanto recorda as datas e as razões dos referidos presentes, entre muitos outros de igual valor estimados, todos pelo que representam.

Após alguns minutos enxuga o pranto, guarda tudo, de novo, e ajoelha-se num pequeno tapete franjado. Fecha os olhos, interioriza-se, e pede a Allah que proteja Norimar onde ele estiver, e que acompanhe seu pai por terras tão distantes...

Demiana vem vê-la e afasta-se, respeitosa e em silêncio.

No fervor das orações, Fathima se retempera e se fortalece.

Seguindo os conselhos do pai, ela aguardará o futuro, naquilo que a vida lhe trouxer, e que será bem-vindo, sob as bênção de Allah!...

Rumo à Mongólia

Percorrendo estradas, vales extensos, desfiladeiros, deparando-se com grupamentos humanos dos mais diferenciados e enfrentando dificuldades de toda sorte, Dario persegue o seu intento: a um só tempo comercial e aventuresco, na esperança de balsamizar o coração. Todavia, à sua revelia, Séfora se faz presente: seja num céu estrelado, seja nos charcos das estradas lamacentas. Nestes paradoxos, ele define aquilo que ela representa ainda em sua vida. Envergonha-se da própria fraqueza, que precisou contar com as naturais ingratidão e indiferença dessa mulher diabólica. Por si mesmo, apesar das constantes ameaças, não teria tido a coragem de expulsá-la da sua vida. Seu desencanto, suas suspeitas, e as constantes aflições, nas quais vivia mergulhado, esbarravam sempre na sua triste dependência emocional...

“Não existe pior sortilégio que uma paixão insana!” – conclui, desiludido. Quando o corpo doído e exausto se deita e seus olhos se fecham para o repouso, ainda e sempre, é o semblante sedutor de Séfora que se impõe.

Enquanto os vigias se revezam do lado de fora do abrigo, Dario entrega-se, enfim, a um sono reparador. Só nesses momentos esquece a grande dor que carrega e que lhe sabe a fel.

Chega, por vezes, a desejar (que loucura!) que ao regressar, ela esteja em casa, a aguardá-lo, arrependida e carinhosa.

(Sonhar de olhos abertos conforta e enche de esperanças, muitos corações...)

Sente falta de casa, da filha... À distância, pressente-lhe as orações. Muitas vezes, sonha com ela. Fathima é a âncora vigorosa que o mantém firme na vida.

Há alguns dias, já adentrou os territórios chineses, rumo ao seu vero intento de alcançar a Mongólia.

Tem se deparado com grupos de diferentes etnias e para cada uma delas, tem a seu serviço homens que conhecem muitas línguas e muitos dialetos.

Nisto, Dario possui alguma prática, também, em entender e falar diferentes linguajares; resultado das inúmeras viagens que faz, desde menino. Seu pai era também um grande comerciante.

Vai negociando, ao longo do caminho, com chefes de aldeias e membros importantes. Faz também interessantes barganhas lucrativas.

Suas mercadorias interessam a muitos, e numa capacidade admirável, aquilo que vê, precisa ou deseja, passa facilmente para as suas mãos.

Por onde vai, Dario observa, respeita, e se esforça para entender, cada vez mais, as diferenças.

Em algumas localidades tem permanecido mais tempo; por necessidade de refazimento, para concretizar as compras e as vendas, ou para se reabastecer.

Severo, impõe aos seus caravaneiros e servos regras rígidas, que tornam mais seguras e menos arriscadas as viagens, nas complicações que podem advir dos diferentes hábitos e costumes, com os quais vão topando pelos caminhos.

Nas suas orações, ajoelhado no tapete estreito e franjado, cercado de homens que igualmente respeitam a Allah, roga aos céus por todos que ali estão, por sua casa e pelo êxito da sua viagem.

Envolve, também e sempre, Norimar nas suas vibrações de fé:

“Norimar pode estar vivo, sob o guante de algum inimigo feroz, daqueles que ele desafiou tão abertamente... O malfadado xeique de Bagdá pode tê-lo aprisionado! Infeliz, Norimar! Que Allah o proteja do pior, onde quer que esteja! Quem sabe, um dia voltaremos a nos ver? Praza aos céus você tenha conseguido fugir dos seus perseguidores, querido amigo!...” – na sua natural intuição, essa, a ideia mais provável.

Fathima, Demiana e Safira, assim como os outros servos da casa de Dario, seguem, fielmente, as suas rotinas.

Fathima reza em horas regulares, e em todas elas pede por seu pai e por Norimar.

Séfora nunca mais apareceu.

Hoje, numa relação difícil e frustrante, ela acompanha Selic, mas, por vezes, recorda e louva a bonomia e a generosidade de Dario.

Selic é ambicioso, egoísta e cruel. Sugaria, se pudesse, o ar que os outros respiram. Aquilo que lhe coube na '"partilha', ele esbanja com uma beldade que conheceu e mantém escondida para as suas horas de prazer, pois, assim como Séfora, ele é insaciável. Apaixonado por Yasmine (sua nova amante), pretende livrar-se de Séfora e da sua paixão avassaladora.

Durante um desentendimento maior, suportando as suas constantes reclamações, ele sugeriu:

– Por que não retorna aos braços do seu marido? Ele, por certo, a ama, pois, ninguém, consegue viver com você tanto tempo, como ele o fez, sem um sentimento verdadeiro. Eu já ultrapassei todos os meus limites! Estou cansado de você e da sua brutalidade! Você, Séfora, é uma pessoa insuportável!

Colérica, mãos em garra, ela avançou para ele, arranhou-lhe o rosto, os braços, o peito e as mãos; enquanto ele se defendia, rindo a bandeiras despregadas. Sente prazer nisso; a reação violenta de Séfora excita-o. Dominando-lhe os sentidos, ele assenhoreia-se da sua vontade e submeta-a aos seus instintos.

Ela, por sua vez, bela e sensual, também sabe como seduzir um homem. Nesse visgo traiçoeiro ela o prendeu, assim como a Dario... (E quantos mais, antes deles? Difícil saber!)

Imprudente, ela investe numa relação sem compensações e sem futuro.

Por ora, Selic submete-a, arrancando-lhe tudo que deseja. Depois, seguirá adiante. Com ele, será sempre assim. No auge da sua masculinidade, não permitirá que Séfora o prenda, como pretende.

O seu jeito de ser e de viver é assim: sem amor verdadeiro, sem escrúpulos e sem apegos a quem quer que seja.

*

Dario se balança sobre o lombo do cavalo que segue num trote lento, tentando manter as patas firmes no chão, numa vereda

estreita, alta, temível e pedregosa. Qualquer descuido será fatal. Os abismos, lá embaixo, parecem goelas escancaradas, sedentas e habituadas a engolir viajantes desastrados... Os cascalhos, sob as patas do animal, podem desequilibrar cavalo e cavaleiro, atirando-os nos contrafortes, até caírem, num ruído surdo, que vai se tornando cada vez mais distante...

– Hou, hou! – Dario segura fortemente as rédeas, torcendo-as para um lado e para o outro, na direção correta, enquanto as ancas do animal sobem e descem, sacudindo-o, perigosamente.

Mais uma vez, de um ponto mais alto, ele divisa, numa imensa clareira, fumaça e movimento humano. Espera ser recebido sem hostilidade. Esse fator é sempre uma grande incógnita.

Em algumas ocasiões, cansados e necessitados de alimento, água, descanso e de todas as carências que fazem parte da condição humana, na tentarem parar, são incitados e escorraçados, sob ameaças, a seguir em frente, o que fazem sem outra alternativa. Noutras, é preciso fugir desabaladamente, às vezes com alguns feridos, porque antes de indagar o que quer que seja, os habitantes desta ou daquela região atacam furiosos, numa defesa antecipada e primitiva.

Assim, na vastidão desses territórios, Dario se depara com uma grande variedade de caracteres: seja nas suas formas de habitação, idiomas, tipos físicos, hábitos e costumes. Há que se submeter, por vezes, a inusitados comportamentos, extraindo o melhor e, muito principalmente, salvando as próprias vidas.

Todos demonstram, enfim, um cansaço extremo. Alguns ferimentos são visíveis, principalmente nas mãos e nos pés; a pele crestada de sol, os cabelos endurecidos, pelo clima e pela sujeira, fazem de todos eles personagens quase bizarros...

Os ventos se transformam, por vezes, em verdadeiros tufões, nessas regiões tão altas, varrendo quase tudo: tendas, roupas, gorros e turbantes, bagagens, selas, utensílios, e até algumas alimárias mais fracas e exauridas...

Nessas ocasiões, perdem muito daquilo que lhes é indispensável.

Suas fisionomias tornaram-se angulosas e pálidas, resultado da pouca alimentação e dos esforços hercúleos que fazem para

sobreviver. As provisões são economizadas e controladas. A qualquer contratempo, acidente, mudança no clima, ou incapacidade de prosseguirem pelas estradas, perdem a oportunidade de se reabastecerem.

Alguns homens adoecem, por várias razões: alimento inabitual, a má qualidade da água ingerida, exposição excessiva ao sol, às chuvas e aos ventos; exaustão, desequilíbrio nervoso, etc... Alguns chegam a delirar, em meio a febres ou esgotados fisicamente...

Em momentos cruciais, Dario deplora estar tão longe de casa e afeito a tantos perigos, mas, obstinado, prossegue.

Numa bela tarde, finalmente, eles divisam a Mongólia.

Conhecendo os hábitos deste povo, Dario se dirige à tenda do chefe.

Este, cabelos negros e lisos, presos no alto da cabeça como um eriçado rabo de cavalo, roupas feitas de peles, sobrepostas, tez morena, olhos muito negros, movimentos rápidos e decididos, diversas armas dependuradas na cintura, pernas envolvidas em tecidos grossos e peles de animais, amarrados firmemente, que aumentam o volume e dão firmeza e proteção às panturrilhas, calçados rústicos dos mesmos materiais.

O líder alegra-se com a chegada do amigo e abraça-o, ruidoso, em meio a palavras que definem o seu estado de espírito, enquanto faz as honras da casa.

Retribuindo, respeitoso, Dario reata relações. Explica-lhe a que vem, sendo alvo da sua boa hospitalidade.

Os acompanhantes de Dario são instalados numa grande tenda, bem protegidos. Ali, enfim, eles dormem o sono dos justos, bem alimentados e bem aquecidos.

Para Dario, acomodações diferentes e melhores, de acordo com a sua condição de líder e senhor da caravana.

Dia seguinte, convocando os homens mais proeminentes do lugar, o chefe faz uma reunião de conselho, onde todos irão opinar e negociar. As conversações estendem-se pela madrugada. Em meio a muito vozerio, ordens, requisições, alegações, barganhas e acertos, incluindo algumas altercações, eles veem o dia clarear com um sol que ilumina fracamente.

A vida ali é áspera e quase selvagem. Ao redor, uma soledade, natural e vasta, inspirando o homem a reverenciar algo muito maior.

Nos dias seguintes, outras reuniões de igual teor, nas quais participam o chefe da tribo, personalidades importantes da região, Dario e alguns homens de sua inteira confiança. Entre estes, o seu intendente mais direto, Benjamim.

Assim, algumas semanas se passaram.

São constantes os torneios de caça e pesca, nos quais alguns homens da caravana, mais intimoratos, participam, alegres, extravasando energias.

Dario admira os mongóis e aprecia as suas danças e as suas músicas, sejam belicosas (marciais), sejam românticas. Eles cantam, em tonalidades, por vezes estridentes, por vezes graves, ou bem moduladas. Quando dançam, saltam, ágeis, em movimentos fortes, belíssimos e ritmados.,

A festa é uma homenagem a Dario e à sua comitiva. O alarido é grande e se estende noite adentro.

Dias depois, acertos feitos, congraçamento realizado, Dario despede-se, reúne a sua caravana, contrata alguns homens da aldeia e parte para a Tartária, onde pretende também negociar e rever velhos conhecidos.

Ali chegando, surpreende-se, mais uma vez, com a audácia, a força e o equilíbrio dos tártaros, que, de pé sobre a sela das suas montarias ou nelas dependurados, ou, ainda, colados à barriga do animal e em disparada, exibem as suas destrezas; guerreiros que são, criados para tal e muito bem treinados.

Em posições estratégicas, equilibrando-se de maneira incrível, eles manejam, perfeitamente, as armas e atacam o inimigo. Montados, quase sempre, eles são invencíveis!

Analisando-lhes as peripécias, Dario faz uma analogia entre eles e os mitológicos centauros.

Os tártaros são naturalmente alegres e bem dispostos, apesar da vida rude e das enormes dificuldades que enfrentam.

Para comemorar a visita de Dario, empolgados, fazem festas ruidosas e regadas com muita bebida. Ao redor da fogueira, todos cantam e dançam.

Dentre as pessoas mais notáveis da aldeia, Dario observa (e é igualmente observado) uma mulher de exótica beleza: muito alta, forte, corpo bem torneado, rosto expressivo, cabelos negros e escorridos, lábios carnudos, olhar brilhante e gestos decididos. Inegavelmente, uma verdadeira guerreira tártara.

Ciente de que está sendo admirada, ela corresponde na mesma intensidade e toma a dianteira insinuando-se e oferecendo-se abertamente. Independentemente de raça ou de linguajar, suas expressões não deixam dúvidas: ela decidiu, sem pejo algum, conquistar Dario antes que outra o faça.

Próxima a ele, expressando-se por meio de gestos quando Dario não consegue entendê-la, fala de sua vida, enquanto, intencionalmente o seduz, envolvendo-o, tal qual uma serpente.

Seu nome é Turiel. É irmã do chefe Tudal e mãe de dois filhos, grandes guerreiros e figuras proeminentes na tribo.

Fascinado, Dario permite-lhe, cada vez mais, a aproximação, vaidoso e igualmente interessado naquilo que se anuncia.

Ingerindo bebidas típicas que naquelas alturas aquecem e estimulam, Dario sente o sangue correr como aço líquido nas suas veias. Por instantes, esquece a traidora que ficou tão longe, e deseja esta bela mulher, que despudoradamente se oferece sem reservas.

Muito astuciosa, ela arrasta-o para a sua tenda, enlaçando-o nos seus braços vigorosos. Mais alguns quartos de hora, e estão deitados, rolando sobre grossos tapetes feitos de lã e de peles de animais.

Nas horas seguintes, vertigens tomam Dario, de assalto, inebriando-o de prazer... Sente-se desejado, valorizado, e isto faz bem ao seu ego masculino, depois das humilhações sofridas por causa de Séfora.

Que lhe importa se mal conhece esta mulher ou que ela esteja acostumada a esse tipo de atitude leviana?

Sua dependência amorosa à Séfora, nesses momentos de loucura, ficou distante; parece nunca ter existido.

Turiel é o remédio de que precisava, e que agora sorve, ávido, embriagando-se de prazer.

Após os desbordamentos da paixão, ela arranja, faceira, os cabelos escorridos e brilhantes, enquanto lhe conta que é viúva e que tem dois filhos gêmeos idênticos, exceção feita às suas naturezas:

Kurak, o mais velho, é de poucas palavras, nervoso e violento. Seu olhar feroz intimida.

Koliman é mais pacífico e dono de um olhar sereno e sonhador. Hábil com as palavras, revela uma notável inteligência, mas apesar da aparente passividade, é também um grande guerreiro. No arco e flecha ele é invencível, um legítimo campeão. Cavalga como o vento, canta como poucos e compõe versos épicos primorosos.

Kurak se destaca mais nas diversas modalidades de lutas, que, quase sempre, terminam com a morte do seu adversário. Temido por todos, ele se ufana de jamais ter sido derrotado. Exercita toda forma de armas, das mais leves às mais pesadas.

Em pouquíssimo tempo, assim envolvido pela bela viúva tártara, Dario se surpreende amigo e comensal da sua família. Assim, na sua carência amorosa, ele permanece ali, mais tempo do que pretendia.

Alegre e gratificado com a paixão quase selvagem da bela Turiel, sente-se renascido.

Bem apessoado, vaidoso, ricamente trajado, simpático e de espírito vivaz, Dario “chegou, viu e venceu”.

Saudoso, pensa na filha. Como ela se sentiria, se soubesse da sua ligação com uma mulher assim? Mais uma vez, a vida brinca com ele... Assim fora com Séfora no acampamento nômade.

Seguindo o seu exemplo, aqueles que fazem parte da sua caravana, encontraram laços afetivos e compensadores também.

Alguns meses mais e Dario decide regressar.

Enquanto se prepara para a volta, pensa na viagem e nos mesmos perigos, na natureza instável, nos ladrões e assassinos que encontram pelo caminho, na fome e no cansaço, quase insuperáveis, na distância que medeia onde está, e os sítios amados do seu coração... Enfim, é tempo de voltar e há que se enfrentar tudo, de novo e com muita coragem. Despede-se dos líderes dos diversos grupos e das suas famílias. Trocam presentes e

fecham, em definitivo, as negociações, selando a amizade que os caracteriza, e prometendo novos intercâmbios futuros.

Dario não se sente estrangeiro nessas terras. Seu avô paterno era tártaro. Cresceu ouvindo de seu pai as narrativas dos seus costumes, tradições, lendas e histórias, e em suas viagens, tem conseguido, enfim, confirmá-las *in loco*.

Numa saudade antecipada, duvida que ainda possa voltar a estas terras. Afinal, o tempo passa e os anos já lhe pesam...

Contrafeito, despede-se de Turiel. Ela parece triste, mas conformada e troca olhares de cumplicidade com os filhos, sobre algo que Dario não conseguiu entender.

(Turiel sabe que, para Dario, foi apenas uma aventura passageira, sem intenções mais sérias.)

Febril, Dario se organiza e em poucos dias está a caminho de casa. Anseia abraçar a filha querida. Saber como ela está. Ah, se fosse um falcão! Voaria, livre e veloz, dominando os ares e chegando mais depressa ao seu destino!...

Após alguns dias de viagem, surpreende-se com um grupo que se aproxima, na intenção, indiscutível, de abordá-los...

Cuidadoso, alerta a caravana, põe-se em posição de defesa e espera.

As silhuetas dos viajantes, aos poucos, vão se definindo, e no ruidoso tropel dos seus cavalos, eles se avizinham, sorridentes e irreverentes, gozando a surpresa de Dario.

São eles, nada mais nada menos que: Turiel, Kurak e Koliman!

Dario, estarrecido, pálido e mudo, não consegue alcançar-lhes as intenções. Seu olhar parece atravessá-los, perdendo-se na distância. Por que e para que vieram?!... Ora, é tão óbvio! Turiel havia decidido segui-lo. Por isso a sua aparente conformação.

Recorda os seus desentendimentos com o irmão Tudal. Este, revoltado, muitas vezes a agrediu. Entre eles, um ódio mortal instalado.

Com alguma discrição, descobriu que Turiel é suspeita de ter assassinado o próprio sobrinho, filho mais velho de seu irmão Tudal.

Na flor da idade, o menino era muito amado pela família e herdeiro tribal de seu pai.

A culpa de Turiel nunca fora provada, mas muitas vezes o assunto pairava no ar, reavivando as dúvidas no coração de Tudal, sedento de vingança.

Eis como tudo aconteceu:

“Tempos atrás, Turiel enamorou-se de um peregrino que periodicamente se fazia presente ali para trazer-lhes especiarias e oficiar rituais religiosos. Ele curava, também, doenças e mazelas, com ervas consideradas milagrosas.

Sendo ele um asceta convicto, rejeitou, pronta e definitivamente, as investidas amorosas dela. Frustrada nas suas intenções, ela o ameaçou, furiosa, e em altos brados.

Alguns dias depois, o infeliz apareceu morto, aparentemente envenenado com as suas próprias ervas.

Teria sido um mero acidente? O infeliz teria experimentado uma nova poção que o levara à morte?

Seu irmão, todavia, ciente do gênio vingativo e cruel de Turiel, suspeitou logo dela. Fez uma sindicância e conseguiu provar a sua culpa. Após surrá-la, exilou-a numa região inóspita e distante.

Ali, ela amargou a solidão e a dor, sem esperança de regressar à sua terra e aos seus filhos, que eram ainda dois adolescentes.

Passados dois anos, ela adoeceu, gravemente.

Avisado, o irmão recambiou-a à sua tribo.

Uma vez curada, ela se desfez em prantos e contou a sua versão do fato:

Rejeitada, inconformada e ofendida na sua vaidade de mulher, decidiu envenená-lo, mas arrependeu-se, porque amava, de fato, o belo e sábio peregrino. Todavia, a ação já fora encomendada.

Numa corrida louca, tentou sustar a ação, daquela que seria o seu braço vingativo mas, surpreendeu-o a estrebuchar no chão, diante dela, a quem pagara regiamente.

Abraçara-se a ele, em prantos. Ele, por sua vez, antes de expirar, indulgente, dirigiu-lhe um olhar de perdão.

Sua confissão confirmava a sua culpa, mas, enfraquecida pela recente doença e aparentemente arrependida, ela foi permanecendo entre os seus.

Seu irmão, porém, tinha pressentimentos horríveis, por conhecer-

lhe os maus instintos. O olhar sombrio de Turiel, por vezes, o acompanhava, numa surda ameaça.

Enfim, os sobrinhos que lhe davam tanto trabalho, desesperando-o, por vezes, tais eram os seus comportamentos, parecidos com a mãe, agora estavam, de novo, sob a guarda materna e deixando-o livre para seguir a sua vida, nos cuidados com a sua família, que nesse tempo, era formada por quatro membros: sua mulher, o filho primogênito (em tudo parecido com ele e a sua certeza de continuidade, frente à tribo), além de uma filhinha, bela como uma flor.

Mas, oh, desgraça! Um dia, seu filho adolescente, vaidade maior da sua vida, amanheceu morto!... Por quê?!... Seu coração era fraco? Tinha ele alguma doença ignorada? Por que não acordara naquele dia? Por que não lhe respondera ao chamado?!... Sua face estava desfeita, os seus lábios arroxeados, os seus membros enrijecidos... Quando aqueles olhos se fecharam para sempre e aquela voz amada emudecera?...

Urrou alto, tal qual uma fera ferida, sendo ouvido nos quatro cantos da região. Com o coração rasgado em tiras sangrentas, Tudal velou, solenemente, o corpo do seu amado filho e conduziu o funeral de acordo com as tradições. Depois, ensimesmou-se. Nada mais parecia interessá-lo. Somente o amor de sua mulher e os carinhos da filhinha querida o tiravam daquele impasse, que parecia querer reuni-lo ao filho que partira tão cedo.

Passados os primeiros dias de desespero, na mente de Tudal, pensamentos tenebrosos começaram a se insinuar. Turiel poderia ter se vingado! Assim, carregando esta dúvida no coração, ele passou a vigiar a irmã.

Pouco antes da viagem de regresso de Dario, num momento de exaltação, embriagada, Turiel falara no sobrinho:

– Ora, ora! Ele era a esperança do pai!

Completamente descontrolada e esquecida dos riscos que corria, Turiel divertia-se com a sinistra lembrança da sorte trágica do sobrinho; para ela, uma recordação engraçada.

Tudal ouviu e no seu coração a suspeita renasceu. Em silêncio aguardou-lhe condições favoráveis para interrogá-la. Se, de fato, ela

fosse culpada, vingaria-se, penalizando-a duramente.

Turiel, todavia, decidiu fugir. Iria com Dario, sem que ele soubesse, somando o útil ao agradável.

Dario constatou que na tribo todos acreditam na culpa de Turiel, quanto à morte do sobrinho.

Dario arrepiou-se. Acredita também que ela o fez. Turiel é selvagem e muito vingativa.

Diante de tal suspeita, fica muito incomodado ao refletir que nos braços deste ser cruel procurou esquecer Séfora.

"Estarei fadado a esta espécie de mulher? Triste sina! Não! O destino nada tem a ver com o que me falta, quanto às mulheres: prudência e comedimento..."

Ainda envolvido nas suas lembranças, e medindo as probabilidades de escapar à armadilha tão bem forjada por eles, Dario ouve a voz trovejante de Turiel:

– Decidimos ir com você, Dario! Nada mais justo! Afinal, nos tornamos uma família!

Dario empalidece. Com esta, não contava. O que fazer?

Observando-lhe a vacilação, Kurak declara:

– A vontade de nossa mãe é a nossa vontade! Não tente livrar-se de nós e conforme-se com a nossa companhia, pois iremos com você, a despeito de tudo!

De acordo, Koliman balança a cabeça, num gesto afirmativo.

Boquiaberto, Dario olha, vez para um, vez para outro, sem saber o que fazer.

– Queremos ver onde mora e como vive! Pensou que ficaríamos para trás? – Turiel desafia. Ousada, olhar de deboche, ela goza o susto e a indignação de Dario.

Ante o seu silêncio, explode numa gargalhada, e explica-se, à sua maneira:

– Não posso mais viver sem você, meu querido árabe! E os meus filhos não podem viver sem mim! Sendo assim, o que fazer, não é? Vamos ficar todos juntos e unidos, como uma bela família!

Fazendo um muxoxo, ofendida, ela confessa:

– Esperei até o último instante que me convidasse para acompanhá-lo, seu ingrato!... Já que não o fez, decidi, por mim

mesma, e aqui estamos! – ela completa, em gestos largos.

Ganhando fôlego, enfim, Dario declara:

– Não posso levá-los! Não quero que me sigam e muito menos que vão à minha casa! Vocês foram muito imprudentes! Voltem, daqui mesmo! Vamos esquecer, Turiel, que um dia nos conhecemos! Guardarei a lembrança dos bons momentos que passamos juntos! Tenho uma casa a zelar e uma vida, da qual vocês não fazem parte. Não aceito imposições nem interferências em minha vida, de quem quer que seja!

Temerário que fora, Dario vê Kurak sacar, ágil, a adaga afiada e de lâmina larga que traz à cintura, quando Turiel, usando o chicote, abate-lhe o gesto e a intenção, enquanto ordena:

– Controle-se! Quando eu mandar você mata, caso contrário, fique quieto!

Bufando, tal qual um touro furioso, cheio de ódio, Kurak obedece, mas mantém seu olhar ameaçador sobre Dario.

Os caravaneiros se preparam para reagir. Esperam apenas as ordens de Dario, para caírem sobre eles.

Dario sabe, todavia, que estes três abaterão quase todos, antes de serem abatidos. São guerreiros treinados e habituados a ações como estas. Será uma carnificina, na qual ele mesmo, Dario, será o primeiro a morrer, faça o que fizer.

Nos seus pensamentos, a filha querida que o aguarda ansiosa, e tudo aquilo que a vida ainda pode lhe oferecer. Ama demais a sua filha e a sua casa. Ama, com paixão, a própria vida!...

Num gesto significativo acalma-os. Pretende convencer a família de Turiel a regressar. Ao longo do caminho encontrará algum modo de fazê-lo. Não ignora, porém, a natural obstinação dos rapazes e o quão forte e destemida é Turiel, digna filha do seu belicoso povo.

Superados os primeiros estremecimentos, Turiel contemporiza:

– Oh, meu formoso filho do deserto! Acalme este coração e viajemos em paz! Somos seus amigos, lembra? Meus filhos podem ser muito úteis durante a viagem!

Quanto a isso, Dario não duvida. Filhos daquelas paragens, eles saberão se safar de qualquer impedimento ou perigo. Mas... caso eles cheguem à sua casa, como explicar mais uma vez à filha, a

invasão de pessoas estranhas na sua vida? Dessa vez são três! Seu coração se aperta. Sem outra alternativa, permite-lhes a companhia, e mesmo que não o fizesse, eles o seguiriam, além de criar-lhes embaraços perigosos e talvez fatais.

Mais uma vez e tardiamente, Dario conclui que suas escolhas amorosas têm sido rematadas tolices. E esta, com a qual se vê a braços, pode se transformar numa tragédia.

Durante o longo percurso, testa vincada, ele busca aflito uma saída.

Profundos conhecedores da região, sabendo enfrentar com galhardia os perigos e as adversidades da viagem, os três facilitaram, em muito, o retorno, abreviando o tempo e as distâncias.

Assim, Dario se aproxima de casa, refém da bela viúva e dos seus dois filhos. Ela o arrebatara, de vez, com os seus olhos negros como as asas do corvo e com a sua temível selvageria.

Quando, enfim, ele divisa, ao longe, a sua amada terra, estremece.

O que fazer? Enfrentar o que vier, contando para isso com a compreensão da filha...

*

Fathima, saudosa do pai e de Norimar, preenche o seu tempo da melhor forma possível. Amarga ainda a dor do desaparecimento do noivo e muitas vezes entrega-se ao pranto.

Somando-se à dedicação de Demiana e Safira, Eloá é incansável no esforço de cada dia, para auxiliá-la nas tarefas rotineiras.

Séfora mantinha esta bela mulher longe do convívio da casa, por inveja e ciúmes.

O enxoval de Fathima está guardado num rico baú de cedro. Noutro, de menor proporção, o seu luxuoso vestido de noiva. Nesse momento, melancólica, ela recorda quantas vezes imaginou-se feliz, paramentada para o ansiado ritual, ao lado de Norimar, na realização venturosa do seu sonho ansiosamente esperado...

Surpreendendo-a, Eloá aconchega-a de encontro ao coração, como uma mãe carinhosa, consolando-a e afastando-a dali.

Fathima agradece e sai para observar mais uma vez a estrada, na

esperança de surpreender o regresso do pai.

Enfim, numa tarde belíssima, com o sol dourando tudo, ela divisa um movimento de muitos homens e montarias. O som do galope dos cavalos e do vozerio aproxima-se cada vez mais.

Coração aos saltos, ela avisa a todos. Antes de tudo, há que se prevenir: vigias armados e a postos fazem uma pequena muralha humana à frente da moradia de Dario, até que, soltando as armas e gritando vivas, eles elevam os braços aos céus, em exclamações de gratidão a Allah, enquanto se precipitam na direção do dono da casa, que já se faz visível.

Emocionada, Fathima corre também, adiantando-se para abraçá-lo, mas estanca... Muito surpresa, distingue uma mulher estranha e dois rapazes, ladeando-o. Recorda, prontamente, que numa das suas habituais premonições, algo impreciso avisou-a quanto às consequências desta viagem tão demorada e tão distante.

Mais próxima, ela supõe, acertadamente, que os estrangeiros devem ser mongóis ou tártaros.

Seu coração acelera, quando, para desafiá-la abertamente, a mulher aconchega-se a Dario, sugerindo intimidade.

Precipitada, Fathima faz meia volta e corre para dentro, incapaz de compreender, como desejaria, a desastrada chegada de seu pai. Tentando acalmar-se, bebe um pouco de água fresca e respira fundo. Seus pensamentos e emoções, um caos:

“Quem são esses estranhos, o que fazem aqui e o que pretendem?...”

Dario já esperava por isso. Conhece bem a sensibilidade e a sinceridade, natas, da filha. Apesar do cansaço e das dores no corpo, ele salta do cavalo e vai procurá-la.

Frente a frente, inseguro, ele vacila entre abraçá-la e explicar-se, mas, deparando-se com o semblante ansioso do pai, Fathima se atira nos seus braços, confessando a sua saudade e a grande alegria de revê-lo. Esta atitude carinhosa e sincera, porém, não consegue disfarçar o seu nervosismo e a sua agitação.

Muito contrafeito e algo envergonhado, Dario informa:

– Minha filha, alguns amigos viajaram conosco e ficarão hospedados aqui, em nossa casa.

Trêmula, Fathima responde, num quase sussurro:

– Sim, meu pai...

Incapaz de traduzir tudo aquilo que de fato lhe vai na alma, Dario aperta-a de encontro ao coração, rogando-lhe perdão, sem palavras:

– Agradeço a sua compreensão e peço-lhe que venha comigo. Façamos as honras da casa! Depois veremos...

Visivelmente contrariada, Fathima obedece.

Turiel observa-os e sorri, sarcástica e entendida. É visível o mal-estar entre pai e filha, causado pela presença de estranhos; no caso, ela e os seus filhos. Antipatizou-se, de pronto, com a moça, que lhe parece mimada em excesso.

Fathima, por sua vez, sob o seu olhar magnético e sinistro, sente-se muito mal. Dominando-se, contudo, saúda-os, enquanto, analisando Turiel, conclui de si para si:

“Eu sei, eu sinto!... Você é como Séfora, uma intrusa nas nossas vidas!... A sua presença é nefasta! Como um abutre, você vive da rapinagem!...”

Tendo, enfim, feito a sua parte, volta-lhes as costas e regressa para dentro da casa, quase a correr.

Sem maiores explicações, Dario corre atrás dela e lhe pede:

– Minha filha, por Allah, não torne as coisas mais difíceis! Você ignora, ainda, porque eles estão aqui! Depois eu lhe explicarei, prometo. Como se fosse picada por milhares de abelhas, Fathima não se contém mais e explode, cobrando-lhe, angustiada:

– Por que fez isso novamente?!... E o que espera de mim? Aceitação e compreensão? Pois, desta vez, não terá! Estou, deveras, indignada!

– Eu nada fiz, minha filha, garanto! Estou tão chocado quanto você! Não fui eu quem os trouxe! Eles decidiram vir por conta própria!

Olhar acerado, Fathima retruca, muito revoltada:

– Aquela bárbara exibe uma intimidade muito suspeita! O que espera que eu pense? Já não tenho mais seis anos de idade, meu pai!

Sem saída, Dario pigarreia para disfarçar.

Fathima, olhos coruscantes, aguarda-lhe alguma explicação.

Muito constrangido, mas sincero, ele esclarece:

– Eu me envolvi com ela na Tartária; sem compromisso, nem promessas de espécie alguma! Antes de partir, apenas me despedi. Jamais poderia supor que ela fizesse o que fez: sair logo atrás para me alcançar mais à frente, e impondo, arbitrariamente, a sua e as presenças dos seus filhos! Ao longo do caminho, não consegui ideia salvadora que me socorresse! Aflito e antevendo este constrangimento, eu fiz o resto da viagem.

– Você se diz descompromissado; ela, porém, se considera sua mulher e age como tal! Por que não rejeitou-lhes as companhias? A sua visão desta 'história' é muito tímida e de difícil crédito!

Extremamente cansado, física e emocionalmente, Dario tenta resumir os fatos:

– Minha filha, eles se impuseram, violentos!

Exaltada, Fathima desdenha:

– Ora, meu pai! Eles são apenas três e você viaja com uma grande quantidade de homens corajosos e fortes; dispostos a tudo para defendê-lo e à sua caravana!

– Desta vez era diferente, Fathima! Você não conhece essa família, nem sabe daquilo que juntos eles são capazes! Os três são invencíveis guerreiros, tártaros; louvados e premiados! Caso eu reagisse, muitos de nós seriam abatidos, súbita e cruelmente! Eu seria o primeiro a cair, ofendidos que eles estavam com a minha recusa em trazê-los!

Duvidando muito de tudo que ouviu, Fathima desabafa:

– Sinto-me desrespeitada, agredida e ignorada nos meus direitos! Vai me impingir mais uma vez a presença de estranhos que chegam e tomam de assalto a minha, a nossa, vida?

Tentando abraçá-la, sem contudo conseguir, pois ela lhe escapa, Dario continua:

– Minha filha, reflita melhor e acalme-se! Acredite, eu não tive culpa! As suas presenças me incomodam, tanto quanto a você!

– Não faça comparações injustas, meu pai, e não espere demais de mim! Seja expedito e tome uma atitude, enquanto é tempo!

Fitando-a, muito desanimado, Dario silencia.

Cobradora, inquieta e cada vez mais indignada, Fathima desafia:

– Então? Vai ou não vai fazer aquilo que deve, enfrentando-os e expulsando-os daqui?

Desalentado, ele conclui:

– Precisarei de tempo! O momento exige calma e planejamento.

Agitada, adivinhando o resultado da moratória que seu pai pretende conceder aos tártaros, Fathima volta à carga:

– Não! É preciso reagir, aqui e agora! Fazê-los voltar sobre os próprios passos! Os olhos dessa mulher tártara revelam, sem véus, a sua alma negra!... Prevejo grandes desgraças, caso eles fiquem aqui! Eles são os braços do mal, alcançando-nos através da sua imprudência! Mais uma vez, meu pai, o senhor caiu numa armadilha do destino! Desperte desse pesadelo e esconjure esse mal que veio nos seus calcanhares, como um fogo, rápido e devorador!

Dario arrepia-se... Fathima, empertigada, parece um oráculo ditando bênçãos e maldições. Sabe perfeitamente que a filha não fala sem pensar e muito menos sem sentir... Ela não perde tempo com as palavras... A sua voz parece explodir aos seus ouvidos, avisando-o que o momento é único e grave demais, para postergá-lo... Todavia, não se sente capaz; está sem forças; esgotado, física e moralmente.

Assim, sente um imenso desejo de fruir a paz da sua casa...

Fathima, ciente que o pai não tomará atitude alguma, ao menos por enquanto, lamenta, em voz baixa e ressentida:

– Oh, Allah! Por que não me casei? Já estaria longe e feliz! Livre de vivenciar mais uma vez aquilo que abomino!... Perdoa-me, Allah! Não quero ser ingrata, nem insensível, com meu amado pai! Ouve os meus lamentos, mas perdoa-me!... Podes ver no meu coração as intenções que me movem!– ela não suporta mais e chora, baixinho e triste.

Dario, muito atormentado, abraça-a de encontro ao coração e roga-lhe:

– Reflita melhor, filha e compreenda a situação à qual fui atirado, sem defesas! De algum modo eu vou reagir, prometo! Vou me fortalecer e planejarei, com cuidado, como fazê-lo, numa ocasião mais propícia!

Fathima gostaria de acreditar naquilo que ouve, de retribuir-lhe, carinhosa, o abraço... Ama-o demais e ele lhe merece muito!... Fita-o com os olhos molhados de pranto.

Nesse ínterim, o eco de vozes, num estranho linguajar, alcança-os. Impacientes, as ‘visitas’ exibem as suas insatisfações...

Fathima enxuga os olhos e dispara, internando-se na casa e desaparecendo rumo aos seus aposentos.

Dario desiste. Dirige-se aos seus empregados e distribui as ordens de costume. Ordena a Demiana e a Eloá que recebam e instalem, da melhor forma possível, os hóspedes.

Horas depois, nos seus aposentos, cuida da própria higiene e relaxa. Após uma refeição compensadora e um sono reparador, sentindo-se bem melhor, apesar das dores no corpo resultantes da viagem prolongada e difícil, vai em busca da filha para contar-lhe as peripécias da viagem e entregar-lhe os presentes que lhe trouxe.

Não esqueceu de trazer também belas prendas para Demiana, Eloá e Safira.

Fathima admira e agradece, sincera, o que o pai lhe trouxe de terras tão distantes. Declarando-se indisposta, porém, recusa-se a receber os hóspedes. Estes requisitam uma entrevista para conhecê-la mais de perto, mas ela nega-se a atendê-los e segue para os seus aposentos. Ali, pede à Safira que toque as suas músicas preferidas. Deita-se, confortavelmente, fecha os olhos e, enlevada, sonha acordada com Norimar... Esse amor tem sido sempre o seu melhor sonho, a sua maior aspiração, o bálsamo para as suas dores, a maior compensação para as dificuldades do caminho...

Cansada de tantas emoções, acaba por adormecer e nos seus sonhos, pacificada e refeita, revê Norimar...

O monge

Numa velha habitação religiosa que parece perdida no espaço e no tempo, vestido num burel, capuz caído sobre as costas e barba longa, um homem trabalha, arduamente, sem escolher o tipo de tarefa, por mais humilde que possa parecer.

Triste e calado, ele serve a Deus e dedica-se às suas criaturas.

Pleno de boa vontade, em pouco tempo fez-se indispensável nessa comunidade. E bebendo com avidez todos os conhecimentos aos quais teve acesso, num curto intervalo de tempo tornou-se um sábio por excelência.

Hoje, revelando um conhecimento ímpar das verdades dos céus e da Terra, parece muito à vontade neste lugar ermo e tão singelo.

Atende pelo nome de Elias do Espírito Santo.

No mosteiro, sua origem e a sua história são desconhecidas.

No exercício da vera caridade, os religiosos dali, quando saem do retiro, misturam-se ao povo, atendendo-o e socorrendo-o. Quando isso acontece, Elias se destaca admiravelmente.

Nesse mosteiro (após ter passado por vários outros), encontrou no prior Arcângelo um grande e sincero amigo, um verdadeiro irmão. Este fora figura proeminente no mundo, mas tendo renunciado a tudo, por razões que jamais declinou, doou-se e doou igualmente a sua considerável fortuna a essa comunidade religiosa.

Numa convivência saudável e plena de fé, eles encontram tempo para trocar ideias, organizar trabalhos relativos aos pobres e doentes, mas também oportunidade para avaliar culturas antigas e conhecimentos aparentemente esquecidos, enquanto exercitam os ensinos e os exemplos daquele que veio à Terra para “fazer a vontade do Pai...”

Aproxima-se o tempo no qual o aspirante Elias fará os seus votos religiosos, definitivos.

Por esta razão, alguns dias antes, irmão Arcângelo convoca-o a uma entrevista fraterna.

Frente a frente, eles conversam a respeito dos rituais de sagração que se aproximam, céleres:

– Irmão Elias, antes de sacramentar a sua vida monástica, fazendo os votos perpétuos, deve avaliar aquilo que pretende fazer e aquilo que verdadeiramente sente, frente à renúncia irreversível que irá assumir, diante de Deus e diante dos homens! Reflita enquanto pode! Depois dos rituais tudo o mais passará a depender deste compromisso sagrado!

Algo entristecido, Elias responde sincero:

– Naquilo que me concerne, já deixei tudo para trás! Tenho certeza do que estou fazendo e assumirei todas as consequências desse meu ato de entrega total a Deus!

– E o que o irmão está deixando para trás?

– Minha vida de antes, minha identidade anterior, os anseios do passado e as coisas materiais, que para mim já não têm mais o mesmo valor!

– Apesar de todas essas declarações corajosas, e tendo assumido, plenamente, a realidade desta instituição de caridade e oração, o irmão parece carregar uma grande tristeza, maior que a própria capacidade de suportação.

Respirando profundamente, Elias confirma:

– Não posso negar... Ainda sinto saudades do meu passado. Afinal, faz poucos anos que minha vida tomou rumos diferentes daqueles nos quais eu vivi, desde o meu nascimento. Hoje, porém, existe uma barreira, intransponível, entre aquilo que fui e aquilo que sou! Quando enverguei este burel, em meio a tantas dúvidas e aflições, decidi dignificá-lo, dia a dia, e me esforcei, sincero e disposto, para me adequar àquilo que se anunciava através da misericórdia infinita de Deus.

– Admiro-o no seu estoicismo, mas... Se existe algo nesta alma banhada de sublimes anseios que possa ainda ser modificado, deve fazê-lo. Deus espera a redenção dos seus filhos e não holocaustos. Como a maioria daqueles que aportam aqui, incluindo a mim mesmo, o irmão exibe, diuturnamente, uma profunda tristeza. Quase

sempre de tudo que deixamos para trás, algo nos feriu, mais de perto e de forma irremediável, marcando-nos a ferro e a fogo... Qual o seu caso em particular?

Remexendo-se no assento, em voz quase sumida e revelando um grande desconforto, Elias repete parte da pergunta, aquela que o atinge frontalmente nas suas recordações mais íntimas e mais dolorosas:

– Quer mesmo saber o que me feriu mais de perto?... O que diminuiu, em muito, a luz da minha alegria, para sempre?

Insistente, Arcângelo balança a cabeça, afirmando.

Elias levanta-se, dá alguns passos ao redor, respira tão profundamente que, ao exalar o ar, sente vontade de gritar muito alto, num desabafo que lhe faria muito bem. Contudo, controla-se, busca forças dentro de si mesmo e se prepara para enfrentar, mais uma vez, os seus fantasmas. Volta ao ponto de partida, senta-se novamente e confessa:

– Abrir mão do sonho que acalentei, doidamente, de ser feliz com a mulher que amei e ainda amo!

A resposta, em si, não surpreende irmão Arcângelo, tanto quanto a sua confissão, convicta e assumida, de um amor inesquecível.

– Ora, querido irmão! Em vias de sacramentar os seus votos, confessa que ainda ama essa mulher?

Positivo e sincero, como é do seu feitio, Elias confirma:

– Sim, amo, ainda e sempre!... Como negar? Impossível! A vida nem sempre é feita de lógica! Nós amamos, apesar e acima de tudo, mesmo negando esse sentimento, que sem dúvida só pode nos vir de Deus. Nosso coração é terreno sagrado, caríssimo irmão! – fraterno e compreensivo, acrescenta:

– O caro irmão sabe disso melhor que qualquer outro...

Acorde com o que ouviu, Arcângelo arremata:

– Por isso mesmo peço-lhe: Pense melhor, enquanto pode! Faça aquilo que deseja e não aquilo que julga ser o seu dever – irmão Arcângelo olha à distância e recorda algo que ainda lhe traz muita dor...

(O coração nem sempre caminha ao lado da razão...)

Voltando das suas reminiscências, fita o amigo e indaga, muito

interessado:

– O seu amor era impossível?

– De modo algum! Vivi um amor abençoado pelo mundo e por Deus, a quem eu chamava de Allah; questão de nomes, apenas, nós sabemos. Fui feliz o quanto se pode ser, nos braços da mulher amada. Ao seu lado, eu não sabia quando estava na Terra ou nos céus! Planejamos nosso casamento numa ansiedade que nos tirava o fôlego! Como duvidar que seríamos, enfim, um do outro?. Que caminharíamos juntos pela vida afora. Que teríamos belos e amados filhos?!...

Allah nos abençoava a cada nascer do sol e iluminava as nossas almas com todas as constelações do Universo! Nós nos amamos desde o primeiro momento em que nos vimos.

– Respeitando as diferenças de origem e de crenças, vejo que tivemos experiências muito semelhantes... – Arcângelo conclui, algo melancólico.

Retomando a entrevista, volta a inquirir Elias:

– E, então, meu amigo? Ficou sem o seu amor?

– Não! Eu sei que nunca estarei sem esse bendito amor!

– Não entendo, perdoe-me!

– Para entender, precisa saber de tudo. Ouça...

Elias narra, resumindo o seu passado e aquilo que o levou a fugir de tudo, concluindo, ao final:

– Seguidora fiel da minha religião anterior, ela jamais entenderia as mudanças nas quais as circunstâncias me atiraram, determinando esse destino que há muito me aguardava. Não foi possível a desejável explicação e nem mesmo despedidas...

Caso houvesse tempo e oportunidade, como dizer-lhe que me defrontei, inesperadamente, com uma situação limite e decisiva para a minha vida material e espiritual? Da noite para o dia me vi perseguido, encarniçadamente, pelos líderes da minha anterior religião. Para salvar a própria vida, fugi sem deixar rastros. Minha noiva e seu pai nunca trairiam a religião que professam, fiéis que são ao Islã... Eu e ela, sem dúvida, sofreríamos inutilmente e seríamos pedra de tropeço, um para o outro.

Como pode ver, impossível, seria manter este laço que me prendia

ao mundo de antes. Hoje, em outra proposta de vida, sou grato a Deus por ter sobrevivido. Com o passar do tempo, esta ferida há de cicatrizar, e este amor será a minha força e a minha inspiração, em tudo aquilo que eu fizer de bom e de útil. Todavia, confesso, de coração aberto e com muita humildade perante Deus, que ainda sofro muito, por esta drástica separação.

– Não está sendo imprudente, radical e precipitado? Deveria consultá-la!

– Não, não estou! Ela daria a sua vida por seus princípios, tão fortes e valiosos quanto os meus. Somos, em tudo, muito parecidos.

Algum tempo antes, tive uma conversa longa e difícil com seu pai, quando, sincero, confessei-lhe, numa extremada confiança, os meus conflitos íntimos, como islamita e príncipe do meu povo.

Ele ficou, naturalmente, indignado; e profetizou, em verdade, tudo que veio a seguir. Jamais aceitariam a minha conversão ao cristianismo!

– Sendo você de origem real, como se sente deixando tudo para trás?

– Aliviado! Quantas noites passei insone, porque o meu poder limitado não conseguia resolver as dificuldades legítimas do meu povo? Sofria com eles e por eles, todavia o contexto ao qual sempre estive acorrentado me impedia de ir mais além.

Ciente de que Elias não modificará os seus propósitos religiosos, irmão Arcângelo indaga-lhe:

– E hoje, o que lhe resta, irmão Elias?

– O dom mais precioso, que é a vida! A certeza de que encontrei aquilo que buscava, e o saber adquirido durante todos esses anos. Sinto-me realizado, trilhando as veredas que Deus me aponta, rumo a um porvir que pertence tão somente a Ele!

Convencido das sagradas intenções de Elias, Arcângelo conclui, augurando-lhe:

– Praza aos céus você nunca venha a se arrepender daquilo que está fazendo. E que o seu passado nunca se reaproxime de você, meu nobre discípulo e amigo!

– Temo, sem dúvida, que a minha realidade anterior venha a ameaçar-me com os sentimentos e as esperanças, que por força

das circunstâncias foram enterrados em meu coração! Se o futuro me confrontar com este recente passado, em Deus encontrarei forças para administrar e resolver aquilo que vier. Descanse! Apesar de tudo, estou pronto para assumir o meu lugar de servidor, incondicional, de Deus.

– Então, que assim seja, em Deus Pai, nosso Criador!

Assim dizendo, Arcângelo ministra-lhe uma bênção, enquanto Elias, cabeça baixa e reverente, se posiciona para recebê-la.

Logo depois, o prior encerra a entrevista e abraça-o, ensejando-lhe saúde, paz, e muita fé na nova realidade que, dentro em breve, será sacramentada.

Muito contrariada com a presença dos hóspedes de seu pai, Fathima afasta-se dele.

Turiel parece a sombra de Dario, impondo-se e envolvendo-o, ladina e interesseira.

Diferentes, porém com pontos de semelhança, seus filhos espalham-se pelo acampamento e misturam-se com os empregados, oferecendo-se para seguir com as caravanas como guias e defensores.

Dario concorda. Nisso eles são bons.

Paulatinamente, a família tártara vai se integrando, com tudo e com todos.

Kurak incomoda demais à Fathima. Sem disfarces, ela foge da sua presença.

Koliman, porém (o melhor dos dois), aproximou-se e não foi rejeitado.

Algumas vezes, Fathima admira-lhe a bela voz, assim como o seu talento para fazer versos, cantar e dançar, magistralmente. Assim, consegue conversar com ele sem se aborrecer e sente-se segura em sua companhia.

Kurak não esconde o seu fascínio por ela. Fita-a, com olhos de falcão, quando mede a distância e a possibilidade de alcançar a sua presa, constrangendo-a, sobremaneira, e algumas vezes tem-lhe causado problemas, impondo-se e exigindo a atenção que deseja.

Nessas ocasiões, Dario intervém de maneira rigorosa, recolocando-o no seu lugar de hóspede e cobrando-lhe uma compostura que ele está longe de possuir.

Aparentemente submisso ele se afasta, mas o seu olhar, intensamente negro,, brilha, estranho e ameaçador.

Demiana o detesta e Safira foge da sua presença. Quando ele

aparece, a menina não consegue sequer tocar a sua cítara. À sua proximidade, ela se afasta, temerosa, e vai à procura da mãe, de Eloá ou de Fathima.

As três, muito atentas, vigiam-no.

Enfim, na casa de Dario, as coisas vão de mal a pior; pior mesmo que antes, com Séfora. Arrependido, ele conclui que sempre vai buscar, alhures, os seus maiores tormentos.

Muitas vezes, seus homens separam os dois irmãos que se engalfinham, selvagens. Essas brigas quase sempre têm por motivo a atenção de Fathima. Um dos irmãos a defende: protetor e ciumento, enquanto o outro ataca, violento e ciumento, também.

Dario não sabe ainda como, mas pretende livrar-se deles. A começar por Turiel, que atormenta-o e sufoca-o diuturnamente.

Como homem, todavia, não lhe rejeita os carinhos que veem a calhar, diante da sua saudade e carência, no louco amor que ainda sente por Séfora. Assim, ele aguarda uma ocasião favorável para mandá-los de volta às suas vidas e à sua terra.

Felizmente, os frutos da viagem não são apenas estes que lhe tiram o sossego e a condição de ser feliz. Não fosse assim, lamentaria o dia no qual decidira voltar àquelas terras distantes e tão queridas do seu coração.

Premonições

Afinal, algum tempo se passou, em meio aos mesmos tormentos e providências para evitar situações desastrosas.

Hoje, Fathima despertou, mais que nunca, envolvida em maus pressentimentos.

Ela ainda ignora que Dario pretende dar um basta à situação absurda, na qual atirou, sem querer, a sua casa e a vida de todos.

Não suporta mais a convivência com Turiel. Esta, ambiciosa e venal, explora-o, arbitrariamente, e sem remorsos.

Dario trocou, à própria revelia, um prejuízo por outro.

Interesseira, ela sonha com uma posição privilegiada, para os seus dois filhos, junto ao ‘padrasto’.

Para isso, num momento de colóquio amoroso, muito ardilosa, ela prepara o terreno:

– Meu belo e amado árabe! Cada dia mais apaixonada por você, adivinho um futuro grandioso para todos nós! Afinal, nós formamos uma bela família! Unidos, nós seremos imbatíveis e também muito felizes! – entre uma carícia e outra, ela observa Dario, avaliando-lhe as reações.

Silencioso, já determinado a livrar-se deles o mais rápido possível, Dario faz ouvidos de mercador.

Sem desanimar, olhar lânguido e voz adocicada, ela vai mais além:

– Como pode ver, estamos a caminho de inumeráveis realizações! Juntos e unidos, seremos venturosos! Todavia, para alcançarmos esse desiderato, faltam alguns acertos!

Desinteressado e algo irônico, ele indaga:

– Que tipo de acertos?

– Ouça-me com atenção, meu poderoso senhor dos desertos: Tenho dois filhos inteligentes, vigorosos e guerreiros. Sua filha precisa casar-se para esquecer aquele príncipe que partiu não se

sabe para onde. Ela pode escolher um dos meus filhos! Afinal, os dois estão interessados nela. Isto é público e notório! Assim, fecharíamos os nossos projetos de vida com chave de ouro!

Colérico com a alusão feita à vida de sua filha, Dario levanta-se, desvencilha-se dos seus braços e indaga, firme e hostil:

– E quem lhe disse que minha filha quer isso?

– Ora, Dario! Ela não precisa querer! Basta obedecer às suas ordens!

Cada vez mais indignado, ele retruca, ameaçador:

–Jamais dei ordens à filha querida que não fosse ao encontro de sua própria vontade! Você está pisando em terreno perigoso, Turiel!

Revelando muita raiva e muito desprezo, ela comenta:

– Você a estraga com mimos! Todos sabem que ela ignora a sua autoridade de pai, bate os pés e se impõe! Ela sabe que você é muito tolerante e que sempre capitula, ante a sua vontade caprichosa! Ah, que menina mal-educada e orgulhosa! – assim dizendo, Turiel cospe de lado.

Dario, com o rosto avermelhado pela ira, responde-lhe, possesso:

– Quão grosseira você é, mulher idiota!

Dando uma gargalhada, atirando os longos e negros cabelos para trás, enquanto solta fagulhas pelos olhos escuros e oblíquos, ela ironiza:

– Imagine! Como eu pude esquecer que ninguém pode, sequer, falar naquela preciosidade! As constelações dos céus, por certo, não possuem guardião mais fiel! Onde eu vim cair! Ai, ai, ai!...

Dario parece reviver as velhas discussões com Séfora, pois é o mesmo discurso, insano e injusto.

Mirando Turiel de cima para baixo, altivo, ele avisa:

– Se tem amor à vida, pare de ofender minha filha! E se deplora estar aqui, lembre-se, não fui eu quem a trouxe! Vão-se embora e ninguém jamais sentirá a falta de qualquer um de vocês! Não aguento mais a sua rudeza e os abusos dos seus filhos!

– O que eles querem é fazer-se notar! São belos rapagões, ambos apaixonados por ela! Tome um dos dois para genro e verá todos os seus problemas terminarem!

– Ah, sim! Eu deveria imaginar! Tudo planejado para me

convencer! Oh, mulher estúpida, você esquece que minha filha é noiva, ainda, do príncipe; a quem ama e aguarda, fiel e esperançosa?

– Ele já deve ter morrido, Dario! Ou... Não querendo mais nada com ela, se foi, sem maiores explicações! Para enfrentar vocês dois, é preciso coragem e muita ousadia; talvez ele não fosse tanto quanto! Vocês e sua filha são tão entranhados, quanto carne e unha!

– Você é muito atrevida, Turiel! Desde quando eu permiti a você ou a qualquer outro interferir na minha e na vida da minha filha? O que você pensa ou sente a nosso respeito, absolutamente, não nos interessa!

– Desperte, homem! Olhe à sua volta e veja o que é melhor para todos nós!

– Para 'todos nós'?!... E desde, quando, somos 'nós'?

– Desde que me aceitou para sua mulher e dormiu, feliz, na minha cama, com a anuência dos meus filhos! Por muito menos, eles o teriam matado, mas respeitaram a minha vontade, e aqui estamos! Sou feliz com você! Esta felicidade será maior quando sua filha escolher um dos meu filhos para marido, deixando de lado, enfim, o sonho tolo de um noivado que só existe na cabeça dela!

Dario perde os freios e agarra-a pelo braço, apertando-o, até ela gemer. Voz alterada, rosto violáceo, retruca:

– Minha filha jamais se casará contra a sua vontade! Confio em Allah que o seu noivo, que prezo muito, apareça e eles voltem a ser felizes! Ela sonhará com ele o quanto quiser, ainda que seja até o fim dos seus dias!

Soltando o braço num violento repuxão, Turiel insiste:

– Meus dois filhos a amam! Não sei o que eles veem nela, enfim... Ambos estão perdidos de amor, cada qual à sua maneira. Já vejo arrufos e muita disputa entre eles. Escolhendo um deles, ela porá fim a esta querela, e nos unirá cada vez mais. Ela aprecia mais o meu filho Koliman, de caráter mais ameno, voltado para as artes e as diversas culturas.

Repudiando cada palavra que sai da boca de Turiel, Dario observa as marcas dos seus dedos impressas na pele do seu braço.

– Ela vê Koliman como um amigo, circunstancial, e nada mais. Não se iluda! Tola é você que vê romance onde não existe!

– Não é o que parece!... Os dois ficam muito bem, juntinhos, a arrulhar como dois pombinhos!

– A arrulhar?!... Arre! Você tem uma mente muito fantasiosa!

– Você, Dario, é que parece cego! Bem, enfim, meu filho Kurak observa-os e se remói de ciúmes! Temo que num momento de fúria ele abata o próprio irmão, para tirá-lo do seu caminho!

Encerrando o assunto, Dario declara autoritário:

– Minha filha não é um objeto para ser disputado à sua revelia! Proíbo, ouça bem, terminantemente, aos três, que se intrometam na sua vida!

– É um pouco tarde, para isso, meu querido árabe! A flecha já foi disparada! – ela conclui com um sorriso de deboche nos lábios.

– Veremos! – Dario avisa, enquanto se dirige para a saída. Precisa sair dali o quanto antes, enquanto consegue se conter. Esta mulher, assim como Séfora, tem o dom de desequilibrá-lo.

Respiração alterada, coração descompassado, ele monta seu cavalo mais veloz e dispara sem rumo certo.

Enquanto cavalga, decide apressar aquilo que pretende, planejando, cuidadosamente, uma saída favorável para a situação limite, na qual sua casa se debate.

Eloá, que se aproximava, ouviu quase tudo.

Além de cuidar da casa de Dario, ama-o, sincera e ardentemente, desde a primeira vez que o viu, mas ele nunca suspeitou. Lamenta-o nas suas experiências malogradas para ser feliz, desde que a mãe de Fathima morreu.

Na intenção de retomar as suas obrigações, ela segue o seu caminho, mas decide antes ver Fathima.

– Como está, minha filha? Você parece triste!

– E estou! Hoje despertei assim, envolvida em maus pressentimentos.

Eloá recorda de pronto as intenções de Turiel e resolve preveni-la:

– Fathima, em nome de Allah, proteja-se evitando a aproximação de Turiel e dos seus filhos!

– De Koliman também?

– Sim, dele também!

– Koliman é meu amigo! Ele é diferente do irmão! Você sabe de algo que eu ignoro?

– Não, mas, assim como você, também tenho pressentimentos... – ela mente. Não pode contar aquilo que ouviu.

Suspirando, Fathima desabafa:

– Ah, Eloá, quanta saudade de Norimar! Quem pode aquilatar o sofrimento do meu coração? Onde e como estará o grande amor da minha vida?...

Abraçando-a, amorosa, Eloá implora em silêncio a proteção divina...

– Eloá, você se lembra de minha mãe?

– Perfeitamente! Ela era bela, boa e querida, como você. Quando adoeceu, nos entristeceu a todos. Pobrezinha! Olhando para você, ainda tão pequenina, amorosa e consciente da iminente separação, ela chorava desconsolada.

– Ela foi muito feliz com meu pai, não foi?

– Sim! Eles foram venturosos! Seu pai foi o melhor dos maridos e ela a melhor companheira que um homem poderia desejar!

– Vocês eram amigas, Eloá?

– Sim! Sofri muito quando Allah levou-a para sempre. Nossas famílias sempre viveram próximas. Estivemos afastadas por alguns anos e depois nos reencontramos. Enquanto ela enfrentava bravamente a doença, estive presente e somei esforços para amenizar-lhe os sofrimentos. Há poucos anos, quando seu pai me contratou para cuidar do seu enxoval, ele me concedeu a feliz oportunidade de retornar a esta casa. O mesmo amor que um dia eu dediquei à sua mãe, eu dedico hoje a você, minha querida.

Os olhos de Eloá estão marejados de pranto. Sua emoção é visível.

Emocionada, Fathima envolve-a num terno abraço:

– Grata por tanto afeto, Eloá, Allah, por certo, irá recompensá-la!

Após alguns instantes de silêncio, de ambas as partes, Eloá conclui:

– Seu pai substituiu sua mãe na sua vida de maneira admirável! Alegra a alma de qualquer um deparar-se com tão belo amor de um

pai por sua filha!

– Ele é a minha força e a minha certeza de paz e segurança! Sem ele, minha amiga, eu já teria morrido, sem ele eu não teria suportado a dor imensa de perder Norimar...

– Que Allah os proteja sempre! – Eloá eleva os braços aos céus, evocando bênçãos para pai e filha.

– Eloá, o que pensa de Séfora? Ela manteve você afastada de nós, propositadamente, por anos.

– Apesar da sua beleza notável, Séfora é rude e muito insensível. Ambiciosa, ela disputa até o ar que se respira! Se impõe, arbitrária, e cria atropelos de toda sorte para aqueles que se lhe aproximam.

– Ela pesou demais na minha vida... Afastou-me de meu pai e me perseguiu, sempre, desde que eu era muito pequena. Felizmente, ela já se foi.

– E Allah permita que para sempre!

– *Insha'Allah, Insha'Allah!* – desta vez é Fathima que eleva os braços aos céus – E quanto a essa tártara que nos pegou a todos de surpresa? Como analisa a proximidade dela com meu pai?

– Assim como você, penso que ela é uma intrusa, tanto quanto Séfora.

– Pobre papai! Depois da viuvez tem sido muito infeliz com as mulheres!

– E qualquer mulher seria muito feliz ao lado dele...

Eloá tornou-se abstraída e sonhadora.

Subitamente, Fathima indaga:

– Você seria feliz ao lado dele, Eloá?

– Eu? Por que me pergunta isso, filha? Bem sabe o quanto eu o respeito!

– Não estou falando de respeito, Eloá, mas de amor. Não sei o que pensa nem o que sente por ele, mas você faria meu pai muito feliz!

Corando até a raiz dos cabelos, Eloá se sente a descoberto. Teria deixado transparecer o afeto que carrega, doidamente, no coração, há tantos anos?... Para disfarçar remexe em alguns bordados e finge procurar as linhas que precisa, falando sozinha e desviando os olhos da perspicaz Fathima.

– Hum... Onde está a cor que preciso?... Será que Safira mexeu

aqui?

– Não, Safira não mexeu aí, mas, eu sem querer mexi com o seu coração. Procure ser feliz, Eloá, você merece!

– Eu já sou feliz, minha querida! Obrigada mesmo assim!

– Quem tem sempre a agradecer sou eu!

Enquanto declara a sua gratidão, Fathima se dirige ao leito e deita-se. Encolhe-se como um feto no ventre da mãe e suspira, profundamente. Em poucos instantes, adormece.

Eloá beija-a e sai, pé ante pé. Estará atenta a qualquer movimento que a ameace.

Naquela noite, em meio a pesadelos, Fathima preocupou seu pai.

Socorrendo-a nos seus desequilíbrios nervosos, resultantes dos seus pesadelos, ele e Eloá estiveram muito próximos.

Esquadrinhando-lhe os belos traços, os gestos delicados, a voz doce, e sua valiosa dedicação à Fathima, Dario recorda que Séfora, ciumenta e invejosa, afastou Eloá do convívio da casa. A beleza e a elegância de Eloá; somadas à uma inteligência brilhante e uma sensibilidade admirável, deixavam Séfora muito insegura.

Profundamente grato e reverente à tanta abnegação, alegra-se em sua companhia, que de certa forma ameniza a anterior contrariedade, causada pela discussão com Turiel.

Juntos, eles cuidaram de Fathima até pela manhã, quando finalmente, pareceu asserenar-se.

Na manhã seguinte, Dario faz uma reunião privada com os homens que trabalham com ele. Confessa-lhes a situação desastrosa que está vivendo e comunica-lhes a urgência de recambiar os tártaros à sua terra e à sua gente.

Ficam assim reunidos por todo o dia, num lugar distante e ignorado, montando um plano que lhes seja satisfatório.

Nos céus da casa de Dario surgem, mais uma vez, nuvens muito escuras e ameaçadoras.

Demiana, Eloá, os criados e os serviçais mais chegados que permaneceram na casa, atentos, vigiam tudo, enquanto aguardam-lhe o regresso.

Chegando, Dario cuida da sua higiene pessoal, alimenta-se e busca algum repouso.

Dia seguinte, pede à Turiel que chame os seus filhos, pois deseja falar-lhes.

Curiosa e muito preocupada, ela sai e retorna com eles.

Frente a frente, Dario fita-os, os três e a cada qual, enquanto procura as palavras adequadas, a fim de explicar-lhes as razões da sua convocação.

– Bem, pedi que viessem porque preciso falar-lhes a respeito das suas permanências aqui. Há alguns meses, chegamos, os três, de uma longa e tortuosa viagem. Na ocasião, aceitei-os como meus hóspedes, mas hoje, depois de uma difícil convivência, constato a impossibilidade de prosseguir albergando-os em minha casa; portanto, é tempo de regressarem à Tartária e às suas vidas! Posso conceder-lhes algumas compensações financeiras, e tudo que for preciso para a longa viagem de volta! Espero que compreendam a minha situação e não me criem mais problemas!

Eles se entreolham, na confirmação mútua, de que já esperavam por isso.

Avermelhando mais a cor de sua pele, Turiel declara, furiosa, e aos gritos:

– Nunca! Eu jamais deixarei você! Ficarei aqui! Não arredarei pé! Você não vai se livrar de mim, nem dos meus filhos!

Dario procura manter-se calmo e informa, determinado, e acentuando muito bem cada palavra:

– Eu não estou pedindo, estou ordenando!

Os três se entreolham, e nas suas expressões, muita revolta.

Dario, porém, não lhes dá trégua e explica-se, peremptório:

– Devo lembrar-lhes que vieram por conta própria? O que fizeram foi uma rematada loucura!

Voltando-se mais diretamente para Turiel, Dario afirma, ameaçador:

– E quanto a você, irá, sim! Nem que seja amarrada no lombo de uma mula!

Ante a ameaça de Dario à Turiel, os dois irmãos sacam, rápidos, as adagas que carregam na cintura, mas, num átimo, fortemente armados e com um brilho sinistro nos olhos, homens surgem de todos os lados, desiludindo-os do tentame.

Esperando exatamente essa reação da família de Turiel, Dario contratara reforços. A isso já está acostumado. Em sua vida de mercador, não poucas vezes precisa defender-se, sua casa, ou sua caravana e sua preciosa carga.

– Acatem as minhas ordens e todos sairemos ganhando! – avisa.

Os rapazes trocam olhares com a mãe, acordes entre si.

Fitando Dario, furiosa, mas em silêncio, Turiel faz um gesto para os filhos.

Pisando forte e ruidosamente, eles saem sem trocar palavra.

Horas depois, parecem iniciar uma arrumação.

Entram e saem da tenda comum, muito agitados, e atiram objetos para fora, em meio a altercações e palavras ofensivas, em direção de Dario.

Vigiando-os, bem de perto, Dario conclui que fora mais simples e mais fácil do que poderia supor. Todavia, estará atento, até que eles se vão.

A noite transcorreu envolvida em muita vigilância.

Dia seguinte, retornando até Dario, Turiel desabafa, voz soturna e olhar ameaçador:

– Muito bem, Dario! Eu e os meus filhos iremos embora! Fizemos tudo para agradar, inutilmente! Eu me dei inteira a você e nada daquilo que fiz serviu para conquistar o seu coração! Você nos julga bárbaros, eu sei, mas quem é mais bárbaro? Eu ou você que usa e desdenha o meu amor de maneira tão vil? Quem é mais rude? Meus filhos ou os seus homens, que o seguem, feito chacais, para matar à sua primeira ordem?

– Como pode falar de amor, Turiel, se esta simples e grandiosa palavra, tão profunda e poderosa, que você jamais poderá entendê-la, não está nem nunca esteve na sua cabeça nem no seu coração diabólico? A atribuição dos meus homens é defender a mim e à minha casa, e não matar, como diz! Na nossa patente defesa, pode ser que isto venha a acontecer, por força das circunstâncias. No tempo que aqui esteve com os seus filhos, você jamais me surpreendeu dando ordens, a quem quer que seja, para matar! Não fale daquilo que não sabe, nem se arrogue de uma justiça, que está tão longe de vocês quanto os astros do céu!

Fazendo um gesto de desprezo a tudo que ouviu, Turiel insiste:

– E sua filha? Prepotente e orgulhosa como nunca vi! Nos desdenha a todos, e quando dá alguma atenção ao meu filho, Koliman, o faz para divertir-se, na ausência de outras distrações. Com efeito, Dario! Vim me aborrecer e ser destratada, na sua abominável casa, julgando seguir os ditames do meu coração, e esperando ser feliz!

– Não lhe convidei e nunca lhe prometi nada! Nós nos entregamos por loucura e paixão, de ambas as partes, necessitados de carinho, e da satisfação, premente, dos nossos instintos! Apenas isso! Agora, cuide da sua vida, que eu cuido da minha! Se minha casa é abominável, como diz, volte para a sua, de onde nunca deveria ter saído!

– Irei embora! Farte-se com tudo aquilo que possui e tão bem defende! Como pude me apaixonar por alguém como você, tão cruel e egoísta?

– Vá-se embora de vez, e não fique me desafiando! Será inútil, garanto-lhe! Sei o que sou e não preciso de alguém como você para analisar-me o caráter! Tenho as minhas próprias medidas, que são certamente muito diferentes das suas. Seria de espantar que assim não fosse! Saia, que já me exaspera!

– Você venceu, Dario! Vou livrá-lo da minha presença; da nossa presença!... – assim dizendo, ela o fixa, frontalmente, balançando seu corpo forte e de formas generosas, para um lado e para outro, desafiando-o. É patente a sua vontade de avançar sobre ele, e de fazê-lo em tiras, mas, para o momento, isso é inviável.

Enfim, bufando como um animal bravio, ela se dirige para a saída. Não antes de derramar sobre ele o negrume dos seus olhos, numa ameaça que faz Dario adivinhar sérias represálias futuras.

Enfrentando-a, olhos nos olhos, ele observou-a, pronto para defender-se, caso fosse preciso. Ela não é adversária que se possa menosprezar. Já pôde vê-la em lutas corporais, defendendo-se e vencendo sempre os seus adversários.

Já na porta, ela se volta e completa, furiosa:

– Fique aqui, neste reinado idiota! A minha terra é melhor! Você se arrependerá deste momento e desta decisão! Meus filhos poderiam

mostrar o quanto valem, se você fosse um homem justo e generoso!

– Eles tiveram mais oportunidades do que poderiam esperar, todavia são irascíveis e prepotentes! Em tudo, parecidos com você! Mas, o que estou a dizer? Basta!... Cale-se de uma vez, e saia com as suas próprias pernas, antes que seja forçada a fazê-lo! Leve com você os seus 'preciosos' filhos! Juntos e unidos, vocês são muito afinados!

– Adeus, Dario! Seja feliz, se puder! A vida nos reserva muitas surpresas! Você sabe como é, não? – ela exclama, ameaçadora e fitando-o de um jeito que faria qualquer um arrepiar-se.

Instantes, depois, junto aos filhos, ela termina de organizar a viagem, enquanto possessa, blasfema em altos brados.

O acampamento está em pé de guerra, preparado para qualquer eventualidade.

Procurando a filha, ele prepara o seu espírito:

– Fathima, mantenha-se nos seus aposentos, guardada pelas sentinelas que já postei. Não saia para nada, absolutamente, nada! Haja o que houver, fique lá e em silêncio. Junte-se à Demiana e ao seu marido, à Safira e à Eloá.

Assustada, ela quer saber:

– Por que, meu pai? O que está acontecendo?

– Por enquanto nada, mas temo algo da parte de Turiel e dos seus filhos, os quais acabo de expulsar!

– Céus! Temo por sua vida, meu pai!

– Allah me protegerá, filha! Cuide-se e faça o que eu recomendei.

– Farei, descanse! Que Allah o cubra com a sua sombra poderosa! Se Norimar estivesse conosco, nos protegeria também.

– Sem dúvida! Oremos com muita fé e tudo correrá bem!

Finalmente, depois de dois dias, que se arrastaram pesados e sombrios, a família tártara se vai, carregando tudo que possuem.

Com o olhar, Koliman procura Fathima, mas não a vê.

Com a permissão de Dario, desarmado e ladeado por dois guardas, ele se despedira dela na véspera:

"– Minha amiga, seu pai ordenou a nossa retirada. Sentirei muito a sua falta, mas devo partir. Você sabe do meu amor, vazado sempre nos meus versos e nas minhas canções. Pode ser que nunca mais

nos vejamos! Levo comigo as maravilhosas lembranças dos momentos que passei ao seu lado, e uma imensa gratidão pela inesperada e valiosa oportunidade de tê-la conhecido!

– Lamento, Koliman, a sua partida! Talvez, em outras circunstâncias, as relações de meu pai com você fossem diferentes. Vá em paz e saiba que você será sempre um bom amigo! Quanto ao amor de que fala, não esqueça que ainda amo o meu noivo!

– E se nunca mais o vir, Fathima?– ele se aventurou.

– Isso em nada modificará os meus sentimentos. O verdadeiro amor independe da presença, física, do ser amado. Existirá sempre, apesar e acima de tudo!

– Isto valerá para mim também.

Afável, Fathima aconselha:

– Não, não faça isso! Procure ser feliz! Amar e não ser amado é um tormento. Não queira sofrer inutilmente!

– O coração é misterioso e arbitrário, minha cara. Ele não raciocina nem se submete! Tirano, por excelência, persiste amando, como você mesmo disse, acima e apesar de tudo. Somente eu posso aquilatar a intensidade e o tamanho do meu amor por você! Quem sabe a vida me permitirá conquistá-la mais à frente? Ninguém conhece o futuro!

– Ninguém conhece o futuro, mas eu conheço o meu coração, Koliman; vou morrer amando sempre ao meu noivo.– Veremos, Fathima! Somos meros mortais e a vida, plena de surpresas! – ele comenta, sorrindo, apesar da imensa tristeza. Não desistirá deste amor que invadiu o seu ser, e submete, poderoso, o seu coração, à revelia da sua própria razão e das circunstâncias.

Duvidando de tudo que ele diz, ela se despede, enfim:

– Meu bom amigo, que os céus os leve em paz até a sua terra tão distante. Conte sempre com a minha afeição e eterna gratidão!

Inclinando-se, sedutor, ele fixa o seu olhar negro e intenso sobre Fathima e conclui:

– Por enquanto, isso me basta. Até outro dia, Fathima! Que Allah a abençoe e lhe conceda muita saúde e muita paz! Fique com o meu amor e a minha saudade...

Dario, próximo, observou-os, muito atento. Consentira naquela

entrevista, porque sabe que seria do agrado da filha, todavia, não se descuidou da sua segurança.

Enfim, o sol mal começava a surgir no horizonte, como faz todos os dias, quando a família se foi.

Cena triste e sinistra. Num silêncio pesado, os três montam, cabeças altivas, e partem sem olhar para trás. Somente os ruídos característicos dos cascos dos cavalos, das cargas a balançar nos lombos das mulas, e as exclamações dos viajantes, incitando-as a caminharem.

As três silhuetas, aos poucos, se transformaram em pequenos pontos no horizonte, para se diluírem, de vez...

Dario agradeceu, submisso e reverente, a Allah mas, inquieto, manteve a guarda vigilante por vários dias, além de espalhar alguns homens pelas redondezas, na aferição da possibilidade da permanência deles por perto.

Dois meses se passaram e nada de anormal aconteceu.

Mais confiante, Dario planeja outra caravana, com a venderá (com lucros, naturalmente) aquilo que trouxe da Mongólia e da Tartária, num procedimento, normal, em sua vida de mercador.

Aos poucos, a alegria e a paz voltaram a se espalhar pela casa, alegrando os corações com novas esperanças.

Tragédias

Elias do Espírito Santo confirmou, definitivamente, os seus votos religiosos, e nós, meus caros leitores, vamos regredir no tempo com os poderes de que somos investidos e devassar-lhe a alma para ouvir-lhe o trágico e glorioso cântico de despedida, alguns dias, atrás.

Sentado no seu catre, rosto abatido pelo jejum, ele ora, fervoroso:

“Deus Pai, que podeis ver em nossa alma aquilo que ela carrega de imperfeito, mas também de melhor; tende piedade de mim!

Que o meu coração possa vos amar, sem ignorar o meu próximo!

Sou, hoje, por força das circunstâncias, uma ave exilada, que enterra para sempre o seu passado.

Toma Pai, em tuas mãos, meu coração, ainda prisioneiro do amor terreno, representado na forma sagrada da mulher que amei e amo, a qual levarei no pensamento, quando ultrapassar os limites dessa existência!

Cuida deste coração que hoje vos entrego. É ele, Senhor dos céus, o escrínio sagrado do meu amor terreno e espiritual. Dentro dele, cuidadosamente guardada, aquela que é e será sempre a estrela mais brilhante no céu de minh’alma!

Distante ela se encontra, Senhor, ignorando-me os passos e o destino, e sofre, eu sei, por aguardar aquilo que jamais terá: a realização do seu maior anseio de amor. Assim, como Prometeu foi condenado por seu amor à Humanidade, nós fomos penalizados por aqueles que, insensíveis, ainda não aprenderam a amar!

Aí está ela, meu Senhor, bela e boa, nas vossas mãos. Sábia no amor aos seus e dedicada ao seu próximo, fiel à sua crença e à sua religião.

Preserva-nos, neste divino sentimento que move o universo e modifica tudo sob o comando da vossa vontade!

Entregando-a a vós, entrego-me a mim mesmo, para permanecer ao seu lado, dentro do vosso coração. Zela por nós e permite que as nossas almas se iluminem nesta renúncia. Grato por este amor reencontrado e sempre reconhecido. Isto que vos entrego agora é tudo que possuo. Deixando convosco, continuarei possuindo!

Espero ter forças para resistir e continuar fiel aos votos, caso a vida me acene com novas esperanças de ventura ao lado da mulher amada!

Graças vos dou pelo caminho redentor que se abriu à minha frente, através da vossa misericórdia infinita!

Dai-me consolo, forças e, sobretudo, meu Senhor, dai-me paz!..."

Finda a oração, ele cai de joelhos, no chão úmido de sua minúscula cela, e desata num pranto convulso.

Arcângelo, ao passar pelo corredor, ouve-lhe o pranto e os soluços.

Levando a mão ao peito, recorda que igualmente vivenciou os mesmos conflitos (quase insuperáveis, para um ser estuante de vida!...) e nem faz tanto tempo assim... Respira fundo e segue o seu caminho.

Dia seguinte, diante do altar feericamente iluminado por círios acesos que tremulam ao vento suave da noite, 'nasce' o monge Elias do Espírito Santo, para Deus; e morre, para o mundo, o belo e poderoso príncipe Norimar Al Jared.

Suas antigas roupas e objetos foram enterrados, simbolicamente, na despedida de uma personalidade e o consequente nascimento da outra.

Numa vida austera, envolvido em toda sorte de sacrifícios e estudos, Elias se destaca pela fácil erudição e conhecimentos admiráveis, até mesmo frente aos monges mais antigos e mais sábios.

Adepto e praticante de diversas terapias, na cura dos doentes e no alívio das dores, ele se tornou conhecido e muito requisitado, não apenas nas redondezas, mas também em lugares muito distantes. Seu nome é sinônimo de esperança e alegria, nos corações azorragados pela vida difícil e sofrida que desafia os infelizes, diuturnamente.

Ele é hoje o socorro dos céus, no tratamento das misérias físicas e morais, daqueles que atravessam o seu caminho.

Muitas vezes, pela madrugada, enfrenta as intempéries e as dificuldades para ir a lugares distantes, no socorro aos doentes.

Em alguns anos, Elias transformou-se num ser macérrimo, com barba e cabelos grisalhos e longos. De grande estatura, hoje caminha encurvado, como se carregasse o mundo nas costas, semelhante a uma palmeira do deserto, abatida pela força inclemente dos ventos.

Difícil reconhecer nele o belo e elegante príncipe Norimar, poderoso e disputado por tantos corações. Sua nova vida transformou-o num legítimo asceta.

Seu olhar penetrante mais penetrante se tornou, pelo conhecimento adquirido da alma humana, a qual passou a desvelar naturalmente.

Sua presença e as suas prédicas consolam e esclarecem a muitos, enquanto a outros, faz repensar a própria vida.

Algumas vezes ainda, podemos surpreendê-lo a chorar e a pedir perdão a Deus, pela fraqueza de recordar, saudoso, a mulher amada.

Esta, à distância, jamais conformada, continua solitária. Sua alma está irrevogavelmente ligada ao noivo querido, que um dia desapareceu e nunca mais voltou...

*

Fascinado pelos dotes físicos e espirituais de Eloá, Dario casou-se com ela. Antes que a sorte lhe escapasse como areia fina, ele sacramentou a união que finalmente lhe acenava com a almejada felicidade.

Eloá realizou, enfim, o seu amor, acalentado há tanto tempo e ignorado por Dario.

Foram muitos dias de festas e de danças. Pessoas proeminentes das relações de Dario foram convidadas e trouxeram régios presentes.

Eloá, muito elegante, no seu rico traje de casamento, encantou a

todos, com sua simpatia, sua beleza, inteligência e bondade.

Nessa união bem-aventurada, novas esperanças de alegria, prosperidade e paz, enquanto cuidam, amoráveis, da vida malograda de Fathima que, apesar de tudo, não se queixa mais. Entregou aos céus a sorte de Norimar e a própria vida.

Sua amiga, Solimar, vem visitá-la muitas vezes.

Esforçada, na condução de tudo que lhe diz respeito, Fathima se dedica especialmente à Safira, a qual se apegou fortemente.

A menina transformara-se numa belíssima moça. Fiel e boa, continua reverenciando Fathima, a quem adora.

Nesse instante, as duas conversam:

– Safira, você deve pensar em casar-se! Escolha o marido com cuidado, pois pode ser para o resto da sua vida.

Enrubescendo, Safira confessa:

– Eu já escolhi, minha querida Fathima!

– Ah, sim? E quem é?

– É Melchior, filho de Ahmed e Aisha, antigos administradores do palácio do seu príncipe.

Fathima se entristece com a referência.

– Desculpe... – Safira pede.

– Não se desculpe, minha querida, não há motivo! Traga o ‘seu príncipe’ para conhecermos! Quando se for para a sua vida, casada, sentirei muito a sua falta. Você tem iluminado o meu caminho e balsamizado o meu coração.

– Eu, por minha vez, tenho tanto a lhe agradecer, Fathima! Jamais poderia pagar tudo aquilo que fez por mim, durante toda a minha vida, sem esquecer a sua bondade e consideração, ímpares, com a minha família!

– Não precisa agradecer, Safira. Eu também devo muito a todos vocês. A vida é uma troca, querida menina, de amor e de auxílio, mútuos. Você já nasceu entre nós e sempre correspondeu muito bem aos nossos estímulos para uma boa educação e a formação do seu caráter. Você fará feliz a qualquer homem, por mais exigente que ele seja!

Próxima e a ouvi-las, Demiana é muito grata por tudo que Fathima sempre concedeu à sua filha.

Safira não se contém e insiste, mais uma vez:

– Fathima, por que não se casa? Vejo tantos partidos a olharem para você, esperançosos! Alguns deles, são aprovados por seu pai. Quem pode saber se o príncipe ainda faz parte deste mundo?

– O meu coração, Safira. Eu o vejo em sonhos... Algumas vezes, ele surge como no tempo em que éramos noivos: belíssimo, nos seus luxuosos trajes de príncipe. Montado em Simum, ele galopa, sorridente, enquanto se despede... Noutras ocasiões, imagine, ele aparece vestido num hábito, rústico de monge! Dá para imaginá-lo assim? Afinal, ele é um sultão, muçulmano, como nós, e fiel seguidor de Maomé!

Safira ouve, atenta, mas não sabe o que dizer.

Enquanto as suas últimas palavras ainda soam no ambiente, Fathima faz menção de sair. Antes, porém, volta-se para a moça:

– Como sabe, Safira, eu tenho um rico enxoval guardado. Não deixe que as traças o devorem, minha querida! Se quiser, fique com tudo! O vestido de noiva, também, está novo. Eloá zela por ele como se o fizesse a uma joia preciosa. Faça uso de tudo e seja muito feliz com o seu amor!

Antes que Safira possa se pronunciar, Fathima já saiu.

Do lado de fora, ela se põe a admirar as estrelas e a falar sozinha:

– Norimar, meu amor! Onde quer que esteja, saiba que eu o amo e continuarei amando até o meu último suspiro!...

Senta-se e fica a recordar os momentos felizes que viveu ao lado do noivo. Alguém se aproxima e passa fazendo algum ruído. Ela se sobressalta. O susto fê-la recordar de algo terrível que viveu, há alguns anos:

“Alguns meses depois da partida da família tártara, sua casa estava, novamente em paz.

Num dia de calor escaldante, chegando a noite, os vigias, como de hábito, tomaram os seus postos.

Aprontando-se para dormir, Fathima teve maus pressentimentos. Subitamente, sentiu-se mal e o seu coração disparou. Em sua mente, a figuras de Koliman, Turiel e Kurak se revezavam, como sombras malfazejas...

O vento lá fora uivava e algumas aves, notívagas, passaram

batendo as asas, em direção a exuberante oásis, muito próximo.

Desejou sinceramente que Koliman estivesse bem e feliz, na sua Tartária.

Fez as suas orações, pediu proteção a Allah e deitou-se, buscando repouso e refazimento, mas uma inquietação inexplicável tomou conta de sua alma.

Passado algum tempo, ainda insone e inquieta, ouviu um estranho zunido e um gemido, seguidos de um baque surdo.

Levantou-se, rápida, para sair e clamar pelos guardas, quando irrompendo quarto adentro, rápido como um raio, olhos fuzilando de audácia, Kurak alcançou-a, tapou-lhe a boca e tolheu os seus movimentos.

Fathima se defendeu como pôde, mas ele a dominou completamente.

De imediato, analisando, invasivo, cada parte do seu corpo, que ao debater-se, em meio às sedas e rendas, tornava-se quase desnudo; descontrolado e compulsivo, ele tirou a mão da sua boca, na intenção de selá-la com um beijo.

Reagindo, tal qual uma leoa furiosa, Fathima teve tempo de gritar.

Como resposta, Koliman surgiu, pálido de morte, arco esticado nas mãos e a seta pronta para ser disparada.

Os fatos se sucediam como num terrível pesadelo.

Flagrando a intenção do irmão que não deixava dúvidas, Koliman disparou, incontinenti, uma flecha que atravessou o seu ombro.

Urrando de dor, Kurak soltou Fathima para socorrer-se. Desatinado e violento, ele tentou arrancar a flecha, sem contudo conseguir.

Ágil e auxiliada por Koliman, que num olhar tão rápido quanto o clarão de um relâmpago se fez entender, rogando-lhe perdão, Fathima fugiu.

Em pânico, ela se viu do lado de fora a correr com todas as forças e a gritar por seu pai e pelos guardas.

Estes acorreram e surpreenderam os dois irmãos engalfinhados a rolarem-se furiosos no chão, numa luta de vida e de morte.

Koliman sustentava com força hercúlea o braço do irmão, que tentava matá-lo com sua adaga de lâmina afiada e longa. O seu arco, no chão. As flechas fora da aljava e espalhadas...

Koliman conseguiu desarmá-lo e a adaga voou para longe.

Kurak movimentou-se, presto, para alcançá-la, mas viu um dos guardas chutá-la para mais longe. Voltando-se, rápido como um felino, avançou para ele, quando, com sua espada sarracena, num golpe violento e preciso, o sentinela o degolou.

Kurak caiu de joelhos, em convulsões, enquanto sua cabeça voava para longe, sem direção e espirrando sangue para todos os lados. Seu corpo desabou, por fim, mole e pesado, num quadro de horror.

Pálido de morte, Koliman fitou o irmão, agora dividido em dois pedaços. Estarrecido, abateu-se sob o guante da dor. Apesar de tudo, o ama.. Poderia tê-lo morto com uma flechada certeira e fatal, mas jamais o faria!

Escorregou para o chão, hebetado, e sentou-se sobre os calcanhares, sem tentar fugir. O impacto da grande perda tirou-lhe as defesas e, mais que isso, arrebatou-lhe as forças para continuar vivendo.

Em choque, enquanto retiravam dali os despojos do irmão, remetia os seus pensamentos até sua mãe... Esta, passional e violenta, enlouquecerá de dor.

Koliman foi preso, sem reação, e conduzido a uma das tendas. Preso e incomunicável, soltou o pranto represado e chorou, como jamais alguém imaginaria ser ele capaz...

Ele e Kurak, apesar das diferenças, foram, quase sempre parceiros em tudo. Muito cedo aprenderam as artes de ataque e defesa, e a cavalgar indômitos, como dois guerreiros.

Agora, Kurak se foi e a sua própria sorte já está lançada. Jamais realizará os seus sonhos de ser feliz com Fathima! Deplora, muito angustiado, a dor que lhe causou e os riscos, aos quais ela esteve exposta. Ansiou, em patente aflição, poder vê-la, explicar-se... Dizer-lhe que jamais poria a sua vida em perigo. Antes, morreria por ela.

Dario, depois de socorrer a filha e acalmar os ânimos, preparou-se para o pior: julgar e penalizar Koliman.

Apesar de tudo, e da sua abominável família, Fathima lhe quer bem; admira-o mesmo. Como conciliar assuntos tão contraditórios?

Após muitas horas de reflexão, dirigiu-se à tenda, na qual

encontra-se Koliman.

Cercado dos seus intendentes mais chegados, adentrou-a e deparou-se com um homem abatido pela dor da perda e completamente derrotado.

Assim como Fathima, Dario desenvolveu, ao longo dos meses, alguma afeição por Koliman, e deve-lhe também a sua perene boa-vontade para auxiliá-lo, sempre que fora preciso, e até mesmo alguns favores.

Frente a frente com ele, respeitoso, surpreende-se num terrível impasse. Muito constrangido, indagou-lhe:

– O que tem a dizer-me, quanto aos atos criminosos seus e de seu irmão?

Envergonhado, Koliman confessa:

– Nós planejamos tudo, antes de sair daqui. Deixamos passar algum tempo, a fim de que nos esquecessem, para depois agirmos com mais segurança.

– Turiel faz parte disso, não é?

Koliman vacila... Falar em sua mãe, diante da tragédia que está vivendo, é extremamente difícil, mas terá de fazê-lo. Felizmente, ela não se está ali...

Determinado a pagar o preço da própria ousadia, confirmou:

– Sim! O plano era raptar Fathima. Para isso, eu matei o sentinela com uma flechada. Kurak deveria imobilizá-la e carregá-la, enquanto do lado de fora, eu vigiava. Tudo parecia correr bem, quando eu ouvi o grito desesperado de Fathima e desgraçadamente suspeitei de Kurak. Expedito, adentrei a tenda e surpreendi a sua torpe intenção de violentá-la, enquanto ela se debatia.

Para interromper a sua criminosa intenção e intimidá-lo, atirei e feri o seu ombro, enquanto com o meu corpo dava cobertura a ela para que fugisse em segurança. Espero que ela tenha compreendido a minha vergonha e a minha dor, ao vê-la atacada por meu irmão. Eu jamais lhe faria mal.

Urrando de dor, porém, Kurak atirou-se sobre mim, esquecido da sua e da minha segurança! Lutamos e eu consegui desarmá-lo. Na inútil tentativa de recuperar a sua adaga, ele surpreendeu-se com um dos seus homens que chutou-a para mais longe dele.

Com a mesma fúria que havia me atacado, Kurak voltou-se para aquele que o desafiava, e investiu contra ele, mas... Se eu pudesse viver cem anos, jamais me esqueceria daquilo que veio depois, e que o senhor já sabe... Desgraça! Pobre irmão!... Bem, aqui estou, tão morto quanto ele e entregue em suas mãos.

– Por que pretendiam sequestrar minha filha? – Dario indaga, apenas para esclarecer. Conhece a paixão avassaladora de ambos, por Fathima.

– Nós a levaríamos para a Tartária. Uma vez lá e distante de tudo, ela capitularia, escolhendo um de nós. A afeição espontânea que sempre nos caracterizou me soprava aos ouvidos d'alma, que eu seria o escolhido. Não, não me julgue ingênuo, eu sei que meu irmão tentaria arrebatá-la à força, mas eu o impediria, além de contar também com a autoridade de nossa mãe. Enfim, numa grande esperança e num esforço, constante e incansável, eu conquistaria Fathima!

– Acredita mesmo nisso? – Dario indaga, olhos coruscantes.

– Acreditava, mas depois de hoje, sei que o meu destino tomará rumos muito sombrios...

– Diga-me, se puder. Qual a implicação de Turiel em tudo que houve aqui?

Vacilando entre responder e calar, ele se decide pela verdade:

– Ela planejou e nós executamos! Minha mãe pretendia voltar a viver em sua casa e ao seu lado. Saudosa, ele fez planos de futuro, enfatizando, sonhadora:

"Dario entenderá, enfim, que somos uma família que deseja ser feliz!..."

– Desgraçados! Que o fogo do inferno os alcance a todos! – Dario explode, muito indignado.

Cabeça baixa, Koliman não reage. Aprendeu a respeitar Dario e a querer-lhe bem.

Para defender a filha, Dario iria ao inferno, se preciso fosse.

Ambos amam Fathima, respeitando as suas diferenças, com um amor inquebrantável e sem limites. Só um sentimento como este o faria aceitar os planos insanos da mãe, sabendo de antemão que seria provavelmente uma ação suicida, como de fato... Fará

qualquer coisa por Fathima, em qualquer tempo ou lugar.

Enquanto reflete, ouve a indagação de Dario:

– Naquele dia, vocês tinham a intenção de regressar à Tartária?

Koliman balança a cabeça negando:

– Permanecemos aqui, numa cidade vizinha. Minha mãe já tinha planos de futuro.

– E Turiel? Onde está?

Fitando Dario, firme, olhos nos olhos, Koliman responde com certa rudeza:

– Isso você jamais saberá!...

– Saberemos, sim!... – declarou um dos guardas ameaçador.

Dario, pensativo, caminha pelo aposento. Após alguns instantes, aproxima-se mais de Koliman e quer saber:

– Por que se prestou a isso? Afinal, minha filha é sua amiga.

– O meu coração falou mais alto que a razão. Amo-a, mais do que pode imaginar! Ela, porém, sempre foi muito sincera e nunca me deu esperanças.

– E então?!...

– Aceitei o plano de minha mãe e de Kurak, porque pretendia conquistá-la. Sozinha, sem a influência de sua casa, eu me faria presente e solícito, amando-a, devotado, até conquistar o seu coração.

Dario avançou para ele e lhe bateu em plena face. Ele sequer reagiu. Abaixou os olhos e suportou, silencioso. Alguns instantes depois, indagou, voz triste, mas desafiadora:

– Nunca viu um homem apaixonado roubar a mulher que ama, senhor Dario? Na sua cultura, assim como na nossa, estes fatos são corriqueiros e muito apreciados! Quase sempre, aquela que é alvo desta ação desesperada sente-se muito orgulhosa!

Dario não pôde contestá-lo, mas quanto mais reflete, mais se revolta, ao imaginar o risco que Fathima correu.

Caminha a esmo, sem saber ainda aquilo que deve fazer.

– É preciso encontrar Turiel. Além de vocês dois, ela é um risco sempre presente nas nossas vidas!

Mudo como um totem, Koliman dá a entender que jamais lhe dirá onde ela está.

Um dos homens de Dario, exasperado, aproxima-se dele, na intenção de usar os seus ‘talentos persuasivos’.

Koliman sequer estremece e enfrenta-o, silencioso e temerário, olhos brilhando intensamente, exibe sem rebuços a coragem que o caracteriza.

Dario adianta-se e detém o seu criado.

– Entregarei Koliman às autoridades. Denunciarei a implicação de Turiel nessas ações criminosas dos seus filhos, e aguardarei as providências legais.

Ouvindo isso, e sabendo que nunca mais verá Fathima, Koliman rogou com delicadeza e humildade:

– Em nome de tudo que mais ama, senhor Dario, permita-me falar à sua filha. Quero pedir-lhe perdão!... Ela precisa saber que eu a defenderia com a minha própria vida. Por favor, atenda-me...

Ainda que tocado por tanto amor e tanto desespero, Dario vira-lhe as costas, silencioso.

Aquele que pretendia torturar Koliman aventa a hipótese:

– Faça uma barganha, senhor Dario! Uma entrevista com sua filha, bem protegida por nós, e a informação do paradeiro de Turiel!

Censurando o seu criado, com um olhar acerado, pela audácia da simples hipótese de expor Fathima, e adivinhando de antemão a resposta de Koliman, Dario blefa:

– Você aceitaria, Koliman?

Num sorriso enigmático, que mais parece um rictus de dor, Koliman responde, enfático:

– Não!

Em seguida, adianta-se alguns metros, à sua frente, aproximando-se da saída, o que agita aqueles que o cercam, na imaginação de uma tentativa de fuga desesperada, fazendo-os cercá-lo, armados até os dentes.

Koliman estanca, concentra-se, e em seguida, inicia uma belíssima canção de amor. A princípio, suavemente, para depois, altear a voz, cantando a plenos pulmões. Dono de uma belíssima voz, ele extrai dos seus sentimentos e emoções, a vibração, apaixonada, da melodia, parecendo cantar com o coração. Esta, a sua última homenagem à Fathima (que conhece aquela canção), na

confirmação, última, do seu amor e, despedindo-se para sempre. Tem consciência, que de uma forma ou de outra, brevemente, adentrará o misterioso mundo dos mortos...

Estarrecidos, diante do seu comportamento inusitado, todos o ouvem, fascinados e impactados, ante o espetáculo tão inesperado quanto trágico.

Em êxtase, Koliman canta, cada vez mais alto, inspirado pelos sentimentos que extravasa, sincero, na sua pungente angústia.

O próprio tempo, num sutil *stacatto*, tornou-se cúmplice desse coração tártaro.

Tal qual, uma ave ferida e à beira da morte, ele encerrou o seu canto, num *rallentando* doce e triste...

Imediatamente, grita, com toda pujança de sua alma jovem e estuante de vida:

– Perdoe-me, Fathima! Amo você mais que a própria vida e jamais lhe faria mal! Levo você no meu pensamento para a eternidade! Adeus!...

Suas palavras ecoaram por todo o acampamento, arrepiando a todos, e ao próprio Dario, que decidiu por um fim ao impasse.

Antes, porém, de qualquer atitude sua, Koliman, ágil como um felino, arrebatou a adaga de um dos homens que lhe está próximo e a enterrou, certeira, no próprio peito.

Olhos arregalados, regurgitando sangue, ele cai mansamente, como uma folha seca ao sabor do vento.

Alguns instantes mais, convulsiona e estertora ao lado de Dario, que acorrera para socorrê-lo, inutilmente.

Perplexos, com tanta agilidade e audácia, ninguém se moveu ao redor... Ali, todos parecem um estranho clichê.

Koliman, o poeta, o cantor, o invencível guerreiro tártaro, está morto!...

Dario mal consegue acreditar, mas, diante do fato, ordena visivelmente alterado:

– Cuidem do sepultamento dele, com respeito e dignidade!

– E quanto ao outro? – alguém quer saber.

– Atirem-no aos abutres do deserto!... – Dario responde, mal contendo a ira que o acomete, ao recordar a violência de Kurak e os

riscos que sua filha correu por sua ousadia e concupiscência.

Em seguida, saiu, cabeça baixa, arrasado, e dirigiu-se à sua tenda, onde cuidou da própria higiene, emocionalmente exausto e refletindo sobre tudo que viveram em tão curto espaço de tempo.

Melhorado, enfim, ao menos na aparência, procurou Fathima e encontrou-a aos prantos.

Ao ouvir o canto angustiado de Koliman, ela tapara os ouvidos mas, ouviu até a última nota que saíra de sua bela voz, sua desesperada confirmação do seu louco amor e o seu pedido de perdão... Como hebetada, quedou-se, atônita, quase em choque.

Ao ver o pai, atira-se nos seus braços e indaga-lhe, descontrolada:

– Por que, meu pai, além de não ser feliz, levo a infelicidade aos outros? Terei nascido sob uma terrível maldição? Que ave de mau agouro, assistiu-me ao nascimento? Estarei condenada à perenes desgraças?

– Não, Fathima, não! Controle-se e não se culpe pelos pecados alheios! Acalme-se e não blasfeme, peço-lhe! Dirija os seus pensamentos a Allah e rogue pela alma do seu amigo que partiu desse mundo, ao tirar a própria vida, num ato desesperado e insano!

Dando um grito, Fathima cambaleia, sendo amparada pelo pai.

Eloá vai buscar-lhe gotas calmantes e retorna em seguida, fazendo-a ingeri-las, com redobrado amor.

Após a medicação, Fathima abraça o pai, comovida, escondendo o rosto em seu peito, e desabafa a imensa dor, pranteando a perda de Koliman, amigo sempre querido, apesar de tudo...

Enquanto consola a filha, Dario pensa em Turiel. Sabe que ela virá atrás dos seus filhos. Deve prevenir-se, detê-la.

Deixando-a aos cuidados de Demiana, ele saiu para preparar as defesas de sua casa, diante de mais um provável desafio.

Tomando as providências cabíveis, aguardou ansioso e visivelmente inquieto. Tem consciência do risco que Turiel representa.

Os guardas passaram dias e noites em vigília, revezando-se.

Numa determinada noite, escura como os pecados dos homens, eles surpreenderam a esgueirar-se por entre as tendas, alguém

encapuzado e pisando como um felino, à procura de algo. Presto, um deles fez sinal aos outros, enquanto caía sobre o vulto encapuzado e ágil.

O intruso armado de uma adaga afiada, reagiu, violento, e conseguiu feri-lo, estendendo, àqueles que acorreram, o mesmo tratamento.

Furioso e atacando, ele criou um espaço protegido ao seu redor, mas apesar da sua força e habilidade, depois de alguns minutos de refrega, em patente desvantagem, diante da quantidade dos seus adversários, foi dominado e a sua identidade revelada.

Como todos suspeitavam desde o início, ali estava Turiel, cobrando caro pela própria vida.

Fortemente tolhida, ela esperneava, gritando, estentórica:

– Onde estão os meus filhos, Dario?

Dario que já acorrera, lhe respondeu, categórico:

– Mortos! Um enterrado e o outro já foi devorado pelos abutres!

Furiosa, ela imprecava, enquanto se debatia:

– Você mente, seu miserável! Diga-me! Onde eles estão?

– Mortos, acredite! Seu plano faliu, sua gralha estúpida!

Turiel percebeu, enfim, que ele dizia a verdade.

Enlouquecida, num esforço maior, soltou-se e investiu, furiosa, contra Dario, que à pequena distância observa sua fúria e desespero:

– Seu criminoso! Você os matou! Arrancarei os seus olhos! Matarei você com as minhas próprias mãos!

Antes que chegue até ele, porém, um dos homens atira-lhe uma adaga no meio das costas.

Turiel deu um grito e caiu. Cheia de ódio, ela escavava o chão com as unhas, enquanto praguejava:

– Maldito seja, Dario! Que você e sua filha... nunca... sejam... felizes!

Num último esforço para continuar falando, sem contudo lograr o seu intento, ela convulsionou e se aquietou para sempre.

Colérico, Dario desabafou:

– Eu já sou feliz, mulher desgraçada, e você vai trilhar os caminhos do inferno, para não prejudicar mais ninguém! Reúna-se aos seus

filhos e faça bom proveito! – cuspindo, de lado, ele se afastou, revoltado com mais um dia de desgraça e de morte em sua casa.

Lamentou, sincero, por muito tempo, a sorte cruel de Koliman, que começou para ele ao nascer numa família tão desequilibrada quanto violenta...

Fathima sacode a cabeça para desanuviar, enquanto conclui muito sabiamente, que além de Norimar, ao qual amará para sempre, apenas Koliman tocara fortemente o seu coração de mulher...

Hoje sabe que se não tivesse conhecido Norimar e se as circunstâncias fossem diferentes, amaria, sem dúvida, o belo sábio e sensível Koliman, o guerreiro tártaro, filho de terras tão distantes e ainda tão selvagens, tão diferentes e tão peculiares...

Mas, aqueles foram tempos muito trágicos!... Deve esquecê-los, sem esquecer, contudo, o seu saudoso e desgraçado amigo Koliman!...

Lembranças

Fathima nunca conseguiu (nem desejou) esquecer Norimar.

Ainda carrega na alma a dor da separação e da enorme frustração. Por isso, alterna períodos de relativa saúde com outros de fraqueza e desânimo, aparentemente incuráveis.

Os anos a amadureceram, fixando-lhe os traços de sua inalterável beleza. Os pretendentes surgem e se vão, rejeitados, todos.

Safira casou-se, envergando o vestido de noiva de Fathima, emocionando a todos e muito principalmente a antiga dona de tão belo traje nupcial. Naquela nuvem, lindíssima e vaporosa, de sedas e rendas rebordadas de brilhantes e fios de prata, a saudade de algo que nunca teve e que ficou perdido no espaço e no tempo...

Os baús, com o seu enxoval, saíram da sua casa para a casa de Safira. Esta, hoje, vive casada e feliz com o belo e valoroso Melchior, digno filho de Ahmed e Aisha.

Na data festiva, Dario, carinhoso e grato, presenteou regiamente aos noivos.

Demiana despediu-se da casa de Dario e foi morar com a filha.

Silenciosa e melancólica, Fathima segue vivendo, sem muito interesse e sem a alegria que antes a caracterizava.

Assim, aos poucos, adoeceu gravemente, para desespero de Dario e de Eloá.

Vários médicos foram convocados, mas, apesar dos diversos tratamentos, ela se mantém febril e muito enfraquecida. As suas energias vitais parecem esvair-se, irremediavelmente.

Nos seus raros momentos de lucidez, Dario aproveita para falar-lhe, amoroso, conclamando-a à vida:

– Minha filha! Você mergulha nesse mundo de recordações, e sofre. Após tanto tempo, querida, você revive os fatos como se eles estivessem acontecendo agora!

– O senhor meu pai sabe, que eu jamais superei a ausência de Norimar. Essa dor foi se acumulando, dia a dia, no meu coração...

– Filha, filha! Não se entregue assim!

– Não tenho esta intenção, creia... Quero melhorar, vou melhorar...

Calando-se e fechando os olhos, ela demonstra a sua incapacidade de prosseguir falando.

Muito pesarosa, Eloá vê Dario sair do quarto de Fathima cabisbaixo.

Arranja-lhe os lençóis e lhe fala, carinhosa e suavemente:

– Fathima, busque forças dentro de si mesma! O seu mal, minha querida, é da alma!

Após alguns minutos, Fathima desperta e lhe pede água.

Após servi-la, amparando-a, ela ouve:

– Eloá... Eu tenho sonhado...

– Com Norimar, suponho.

– Sim, com Norimar... Algumas vezes eu o vejo como o meu príncipe; em outras, ele está vestido de monge, como já lhes contei, antes...

Ela se cala e respira com dificuldade. Momentos depois, prossegue:

– É tão bom revê-lo, Eloá... Parece-me que o tempo não passou, que ele ainda está comigo... Na personalidade do meu príncipe, ele age como antes: ardente, impávido, altivo e apaixonado; mas, como monge, a sua magreza é gritante, sua expressão é muito serena, sua voz pausada e muito mansa; sua presença faz bem não apenas a mim, mas a quantos se aproximem dele...

Muito curiosa, Eloá indaga-lhe:

– Vocês conversam, filha? O que ele lhe diz?...

– Sim, Eloá, nós conversamos muito! Entre outras coisas, ele me pede para ser feliz, imagine! Ser feliz, sem ele? Impossível!

– Ele tem razão, minha filha, você precisa ser feliz e tem esse direito!

– Você não entende, Eloá... Ninguém entende... Apesar de tudo que vivemos e daquilo que deixamos de viver, amo o meu príncipe, ainda e sempre... Meu amor e minha saudade moram juntos, aqui e aqui... – ela aponta para o peito e para a cabeça.

Bebe mais água e fecha os olhos, buscando algum refazimento.

Mais alguns instantes, e volta a falar:

– Algumas vezes, Eloá, eu o surpreendo no meio de tanta gente!... Aqueles que ali estão são tristes ou estão doentes como eu, mas, ao vê-lo, os seus olhos brilham de esperança!... Nessas ocasiões, eu corro para ele e tento abraçá-lo, como antigamente. Ele me olha com uma ternura imensa, mas me rejeita, dizendo-me que não é mais o príncipe Norimar Al Jared, mas um mensageiro de Allah, investido num poder sagrado que se sobrepõe ao nosso amor. Fico perplexa, Eloá! Por acaso existe algo que seja maior ou melhor que o nosso amor?

Fathima faz essa declaração num ímpeto, agitando-se no leito.

Buscando alento, ela finaliza:

– Muito confusa e mergulhada nestes mistérios, eu desperto inconformada!

– São delírios, Fathima, só delírios...

– Não, não são, eu sei! Contudo, estes tormentos pertencem tão somente a mim. Já sobrecarrego demais as suas vidas. Perdoem-me!...

– Pobre querida! Assim fica mais solitária!

– Jamais me sentirei solitária com o extremado amor de vocês!

– Procure esquecer Norimar, filha. Quem sabe assim conseguirá curar-se!

– Se a minha cura depender disso, Eloá... Impossível, esquecê-lo!

Exausta, ela pede mais água. Bebe, e em poucos instantes adormece.

Missão em Damasco

Dez anos se passaram, desde o primeiro momento de desespero que o levou a escolher caminhos novos e desconhecidos, até essa nova vida que hoje absorve irmão Elias por inteiro.

Faz algum tempo, ele recebeu a incumbência de uma missão em Damasco. Ante essa probabilidade, estremeceu.

Voltar a essa querida cidade, onde viveu e se instruiu desde os verdes anos, e onde também sofreu a perseguição dos seus inimigos declarados, que vieram a culminar em risco de morte...

Não se preocupa, contudo, em ser reconhecido. Hoje sua aparência difere totalmente da anterior, como o príncipe Norimar Al Jared.

Enfim, submetendo-se às ordens, partiu para a dourada cidade do seu passado. Procurando o endereço religioso, ao qual fora enviado, apresentou-se, identificando-se.

Inquirido a respeito, apenas para confirmação, declarou os objetivos da sua ordem, ou seja: instruir, exercitar e preparar novos membros para o trabalho religioso, enquanto socorreria os enfermos e os desvalidos.

Naquela noite, devidamente instalado, rogou, súplice, ao sublime nazareno:

– Senhor! Que o vosso sacrifício nos sirva de exemplo e nos conceda forças para afastarmos as montanhas das dificuldades, que nós mesmos colocamos nos nossos caminhos! Ouve e balsamiza, Senhor, este coração rebelde, que ainda não aprendeu a esquecer!

Voltar a esta cidade fragiliza o meu coração, ainda tão imperfeito. Pressinto que o meu maior testemunho aproxima-se. Não sei de onde virá ou quando se dará. Sustenta-me para depois recambiar-me, inteiro e com a consciência tranquila, aos meus deveres monásticos! – pacificado consigo mesmo, ele adormece, na sua

nova habitação.

Nos dias que se seguem, passa a executar, abnegado, as suas atribuições religiosas e terapêuticas, surpreendendo aqueles que o observam, numa análise competente das suas ações cristãs.

*

Dario, nos seus cuidados com a saúde de Fathima, diminuiu, novamente, as sua viagens.

Seu intendente mais direto, Benjamin, sempre atento e com alguma intenção mas, disfarçando, para aparentar desinteresse, informa-o:

– Caro Dario, fiquei sabendo que em Damasco, o califado está muito incomodado com a presença de um certo monge. Este, além de pregar os ensinamentos do profeta, Jesus, que foi crucificado entre dois ladrões, sob o título de 'Rei dos Judeus', que acabou por causar muito escândalo e celeuma entre os próprios judeus e a poderosa Roma dos Césares, exerce também a função de terapeuta, arrastando atrás de si doentes incuráveis e miseráveis de todo porte!

Muito ocupado e também um pouco distraído, Dario comenta:

– É de causar espanto que alguém, de tal modo derrotado, tenha tantos seguidores, Benjamin!

– De fato! Alguns dizem também que este terapeuta, além da ordem religiosa, à qual se filiou, segue igualmente a sabedoria de uma antiga seita, anterior e posterior ao crucificado. Ouvi de fonte limpa, que os remanescentes dessa seita sobrevivem ainda nas montanhas, e moram em cavernas muito peculiares.

Observando, muito incomodado, o alheamento de Dario, quanto a tudo que disse, Benjamim resolve ser mais explícito:

– Concluo que esses terapeutas sejam os eremitas! E você, Dario?

Benjamim conseguiu, enfim, interessá-lo.

O coração de Dario disparou. Reticente, responde ao seu intendente:

– Sim, você pode estar certo, Benjamim...

Deixando aquilo que faz, Dario se distancia mentalmente. A

informação e o comentário de Benjamim trouxeram-se, subitamente, o passado de volta... Recorda o difícil diálogo que tivera com Norimar e que o fez prever, acertadamente, os riscos que ele viria a correr.

Um trecho específico daquela entrevista tem a ver com aquilo que acaba de ouvir. Quando Norimar confessou ter sido curado de uma estranha doença pelos referidos eremitas. Estes seriam, segundo Norimar, terapeutas que socorriam e curavam, fraternos e abnegados, em nome do Cristo Jesus.

Silencioso, Benjamim imagina, com acerto, os pensamentos do seu patrão.

Outros empregados vão chegando e numa algaravia saudável, falam de tudo que lhes interessa, quanto ao trabalho de todos e de cada qual.

Para Dario, as vozes soam muito distantes... Seus pensamentos voam para a filha doente, que se abate cada vez mais, apesar dos difíceis e caros tratamentos médicos. Sua amada Fathima parece caminhar para um inevitável fim... O seu coração paternal sofre, sentindo-se incapaz de salvá-la.

Senta-se, alheia-se de tudo e mergulha em profundas meditações... Por que não ir mais longe, em busca de uma cura? Ali, já tentou tudo que podia, sem resultado. Se alguém pode socorrê-la, e mais que isso, curá-la, deve usar os seus préstimos e a sua sabedoria, agradecendo a Allah pela oportunidade.

Após alguns instantes de conflitos, nenhum insuperável, diante do seu amor por Fathima, levanta-se e sai decidido a procurar o famoso terapeuta. Vai aconselhar-se com Eloá e lhe conta aquilo que ouviu de Benjamim.

Muito surpresa, Eloá recorda as narrativas de Fathima, quanto aos seus sonhos. Sem compreender plenamente os pensamentos que a alcançam, intuitiva, julga haver um invisível fio de ligação entre os sonhos da moça e a informação de Benjamim.

Voltando das suas reflexões, concorda com o marido e incentiva-o a executar aquilo que pretende:

– Você deve ir, Dario! Sinto que dará certo! Vá tranquilo que ficarei a postos, cuidando da nossa querida.

– No momento, e diante daquilo que temos vivido, Eloá, essa é mais uma esperança!

– Sim, Dario, uma grande esperança!

– Allah que lê nos nossos corações, compreenderá a nossa intenção e nos guiará nesse tentame! Conciliarei uma viagem que devo fazer a Damasco. Tudo dependerá, certamente, daquilo que eu venha a avaliar. O povo, você sabe, às vezes fala demais! É preciso analisar, muito bem, até onde vai o exagero dos seus adeptos e seguidores. Enfim, descobrirei a verdade, *in loco!* Serei expedito e viajarei, incontinenti.

Alguns dias depois, Dario chega à bela cidade islâmica.

Refeito e alimentado, ele sai pela cidade, acompanhado de Benjamin, em quem confia mais que em qualquer outro. Sem a sua competência e boa vontade, jamais conseguiria conduzir com sucesso os diversos trabalhos em sua casa e nas caravanas comerciais.

Benjamim, inteligente e perspicaz, abstém-se de indagar o que quer que seja e limita-se apenas a ouvi-lo com a bonomia de sempre.

Dario dificilmente aceita opiniões alheias. É avesso a interferências, de quem quer que seja, nos seus assuntos e na sua vida privada.

Enquanto caminham, Dario não pode se furtar à recordação do terrível prognóstico a respeito de Norimar (Que Allah o acoberte com a sua sombra poderosa, onde ele estiver!...), quanto à possibilidade de sua presença ali, numa prisão indevassável, ou de já ter sido executado, sob as ordens do califado.

Seu coração amigo e saudoso, porém, lhe diz que Norimar está vivo, em algum lugar.

Procurando os monges, aqui e ali, e conhecendo bem a vida e as suas criaturas, Dario conclui que saberá deles em meio ao povo mais infeliz, mais abandonado e sofrido, aos quais Norimar se referia como preocupação máxima daquele Cristo famoso.

Afastando-se do centro da cidade, indaga a quantos encontra pelo caminho o paradeiro do monge terapeuta.

Após algumas horas de caminhada, alguém informou:

– Se deseja vê-lo, venha amanhã. Naquele outeiro, ao surgir o astro-rei, irmão Elias estará socorrendo e curando, em nome de Jesus Cristo!

Dario alegra-se. Regressa e, junto a Benjamin, cuida dos negócios mais urgentes.

Dia seguinte, sozinho, se faz presente no referido outeiro. Chega bem cedo e se mistura à miséria reinante, lamentando-a. Observa tudo à sua volta e aguarda ansioso.

Horas depois, um grupo de religiosos, vestindo hábitos grosseiros e escuros, surge e se mistura ao povo.

Um deles roga aos céus bênçãos e auxílio, louvando a Jesus e a Deus Pai, em nome do amor e da caridade. Em seguida, começam a abençoar a todos, socorrendo-os, naquilo que lhes é possível.

A multidão freme de dor e de desespero, nas suas mazelas físicas e morais.

Entre os religiosos, um se destaca, admiravelmente, chamando a atenção de Dario. Enquanto ele analisa, atento e comovido, aquele que chamam de irmão Elias, subitamente tem a impressão de conhecê-lo. Todavia, nunca vira antes aquele homem macérrimo, de barbas e cabelos longos, um legítimo anacoreta!...

Em verdade, acha-os muito esquisitos e suspeita das suas honestidades. Acredita mesmo que eles são capazes de fazer sortilégios e encantamentos nefastos, mas tudo que vê nega radicalmente, os seus preconceitos.

Vestidos pobremente, descalços ou com sandálias grosseiras, corpos desnutridos (provavelmente pelos jejuns), sem nada cobrar ou pedir...

Bem impressionado, enfim, aguarda um momento propício para falar-lhe. Este momento chega quando se vê frente a frente com irmão Elias.

Dario percebe, muito intrigado, que o monge estremeceu, involuntariamente, ao deparar-se com ele, e não pode sequer imaginar o susto de Norimar, que, ante o inusitado da sua presença, controla-se heroicamente para não trair a sua grande emoção e surpresa.

Requisitando-lhe atenção, Dario lhe pede alguns minutos para

dizer-lhe a que veio.

Silencioso e atento, Elias se dispõe a ouvi-lo.

Quando Dario lhe fala da doença misteriosa da filha, Elias sente-se mal. Procurando manter a calma, porém, indaga-lhe:

– Já consultaram os médicos?

– Sim, os melhores! Nenhum deles, porém, conseguiu curá-la de uma febre pertinaz e da fraqueza que abatem, cada vez mais, minha filha querida, há meses...

Profundamente perturbado, Elias precisa sondar os veros pensamentos e intenções de Dario:

– O que deseja que eu faça? Ou melhor, o que espera de mim?

– Que vá vê-la! – Dario declara em alto e bom som. Isso, para ele, é tão lógico que deveria dispensar qualquer indagação.

Se um raio caísse na cabeça de Elias, talvez não lhe causasse impacto maior.

Ante o seu silêncio, Dario amplia os seus pensamentos:

– Ouvindo os ecos das suas práticas terapêuticas, vim pedir-lhe que use os seus conhecimentos, salvando-a para o meu coração de pai. Sem ela, serei um céu escuro, sem lua e sem estrelas, numa noite sem fim! Sem a sua presença abençoada como prosseguir?

Enquanto Dario controla-se, para evitar o pranto que ameaça subjugá-lo, Elias conclui em pensamento, coração amargurado:

“Eu precisei aprender, a duras penas!...” – sua emoção é avassaladora: ver e ouvir, novamente, o amado amigo, e ter notícias de Fathima!...

Ensimesmado, pensa nos caminhos de Deus, inesperados, mas muito preciosos. Em tempo, porém, recorda, vigilante, a sua promessa de fidelidade aos seus votos perpétuos. Submisso e reverente, pensa em Jesus e no seu sublime testemunho de amor à Humanidade. Recobrando o ânimo, pede a Dario:

– Dê-me algum tempo, preciso se faz completar os trabalhos que vê aqui. Depois conversaremos mais!

Esperançoso, Dario faz a habitual saudação do salamaleque diante dele e declara:

– Agradeço-lhe e saiba que ficarei aguardando o tempo que for preciso!

Elias fita-o, profundamente comovido e saudoso da sua filial convivência e, por que não dizer, saudoso também do salamaleque, que fez parte, de maneira intrínseca, de sua vida de sultão durante tanto tempo! Sorri levemente, porque precisou conter-se, diante do automatismo, comportamental, que quase denuncia o seu passado, num ímpeto de retribuir à altura aquela saudação.

Ainda enlevado nas suas reminiscências afetuosas, ouve o chamado de alguém e se apressa.

Afasta-se, e Dario fica por ali, a maravilhar-se com tanto amor. Diante daquilo que assiste, compreende as ilações de Norimar.

Testemunho

Como prometera, encerrando as suas atividades, irmão Elias se dispõe a ouvir Dario, em particular.

Dario só faria que está fazendo, e que contraria visceralmente os seus princípios, por amor à sua filha.

Enquanto aguarda-lhe o pronunciamento, Elias está angustiado. Atendê-lo será um grande desafio, talvez o maior de sua vida. Silencioso, ora a Deus, fortalecendo-se.

Dario, enfim, explica-se:

– Vim à sua procura porque ouvi dizer que o senhor pode curar qualquer doença!

Compreensivo, mas sincero, Elias lhe responde:

– Engana-se! Felizmente, não possuo tal poder!

Agora é a vez de Dario estremecer. Reconheceu-lhe a forma de expressar-se e principalmente o brilho entusiasta do olhar. A sua voz, desde o primeiro momento, tocara o seu coração numa estranha reminiscência...

Timidamente, indaga, na intenção de provocar uma sinceridade de parte a parte:

– Desculpe-me, irmão Elias, mas já nos vimos antes?

Elias entendeu o amigo. Disfarça, estoico, e declara com firmeza:

– Não, nunca! Por favor, diga-me o que pretende. Estamos perdendo um tempo precioso!

– Tem razão, perdoe-me! Tudo que ouvi a seu respeito é verdade?

Cada vez mais tocado, Elias fita o querido amigo. O tempo jamais modificará afeição tão forte, tão verdadeira... Gostaria de abraçá-lo, dizer-lhe que está bem, indagar-lhe sobre a vida de Fathima, saber como eles enfrentaram os fatos que culminaram no seu desaparecimento.

Finge observar algo à distância e requisita, amável:

– Se me disser o que ouviu, poderei responder-lhe.
– Ouvi que suas mãos curam e que sua palavra transforma. Enquanto aguardava, testemunhei coisas assombrosas! Por Allah!... – Dario faz gestos de gratidão, em direção aos céus.
– Se viu com os próprios olhos, por que me pergunta?– no seu tom de voz, um grande desalento.
– Porque negou, em primeira instância.
– Fui fiel à Verdade! Este poder de que fala, eu não possuo. Não posso curar se Deus não permitir. Se o amor fraternal que exercito em nome do mestre Jesus, faz bem às criaturas, criando situações favoráveis para as curas, estas não são da minha alçada. Pertencem tão somente aos céus! As palavras que transformam as criaturas são fundamentadas na Verdade de Deus e tocam os corações daqueles que 'já estão prontos' para serem, não apenas os chamados, mas também os escolhidos. Quando, nas almas cansadas e desiludidas, essas palavras reacendem o clarão de uma nova esperança, e a certeza da perfeição de Deus, isto é fé renovada!
– Assisti, admirado, às práticas terapêuticas do senhor e dos seus companheiros e concluí que aquilo que vi tem muito a ver com conhecimento e técnicas!
Elias sorri, satisfeito:
"Querido amigo! Tão inteligente, sempre atento, lúcido e perspicaz!... Fiel aos seus princípios, mas compreensivo quanto às diferenças. Hoje parece mais aberto às diversas ideias, menos radical! O que faz o amor filial!..."
Ainda sorrindo, comenta:
– Parabenizo-o pela observação competente! De fato, nós somos terapeutas. Socorremos os doentes usando conhecimentos científicos, mas sempre, sob o poder de Deus. A fé faculta ao enfermo uma boa receptividade e condições adequadas, a fim de que os seus corpos se livrem das suas mazelas. Por isso, nem todos se curam.
– Ou seja, a cura não depende apenas do terapeuta, mas também, do próprio doente.
– É exatamente assim!

Quanto mais o ouve, Dario mais se certifica:

“Esses olhos e essa voz são de Norimar! Apesar da mudança notável em sua aparência, e de sua tentativa em esconder-se, reconheço, comovido, este queridíssimo amigo... Enfim, se age assim, deve ter motivos...”

Norimar alcança o teor dos seus pensamentos e decide quebrar o impasse:

– O que espera de mim, de fato, senhor Dario?

– Como já lhe disse, minha querida filha está muito doente!...

A nova referência à Fathima abala Norimar, mais uma vez. Suas têmporas latejam e seu coração perde o ritmo normal. Desvia os olhos para não ser surpreendido na fraqueza que o acomete e que precisa dominar.

Respeitoso, Dario adivinha-lhe os pensamentos e os sentimentos, e disfarça. Lamenta-o, mas deve explicar-se:

– Fathima teve, há alguns anos, uma grande desilusão! Naquela ocasião, ela adoeceu gravemente e quase a perdemos. Desde então, vive entre altos e baixos; melhora e piora, repetidas vezes. Dessa vez, porém... – a emoção impede Dario de prosseguir. Agora, é ele quem olha à distância para refazer-se.

Elias controla-se, bravamente, para não se trair:

– Deseja que eu lhe envie alguns medicamentos?

Numa tentativa de furtar-se ao risco que corre, em todos os sentidos, aventa a hipótese, mesmo sabendo de antemão aquilo que Dario espera dele.

Rápido, Dario lhe responde:

– Não! Por favor! Espero que vá até ela, em nome da sua fé e da caridade que tão bem exercita!

“Beberei o meu cálice até a última gota!...” – Elias conclui, enquanto lhe pergunta:

– Não se arrependerá depois? Professa outra religião.

– Sim, é verdade! Só o meu desespero de pai me traria até aqui!

– Compreendo, mais do que pode imaginar! Todavia, este exercício de humildade e submissão, por amor à sua filha, aproxima mais o seu coração de Deus, ou Allah, como queira denominar, a Providência Divina nas nossas vidas.

– Atenderá ao meu pedido?

– Sim! Venha aqui amanhã, no mesmo horário, e estarei pronto para acompanhá-lo!

– Levá-lo-ei da melhor forma possível! Os gastos decorrem por minha conta, naturalmente!

– Concordo e agradeço! Como sabe, vivemos quase sempre de doações, porque dedicamos tempo integral e os recursos advindos aos mais necessitados.

– Farei também uma doação generosa à sua causa.

– Que ela não tenha a feição de pagamento, por favor! Aquilo que fazemos é totalmente gratuito! Os dons de Deus não podem ser comprados nem vendidos.

– Contudo, as suas práticas e conhecimentos terapêuticos têm preço, como é comum a qualquer profissional. Tenho pago verdadeiras fortunas a alguns que prometeram curar minha filha, sem contudo lograrem o êxito que almejavam.

– Mesmo sendo terapeuta, não sou um profissional comum. Entreguei os meus conhecimentos científicos a Deus, assim como a minha própria vida. Assumindo a vida monástica, o mundo passou a ter uma nova feição para mim. O meu passado, com tudo que lhe dizia respeito, ficou definitivamente para trás e deve ser esquecido!

A Dario, a explicação foi bem direta... Este anacoreta, príncipe Norimar Al Jared de antes, o grande amor de sua filha, que um dia quase foi seu genro, sutilmente tenta explicar-se.

Encerrando o assunto, nesta rápida dissertação sobre si mesmo, Elias demonstra pressa para seguir adiante com o seu trabalho.

Dario agradece e se despede, retornando à hospedaria.

A caminho, analisa a sua curiosa e valiosa experiência:

“A emoção que Elias tentou disfarçar, a sua afirmação quanto à sua nova condição de vida, quase desculpando-se pelo seu desaparecimento, e o seu patente esforço para manter-se incógnito...

Agora me recordo, Fathima sonha com Norimar vestido num hábito de monge! A filha querida leva o seu amor à culminâncias que transcendem a normalidade. Superando os limites da carne, ela se faz presente ao seu lado!... Nunca vi amor igual!... E, de certa

maneira, Norimar também lhe é fiel... Seu caminho modificou-se, é verdade, mas em sua nova vida, ele está tão solitário quanto ela, e as suas emoções, quanto ao seu passado, saltam aos olhos...”

Uma vez na hospedaria, rememora a conversa que teve com Norimar, quando ainda planejavam, felizes, as bodas...

Em vez de se escandalizar como fez, deveria tê-lo auxiliado de algum modo, modificando quem sabe este presente. Mas, como fazê-lo? O poder que estava no rastro dele excedia a qualquer outro.

“Oh, Dario, além de infiel você enlouqueceu também? Quer modificar a vontade divina? Interferir nos destinos do seu próximo?...”

– a consciência, presa às suas tradições religiosas, parece culpá-lo. Elevando os braços em direção aos céus, implora:

– Perdoe-me, Allah! Minha intenção é socorrer a filha amada! A Suprema Vontade, porém, será sempre vossa! Sou um minúsculo grão de areia no deserto que o vento impiedoso varre! Bendiga, Senhor, as mãos deste monge, e permita que ele possa curar Fathima! Ele é bom, faz a caridade sem preconceitos, sem exigências, e sem interesse! Socorra, meu Senhor, o meu coração de pai!...

Sentado no leito, Dario chora, desabafando e aliviando a alma atormentada. Teme perder a filha... A este pensamento, quase enlouquece.

Levanta-se e decide orar, apesar do extremo cansaço.

Apanha o seu pequeno tapete franjado, estende-o sobre o chão, ajoelha-se, e faz as inclinações de praxe. Reverencia Allah, com palavras de louvor e gratidão, sem esquecer de rogar, mais uma vez, saúde para Fathima.

Dia seguinte, encontra-se com Elias e juntos partem para a sua casa. A caminho, conversam, amigáveis. Apesar de conhecê-lo bem, e tê-lo admirado sempre, quanto à sua vasta cultura, Dario surpreende-se com a sua sabedoria e acuidade, agora, muito mais amplas.

Quando a viagem se aproxima do fim e já conseguem divisar, a alguma distância, o seu território, Dario surpreende-lhe reações

íntimas, muito fortes. Nas suas feições, uma emoção intensa estampada.

Elias faz um grande esforço para disfarçar, mas os seus olhos estão marejados de pranto.

Chegam, enfim, e Dario lhe oferece acomodação e conforto.

Enquanto ele descansa, Dario vai ver Fathima. Esta se encontra no mesmo estado. Beija-a, enternecido, e diz a Eloá que trouxera o terapeuta. Em seguida, busca igualmente um justo repouso.

Horas depois, refeitos e bem alimentados, ele convida Elias a acompanhá-lo aos aposentos da filha.

Fazendo-se anunciar, entram.

Febril, Fathima não registrou as suas presenças.

Norimar estremece e seus pensamentos o assaltam de roldão. Teme não suportar o impacto emocional, ao revê-la, depois de tanto tempo... As lembranças se fazem presentes, poderosas, dominadoras, impactantes...

Fathima parece uma estátua de cera, tal a sua fraqueza e imobilidade.

Sente-se culpado, mesmo sem tê-lo sido. Em todos estes anos, distante, esperava que ela tivesse superado tudo, mas sabe que Fathima é obstinada, fiel a si mesma e aos próprios sentimentos.

Diante do seu semblante adorado, tudo volta à tona:

Os anos de amor, a felicidade sem mescla, os sonhos nunca realizados, a trágica circunstância que o empurrou para longe, cada vez mais longe... Os caminhos percorridos desde então, até este momento crucial...

Respira, profundamente, pede forças aos céus e, controlando-se, requisita tudo aquilo de que precisa para cuidar dela.

Exercitando o seu saber (e o seu amor), ele passa horas inteiras à sua cabeceira, adentrando a noite.

Eloá permanece ali, no seu posto de mãe amorosa, revezando-se com Dario. Observando o terapeuta, ela sente por ele uma afeição inexplicável, como se já o conhecesse.

Norimar, por sua vez, reconheceu-a no primeiro instante. Guarda dela boas lembranças.

Num esforço e dedicação sacrificiais, ele trata Fathima por três

longos dias e três noites, ininterruptos.

Durante as horas estafantes, ouve dos lábios amados, nos seus delírios febris, evocações saudosas e confissões de um amor que jamais arrefeceu, apesar da distância, somados a petições fervorosas a Allah, pela segurança e felicidade do noivo amado, onde ele estiver...

Grato por tanto amor, e absorvido na vontade de recambiá-la à vida e aos braços de Dario, Elias redobra o seu poder terapêutico e a sua força espiritual.

Dario colabora, rezando e vigiando. Pleno de fé, ele pede a Allah que se faça presente, através das mãos e da mente de Elias.

Assim, jejuando e orando, Dario vê três longos dias se passarem. Entregou a Benjamin a incumbência de todos os seus negócios, e a administração maior da sua casa, enquanto Eloá não pode fazê-lo.

Na noite do quarto dia, muito abatidos, finalmente eles surpreendem uma pequena melhora no estado de Fathima: a febre baixou, sua respiração melhorou e os suores abundantes diminuíram. A intervalos regulares, ela já consegue dormir mais serena.

Exausto e no limite das suas forças físicas, Elias adormeceu, ali mesmo, sentado.

Dario fora descansar nos seus aposentos.

Horas depois, Fathima abre os olhos e olha ao redor.

Eloá dorme profundamente, sentada, bem próxima.

Fathima analisa tudo, curiosa e intrigada, como se estivesse chegando de algum lugar muito distante.

Ao se deparar com Elias, arregala os olhos, estremece e indaga, com voz quase sumida:

– Norimar?! O que faz aqui? Quando chegou? Por que usa esta roupa? Norimar, Norimar, acorde!

Ouvindo o seu chamado, Elias desperta; coração acelerado.

Em choque, pelo súbito despertamento, esqueceu onde está e o que fazia. Olha para Fathima e julga estar sonhando. Fita o seu semblante, incapaz de coordenar as ideias.

Ela, então, insiste e repete as mesmas perguntas.

Um cansaço quase insuportável invade Elias. Seu corpo dói. Sua

pele parece envolvida em brasas. Se excedera nas horas e esforços empreendidos para o resgate de sua alma mais amada.

Passa as mãos sobre os olhos, tenta enxergar melhor, e responde com outra pergunta:

– O que disse?

Mais lúcida que no primeiro momento, Fathima explica-se:

– Quero saber quando chegou e por que está tão diferente! Por Allah! Eu enlouqueci ou deliro?!... Onde você esteve todo esse tempo?

Fathima se agita no leito e tenta alcançá-lo. Empurra os lençóis e mede a possibilidade de levantar-se.

Elias se esforça para contê-la, enquanto aconselha:

– Acalme-se, peço-lhe! Seu estado ainda é muito delicado! Está me confundindo com alguém! Sou o irmão Elias do Espírito Santo! Vim tratá-la, a pedido de seu pai, e graças aos céus, acredito que você já superou a doença!

Suas palavras, porém, parecem saídas de outra boca, que não a sua. Neste momento, parece representar algum papel para o qual jamais se preparou, e mesmo que o tivesse feito, isso de nada lhe valeria.

Difícil definir o próprio estado de espírito. Teme por ela e teme por si mesmo...

Delicada, mas empurrando-o, para levantar-se, ela insiste, demonstrando muita dor, muito ressentimento e ao mesmo tempo a própria estupefação.

– Por que me fala assim, Norimar? Você está mentindo! Por que faz isso? Por que se demorou tanto? Onde esteve?

As lágrimas explodem, copiosas, e ela se entrega ao pranto.

Fita-o, tal qual uma criança, cobradora, desesperada, confusa...

– Quem é Norimar? – ele indaga, tentando confundi-la, desesperado.

Eloá desperta, surpreende-lhes o estranho diálogo e vai chamar Dario. Este chega, vê Fathima chorando, mas sentada no leito, aparentemente bem.

– Oh, minha filha, que felicidade! Você está melhor! Mas, por que chora?

– Sim, ela está melhor, senhor Dario! Enfim, venceu a doença! Chora porque me confundiu com outra pessoa.

Dario não emite opinião alguma. Sua filha tem razão. Assim como aconteceu com ele, ela reconheceu Norimar.

Eloá analisa melhor a magreza gritante de Elias e a sua aparência modificada, mas... seus gestos nobres, sensíveis, seu olhar, sua postura digna são inconfundíveis!... Fathima tem razão.

Um estranho mal-estar se faz diante daquilo que todos pensam, mas que Elias insiste em negar. Direito dele.

Dario está diante de um impasse, todavia precisa fazer algo e pede à filha:

– Fathima, acalme-se, por favor! Está deixando o seu terapeuta constrangido! Existem pessoas muito parecidas com outras. Cansado como está, ele não suportará este entrevero! Observe, ele mal se mantém de pé!

Fathima olha para o pai e conclui que, por alguma razão, ele também está mentindo.

Balança a cabeça, para um lado e para o outro, deplorando-lhes a inexplicável cumplicidade. Toma fôlego, enxuga as lágrimas, e numa postura de desafio maior, repete as mesmas perguntas. Na voz, entonações muito tristes.

Sua voz alteia-se nas suspeitas que não são infundadas, e desce a profundos questionamentos, revelando dores antigas e jamais superadas... Somando-se à sua dor moral, a confirmação subjetiva do seu amor, insofismável, incondicional, eterno, por Norimar.

Elias está à beira de um abismo. Como suportar as justas queixas da mulher amada? Por que não se revelar?

Uma premente necessidade azorraga o seu coração; entregar-se a este amor que venceu o tempo, a distância, as dúvidas, as incertezas, a saudade, os sofrimentos e a doença!...

Anseia atirar-se nos braços de Fathima, contar-lhe tudo, desabafar de encontro ao seu peito amado...

Oh, Deus, poder beijá-la de novo! Confessar-lhe que o seu amor é tão obstinado quando o dela! Envolvê-la nos seus braços, estreitando-a de encontro ao coração, fitar seus olhos, deixando-a ler nos seus o seu amor, a sua adoração reverente, que em nada se

modificou...

Instantes cruéis de dor, de insegurança, de dúvida, de vontade de ser feliz e fazê-la, igualmente, venturosa...

Como hebetado, ele olha para Fathima.

Esta em nada arrefece as suas indagações e as suas defesas.

Exaltada, mais bela que nunca, apesar do extremo abatimento físico, ela surpreende nos seus olhos as grossas lágrimas que teimam em cair e que ele enxuga. Silencia e fita-o, enternecida, surpresa.

Por que ele age assim?

Subitamente, uma suspeita: “Uma nova crença, talvez, oriente hoje a vida de Norimar!”

Mas, apesar da sábia conclusão, e dos seus sonhos, que parecem se materializar diante dela confirmando as duas identidades de Norimar, nada nem ninguém está acima do sentimento que carrega por ele, inteiro e presente, portas adentro do coração.

Dario conclui que de algum modo poderia interferir, mas não deve.

É o passado e o presente dos dois, frente a frente. A hora é decisiva e o momento é único. Roga a Allah que tome em suas mãos as suas vidas. Em silêncio, assim como Eloá, observa-os e aguarda, coração aos saltos. Se a filha sobreviver a isto, nada mais na vida a enfraquecerá. É a sua ‘prova de fogo’.

Elias, de olhos baixos, busca forças e reequilíbrio em Deus.

Em sua mente, a recordação das palavras do irmão Arcângelo, quanto à possibilidade de ocorrer este momento e de como lhe respondera: – Teria forças para enfrentar o seu testemunho, quando este chegasse.

Levanta a cabeça, respira fundo, e como terapeuta, informa à sua paciente:

– Vou ministrar-lhe um medicamento que a tirará desta excitação. Vencido o mal da doença, agora, precisa repousar. Entregue-se à sua fé e se fortaleça naquele que a todos protege e socorre, nos momentos mais difíceis das nossas vidas!

Ele fala sem fitá-la de frente.

Reagindo, ela pede:

– Olhe para mim, Norimar! Por que nega tudo que eu disse, se

sabe que é verdade?

– Perdoe-me, se lhe trago sofrimentos. Jamais o faria, se pudesse, acredite! Agora desculpe-me, devo ir-me. Siga as minhas prescrições e terá de volta a saúde. Fique em paz e seja feliz!

– Voltou para dizer-me isso, Norimar? Oh, antes, este dia jamais tivesse existido! Eu guardaria apenas a lembrança de tempos felizes, como tenho feito até hoje! Nunca mais serei feliz, Norimar, nunca mais! – ela exclama, exasperada, lágrimas abundantes.

Depois de alguns instantes, volta a falar:

– Eu sei quem você é, e disso eu tenho certeza! Posso também adivinhar o motivo pelo qual você se esconde dentro desta roupa! Atualmente, carrega compromissos espirituais, diferentes daqueles que norteavam as nossas vidas, não é assim? E, maiores que o meu amor e a esperança de sermos felizes! Como me conformar com isto? Pode me dizer? Como você se sentiria se estivesse no meu lugar?!...

Elias sente uma dificuldade imensa para rebater as conclusões mais óbvias, do que ela mesmo pôde imaginar.

A sua emoção é tão intensa que deseja, doidamente, estreitá-la nos seus braços. Todavia, precisa e deve conter-se.

Ante o seu silêncio, Fathima se exaspera:

– Oh, Allah! Socorrei-me neste momento, para o qual pareço ter sobrevivido!

Delicado, Elias pede:

– Não ponha a perder aquilo que já conseguimos, quanto à sua saúde, e perdoe-me, rogo-lhe, do fundo do meu coração!

– Quando me pede perdão, confirma o que digo, Norimar!

Elias, cabeça baixa, não sabe mais o que fazer ou dizer. Sente-se chumbado ao chão. Gostaria de fugir dali, distanciar-se, mesmo que fosse por um pouco.

Surpreendendo-o num sofrimento, subjetivo e insuportável, ela entende que Norimar deve ter razões gravíssimas para agir assim.

Compreensiva, mas ainda cobradora, declara:

– Não acredito em sua negativa, diga o que disser. Neste instante de muita dor para o meu coração, recordo os meus sonhos, durante o repouso do corpo, quando nos encontramos e dialogamos. Hoje,

aqui, você ratifica tudo aquilo que me diz, nessas ocasiões. Agradeço por ter vindo, sabendo de antemão aquilo que sem dúvida enfrentaria, como está acontecendo.

Peço-lhe, igualmente, perdão, por minhas cobranças tão duras e incisivas. O que me redime é a constatação do meu amor desesperado e solitário, que me leva sempre à dor e ao ressentimento, apesar da saudade e da minha fidelidade eterna a você, meu único e verdadeiro amor.

Se veio por caridade, atendendo ao pedido de meu pai, que Allah o abençoe e recompense! Não me importa, em absoluto, o tipo de roupa que você esteja usando, num compromisso religioso que não compreendo e nem aceito, mas respeitarei, pois imagino os desafios que enfrentou e que modificaram a sua existência, radicalmente.

Junto à desgraça de reencontrá-lo e ter que renunciar, mais uma vez, a você, a felicidade incomparável de saber que você está vivo e plenamente realizado naquilo que faz!

– Apesar dos compromissos sagrados e das realizações, muitas vezes nos surpreendemos balançando, inseguros, como o navegante que numa frágil embarcação e quase a soçobrar, enfrenta uma tempestade, diante do querer e do dever. Isso faz parte da nossa natureza humana e ainda muito imperfeita, mas, acima dos nossos interesses, sejam quais forem, a vontade maior dos céus se impõe, porque sabe aquilo que é melhor para nós!

A voz de Elias soa triste, num grande desalento.

Fathima fita-o e mais que nunca sabe que este homem é o único em sua vida.

Firme e corajosa, conclui:

– Eu perdoo você! Pressinto nas suas ações a intenção de ser digno a tudo que representa, diante de si mesmo e diante do divino, tenha este o nome que tiver. Meu amor que superou o tempo e todas as barreiras, forte e presente, apesar de tudo precisa ser generoso também! Respeito a sua decisão e a sua vontade, ante a sua nova realidade. Nunca mais lamentarei a sua ausência e nunca mais o esperarei, mas, por onde quer que vá, leve com você a certeza, insofismável, do meu amor eterno por você! Siga em paz e seja feliz na vida que escolheu!

– Nem sempre escolhemos, às vezes nós somos escolhidos e precisamos, à nossa revelia, ainda que com a nossa anuência, amorosa e reverente, obedecer! Assim é a vida, plena de surpresas, boas ou más!

Elias fita Fathima, condoído dela e de si mesmo.

Trêmula, no olhar uma mistura de adoração, desespero e submissão ao momento trágico que vive, reverente e grata, ela beija as mãos de irmão Elias. Embevecida, solta-lhe as mãos, enquanto arremata:

– Siga seu caminho em paz e seja feliz!

Elias, que fruiu as venturas do céu e as penas do inferno, num curto espaço de tempo, e diante de tanto amor, responde, revelando muita dor:

– Fique igualmente em paz e seja feliz, também!

Dario e Eloá são as únicas testemunhas deste colóquio. Assombrados e perplexos, eles ouvem e a tudo assistem, sem interferir.

Num último gesto de amor, Norimar ou irmão Elias, como queiramos, suavemente, toma as mãos de Fathima e roga, reverente:

– Permita-me!

Ato contínuo, beija-as, lábios em brasa, coração a pulsar, descompassado. Fita-a diretamente nos olhos e derrama neles o afeto sagrado que guarda no escrínio de sua alma, comprometida, para sempre...

(O tempo parou, meus caros leitores? Certamente! A Divindade respeita e fortalece os veros sentimentos humanos.

Estranho clichê este: Quatro personagens de um drama, presente, que tem raízes no passado!)

Extasiada, Fathima retribui, calorosa e sincera, submissa e reverente, ao olhar de Norimar na confissão muda do seu amor... Intimamente, agradece a Allah, momentos tão graves, mas profundamente gratificantes para sua alma.

Todavia, exigiu demais de si mesma. A cabeça lhe roda. Deita-se e fecha os olhos. Está tudo acabado mas, ao mesmo tempo, renovou-se a certeza de amar e de ser amada.

Eloá aproxima-se para socorrê-la e Elias aconselha:

– Tome, dê-lhe este medicamento e em poucos minutos ela adormecerá. Quando despertar, estará mais refeita.

Dario fica indeciso sobre o que fazer.

Antes que ele tome alguma atitude, Elias argumenta:

– Sua filha me confundiu com alguém, senhor Dario! Em poucos dias, ela estará bem e, aos poucos, voltará a viver normalmente.

Ingerindo a medicação, Fathima solta o corpo no leito e relaxa, num suspiro que parece o canto de uma ave em agonia. Aos poucos ela ressona, levemente.

Elias aproxima-se e admira-a, amargurado:

“Adeus, meu amor! Fique bem e seja feliz! Que um novo horizonte, no qual eu não estarei, se abra à sua frente! Junto a Deus, você será sempre o maior amor da minha vida!...”

Inclina-se e beija-a na testa, despedindo-se, provavelmente, para sempre.

Guarda na retina o semblante abatido de Fathima e voltando-se para Dario exclama:

– Necessito de refazimento, com sua licença!

Imediatamente sai, precípite, como se fugisse de si mesmo.

Do lado de fora, fita as estrelas e deixa o pranto rolar livremente.

Do mais profundo d’alma, implora:

“Senhor, auxilia-me neste duro testemunho! Fortalecei-me em Cristo Jesus, impedindo-me de trair os meus votos sagrados!”

Cai de joelhos, inclina-se até o chão, escorrega o corpo e deita-se. Braços abertos em forma de cruz, submetido completamente à vontade divina. Encosta a testa na areia fria e alivia a chama que parece crepitar, queimando-o por todos os flancos.

Somando-se à dor da alma, o cansaço lhe arde na pele, nas costas e nas solas dos pés. Os seus braços estão dormentes.

Durante quatro dias lutou contra a morte e resgatou, por mercê de Deus, a mulher que ama, para renunciar a ela novamente.

Chora, convulso, o pranto dos desiludidos e dos abnegados, como qualquer mortal. Deve seguir o destino que escolheu e ser-lhe fiel. Não tem mais escolha. Seu corpo, no chão, se sacode como uma palmeira abatida pelos ventos da tempestade.

Dario o surpreende, assim, e imagina-o cumprindo algum ritual da sua religião. Respeita-lhe a intimidade espiritual e aguarda que ele próprio se pronuncie. Fica por perto e à sua disposição.

Elias levanta-se, enfim, aproxima-se de Dario e requisita:

– Meu amigo, preciso se faz que eu descanse, antes que um colapso de forças me abata. Caso ela precise de mim, todavia, venha chamar-me.

A Dario, o '"meu amigo' soou como antes, na voz inesquecível de Norimar.

Profundamente grato, responde:

– Que Allah o abençoe e o cubra com a sua sombra poderosa!

– Que assim seja, senhor Dario! E que cubra, igualmente, a sua casa, hoje e sempre! – necessita, urgente, de um sono reparador, ainda que não saiba aquilo que fará, ao despertar. Depois de tantos anos, esperava não ser reconhecido, mas temia exatamente aquilo que aconteceu. Conhece bem a mulher que ama...

Após acomodá-lo, regiamente, Dario retorna para o lado da filha.

Eloá indaga-lhe, muito intrigada:

– Dario, eu também estarei em febres, ou Fathima tem razão?

– Allah nos surpreendeu com este grande desafio, minha querida.

– Quais as suas conclusões? A semelhança entre o príncipe e este monge é notável. Além de tudo, Fathima diz tê-lo reconhecido!

– Seja ele o nosso querido Norimar ou o monge Elias, o que nos importa é que nossa filha querida parece ter-se curado, enfim! Que Allah o abençoe em todos os dias da sua vida!

– Mas, cá entre nós, acredita ou não que ele é o príncipe em outra identidade?

– Sim! Assim como Fathima, eu reconheci Norimar desde o primeiro instante. Confesso que passei por momentos de intensa emoção, ao revê-lo e não poder abraçá-lo como gostaria. E tenho certeza de que ele também me reconheceu, pois tão emocionado quanto, disfarçou, sem contudo me convencer. Uma afeição como a nossa supera quaisquer distâncias ou obstáculos. Se ele fez questão de disfarçar, porém, me harmonizo com ele, pois este querido amigo é bom e inteligente demais para agir sem pensar. Por trás de tudo que vemos, Eloá, deve haver muitas coisas que

ignoramos e que talvez devamos continuar ignorando para o bem dele.

– Você tem razão, Dario, como sempre. Louvo-lhe a clareza de raciocínio. Sua filha herdou de você esta rara qualidade!

Atraindo-a para si, Dario beija-a, apaixonado e grato, por tanto amor e doçura. Eloá parece um favo de mel.

Ela retribui os seus carinhos, agradecendo a Allah as bênçãos da própria vida.

Harmonizados e felizes com o andamento do tratamento de Fathima, eles buscam o repouso, em horários alternados.

Elias dorme profundamente. Quando despertar, terá que decidir o próprio destino. Para isso, conta sempre com Deus.

Obstinação

Despertando muito cedo (hábito, disciplinar, monástico), Elias sai a caminhar. Numa saudade quase insuportável, recorda, ponto por ponto, tudo que já viveu ali em tempos idos... Ontem, a certeza de venturas, hoje, a realidade do degredo, da dor e da renúncia.

“Passados tantos anos, além de me reconhecer, Fathima diz que me vê em sonhos, assim, envergando o hábito de monge!... Sua alma supera os limites da matéria e avança no espaço e no tempo!...

Pobre querida, por que não me esqueceu? Já se vão dez longos anos! Sempre bela! Não apenas no físico mas na alma, que através do sofrimento e da sua inalterável fé, alcança estágios surpreendentes de iluminação espiritual...”

Em meio a estes pensamentos, ele vê Dario aproximar-se. Estremece, diante do risco que corre. Continuará negando, mas conseguirá convencê-lo? Dario parece uma águia, é engenhoso, objetivo, certeiro... Fathima é-lhe digna herdeira!

“Que Deus me ajude e que a sua vontade poderosa se sobreponha à minha!...”– roga.

Jovial, Dario aproxima-se, inclina-se levemente no salamaleque, e fazendo os gestos de praxe, saúda-o:

– Que Allah o cubra de bênçãos! Saúde e paz, irmão Elias!

– E que o abençoe, sempre, e à sua casa!

Dario aproxima-se mais e Elias se afasta, intencional, e desvia o rosto na suposta observação de algo.

Dario sorri, compreensivo, ante as suas patentes, mas inúteis defesas. Conclui, acertadamente, que dentro de algumas horas, ele partirá para sempre. Sente uma saudade antecipada, somando-se à anterior que parecia sem remédio e sem solução... Sabe reconhecer nos propósitos de Allah o valor do seu regresso à sua casa, a

preciosa chance de revê-lo mais uma vez, e constatar-lhe a sobrevivência e os novos ideais de vida.

Norimar, enfim, realizou os seus anseios, tão antigos quanto sagrados... Agora, admira-o, muito mais!

Interiorizado e comovido, agradece:

"Obrigado, Allah! Que sua mão poderosa continue sobre nós e que dê forças a estes dois amados, Norimar e Fathima, para continuarem vivendo, sem perder a coragem e a fé!..."

Decidido, interpela-o:

– Digno representante dos céus que trouxe minha filha de volta, peço-lhe vênia para falar-lhe!

Elias entendeu-lhe os propósitos e a emoção de poucos instantes atrás. Dario é transparente, como água da fonte.

Ama-o como a um pai, mas aquilo que está em jogo é grave demais para contemporizar... A mútua proximidade o porá a descoberto e levará Dario à confirmação daquilo que já deve saber. Decide sair dali, rápido, mas vacila entre manter-se incógnito e ouvir o próprio coração.

Naquela casa, junto a Dario, sente-se de novo o antigo príncipe do Islã, seu quase-futuro-genro e admirador inconteste, da sua vida e das suas inegáveis qualidades morais.

Enquanto Elias se debate em meio aos seus conflitos, Dario roga:

– Por favor! Não se vá... Não, dessa maneira!... E não me negue um entendimento que será muito importante para mim, para nós dois... Já se faz tarde para tantas coisas, meu amigo!

Elias sente-se, cada vez mais ameaçado.

Fita Dario e se revê no difícil entendimento (e quase desentendimento...), num outro tempo, numa situação limite... Depois daquela conversa, daquele abrir as portas do coração, tudo aconteceu!... Esta é uma situação bem semelhante e de consequências imprevisíveis, ante a sua antiga realidade civil e religiosa... Naquele dia, Dario ouviu o seu desabafo, apesar dos próprios escrúpulos religiosos.

Nos olhos de Elias assomam algumas lágrimas. Ele disfarça e Dario finge não ter notado.

Apesar do perigo que corre, Elias concorda em nome da afeição

verdadeira que sobreviveu ao tempo e aos revezes.

– Que seja! Alguns minutos a mais ou a menos, não fará tanta diferença!

Sensibilizado pela recordação de um outro tempo, que hoje parece muito distante, Dario convida-o:

– Entremos, então, nobre religioso, para conversarmos a sós!

Seguem até o gabinete de Dario e ali se instalam.

Cuidadoso e procurando as palavras adequadas, Dario indaga-lhe, amável, porém, sincero:

– Como está este coração, aqui, onde foi tão feliz, na expectativa de casar-se, antes de ser perseguido para desaparecer no mundo, deixando tudo para trás, num silêncio que deve ter atormentado muito mais a você que a nós?

Surpreso, pois, não esperava que Dario fosse tão direto, Elias blefa:

– Fala por enigmas, nobre anfitrião?

– Não! Nos conhecemos bastante bem, para que você entenda perfeitamente tudo que eu disse!

– Nós nos conhecemos? – Elias persiste. Sente ímpetos quase incontroláveis de sair dali, rápido, sem aguardar as próximas indagações de Dario. Olha à sua volta e faz menção de levantar-se.

Dario, todavia, declara, em alto e bom som:

– Aqui, um dia, albergamos nos nossos corações a certeza de que seríamos todos felizes, como nos contos de fadas! Estávamos, ingenuamente, esquecendo os vilões, com os quais renteávamos! Em outra conversa, franca e fraterna, num passado nem tão distante assim, fomos ouvidos e traídos por alguém que o levou à desgraça da fuga desesperada para salvar a própria vida! Minha filha, sua noiva, nunca mais foi a mesma, como pôde ver, porque a sua alma se foi, no rastro da sua!

Profundamente triste, testa vincada, Elias precisa saber:

– Culpa o ex-noivo de sua filha?

– De modo algum! Culpo a vida que nos surpreendeu com a abominável traição daquela que, insano, eu amava!

Precipitado, sob o choque da revelação, Elias se levanta num impulso irresistível e exclama com voz rouca, quase sumida; saída

das próprias entranhas:

– Séfora!... Maldita! Mulher infeliz e despeitada! Eu devia saber! – o seu coração descompassado parece um camelo em disparada.

Suas têmporas latejam e sem controle tudo nele freme.

Subitamente, dá-se conta daquilo que acaba de fazer: desastrado, traiu-se, pondo-se a descoberto... Inclina a cabeça, abatido e envergonhado.

Em silêncio, revive, mentalmente, a sua tragédia existencial: Desorientado, galopando, rumo ao desconhecido... Ah!, a dor que sentiu, deixando tudo para trás e renunciando aos maiores e mais caros sonhos de sua vida!... Exilado ao sabor das circunstâncias, pela felonia daquela que deveria contribuir para o sucesso da própria casa, ao invés de abortá-lo!

Instante trágico e revelador este, que ora vive. Mentalmente, grita, revoltado, exprobrando-lhe a ação criminosa:

“Sua gralha maldita! Que os tormentos que me trouxe, na sua crueldade, contumaz, alcance você onde estiver e que atormente os seus dias e as suas noites, sem cessar, acompanhando-a, bem de perto, quando do seu retorno ao mundo de sombras!...”

Subitamente, porém, sua consciência grita, vigilante:

“Veja, Elias, observe muito bem, o ódio, que ainda dorme, enroscado como um réptil, asqueroso, dentro de você!” – atingido, em cheio, sente-se morrer.

Desiludido e envergonhado, diante de si mesmo, deplora os sentimentos aparentemente superados, que como sombras fantasmagóricas, se revelam presentes e poderosos!

Todavia, a tempestade mal começou: Agora sabe quem o vendeu ao abominável xeique de Bagdá e este sentimento de revolta cala todos os outros.

“Séfora! Mulher cruel e venal! De quanta renúncia tenho vivido por causa dela! Pobre Dario, infeliz amigo! Pobre Fathima! Pobre amor, que sendo grande e verdadeiro deveria ter sido respeitado!”

As suas mãos crispadas e o seu rosto congestionado falam do caos de sua alma, profundamente convulsionada.

Apesar da gravidade do momento, Dario sorri. Enfim, Norimar se traiu! Contudo, atento e compadecido, adivinha-lhe a imensa luta

íntima.

Elias se levanta, caminha a esmo e leva a mão ao peito. Com dificuldade para suportar o impacto da dor moral, emite um gemido surdo, quase imperceptível.

Num conflito muito grande, recorda os conselhos do irmão Arcângelo, e a sua promessa, entusiasmada, de continuar fiel aos votos perpétuos, quando o 'seu testemunho' o alcançasse! Jamais poderia supor que o testemunho seria este!

Quanta invigilância! Não, o seu vero testemunho não estava na renúncia, renovada e assumida, à almejada felicidade, mas neste que o apanha desprevenido, exibindo-lhe as fraquezas morais!

Onde, a consciência do perdão e a humildade, tão apregoados nos seus discursos religiosos?!... Onde, a sua pretensa evolução espiritual?...

Rever e resistir à mulher amada era apenas, um dos seus desafios, uma porção do todo! Longos anos de aprendizado e de renúncias para deparar-se consigo mesmo, caído, derrotado e perplexo, diante do horror de saber-se tão comprometido ainda com sentimentos inferiores, que julgava superados. Quanta ingenuidade, e por que não dizer? Quanta vaidade!...

Elias, alquebrado, sente uma grande lassidão e pede humildemente perdão a Deus e ao Cristo Jesus, modelo e guia da Humanidade.

Dario, muito respeitoso, compreensivo e penalizado, aguarda-lhe o reequilíbrio. De uma coisa tem certeza: este que tem diante de si não é o irmão Elias, o ermitão, o terapeuta abnegado, mesmo sem deixar de sê-lo, mas, sem um laivo de dúvida, é o digno, altivo, poderoso e intimorato, príncipe Norimar Al Jared, inteiro, de corpo e alma e sem disfarces!

No seu coração de pai zeloso, renasceu a esperança. Quem sabe? Talvez nem tudo esteja perdido! Se Norimar não se modificou tanto quanto ainda pode renegar a realidade presente e voltar para Fathima!...

Elias volta a sentar-se, ainda envolvido na sua batalha íntima, e indaga, taciturno:

– 'Essa' mulher ainda se encontra aqui, em sua casa?

– Graças a Allah, não! Perdeu-se no mundo! Junto ao amante, em tudo parecido com ela. Finalmente me curei do sentimento avassalador que carregava no meu coração por ela. Hoje, sou feliz com Eloá. Esta, sempre me amou em silêncio.

Dario se levanta, caminha ao seu redor, para diante dele e toca-lhe o ombro, enquanto lhe pede:

– Confie em mim, peço-lhe! Hoje lhe devo não apenas a quase felicidade de tê-lo como meu genro, mas também a vida da filha querida que nunca se recuperou da sua ausência! Talvez, depois desse dia, nunca mais nos vejamos! Que sejamos leais, como sempre fomos, em nome de Allah ou do Deus que agora venera e segue!

Respirando forte, Elias lhe responde respeitoso e quase desculpando-se, pela patente agressividade direcionada à sua ex-mulher:

– O nome que Lhe deem não importa, Ele será sempre o mesmo nas nossas vidas, caro Dario! Felizmente, Ele é, antes de tudo, misericordioso! Oh, o quanto precisamos ainda da Sua clemência!

Completamente abalado e enfraquecido, ante a cruel revelação de si mesmo e já arrependido dos próprios rompantes, Elias sucumbe à força da amizade verdadeira, e à persistência admirável de Dario. Levanta-se, olha-o firmemente nos olhos e finalmente lhe abre os braços.

Numa emoção intraduzível, eles se abraçam e choram, sem pejo algum. Enfim, estão juntos de novo e isso é o que importa, mesmo que depois tomem rumos diferentes.

Após o amplexo, forte e saudoso, Dario suspende os braços aos céus, exclamando, submisso e reverente:

– Oh, Allah! O quanto és poderoso e magnânimo com aqueles que fazem a tua vontade! Abençoa este reencontro! Abençoa as nossas vidas!... – com o rosto ainda encharcado de pranto, volta a sentar-se, e pede:

– Conte-me, por favor, o que houve com você, a partir do seu desaparecimento. Diga-me, quem usou de maneira tão sórdida as acusações de Séfora?

– Dario, meu mais querido amigo! Permita-me, primeiro, pedir-lhe

perdão pela tentativa inútil de manter-me incógnito! Atendendo ao seu pedido de pai amoroso, cheguei aqui, muito inseguro, diante do desafio para mim quase insuperável, que teria de enfrentar. O que eu jamais poderia supor, porém, era que o meu provável testemunho iria muito mais além das minhas ingênuas expectativas!

Sem saber, você me concedeu estas duas preciosas oportunidades! Os céus usaram as suas mãos e o seu coração para entregar-me dádivas sem preço, valiosas para minha alma, ainda tão comprometida com o mundo, como acabamos de ver!... Quero comunicar-lhe, meu amigo, que estes acontecimentos tão reveladores me fizeram decidir, de vez, por algo determinante e definitivo!

– E o que é, pode dizer-me? – o coração de Dario salta, ansioso. “Quem sabe, Allah irá muito mais além?...” – ele pensa, mais esperançoso que antes.

Prudente, Elias lhe responde:

– Depois, Dario, depois...

Acalmando o próprio entusiasmo, Dario lhe responde:

– Em princípio, nada há a perdoar! Aproveitemos o tempo que a vida nos concedeu para dirimir saudades e saber como as coisas se deram com você. Quero lhe dizer que desde o primeiro momento, eu o reconheci! Fiquei muito confuso, devo confessar, com a sua nova aparência física e as suas patentes negativas!

– Agradeço-lhe a nobreza de sentimentos! A confusão nos alcançou aos dois, porque eu fiquei em choque, diante do seu olhar de águia e das suas palavras, sempre tão amigas, que em nada se modificaram, apesar do tempo... Bem, quando eu me preparava, feliz, para o casamento, recebi duas ameaças do xeique de Bagdá, Barun El Farid.

– Sim, eu sei, Ahmed me contou!

Norimar prossegue narrando como tudo aconteceu, de como teve de fugir para não morrer, infeliz e sem destino, naquela madrugada.

– E depois?

– Depois?... Desesperado, sentindo-me o último dos homens, cavalguei feito louco, com a alma em frangalhos, obrigado que fui a abandonar tudo que mais amava!. Seguindo a minha intuição,

busquei aqueles que, um dia, me socorreram e profetizaram uma mudança no meu destino.

Batendo na própria testa, Dario o interrompe:

– A seita dos eremitas! Como não pensei nisso, naquela ocasião? Só recentemente essa ideia me ocorreu. Eu deveria tê-lo procurado naquelas cavernas e entre eles. Talvez, hoje, as coisas fossem diferentes!

– Não acredito nisso, Dario. Era o meu *Maktub*, instalado!

– E de Fathima, também? – Dario indaga, significativamente.

– Também! Naquilo que ela representava em minha vida, e também naquilo que diz respeito às nossas responsabilidades espirituais.

Dario exibe a sua incredulidade, em meio a gestos silenciosos.

Elias sorri, compreensivo, e prossegue:

– Enfim, ali fui buscar respostas para as minhas indagações e chorei todos os meus prantos, deplorando a felicidade perdida e, mais que tudo, ter deixado Fathima sem explicações. Se bem, que...

– ?...

– Durante aquela noite, recebi estranhas visitas que me levaram a outro plano de vida.

Elias narra tudo aquilo que viveu, em espírito, junto à Fathima, naquela noite que decidiu o seu futuro.

Dario acha uma narrativa fantasiosa, contudo, recorda:

– Naquela noite, Fathima teve estranhos pesadelos! Estive ao seu lado, solícito, e captei-lhe estranhos monólogos que pareciam parte de algum diálogo, invisível e inacessível para os meus ouvidos. As suas reações se harmonizavam com aquilo que me diz agora.

– Aquelas experiências foram muito reais, Dario.

Avesso a essas ideias que considera apenas filosóficas, Dario quer retomar o fio da narrativa:

– Você me dizia que esteve, de novo, com os eremitas.

– Sim! Ahmed foi me procurar ali e encontrou-me! Ao deparar-se comigo tão desarvorado, ele permaneceu ao meu lado, um dia inteiro.

– Oh, Norimar! Ele deveria ter-me informado! Eu iria ao seu encontro e juntos pensaríamos numa saída! Eu moveria céus e terra

para livrá-lo de um exílio tão desastrado! – Dario exclama, visivelmente aborrecido com Ahmed...

– Não, ele não poderia informá-lo, Dario! Ordenei-lhe um sigilo total, quanto ao meu paradeiro. Era preciso que fosse assim. Para a minha própria segurança e daqueles que ficaram; em primeiro plano, você e Fathima!

Dario recorda, de pronto, o grupo violento que viera à procura de Norimar e de como eles reagiram mal, por não tê-lo encontrado em sua casa.

– Dei ordens a Ahmed e a primeira delas foi que voltasse ao palácio para assumir as suas funções habituais, até que eu decidisse aquilo que faria. Caso eu tivesse, extraordinariamente, a chance de voltar, encontraria tudo em ordem. Nos despedimos em pranto, irmãos que fomos, sempre, pela vida afora. Acredito que ele tenha se mantido nas suas atribuições, apesar da minha ausência!

– Sim, até onde lhe foi possível! Como um novo sultão, nomeado pelo califa de Damasco, Ahmed se manteve útil no seu palácio, mas sempre submetido às novas ordens. Seu filho, Melchior, para nossa imensa alegria, casou-se com nossa queridíssima Safira. Imagine, meu amigo, nossa cara menina aproveitou o vestido de noiva de Fathima e também o seu enxoval, a ela doados por minha filha, com muito carinho.

Diante dessas declarações, Elias sente uma grande angústia e pode avaliar, um pouco mais, as consequências da sua ausência na vida de Fathima... Com a voz embargada pela emoção, louva-lhe a bondade nata:

– Que os céus a recompensem por tanto amor e desprendimento! Que Deus guarde e ilumine Fathima, *ad aeternum!*

Retomando os pensamentos anteriores, comenta: – Felizmente, Ahmed superou os desastres do meu afastamento. Nobre e fiel companheiro!

– Prossiga, por favor, a sua narrativa. Não sei quando seremos interrompidos. A manhã avança!

– Tem razão! Entre os eremitas passei os primeiros meses do meu inexorável exílio, sustentado e fortalecido pelas terapias curativas e harmonizadoras, que eles executam tão bem.

Um dia, porém, ouvi os ecos daqueles que me perseguiam.

Aconselhado e auxiliado de forma competente pelos eremitas, viajei para um país distante e gelado, e ali vivi dois longos anos. A saudade e a dor da perda de tudo que ficara tão distante foram cruciantes para mim. Entre orações, disciplinas rígidas e estudos, eu ilustrava a minha mente e iluminava minh'alma, em meio a trabalhos rudes e jejuns constantes, mas submetido a uma Natureza inclemente, adoeci gravemente por duas vezes, nas quais estive entre a vida e a morte.

Desse lugar, fui transferido para outra comunidade religiosa, a fim de prosseguir os meus estudos em maiores níveis de conhecimento.

Fazendo conexões entre lugares de estudos e de meditação, um dia, voltei à nossa terra, onde outrora fui o príncipe Norimar Al Jared, autoridade máxima no meu sultanato (Honra e glória ao meu saudoso e amado pai, o rei Nassif!). Anônimo, numa região solitária, completei os meus estudos religiosos e metafísicos e assumi de vez os meu votos perpétuos. Desde o início, passei a usar outro nome: Elias do Espírito Santo. Atualmente, exerço as minhas atribuições religiosas e exercito os conhecimentos adquiridos para socorrer aqueles que necessitam de todas as coisas, num mundo, que, injusto, nega-lhes, até mesmo condições de sobrevivência!

– Por suas declarações, devo inferir que, mesmo que você quisesse, não poderia voltar para Fathima?

Diante do silêncio de Elias, Dario levanta-se e clama aos céus:

– Oh, Allah, Todo-Poderoso, tende misericórdia de nós!...

Voltando-se para Elias, desabafa:

– Meu amigo! Ela o espera há dez longos anos!

Fitando-o de maneira muito significativa, Elias implora:

– Não revire, Dario, ainda mais a lâmina dentro da ferida! Do príncipe Norimar, nada mais restou! A não ser o coração comprometido para sempre e alanceado pela renúncia! Morri para o mundo e renasci com outra identidade, novos princípios e obrigações sagradas, sacramentadas e irreversíveis!

– Por Allah! – Dario exclama, muito exaltado e repetindo automaticamente, os gestos desesperados de outrora, fazendo Norimar sorrir, diante das melancólicas reminiscências... Não se

contém e comenta, saudoso:

– Parece que o tempo não passou, meu amigo! Seu jeito de ser é o mesmo, assim como as suas reações!

– Norimar, Norimar! Por que e para que você sacramentou a sua nova condição religiosa, amando minha filha?

– Porque eu tinha certeza de que não haveria mais esperança para nós, Dario!

– Como não? Você poderia levá-la consigo! Seriam felizes em qualquer parte do mundo, longe daqueles que o perseguiam! Conhecemos tantas histórias assim!

– O meu querido amigo está esquecendo pormenores muito graves e insuperáveis! Eu não deixei apenas a vida de antes. Minha crença religiosa também tomou outra direção. Quando conversamos, naquele dia, no qual desgraçadamente fomos ouvidos e traídos, as minhas novas convicções caminhavam a passos largos, em direção da minha razão e da minha sensibilidade. Você, mais que ninguém, percebeu isso, num estalar de dedos!

– É verdade! Foi exatamente isso que me deixou em pânico, prevendo tudo que veio depois. Momentaneamente, meu amigo, esqueci, na minha louca esperança de pai amoroso, essa barreira intransponível para nós...

– De fato! Como eu poderia, Dario, pedir à sua filha que me entendesse e modificasse as suas crenças? E, de que forma, esperar de você, querido amigo e quase meu sogro, a sua anuência, diante de questões de foro íntimo, como estas? Admiro-os, na fidelidade ao islamismo e jamais criaria embaraços, neste particular, para vocês. Amo vocês e sempre amarei, independentemente de qualquer situação. Respeito-os e me respeito! Como pode ver, não havia outra atitude a tomar, apesar das grandes dores advindas.

Dario ouve as suas sábias alegações e balança a cabeça, concordando. Norimar sabe que ele e Fathima jamais seriam convertidos para outra religião.

Pesaroso, Dario comenta:

– Minha filha não terá condições, físicas, nem morais, para suportar essa fatalidade...

– Nem eu, Dario, tenho a intenção de incomodá-la, descanse! O

meu futuro já está decidido! Agora, fale-me de vocês!

Pensativo, e ainda envolvido nas recentes emoções e esperanças frustradas, Dario relembra:

– Não preciso dizer-lhe da nossa estupefação, diante do seu desaparecimento, e da nossa constante aflição, ignorando-lhe o paradeiro e a sorte. Têm sido anos muito difíceis, meu amigo! Entre altos e baixos, Fathima tem suportado tudo. Fiel a esse amor, ela assume a sua vida, naquilo que existe de melhor, e continua esperando você, apesar e acima de quaisquer circunstâncias!

– O quanto sofri, sem poder avisá-los, para aliviar-lhes os corações! Sentia-me o último dos mortais, um trapo de gente, sem rumo e sem valor!

– Conhecendo-lhe a firmeza de caráter e o seu bom coração, sabíamos que se estivesse vivo, algo o impedia de nos avisar. Na nossa dor, a aflição do seu coração nos alcançava, num eco de despedida e de saudade... Nunca acreditamos em sua morte! Nossa fé nos dava a certeza de que Allah protegeria você, pois, acima das misérias humanas, Ele decide as nossas vidas!

– Assim é, meu amigo! Agora, diga-me, como está esse coração? De que forma tem vivido, depois da sua separação?

– Nunca foi fácil para mim, com ou sem ela! O seu amor me trouxe tão somente dores, insegurança e tormentos. Aqui em casa, passamos por situações incríveis, meu caro! Tudo resultado da minha imprudência, como homem apaixonado!

– E Eloá?

– Hoje, Eloá me faz muito feliz, além de ser uma mãe amorosa e responsável para minha filha. Eloá é o meu porto seguro! Enfim, sosseguei o meu coração, que não resistia a uma figura feminina sedutora.

Elias ri com muito gosto.

– Parabéns pelos sucessos amorosos e pelo amadurecimento deste coração! Mas, conte-me, o que houve de tão grave em sua casa?

– Ouça...

Dario narra a sua viagem à Mongólia e à Tartária, as suas experiências amorosas com Turiel e as ‘companhias forçadas’ que

trouxe na viagem, de volta, à sua revelia. Conclui a sua narrativa, descrevendo a violência da família tártara e o fim trágico de todos eles.

Certo de que Norimar, ou irmão Elias, partirá dentro de poucas horas, quer aproveitar a oportunidade para saber:

– Antes que esta conversa termine, Norimar...

– Irmão Elias, por favor, Dario.

– Irmão Elias... O que sente por minha filha, de fato, e como prosseguirá vivendo, com este sentimento forte e sagrado em seu coração?

– Bem, hoje faço uso da razão para viver. Emocionalmente, nada mudou em mim, quanto à mulher amada, porém agora devo amá-la como a uma irmã muito querida, a quem desejo paz e felicidade!

Os olhos dele falam muito mais que as suas palavras.

Eloá bate à porta. Entra e avisa:

– Irmão Elias, Fathima despertou! Ela está melhor e quer vê-lo!

Elias levanta-se de chofre e pede, pálido de morte:

– Diga-lhe que já parti!

Dario e Eloá entreolham-se, sem saber o que fazer.

Dirigindo-se a Dario, Elias implora:

– Dario, por Deus ou por Allah, faça o que lhe peço! Não tenho mais condições para isso! Já cumpri o meu dever! Ela deve pensar que não estou mais aqui!

Num impasse, o casal silencia.

Enquanto eles vacilam, fitando Dario com uma imensa afeição e já se despedindo, Elias informa:

– Devo apressar-me, querido amigo, pois, ao vir para cá, deixei alguns assuntos à minha espera. Vou lhe dizer, agora, qual será o meu próximo passo. Aqui, no seu gabinete e diante de você, que, para mim, é e será sempre um pai, em breves minutos, revoltado e agressivo, eu me surpreendi, desgraçadamente, com a minha incapacidade de amar sem reservas, e de ser, como julgava, um religioso humilde e a caminho da perfeição.

Profundamente envergonhado, cabisbaixo, Elias exclama, quase em solilóquio:

– Oh, ilusão e cegueira!...

Prosseguindo, explica-se:

– Após concluir os meus compromissos em Damasco, partirei para a Índia. Há algum tempo, fui convidado pelo prior, da ordem, para fazer essa viagem. Lá, naquele país, antigo e tão misterioso, pretendo aprimorar os meus conhecimentos e o meu aprendizado espiritual, provavelmente pelo resto da minha existência.

Dario desaba sobre o assento, completamente desiludido. Norimar vai embora, de novo, e para sempre. Fathima continuará sozinha, a despeito de tanto amor! Sente uma grande tristeza. Incapaz de se expressar, pois não sabe o que dizer, permanece calado.

Eloá, por sua vez, nota que Elias fala confiante e não se importa que ela saiba a sua verdadeira identidade. Recorda que ela e Norimar sempre foram amigos. Nas poucas vezes em que se falaram, agiam como se fossem velhos conhecidos.

Adivinhando-lhe o teor dos pensamentos, Elias lhe diz:

– Parabenizo-a pelo casamento com Dario, Eloá! Enfim, o seu amor venceu! Congratulo-me, sinceramente, com vocês!

Triste, assim como Dario, ela indaga:

– Não verá Fathima, nunca mais, Norimar?

– Não, Eloá, não verei! Será melhor assim, para nós dois! Partirei, antes que ela consiga levantar-se e procurar-me, decidida, como é! Pedirei sempre a Deus por sua saúde e felicidade!

Siga as minhas instruções quanto aos medicamentos por muito tempo, até vê-la completamente restabelecida. Em alguns deles, existem princípios sutis que agem sobre a alma, de maneira surpreendente. Ame-a, você e Dario, por mim! E sejam, todos, muito felizes!

Com lágrimas nos olhos, Eloá se conforma, mas comenta, pesarosa:

– Oh, Allah, que pena! Tanto amor desperdiçado! Minha pobre Fathima! Quero que saiba, Norimar, permita-me chamá-lo assim, uma vez mais. Haja o que houver, para nós, você será sempre o nosso querido príncipe, muito amado e respeitado! Jamais o esqueceremos e estaremos orando por você em todos os dias das nossas vidas! Seja feliz, também, apesar de tudo!

– Agradeço-lhe do fundo do meu coração e rogo ao ‘nosso’ Allah

que abençoe a todos vocês, fazendo-os venturosos, sob a misericórdia e o poder, infinitos, dos céus!

Elias não se contém mais e chora, compungido.

Dario respira fundo, levanta-se e abraça-o, igualmente em lágrimas, enquanto conforta-o:

– Coragem, meu amigo, e vá em paz! Tivesse eu um filho homem, eu gostaria que ele fosse igual a você! Quase fomos parentes, mas Allah não permitiu. Mesmo assim, considero-o meu filho muito amado! Vá com a nossa afeição eterna e o nosso respeito, a tudo que é e a tudo que representa! O bem que espalha fala da sua nova crença e do seu amor aos seus semelhantes! Hoje, admiro-o muito mais que antes! Sentirei saudades, muitas saudades!

– Eu também, meu querido amigo! Meu pai!...

Abraçados, eles choram, muito, despedindo-se, provavelmente para sempre.

Desprendendo-se, enfim, do abraço amigo e confortador, e fitando Dario, mais uma vez, irmão Elias saúda Eloá e se precipita para fora. Monta seu cavalo e parte, a toda brida, enquanto tem forças e coragem para abrir mão da própria felicidade, outra vez...

Vendo-o desaparecer à distância, Dario e Eloá se abraçam, tomados de muita emoção. Enxugando as lágrimas e disfarçando a grande tristeza que sentem, eles vão até Fathima para avisá-la que irmão Elias já se fora, na noite anterior.

Muito triste e em silêncio, ela acredita, se acomoda entre os lençóis e se conforma. O que mais pode fazer?!... Agora, ao menos, tem certeza que o seu grande amor está vivo e trabalhando, caridoso e pleno de fé. Envia-lhe pensamentos de saudade e carinho, como sempre faz... Em poucos instantes, volta a dormir...

Delírios e verdades...

Finalmente curada, Fathima recupera, aos poucos, as forças vitais que pareciam tê-la abandonado.

Algum tempo já se passou e Dario quer saber até que ponto ela recorda e o quanto compreendeu a presença de irmão Elias ao seu lado.

Entendida, Eloá decide ajudar e inicia:

– Fathima, você se lembra do terapeuta que esteve à sua cabeceira?

– Sim, mas até hoje não sei como nem por que isso aconteceu!

Tomando à frente, Dario esclarece:

– Em febres, constantes, você não tinha condições, filha, para entender! Naqueles dias, Benjamin, nosso caro amigo de sempre, fiel e diligente como é, ouviu boatos a respeito do monge Elias e do seu poder de cura. Condoído com a sua doença e com a nossa perene aflição, ele decidiu me contar, disfarçando o seu interesse. Esta, uma forma de me convencer, você sabe, e a ele também. Assim, muito decepcionado com a ineficácia dos tratamentos médicos, aos quais você era submetida sem resultado, interessei-me pela informação, aparentemente despretensiosa de Benjamim, e fui conferir.

Frei Elias se encontrava em Damasco. Ali, me surpreendi com o seu trabalho *sui generis,* direcionado a uma pequena multidão que fremia de dor e de desespero. Confesso nunca ter visto algo parecido. Fiquei muito comovido ao me deparar com tanta bondade, não apenas dele, mas dos seus companheiros de labor e crença, também!

Abordei-o, respeitoso, e num diálogo bastante interessante, estudei-lhe o caráter que me pareceu adamantino, além de constatar, *in loco,* a veracidade das informações que se espalham à

boca pequena. Esperançoso e confiante, pedi-lhe que viesse vê-la. A princípio, ele relutou, mas depois de muita insistência da minha parte, ele consentiu em vir.

– Por que tanta relutância?

– Por ser adepto de outra religião e, também, por estar assoberbado de trabalho. Os doentes se amontoam como grãos de areia no deserto. Nesse atendimento, abnegado, ao povo sofrido e infeliz, ele se destaca, consideravelmente. Observando-o, por horas inteiras, conclui, reverente, que este homem, acima de qualquer convicção religiosa, faz a vontade de Allah!...

– Nossa religião seria um empecilho para ele?

– Não, mas poderia sê-lo para nós. No seu exercício constante de caridade, ele nada indaga nem pede, tendo como irmãos todos os habitantes da Terra e do Universo. Isso ele mesmo me disse.

– Em nome de que ou de quem ele faz este trabalho?

– Em nome de Allah, a quem ele chama de Deus, e de Jesus Cristo, considerado por ele o messias.

Pensativa, Fathima recorda que apesar do seu estado febril, conversou longamente com Norimar e apesar da sua nova identidade, reconheceu-o. Naquela ocasião, compreendeu que Norimar, por circunstâncias que devem ter sido insuperáveis, teve que assumir uma nova identidade.

Curioso, Dario decide ser mais direto:

– Minha filha, na ocasião, você se dirigiu ao terapeuta como se ele fosse Norimar, lembra?

Fathima decide abrir-lhes o coração:

– Pai querido, minha boa Eloá, descansem! Eu estou bem e sei aquilo que vivi junto de Norimar. Recordo-me de cada palavra, de cada gesto, dele e meu...

Dario e Eloá entreolham-se. Já esperavam por isso.

Sorrindo, afetuosa, Fathima pede:

– Não se preocupem! Apesar do meu desespero, naqueles instantes de dor, eu divisei claramente a tragédia de Norimar. Vocês não veem o valioso presente que Allah me trouxe, além da minha cura? Eu entendi, tudo, enfim! Norimar me ama! Apesar de tudo e acima de tudo, ele não me traiu. Esta certeza deu-me forças para

prosseguir vivendo. Rogo a Allah, em todos os dias da minha vida, que o abençoe e o proteja, por onde quer que vá!...

– Ele disse que continua amando você, filha?!... – Dario se espanta.

– Não com palavras, meu pai, mas com as suas reações e sutilezas, tão conhecidas de minh'alma. Nem sempre precisávamos verbalizar os nossos pensamentos para nos entendermos.

– Bem sei, e admiro-os muito, filha!

– Tudo que aconteceu aqui encontrou respaldo nos meus sonhos, nos quais eu o vejo envergando um buril, humilde e surrado, de monge... O meu príncipe muçulmano, porém, não traiu a sua fé!, que continua inalterável! Apesar dos novos trajes, ele é o mesmo, corajoso e submisso a Allah! Por amor ao seu semelhante, ele assume a vida, naquilo que ela possui de mais precioso e verdadeiro. Aqui ou ali, desta ou daquela forma, ele será sempre o mesmo, meu pai. A vida tem-lhe exigido muita coragem, abnegação e renúncia!

Dario recorda os esclarecimentos de Norimar, e admira os raciocínios tão lógicos da filha, e mais ainda, a sua admirável resignação.

Allah certamente socorreu-a, através dessa dolorosa experiência, fortalecendo-a para seguir adiante, agora numa nova realidade.

Entretanto, apesar de tudo ter caminhado para um final razoavelmente feliz, Dario estremece, ao analisar os preconceitos, com os quais se apresentou diante do irmão Elias do Espírito Santo, e o quanto lhe custou ir até lá para pedir ajuda, sentindo-se, em verdade, muito culpado por fazê-lo.

"E se eu não fosse procurar o irmão Elias? Nem quero pensar! Enfim, Fathima caminha para a cura completa, e eu recebi uma bela lição de vida! O meu tempo, nesse mundo, será pouco por mais que eu viva, Allah, para lhe agradecer!..."

Enquanto assim reflete, abraçado, docemente, à Eloá, ambos muito emocionados pelo desfecho da situação, Fathima fecha os olhos e desabafa:

– Graças aos céus, por tanto amor! Meu coração, antes dilacerado, voltou a juntar os pedaços! Eu e Norimar, apesar das distâncias,

sempre estaremos juntos! Que Allah o abençoe, Norimar! Onde quer que esteja e por onde quer que vá, me leve no seu pensamento! Amo você!...

Soltando as comportas da alma, ela chora, todavia é um pranto conformado, pleno de saudade e de gratidão.

Dario a abraça e prontamente recorda que, um dia, desejou que ela ficasse solteira e em casa ao seu lado... Mas não assim!... Sempre quis que ela fosse feliz e continua acreditando nessa possibilidade.

"Norimar já deve estar na Índia. Que o seu Deus o proteja! Hoje entendo, mais que nunca, este querido amigo e quase genro. E não posso negar: o seu exemplo, cristão, falou muito alto ao meu coração!..."

Fathima nunca soube que Séfora, traidora e venal, junto ao seu amante, denunciou ao cruel xeique de Bagdá, Barun El Farid, os novos anseios espirituais de Norimar.

(Coisa curiosa, meus caros leitores... Pouco antes de irmão Elias chegar a Damasco, Mustafá Galib havia morrido entre dores atrozes, resultantes de uma terrível doença que o corroeu e o apodreceu, ainda em vida, a despeito dos grandes e sábios médicos que o trataram. Elias deparou-se, ainda, com o cerimonial das exéquias deste poderoso líder.)

– Safira virá hoje, com a sua família, Fathima! – Eloá informa.

– Demiana virá com eles?

– Certamente, eles adoram você! Juntos, faremos uma grande festa para comemorar a sua recuperação.

Fathima fecha os olhos e suspira. Não fosse a ausência de Norimar...

Interiorizada, recorda os tempos felizes ao lado dele: seus abraços, seus beijos, sua paixão, ardente, como o deserto sob o sol escaldante... Revê em sua tela mental, ponto por ponto, sua elegância, sua beleza e o seu fascínio viril...

"Amo você, Norimar!..." – ela grita, dentro d'alma.

Dario e Eloá saem de mansinho, imaginando-a adormecida. Ela, porém, prossegue mergulhada em suas lembranças, boas e más:

"Pobres tártaros, que destino trágico vieram buscar! Infeliz

Koliman!... Não pertencesse àquela família e poderia ter sido feliz!... Além de Norimar, jamais admirei tanto alguém... Koliman, belíssimo, culto, sensível e sonhador, apesar do berço selvagem... Pobre e querido amigo! Que sua alma descanse em paz! Ser-lhe-ei eternamente grata por sua coragem em libertar-me da sanha do seu cruel irmão. O seu olhar me pediu perdão, com uma dor nunca vista em outros olhos!... O seu canto de despedida surpreendeu-me, tomando de assalto o meu coração, pleno de piedade por seu trágico destino. Jamais ouvi antes uma voz igual, numa canção de amor tão lamentosa e apaixonada como aquela! Naquele dia, julguei enlouquecer!

Oh, quanta coisa já nos aconteceu, a todos, em tão poucos anos!... Quantas experiências vivenciadas, Allah! Quantas alegrias e quantas dores, quantas expectativas venturosas e quantas aflições!. Deve ser assim com todos nesse mundo tão difícil. Que o céu Ilumine, sempre, as nossas vidas, enquanto vivermos, e também quando deixarmos esse corpo neste mundo, onde terá vivido, exercitando os seus poucos talentos e os seus numerosos enganos. De quantos desatinos este mundo ainda vive! Quantas injustiças exercemos e o quanto precisamos de amor e de bom senso! Enfim, tudo pertence a Allah e Ele sempre saberá o que fazer, com respeito a todos e a cada qual!

Entre estes e muitos outros pensamentos, devagar e suavemente, Fathima se entrega ao sono, mantendo, amorosa e plena de saudades, a imagem adorada de Norimar...

Na Índia

Atualmente, o monge Elias do Espírito Santo vive na Índia, num monastério de vetusta construção.

Neste país, antigo e misterioso, de povo extremamente voltado para o misticismo, Elias radicou-se, buscando a ansiada paz, interiorização e mais saber. Entre as velhas paredes do monastério, situado sobre um grande penhasco que lhe permite a visão quase completa dos arredores, ele estuda e trabalha, voltado para Deus e para a ciência.

Não esqueceu (e nem conseguiria, mesmo que quisesse) Fathima. Esta, faz parte da sua natureza, assim como os seus membros físicos, suas emoções, pensamentos, razão e anseios. Ela é a luz de sua alma, presença constante em tudo que faz, principalmente quando ora, medita, abençoa, socorre, cura e consola.

Conformou-se com a grande perda:

"Fui feliz e continuo sendo, acima de tudo, e espero que Fathima também o seja!"

Sua rotina é severa, descanso, quase nenhum.

Trabalhos braçais, estudos exaustivos e jejuns prolongados, somados a longas horas de meditação.

O saber o desafia. Quanto mais aprende, mais há para aprender. Cada novo conhecimento se completa com os anteriores e se abre num leque de possibilidades, que, por sua vez, jamais se esgota. É uma luminosa cornucópia, generosa e fascinante.

Nesse lugar, tudo lhe fala à alma e à razão.

Hoje, compreende tantas coisas! Os desafios de sua posição privilegiada, como príncipe de uma raça e de uma religião, os seus questionamentos, íntimos, daquilo que vivia e daquilo que gostaria de viver e de ser...

Neste verdadeiro ninho de águias, existem arquivos valiosos, aos

quais bem poucos têm acesso, e pelos quais muitos deram as suas vidas para a preservação da sabedoria neles compilada, por grandes estudiosos e missionários no decorrer dos séculos.

Algumas grutas, nas redondezas, convidam ao recolhimento, junto à natureza. Numa delas há uma pequena cascata que rumoreja, fazendo coro com as outras onomatopeias.

Os pássaros da região têm plumagens exóticas e os seus cantos levam ao êxtase.

Neste lugar ideal para isolamento, meditação e estudos, o desdobramento, espiritual é simples e espontâneo.

O que Elias possui nesta gruta: um banco baixo e tosco, um leito de pedra que mal acomoda um corpo, uma mesa e, sobre ela, cálices de madeira, um recipiente com água, frutos secos e pequenas porções de pão caseiro e mel.

Atravessando um reposteiro, nós surpreendemos escrínios com pergaminhos, in-fólios, objetos cabalísticos e uma mesa, longa, repleta de escritos, livros, tinta e penas.

Apesar da magreza gritante, Elias não perdeu sua antiga beleza física. O brilho magnético do seu olhar, negro e devassador, intensificou-se e emite brilhos estranhos, que por vezes intimidam.

Após os dias de isolamento, aos quais se impõe para alcançar o seu desiderato, junta-se aos outros irmãos da fraternidade, e busca a dor do seu próximo, onde estiver, para socorrê-los.

Esses religiosos misturam-se, como o Cristo Jesus fazia, à turba ululante; esfaimada de amor, de orientação, de alimento material e espiritual. Unidos e abnegados, eles fazem o possível para soerguê-los da miséria moral, na qual se debatem. Estes desvalidos e doentes exibem, em sua maioria, as bocas desdentadas, uma pele curtida de sol, os corpos cobertos de impurezas, e os estômagos vazios... Muitos são mancos, aleijados, estão mutilados ou mentalmente desequilibrados...

“Estes, os mais amados de Jesus!...” – Elias pensa, olhos marejados de pranto, enquanto cuida de todos e de cada qual, junto aos seus irmãos de fé.

Quando dorme ou se entrega à meditação profunda, habituou-se a libertar-se, parcialmente, da matéria. Nessas oportunidades, ele

paira sobre o lugar, integrado à Natureza.

Quando deseja, retorna, e num processo natural, reintegra-se à realidade da matéria e da sua rotina de vida monástica.

Há alguns momentos, desdobrado espiritualmente, enquanto seu corpo repousava, reviu Fathima mais uma vez. Dessa maneira, ele tem acompanhado a sua vida, apesar da distância.

Ela, por sua vez, saudosa e intuitiva, registra sua presença adorada.

Continua a vê-lo ‘em sonhos’, e nestes, eles dialogam como antigamente, mas nem sempre ela conta aos seus, entendendo que certas coisas são de difícil compreensão para aqueles que não vivenciam as mesmas experiências e que, afinal, transcendem a normalidade.

*

Neste instante, entre sorrisos beatíficos, Fathima recorda os fatos inusitados que viveu, faz algum tempo:

Após as alegrias esfuziantes de mais uma visita de Safira, Demiana e as crianças, procurou os seus aposentos para repousar.

Entregue aos seus pensamentos, permaneceu entre o sono e a vigília, por isso ouvia os movimentos que se faziam ao seu redor e nos aposentos contíguos: Eloá conversava no cômodo vizinho com Demiana, enquanto brincava com os lindos filhos de Safira.

Sua querida menina, Safira, hoje mulher e mãe, sempre carinhosa com Fathima, dirigiu-se ao seu quarto, sentou-se em confortáveis almofadas, apanhou a cítara e dedilhou-a, inspirada, como fazia quando ainda vivia ali.

No mesmo instante, todos silenciaram, até mesmo as crianças.

Olhos fechados, enlevada e ouvindo a música, Fathima surpreendeu-se com a presença de Norimar.

Vestido no seu traje real, de branco refulgente, colar no pescoço e um rico turbante, rematado na frente com uma gema valiosa que refletia as cores irisadas do arco-íris; no seu dedo, o anel que fora de seu pai, o rei Nassif...

Belo, como sempre, brilho incomparável no olhar, ele lhe sorriu.

Tomou-lhe as mãos, puxou-a para si, e abraçou-a.

(O tempo parou! Nada havia mudado! Acaso sonhava, e nada daquilo que houve antes acontecera? Despertara, enfim, de um pesadelo?!...)

Aconchegada em seus braços, Fathima suspirou tão fortemente que um gemido lhe escapou, enquanto grossas lágrimas inundaram os seus olhos. Estaria, enfim, no paraíso?

Assim, eles permaneceram, até que ele mesmo quebrasse o silêncio:

– Minha querida! Parte da minha essência se deslocou e veio até você. Meu corpo físico repousa muito distante daqui. Forçado pelo destino, um dia precisei partir, mas amo você como antes e guardo esse amor no escrínio do meu coração!

– Por que nunca voltou?

– Já esqueceu, minha estrela? Um dia eu voltei!

– É verdade!... Completamente modificado na aparência física, você veio cuidar de mim e me curou... Apesar da sua intenção em manter-se incógnito, eu reconheci você! Por que se foi, Norimar? Sequer se despediu!

– Assim devia ser! Aquilo que me levou de você é tão importante quanto o nosso amor! Naqueles dias, sob o poder e o impacto do meu *Maktub,* frente ao risco iminente de perecer, agindo presto, fugi para salvar-me! Aquela situação, quase trágica, me levou para um novo caminho que me aguardava, mais à frente, para um futuro completamente oposto daquele que acabava de deixar. Assim, tive que tomar decisões que se tornaram irrevogáveis!...

Ele seguiu narrando, resumidamente, tudo que viveu, a partir do seu desaparecimento, e de quanto lamentou e sofreu, por tudo que deixava para trás, principalmente os sonhos de felicidade ao lado dela.

Fathima observou, curiosa, a forma que usaram para dialogar, na qual as palavras verbalizadas tornavam-se dispensáveis.

Após, Norimar comentou:

– O tempo se faz escasso, meu amor! Saiba que acompanho sua vida, apesar da distância. E esta é mais uma dádiva do nosso Criador!

– Oh, Allah! O quanto eu gostaria de eternizar este momento!

– O momento, minha querida, já está eternizado! Agora, olhe firmemente para mim e ‘substitua’ a imagem que vê pela forma física de Elias!

– Esquecer a sua inesquecível figura? Como?

–Concentrando-se. Faça isso e aguarde.

Ela se esforçou para atendê-lo e, aos poucos, viu-o tomar a forma de Elias. Sem conter-se, deu um grito abafado.

Mirando-a com infinita ternura, ele esclareceu:

– Não existe mais príncipe Norimar, Fathima! Hoje dignifico este hábito religioso e sou o monge Elias do Espírito Santo!

– Você jamais deixou de dignificar o seu traje real e as suas atribuições de príncipe!

– Tem razão, mas minh’alma ansiava muito mais!... Amo a Deus, o mesmo Allah de antes, e hoje sigo os passos do Cristo de Deus que veio à Terra nos ensinar e exemplificar o verdadeiro amor, o perdão e a misericórdia. Nele encontrei, enfim, as respostas que buscava e a paz inalterável, para uma existência plena de realizações.

– Você será sempre o mesmo, por onde quer que vá!

– Sim, contudo, os nossos pensamentos e anseios se modificam, paulatinamente, e consequentemente, modificamos as nossas ideias e os nossos ideais! Isso é evolução, cada vez mais intensa e luminosa!

Amo você e amo tudo que faço, consciente e profundamente grato aos céus!

Fazendo uma pequena pausa, ele voltou a falar, confirmando:

– Assim, como Allah e Deus são um só, Norimar e Elias são uma única pessoa, ou seja, o mesmo espírito.

– Norimar, estas coisas me parecem loucuras e blasfêmias!

Soltando uma franca gargalhada, ele comentou:

– Mas não são, meu amor! Você é bem filha de Dario! Quando despertar, completamente, reflita sobre tudo que estou lhe dizendo! Muito comprometida com a realidade presente, você está momentaneamente esquecida da bagagem que sua alma carrega, na evolução intelectual e moral que lhe pertence, adquirida ao longo dos milênios, nas múltiplas experiências de vida.

Adivinhando-lhe um tempo pré-estabelecido, Fathima quis esclarecer:

– Por que negou tudo, quando reconheci você?

– Porque, se capitulasse, eu não teria forças para prosseguir o caminho, ao qual me impus. Estou preso a votos sagrados, Fathima! Não apenas o mundo nos separou, mas o credo que sigo hoje. Sou um monge, cristão, com compromissos sagrados, que me impedem de amar uma mulher, a não ser como a uma irmã muito querida...

Fathima surpreende na expressão amorosa dele a intenção de 'voltar'... Nos seus olhos, a inevitável despedida...

Enquanto tudo isso se passava, Fathima ouvia a música de Safira e tinha a perfeita noção das duas realidades.

Ansiosa, e sentindo uma saudade antecipada, indagou-lhe, ainda:

– Como vou saber que não estou delirando, Norimar?

– Você continua me chamando de Norimar. Hoje, minha querida, eu sou o monge Elias do Espírito Santo!

– Para o meu coração, você será sempre o meu amado príncipe Norimar Al Jared! Diga-me, por favor, este interlúdio não será apenas fruto das minhas carências e da minha insuperável saudade?

Envolvendo-a num olhar de ternura infinita, Elias respondeu:

– Deixarei provas da minha presença, observe!

Em meio a gestos suaves e poderosos, num grande esforço de concentração, os lábios numa prece balbuciada, ele movimentou as mãos e materializou, sobre o leito, um antigo manuscrito enrolado e preso por uma fita de cetim. Noutros gestos semelhantes, transportou do vale exuberante onde vive, uma belíssima flor de lótus, acetinada e cor-de-rosa.

Terminadas as operações, aconselhou:

– Quando despertar completamente, leia e reflita sobre o que está escrito neste pergaminho. E receba, como penhor do meu amor e da minha saudade, esta flor, originária da Índia, país onde estou vivendo!

Inclinou-se sobre a cabeça de Fathima, e beijou-a.

As sua palavras foram perdendo o timbre e ficando, cada vez mais distantes:

– Fique em paz e não esqueça que eu amo você! Agradeço-lhe por ser o que é, e fazer parte da minha vida!

Ele se esfumaçou, completamente, enquanto Fathima implorava, em lágrimas:

– Por Allah! Não se vá! Eu o amo! Norimar ou Elias, seja você quem for, acima do céu, da Terra, e de qualquer crença, amo você e guardarei você dentro de minh'alma, para sempre!...

O silêncio pesou ao seu redor...

Safira, que tocava lindamente, ouviu as últimas exclamações de Fathima e recordou que escolhera, sem saber por que, a música preferida de Norimar.

No aposento ao lado, as crianças haviam adormecido e as mulheres, silenciosas, harmonizadas consigo mesmas, ouviam os arpejos da música de Safira, voltadas para alguns trabalhos artesanais.

Assim permaneceram, enquanto o entendimento espiritual de Fathima e Norimar transcorria.

Com a 'saída' de Elias, os ruídos do dia se fizeram ouvir novamente e aos poucos, todos recobraram a natural alacridade.

Completamente desperta, Fathima se deparou com o manuscrito e a flor. Esta lhe pareceu iluminada. Gotículas de orvalho brilhavam ainda sobre as suas pétalas.

Desatou a fita do manuscrito, e leu:

"A suprema personalidade de Deus, que é maior do que tudo, é alcançável através da devoção pura. Embora Ele esteja presente em sua morada, Ele é todo-penetrante, e tudo está situado dentro d'Ele. – *Bhagavad-Gita*"

Safira, que estivera presente ali todo o tempo, não conseguia entender de onde vieram o manuscrito e a flor.

Muito emocionada, Fathima chorava baixinho.

Safira chamou a todos.

Eloá aconchegou Fathima ao coração e quis saber:

– Teve algum pesadelo, minha preciosa?

– Não, Eloá. Eu vi Norimar!

– Você sonhou com Norimar?

– Não, Eloá, eu vi Norimar!

Safira toma-lhe as mãos, beija-as e comenta, entusiasmada:

– Eu ouvi você falar com ele, Fathima!

– Sim, Safira, nós conversamos!

– Está bem, filha! – Dario exclama, fingindo acreditar.

Chegou há pouco e surpreendeu-as a consolar Fathima.

Apesar de saber das possibilidades espirituais da filha, acha que ela sonhou com Norimar e imaginou o restante.

Lamentando-lhes a incredulidade, Fathima aponta para o manuscrito que acabara de ler, e exibe a lindíssima flor de lótus, ainda úmida de orvalho.

Muito intrigados, eles silenciam. De onde vieram o manuscrito e a flor, enquanto Fathima dormia?...

Balançando a cabeça, todos negam a autoria da ação.

Enquanto isso, Fathima sorri, entre lágrimas. Ainda está muito emocionada. Tenta reter na memória tudo aquilo que ouviu e vivenciou. Escreverá tudo, ponto por ponto, assim que todos saírem.

Dario não sabe o que pensar e pede:

– Minha filha, acabo de chegar e confesso que não entendi o que houve. A princípio julguei que estivesse fantasiando mas, diante ‘disso’, não sei o que pensar. Poderia nos contar aquilo que realmente aconteceu?

– Terei muito prazer nisso, papai! Vocês ficarão surpresos com a experiência que vivi, enquanto repousava!

Muito emocionada, ela narra tudo, nos mínimos detalhes.

Dario e Eloá se entreolham e se entendem.

Somente Norimar poderia dizer à Fathima tudo que disse, e informá-la sobre o país onde vive atualmente.

Ambos guardaram segredo.

“Então, o querido amigo foi mesmo para a Índia! Como conseguiu trazer essas coisas para Fathima?” – algo confuso, com os fatos que não pode negar, pois, estão ali, em sua casa, e diante de todos, Dario recorda a fama e as lendas que correm a respeito do monge Elias.

Um respeitoso silêncio se fez. Todos ouviram e acreditaram, exceção feita às crianças que nada entenderam, naturalmente.

Beijando-a, Eloá aconselha:

– Descanse, minha filha!

– Sim, quero recordar melhor tudo que vivi, há pouco!

– Faça isso, minha filha! – completa Dario, respeitoso e surpreso, com aqueles fenômenos que desafiam tudo o que sabe e tudo o que acredita.

Fathima mergulha nos lençóis de seda e suspira.

Nas mãos, a bela e perfumada flor que ele lhe dera. Beija-a, como se o fizesse a ele...

Enrolou, de novo, o manuscrito, e atou-o com a fita.

Dario acha surpreendente a forma inusitada que Norimar usou para se redimir diante de Fathima e confirmar-lhe o seu amor eterno.

Sabiamente, deduz:

“Esse amor é dos maiores que já vi! Ambos transcendem a realidade material e alcançam níveis inimagináveis! Benditos sejam!...

Elias é mesmo um estranho representante de Deus ou de Allah!...”

Em seguida, busca os seus aposentos para banhar-se.

Está muito cansado. Acabou de chegar com a sua caravana...

Cerrando as cortinas...

Deixamos, por agora, os nossos queridos personagens...

As suas vidas se desdobrarão, ainda, por muito tempo, até quando o Senhor de todos nós permitir...

Mas, unidos, e nas mesmas intenções, nós podemos, meus caros leitores, analisar alguns aspectos desta experiência que, sendo passado, assim permanece, até mesmo nas páginas desta obra.

Podemos também estudar o perfil de alguns dos nossos personagens e reconhecer algumas individualidades.

A princípio, narramos essa história dentro de outra, simultaneamente, intercalando-as (num admirável exercício mediúnico de psicografia).

Separadas, que foram, numa 'cirurgia literária', como xifópagas que se libertaram uma da outra, a primeira tomou, para si, o título que antes era comum às duas:

Vós sois deuses!...

Nesta, entre outras coisas, apontamos um dos passados deste autor que vos fala, tão comprometido ainda com a justiça divina, quando, num outro tempo, mas no mesmo cenário, contribuiu ostensivamente para o espírito belicoso da gloriosa Águia Romana, como um dos seu gladiadores.

*

Nesta obra, subsequente (todavia, independente), *O príncipe do Islã*, investigaremos também os nossos personagens, estejam eles mergulhados nos seus deploráveis vícios, ou a braços com louváveis esforços para se redimirem.

Algumas acomodações (analisadas como lamentáveis estacionamentos) e algumas expiações são flagrantes, ao longo destas novas vivências.

Em nenhum deles, porém, surpreenderemos a total inércia, pois a própria experiência terrena nos acicata, impulsionando-nos, ainda que à nossa revelia, para frente e para o alto.

Aqueles que parecem estacionados ou que se complicam diante da Lei Maior amontoam brasas sobre as próprias cabeças, que cairão, desgraçadamente, na primeira curva do caminho, cobrando-lhes o reajuste. A evolução jamais retrograda.

A lei se cumpre, ponto por ponto, determinando a evolução material e espiritual de cada criatura, neste ou em qualquer outro mundo do Universo!

*

Após essas rápidas palavras, faremos uma respeitosa incursão ao cerne de alguns dos nossos personagens de ambas as obras, reconhecendo, por exemplo, no intimorato príncipe Norimar Al Jared o valoroso revolucionário, Ben Azir: exemplo admirável de honestidade, coragem e de busca, incansável, do bem e do amor verdadeiros; fiel aos seus valores e no mesmo diapasão, em qualquer tempo ou lugar, mas suavizando, cada vez mais, as suas ações que, temerárias e violentas, levaram algumas vezes graves prejuízos a si mesmo e ao seu próximo.

Em Fathima, nos surpreendemos com a bela Sibila, sempre à procura do verdadeiro amor, enquanto, vigilante, preserva na própria vida os verdadeiros valores espirituais. Esta querida personagem, de destacada presença no nosso grupo reencarnatório, ao longo das suas experiências de reencarnação, aqui ou alhures, aprendeu a duras penas a amenizar um desmedido orgulho.

Assim é, no exercício das múltiplas vidas, nas suas benditas cobranças de evolução, pois modificamos nosso modo de pensar, sentir e agir de acordo com as novas realidades que vamos assumindo: sejam raciais, políticas ou religiosas.

Após o regresso à pátria verdadeira, a evolução já feita é avaliada sem privilégios e sem enganos. Os créditos e os débitos são devidamente anotados, pois nos pertencem, de fato e de direito.

Seguindo adiante, nos deparamos com a personalidade

abominável do xeique de Bagdá, Barun El Farid, e neste reconhecemos, sem rebuços, a personalidade sinistra de Jadhu, exercitando ainda a sua contumaz crueldade. Mais uma vez, ele persegue e penaliza o espírito (Ben Azir/Norimar Al Jared), ao quem prossegue invejando e odiando, visceralmente.

*

Bem, algumas identidades permanecerão ignoradas. Nem sempre poderemos apontá-las todas.

Valerá o esforço, neste curioso e fascinante aprendizado, que nos leva a compreender a perfeição da justiça divina, em novas e preciosas oportunidades de evolução.

O que fazemos delas é responsabilidade nossa, assim como os louros ou as penalizações também nos pertencerão, com todas as suas consequências.

Por enquanto, ainda precisamos, misericordiosamente, destas reencarnações, neste ou noutros mundos, formados pela sabedoria do laboratório do mundo invisível. Nas diversas ‘moradas do Pai’ experimentaremos as novas oportunidades para progredir.

Muita coragem e lucidez nas escolhas, ao longo dessas reencarnações, porque determinarão, hoje ou amanhã, a ventura ou a desventura, nossa ou dos nossos amores...

*

Agora, pedimos licença para falar a respeito da admirável Sibila, a fim de, usando este exemplo, aprendermos um pouco mais.

Através das suas experiências, analisaremos um assunto deveras importante para a nossa Terra, nessa fase de transição.

Ante a sua pungente experiência na arena do circo romano, onde os cristãos pagavam com a vida a fidelidade ao Cristo Jesus, poderemos estudar os pontos mais significativos, em tal situação que exigia muita coragem e lucidez.

O nosso objetivo é lembrar que, quase sempre, este sucesso determinava para, o assim considerado mártir, o selo de santidade.

Apesar do relativo progresso de Sibila (assim como deve ter sido

com muitos outros), e sem esquecer nem desmerecer sua indômita coragem, sabemos que ela cumpria, neste testemunho, expiações de passados culposos. No seu caso em particular, ela expiou ações de antiga violência guerreira.

Sua sublime intuição trouxe-lhe a conformação e a aceitação daquilo que chegava e que deveria ser cumprido até o fim.

Nada fica impune, no espaço e no tempo, a justiça divina alcança a tudo e a todos, em qualquer parte do Universo.

Por certo, os ingentes esforços de Sibila aumentaram os seus créditos espirituais, mas há que se refletir quanto a louvores indevidos e perfeitamente dispensáveis.

Quando essas ações, sofridas e corajosas, não são o exercício de missão divina, são testemunhos evolutivos e redentores, comum a todos nós, quando é chegada a nossa hora.

A bem da verdade, nenhum espírito, a não ser Jesus, teria os quesitos exigidos para a plena ‘santidade’, em nossa pequenina Terra.

Esse mundo tão imperfeito não comporta, por enquanto, perfeições espirituais.

Será de bom alvitre recordar as palavras do mestre Jesus, ao referir-se a João Batista, o seu precursor:

“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele.”

Gratos, do fundo dos nossos corações, queremos afirmar que jamais desmereceríamos aqueles que, antes de nós, nos trouxeram admiráveis exemplos de fé e de fidelidade ao Criador. Estes já têm em si mesmos a glória dos céus e a aprovação de Deus.

É aconselhável usarmos a razão, e não apenas o coração, a fim de não reverenciar espíritos que, assim como nós, caminham hoje, como ontem, na intenção abençoada da própria redenção.

Aos maiores exemplos de amor e sabedoria que já viveram e deixaram maravilhosos exemplos podemos reverenciar, rogar-lhes auxílio e proteção, como irmãos nossos, mas isso não implica conceder-lhes culto. Adorar, somente a Deus!

Ainda que o espírito se eleve, a culminâncias gloriosas, ele será

sempre avesso a elogios e louvores, pois onde faltar humildade, jamais haverá santidade.

A verdade absoluta só pertence a Deus.

Não esquecer, jamais, que fomos criados, sem exceções, simples e ignorantes, para um aprendizado, cada vez maior, no rumo da perfeição espiritual.

Nenhum ser é criado para o mal, pois Deus, que é perfeito, nos cria para um futuro de glória, luz, sabedoria e paz.

O mal é uma consequência dos nossos enganos e da nossa rebeldia, como espíritos em nossas caminhadas evolutivas, todavia sempre transitório. Somente o bem é eterno.

Chegaremos todos um dia à bem-aventurança, próximos ao nosso Criador! Nenhum de nós nasceu deserdado da herança bendita do Pai!

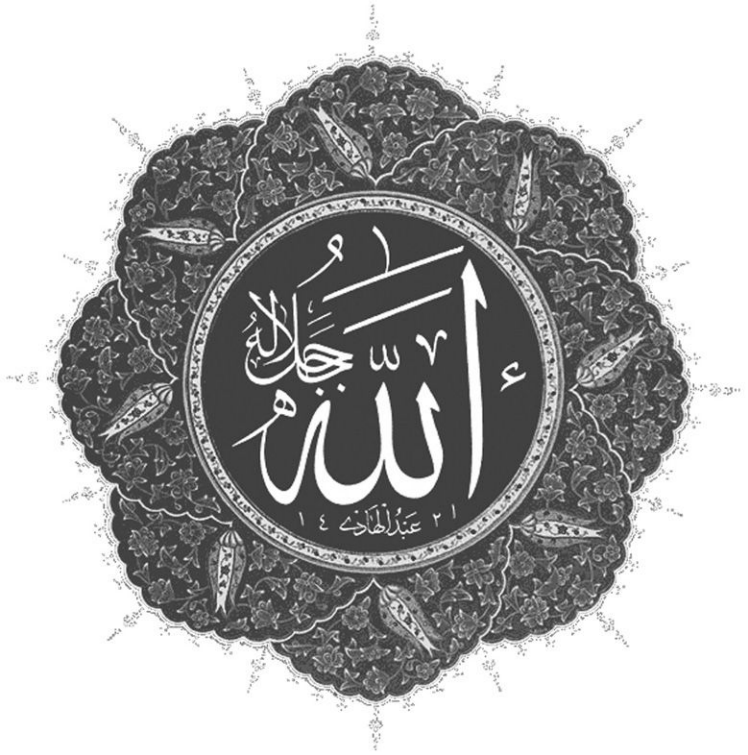
Certamente, alguns perdem, temporariamente, o direito de continuar vivendo num determinado mundo, mas “Há muitas moradas na casa do Pai”, Jesus nos disse, e outros mundos os receberão para a continuidade do aprendizado redentor. Esse fato jamais terá a feição de castigo, e será apenas uma justa transferência, de uma escola para outra, mais adequada, às necessidades espirituais do ser, que aprenderá, mais dia menos dia, a ser melhor e a reverenciar o seu Criador.

Aqueles que por circunstâncias evolutivas reencarnarem em mundos mais atrasados não perderão a bagagem, intelectual e moral, que já tenham adquirido, que, resguardadas, lhes valerão sempre em qualquer tempo e em qualquer lugar deste incomensurável Universo!

*

Profundamente agradecido aos meus caros leitores, rogo aos céus que abençoem mais esta proposta literária!

As-Salamu Alaikum!


الله جل جلاله
٢١ عبد الهادي ١٤

Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto original foi composto em Goudy Old Style 11/13,7 e o título em Trajan 18/18. Izabel Vitusso fez a revisão. André Stenico elaborou a programação visual da capa e Marco Melo o projeto gráfico desta versão eletrônica.

Fevereiro de 2020

J. W. ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA
A
FORÇA
DO
AMOR

A força do amor

Teixeira, Arandi Gomes
9788554550196
336 páginas

Compre agora e leia

Paixões, emboscada e ciúmes recheiam de forma muito inteligente mais esta trama de J. W. Rochester. Repleta de surpresas, a vida dos irmãos Conrad e Justice nunca mais será a mesma, depois que eles presenciam o atropelamento de um homem por uma misteriosa carruagem.
Pablo, amante possessivo, é o amigo que ama Leilah, que ama Justice, que encontra a pequena e pobre Milagres. Histórias nada isoladas.
Só o tempo irá revelar que todos fazem parte de um grupo de espíritos que vão se reencontrando pela encarnação, como personagens vivos de uma saga a espalhar que nenhuma ação, boa ou má, fica esquecida na grande harmonia que rege o universo.

Compre agora e leia

AMOR
&
resgate
JANAÍNA FARIAS
pelo espírito
JEAN LUCCA

Amor e resgate

Farias, Janaína
9788554550165
320 páginas

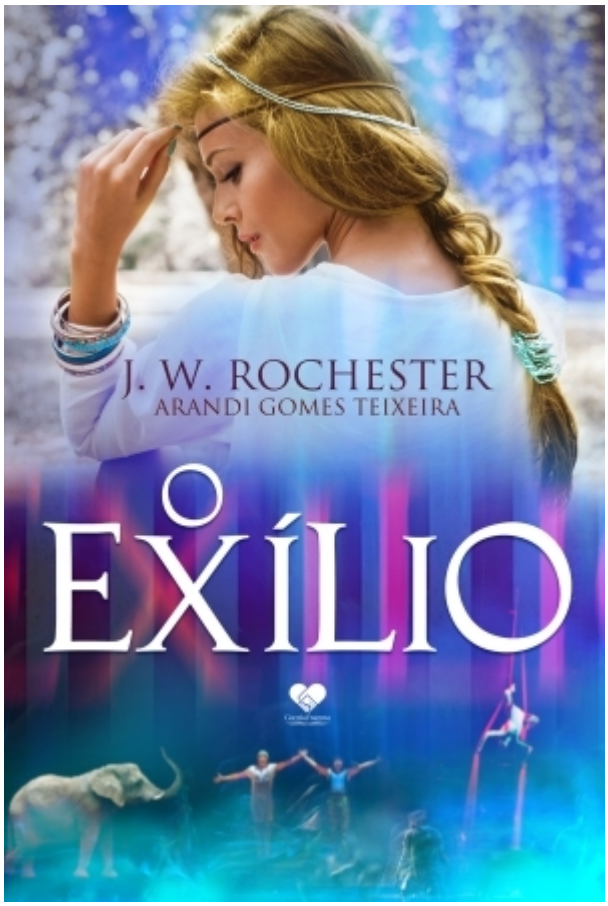
Compre agora e leia

O que esperar quando a paixão chega avassaladora e a resignação não é forte o suficiente para suportá-la?
Tudo o que Miriel e Kevin precisavam era atentar para as consequências das escolhas que estavam prestes a fazer. Era preciso ter forças para aproveitarem juntos essa nova encarnação. Lembrar que todas as ações ressoam no tempo e repercutem na história do espírito imortal.
Até onde as marcas do passado poderão impedir que a renúncia fale mais alto e faça nascer o verdadeiro amor?
--xxx--

Na Irlanda, virou lenda a avassaladora história de amor que envolveu a impetuosa filha do rei e um jovem oficial de cavalaria do exército.
Pelas portas da reencarnação, Miriel e Kevin se reencontram, desta vez para darem outra direção em seus destinos.
Agora, como filha do poderoso lorde O'Hare, os caprichos de Miriel serão postos à prova, desde o momento em que se depara com o irresistível e irreverente Kevin.
Os jovens não poderiam imaginar o quanto esse encontro impactaria suas vidas.

Com todos os ingredientes de um romance desafiador, entre conquistas, vinganças, promessas e traições, o amor deverá falar mais alto, como força que impulsiona, sustenta e consola.
Controlar a louca paixão que os arrebata será o grande aprendizado.
Amor e resgate retrata como é importante amadurecer a força moral para se viver o verdadeiro amor, aquele que vai muito além das sensações e que não se constrói sobre os destroços das lágrimas alheias.

Compre agora e leia


J. W. ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA
EXÍLIO

O Exílio

Teixeira, Arandi Gomes
9788554550127
496 páginas

Compre agora e leia

J. W. Rochester revela com sua reconhecida veia literária os bastidores das paixões que rondam a vida de ciganos e saltimbancos no início da Era Moderna. Enquanto a instigante trama dos personagens se desenvolve, revelando percalços e desajustes, amores e vinganças, o autor espiritual mergulha em suas próprias reflexões, analisando sua caminhada milenar em seu processo de evolução, arrependido pelo mal realizado e pelo tempo perdido. Tudo gira em torno do Grand Circo Monteverdi, onde Rosalva viverá inesquecíveis desafios. Eles só não serão maiores do que as experiências que a aguardam no acampamento cigano, onde a menina circense irá aportar.

Compre agora e leia

ARANDI GOMES TEIXEIRA
pelo espírito VICTOR HUGO
Castelita

Castelita

Hugo, Victor
9788554550097
320 páginas

Compre agora e leia

Castelita encanta com a história de um grande amor que remonta a séculos. Em frente ao casarão, lembranças repentinas impactam Dom Carlos Lupe de Medrado. A figura da jovem Castelita lhe remete a verdadeiros enigmas de suas vidas passadas. Hoje, atraído inexplicavelmente por Maria do Pilar, o ex-menino pobre e abandonado viverá grandes surpresas e finalmente entenderá a beleza da vida em suas inúmeras oportunidades de aprendizado, através das reencarnações. Uma trama emocionante, onde a força do amor e da ética falará mais alto. Ainda que o implacável D. Esteban Hernandez e Hernandez não abra mão de possuir Maria do Pilar! A qualquer preço...

Compre agora e leia

J. W. ROCHESTER
VERA KRYZHANOVSKAIA
TRADUÇÃO DE HERMINIO C. MIRANDA
A feira dos casamentos

A feira dos Casamentos

Kryzhanovskaya, Vera
9788554550110
448 páginas

Compre agora e leia

Intrigas e traições delineiam a história de sedução dos casamentos aristocráticos, onde personagens buscam riqueza e poder na antiga sociedade imperial russa. Perdas e ganhos de fortunas misturam-se a lutas pessoais de superação, enquanto valores morais, como os da personagem Tâmara, apaziguam ódios e transformam orgulhos feridos. J. W. Rochester constrói com brilhantismo o fascinante enredo, um verdadeiro painel de emoções, onde cada personagem irá revelar a seu tempo o seu verdadeiro caráter. Um convite ao leitor para mergulhar em um mundo de sentimentos, distantes pelos lugares e tempos descritos, mas muito próximos da realidade de todos nós.

Compre agora e leia